



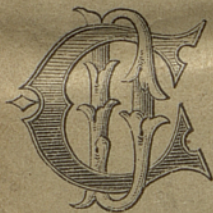
53.612



F. GOMES DE AMORIM

AS DUAS FIANDEIRAS

ROMANCE DE COSTUMES POPULARES

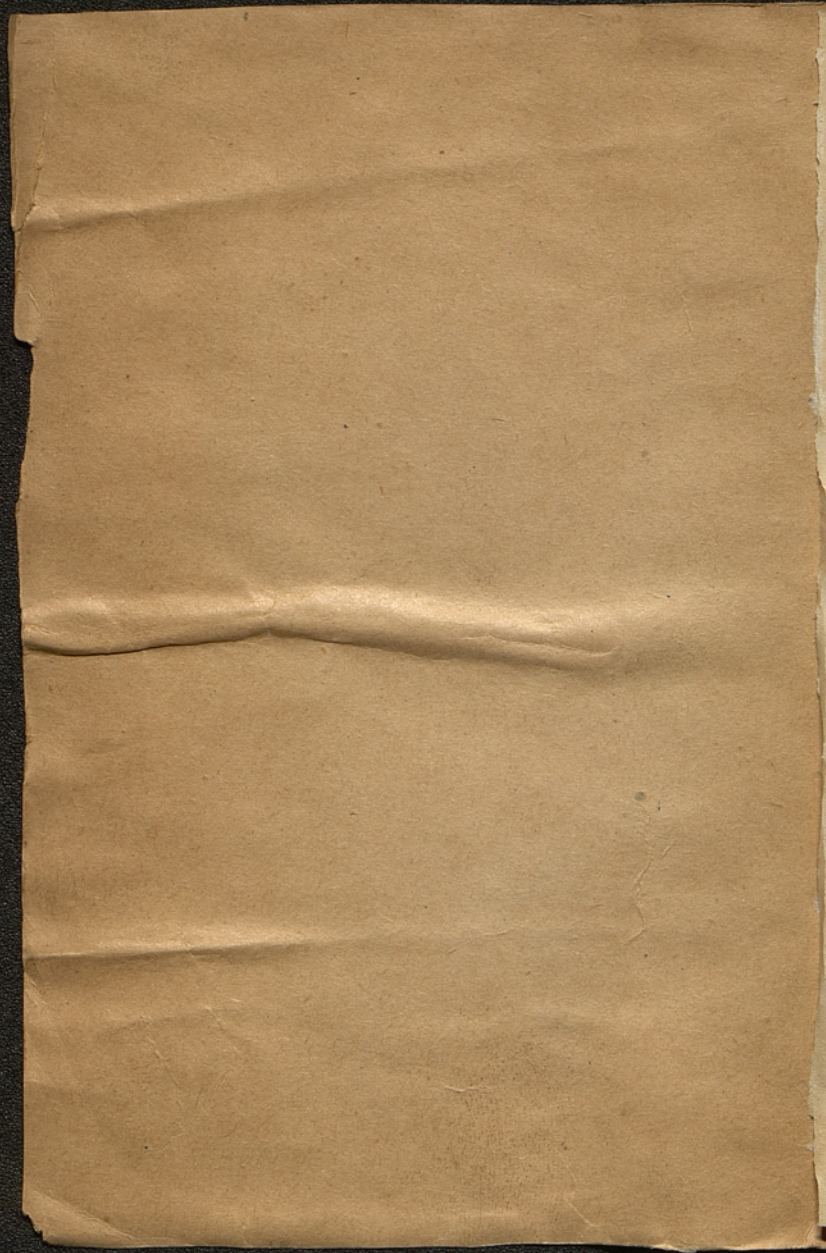


DAVID CORAZZI — EDITOR

EMPRESA HORAS ROMANTICAS

Lisboa — Rua da Atalaya — 40 a 52

1881



Δ 53612

A Monsieur

53612

Ferdinand Denis.

Hommage & admiration
très affectueuse

AS DUAS FIANDEIRAS

de

Francisco Gomes de Azevedo

Lisbonne, 1881.

Δ 100

IS DUS EIAZDIBAS

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

AS DUAS FIANDEIRAS

ROMANCE DE COSTUMES POPULARES



DAVID CORAZZI — EDITOR

EMPRESA HORAS ROMANTICAS

Lisboa — Rua da Atalaya — 40 a 52

1881

REVISTA DE LITERATURA

AS DUAS FANDAS

ROMANCE DE COSTUMES POPULARES



DAVID COLEMAN - EDITOR

REVISTA DE LITERATURA

1881 - No. 1 - 10 cts.

1881

A FREDERICO BENTO DE ALMEIDA

Meu querido amigo.—Manda atar a rede de maqueira á sombra dos tamarindos da tua formosa rocinha, de Nazareth; deita-te e baloiça-te brandamente, aspirando o delicioso arôma dos rubros jasmins de Cayenna, das brancas assucenas, e das bagens acastanhadas da baunilha odorifera. E enquanto o sabiá canta saudoso nos ramos do visinho cupuaçuzeiro, e os colibris de purpura e ouro volteiam dos fructos do abio e do abacate para as flores ephemerass da primavera amazonica, recebe com benevolencia

a lembrança do amigo ausente, que n'esta
hora te abraça em espirito.

Ahi, no teu bello Pará, onde te ro-
deiam as mais esplendidas maravilhas
da vegetação tropical, vae procurar-te, e
collocar-se á sombra da tua amisade, es-
te modesto quadro de costumes da minha
provincia do Minho, sem receio de com-
parações impossiveis e absurdas, por não
poder havêl-as dos gigantes para os in-
finitamente pequenos.

Escolhi o logar, onde te peço que leias
o meu livro, por me parecer que tendo

tu á vista, e perto do coração, aquillo e
aquelles que mais adoras, e a quem eu
tambem sinceramente amo, ficarias me-
lhor disposto para a indulgencia de que
tanto precisa o humilde trabalho que te
dedica

o teu amigo do coração

Francisco Gomes de Amorim.

Villa Estephania, 28 de agosto de 1880.

em a vista, e pelo do coração, e
poucas que mais se tornam, e a quem eu
também sinceramente amo, ficaria me
lar disposto para a indulgência de que
tanto preciso a família trabalho que se
deve.

O teu amigo do coração

Francisco Gomes de Amorim.

Villa Ilaphana, 28 de agosto de 1880

I

Avelomar

Ha na formosa provincia do Minho uma freguezia rural denominada S. Thiago de Amorim, que se compõe de numerosas aldeias. Entre todas estas, avulta Avelomar, como a maior e mais bella pela sua posição. Está situada em planicie ampla, cortada por muitos riosinhos, semeada de fontes e arvoredos, que dão aos seus campos, sempre verdes e floridos, o aspecto de jardim vistossissimo.

Nada ha mais pittoresco e alegre do que essa povoação. De todos os lados se avista a fita azulada das aguas do oceano, orlando a terra, desde o sudoeste até ao norte;

da parte de leste, os montes de S. Felix e de Barroso; os pinheiraes de Torroso e Laundes; e, ao sul, recortando-se no céu, os campanarios das egrejas da Povia de Varzim.

As casinhas, pela maior parte caiadas e aceiadissimas, dão-lhe tão festiva apparencia, que faz quasi inveja a quem por ali passa. Não ha habitação que não tenha seu quintalinho, com horta e simulacro de jardim, onde nunca faltam as rosas de todo o anno, os cravos, as alegres maravilhas, o alecrim, o serpão ou mangerona, os goivos, e dois pés de losna ou de arruda, para afugentar as bruxas.

Os habitantes empregam-se, geralmente, na agricultura, e são, pela maior parte, honrados, laboriosos, respeitadores sinceros dos bons costumes, muito religiosos e todos hospitaleiros. Essa população recorda em muitos dos seus actos as idades patriarchaes, os tempos da virtude austera e do viver simples de nossos antepassados. Ainda lá não chegaram os esplendores e os vicios da civilisação, que illustra e corrompe tudo; no dia em que os conheceres, minha formosa patria, dize adeus á franqueza, á alegria e á innocencia primitiva de teus filhos. N'esse dia funesto, o progresso, com as suas mil

exigencias, ter-lhes-ha dado o inferno na terra ¹.

No centro quasi da aldeia foi construida a capella, sob a invocação de Nossa Senhora das Neves, onde se diz missa todos os dias, de madrugada, para quem quer ouvil-a antes de ir para o trabalho. A porta principal volta-se para o noroeste, em frente da larga rua em declive, que vae ter á ponte da Perlinha (corrupção de perolinha). Essa ponte, atravessando o pequeno rio que divide a povoação em duas, desemboca ao pé do moinho de agua, pertencente ao sr. padre Manuel, cura da aldeia, em extenso largo que vae desde a casa do padre até aos lavadouros da margem. Ao centro do largo ergue-se o cruzeiro, de pedra tosca; em frente do moinho, dois grandes olmeiros, plantados pelo parcho, ha trinta annos. Chama-se a este sitio o largo da Perlinha.

Ao lado direito da porta principal da capella, e afastado d'esta seis ou sete metros, está o sino, pendurado em dois páus muito altos, cravados no chão e presos um ao outro com travessas. Esta torre improvisada,

¹ Escrevia-se isto em 1866. Onze annos depois chegava a civilisação a Avelomar, representada por uma quadrilha de ladrões, que, segundo noticiaram os jornaes, eram quasi todos naturaes d'ali!

vista de longe, tem sinistras apparencias, e mal indica o seu destino pacifico e piedoso. Ha bons trinta annos, por occasião de se fazerem obras na capella, apearam o sino, que ficou, desde então, *provisoriamente*, enforcado na especie de escada em que ainda se acha. É notavel a tendencia que temos, os portuguezes, para as coisas provisorias! Quasi tudo é provisorio n'esta terra!

A capellinha tem ainda outra porta, que deita para a travessa do terreiro, da parte de oeste; sendo ordinariamente por ali que entra a gente que vae á missa nos dias de semana. Adiante logo, e com sua entrada especial, é a sacristia, da qual o corpo saliente fica já quasi no largo chamado Terreiro. Aqui é a praça da aldeia, rodeada de casas por todos os lados, menos do nascente, que é campo, e ao pé d'elle se collocam as bandeiras e o coreto da musica, no dia 5 de agosto, em que se festeja a Senhora das Neves.

Desembocam no Terreiro as ruas: do Outeirinho, que communica para a parte sul da povoação; do Rio das Cannas, que corre para leste; a travessa da Perlinha; e outra travessa, pequena, que rodeia a capella pelo norte. A esta parte da aldeia dá-se o nome de Outeirinho.

Domingos e dias santos rezam-se duas

missas na capella; a primeira, chamada das almas, é a de todos os dias. A essa acode sempre a gente que não quer ser vista, ou que tem onde ir. Á outra, pela volta das nove horas, vae a gente rica e elegante da terra, todos os que se querem mostrar, que desejam ver e ser vistos. N'esta apparece sempre a melhor vèstia, a calça mais bem feita, o colete com mais bonitos botões de vidro azul, a saia mais vistosa, o gibão de panno fino com mais bem talhadas abinhas, o lenço mais floreado, e a tamanquinha, cuja o tacão lembra, ás vezes, um sinete de relógio!

É tambem a esta missa que concorrem as comadres, as beatas e bisbilhoteiras, que, enquanto correm com a maior devoção as Ave-Marias e Padre-Nossos, dos enormes rosarios, vão ao mesmo tempo segredando, aos ouvidos umas das outras, o que sabem e o que não sabem. Essa especie de trapaceiras religiosas era a unica macula de Ave-lomar, no tempo em que começa esta historia. Fazendo do templo academia de má-língua, distinguíam-se pela insistencia com que estavam sempre, como disse Bocage :

«Com reza impertinente os céus zangando.»

Um ôlho no altar outro na porta, mal viam

entrar qualquer triste, de quem não gostavam, punham-lhe immediatamente a calva á mostra. E máu era começarem! Depois, não podiam já parar. Atiravam-se primeiro ás que tinham principio de mazella; e, em seguida, levavam tudo a eito: esta, porque namora; aquella porque não quer casar; outra, por ter luxo, e muitas pelo não ter: estes, porque fallam a todas as cachopas; aquelles, porque são soberbos!... Não escapava ninguém ás linguas viperinas das devotas mulheres. E no fim da missa, que entremeavam de rezas burlescas e de calumnias infames, saíam da egreja, convencidas de terem dado um passo mais no caminho do céu.

II

Anna e Rosa Estella

N'um domingo, do anno de 1845, seriam apenas oito horas da manhã, estava já a capella de Nossa Senhora das Neves atulhada de gente. Fazia calor, e as portas achavam-se todas abertas de par em par. Sem embargo do respeito religioso, com que todos os habitantes, á excepção das beatas, se conservam sempre nas egrejas do Minho, e em Avelomar principalmente, notava-se ali não sei que vaga animação, n'aquelle dia; e todos cochichavam, mais ou menos. Como era cedo, e o padre não tinha vindo ainda para a sacristia, o sussurro da conversa ia crescendo de instante a instante. Unicamente os homens velhos fallavam pouco: todo o mulherio parecia agitado; esquecia-se completamente dos rosarios, e ficava longo tempo com as boccas colladas nos ouvidos das vizinhas; as raparigas casadas de pouco, olhavam

com inquietação para os maridos; as solteiras, que não podiam córar mais, por serem naturalmente da côr das romans, mordiam os beiços de despeito, notando a impaciencia com que os rapazes olhavam para as portas.

Evidentemente, Avelomar estava commo-vida. A entrada de toda a população para a capella, uma hora antes da missa, era acontecimento que nunca se tinha dado desde que o mundo é mundo. Homens e mulheres haviam voltado costas ao altar, o que era desacato estupendo; mas ninguem deu por elle. Se fossem artistas todos os que ali se achavam reunidos, dir-se-ia que estavam admirando a bellissima paisagem, que se desenrola desde a porta da ermida até ao oceano, onde passava n'aquelle momento uma fragata de guerra, com todo o panno sôbre. Mas, infelizmente, o auctor deve declarar, embora custe ao seu amor-proprio, que os seus patricios não são athe-nienses; e que dão importancia mediocre á paisagem, quando esta não tem milho e feijões, ou lhes não pertence.

O padre Manuel entrou na sachristia e começou a revestir-se. Com a sua vinda cessou o borborinho; mas ninguem se virou para o altar; todos os olhos conti-

nuaram tenazmente a interrogar as portas.

Repentinamente, uma corrente electrica percorreu a multidão.

Duas mulheres, envoltas em grandes capas escuras, entraram pela porta da travessa. Apesar de estar tudo cheio, os homens esmagaram-se uns contra os outros, e abriu-se largo espaço, onde cabiam á vontade as recém-chegadas. Estas ajoelharam-se, com as costas para a porta, de modo que podiam ver e ser vistas de todos os lados. Uma d'ellas trazia o rosto encoberto pela renda da capa, que lhe tapava a cabeça, e, quando o descobriu, houve uma como explosão de enthusiasmo e admiração entre os homens. As mulheres, que principiavam já a analyse, pouco benevola, a respeito das duas, emmudeceram. Não tiveram nada que dizer a tanta formosura. O proprio padre Manuel, que saía da sacristia, com o calix na mão, parou, ouvindo o sussurro; e, dando com a causa d'elle, disse, baixinho e encaminhando-se para o altar:

— Benza-a Deus! como é bonita!

Vê-se, pois, que era por estas duas pessoas que o público avelomarense esperava e se impacientava, como ha pouco notámos.

Indaguemos quem são e d'onde veem essas creaturas, que tiveram poder de despertar assim a curiosidade geral, e de dar á sua apparição, na capella, ares de acontecimento memoravel.

Havia onze mezes que fallecêra na Povoia de Varzim o cordoeiro José da Estella, deixando duas filhas orphãs. As cachopas tinham nascido em Avelomar, d'onde sua mãe era natural, e exerciam na villa o mister de fiandeiras.

Rosa Estella completára dezoito annos, e Anna dezesete, quando o pae morreu. Rosa, sem ser feia, era antypathica: os seus olhos, de um verde bonito, faziam lembrar os dos animaes da raça felina; tinha os cabellos mais ruivos do que loiros; as faces, redondas, trigueiras, e com signaes de beixigas; a bocca, maior que o regular, se bem que engraçada; o nariz era irreprehensivel. Á primeira vista, ninguem gostava da sua physionomia; porém, as suas feições tinham não sei quê, que obrigava a olhar para ellas novamente muitas vezes repetidas; e ninguem as esquecia mais, depois de as ter contemplado. Todas as pessoas procuravam as causas do attractivo irresistivel com que as fascinava essa mulher, que não era formosa; e ninguem as descobria

nunca! Confessavam os raros entendedores, que a viram, que se ella tivesse nascido nas cidades, no seio da opulencia, e recebido aprimorada educação, dominaria em todos os corações, subjugando os maiores espiritos. Era de estatura regular, corpo grosso, e braços musculosos; mas tinha os pés pequenos e as mãos bem feitas. Andava com gravidade, quasi magestosamente; fallava com voz preguiçosa e cantada; o seu olhar, que affectava ser vago e languido, animava-se por vezes com estranho brilho, fitando-se tão penetrantemente, que parecia entrar na alma da pessoa a quem se dirigia. Ninguém lh'o supportava em taes momentos. Os rapazes que a queriam *conversar*, como no Minho se chama ao namôro, acabavam ás vezes por ter medo d'ella.

Anna Estella era o typo da belleza casta.

Nunca os pintores, os poetas ou os romancistas inventaram retrato que a igualasse. O auctor d'este livro não tem a ridicula pretensão de fazer agora trabalho superior a tudo quanto se tem creado no genero; mas, ao menos, não inventa. Os seus retratos não são de phantasia: copia-os do natural, porque só ali se encontra a verdade.

Anna parecia, vista de longe, alta e magra; mas não o era. Tinha a nutrição e a estatura que devem ter as mulheres formosas: o corpo esbelto, elegante e flexível; os membros, de proporções correctíssimas e de fôrmas admiráveis. Se um escultor de talento a tivesse para modelo, tornar-se-ia immortal como Praxitelles, quando a Grécia inteira ia ao templo de Gnido contemplar a sua obra prima, dizendo que essa estatua era entre as Venus o que Venus era entre as deusas. A cabeça, que faria esquecer a da Venus de Medicis, maravilha do genio divino de Cleomeno, era coroada de magníficos cabellos, negros como azeviche; a fronte alta; os olhos (milagre da criação!) tinham tão puro e suave azul, que, a par d'elle, as côres do céu e do mar empallideciam, revelando tons duros e desagradáveis. Os sobr'olhos, pretos, como os cabellos; o nariz sem curva; a bocca, pequena; e os labios, sem essa tinta demasiado acarinada, ou pallida, que denuncia as mulheres que se pintam, as que padecem do fígado ou as anemicas; os dentes, alvissimos; a côr do rosto, branca sem ser descorada; as faces lisas como setim, sem a menor ruga, cova, ou saliencia que desafinasse tão encantadoras feições; o olhar e o riso, cheios

de vivacidade, de ternura, de alegria e de ingenua sinceridade; as mãos, se fossem de rainha, fariam insurgir o povo a quem prohibissem beijál-as; os pés, lindos, pequeninos como os da historia das botas de Cendrillon, dignos de calçar veludos e setins... e andavam muitas vezes nús! A voz de Anna Estella era suave e melodiosa; e quando a donzella fallava, segundo a feliz expressão do povo «mettia a gente no coração».

Por morte do pae continuaram as duas irmãs o officio de fiandeiras; mas como os seus ganhos lhes não permittiam grandes commodidades, na villa, em rasão da carestia das subsistencias, resolveram ir residir para Avelomar, onde tinham a casinha, herdada de sua mãe. Havia já onze mezes que estavam orphãs, quando executaram esse projecto. Era n'um sabbado, á tardinha. Ao approximarem-se de Avelomar os campos estavam ainda cheios de gente, que andava a sachar os milhos. Vendo-as tão novas, formosas, e cobertas de luto, as mulheres suspendiam o trabalho e olhavam-n'as compadecidas; os velhos entristeciam-se, pensando que tambem não estaria longe a sua vez de deixarem atraz de si filhos vestidos de negro; e os rapazes ficavam-se a scis-

mar; encostados aos cabos das enxadas e dos sachos.

Nas ruas da povoação acudiam ás portas os poucos habitantes que estavam nas casas, êfitavam nas intrusas olhares cheios de pasmo e de curiosidade. O tio Joaquim Sabino, encarregado de importante papel na historia da civilisação da aldeia, porque ensinava para bebedo, enviou-lhes, lá do fundo da sua venda, meio epigramma, em ar de cumprimento, que sabia a vinho verde; o mestre José Carreira, que nos seus tempos fôra ferreiro, e grande cantador e tocador de rabeca, tirou respeitosamente o barrete e offereceu-lhes os seus serviços, entre duas nuvens de fumo de cigarro.

As pobres meninas, alvos de todos os olhares curiosos, sentindo, á vista da terra natal, e de envolta com as saudades e recordações da infancia, maior magua da sua orphandade, chegaram, chorando, á porta da sua nova morada.

Como não tinham voltado ali, desde creancinhas, pouca gente as conhecia na terra; e, essa mesma, conhecia-as mal.

Todos os dias vão á Povia algumas pessoas de Avelomar; aos domingos, principalmente, concorrem muitas raparigas ao mercado, para vender e comprar generos; mas

estas, diga-se a verdade, não eram tão necias que viessem proclamar, entre os rapazes da aldeia, a belleza das irmãs Estellas; e os mancebos, que por ventura conheciam as formosas fiandeiras, calavam-se tambem, talvez para não causar ciumes e invejas, ou, presumindo de si, com medo que outros lh'as fossem tirar do lance.

A chegada de Rosa e Anna á povoação, onde iam fixar-se para sempre, foi, pois, interessante novidade para os seus patri-cios. Essa noite não se fallava n'outra cou-sa, durante o serão, em todas as casas; e, no dia seguinte, como já referimos, encheu-se a capella de proposito para as ver.

Anna, envergonhada da sensação que produzia a sua belleza, assistiu á missa com a cara afogueada e os olhos no chão. Ninguém via o padre nem a Senhora das Neves, n'aquel-le dia: e houve rapazes que bateram no peito a olhar para o rosto da fiandeira mais nova.

Acabada a missa, todo o povo masculino saiu de tropel pela capella fóra; e, como se estivesse combinado, formou alas, em frente da porta, para a donzella passar pelo meio, com a irmã.

Anna saiu, mais ruborisada ainda; e, ao retirar-se, foi saudada, acclamada quasi com enthusiasmo, que todavia se continha um pou-

co, pelo respeito que inspirava a sua tristeza. Apesar, porém, de muito reprimidos, os signaes de admiração foram taes, que, se a moça se demorasse, degenerariam facilmente em ovação completa. Ella adivinhou-o; e, fugindo, agradeceu-o do fundo d'alma com o rapido olhar que lançou aos mancebos. Se era mulher e formosa, porque não teria um pouquinho de vaidade?! Oh! se ella soubesse o que vae entre muitos homens, sobretudo cá pelas cidades!... perdia-se de todo.

Rosa produziu tambem effeito no publico, porém de genero diverso. Fôra mais medo do que sympathia o sentimento inspirado aos que a olharam bem de frente, no momento em que saía da capella. A singular influencia, exercida pelas suas feições, juntára-se, n'essa occasião, outra circumstancia que lhes augmentára a potencia dominadora, chegando o seu olhar a parecer terrivel aos que ousaram procurá-lo.

Rosa tivera inveja da irmã.

Desde verdes annos conhecêra que a sua belleza não podia competir com a de Anninhas. Estava costumada a ouvil-o dizer a toda a gente, desde que se entendia. Por morte de sua mãe, tomára o governo da casa; e o pae repetia-lhe muitas vezes:

—É preciso que poupes tua irmã, que é mais fraca; não lhe faças sentir a tua auctoridade, para que não te tome aversão; tu és mais velha, porém, Anna é mais bonita; e por ahí gostam mais d'ella do que de ti.

Era verdade. A pobre creança, vendo que todos os mimos e caricias eram para a irmã, e que d'ella ninguem fazia caso, senão para a mandar trabalhar brutalmente, fez-se peor do que tinha nascido. Em vez de se aperfeiçoar, moralmente, para igualar ou exceder a outra, visto que lhe era inferior em dotes physicos, começou a ser invejosa. Não houve ninguem que a aconselhasse e encaminhasse. Das poucas pessoas com quem convivia, nenhuma tinha intelligencia sufficiente para suspeitar o que se passava no fundo d'essa alma juvenil, irritada por injustiças e por inconveniencias grosseiras. Os esforços do pae limitavam-se a pedir-lhe, a ella, que poupasse a irmã; e a esta, que não a desprezasse, por ser mais feia.

Tão infeliz educação acordou e desenvolveu a vaidade n'uma, e a aversão e ciume na outra. As bexigas azedaram ainda mais o character de Rosa: os signaes, que lhe ficaram nas faces, provocavam-lhe lagrimas frequentes.

Anna era boa, amava-a e tentava conso-

lál-a, ás vezes, dizendo-lhe que a achava formosa; mas ella perguntava-lhe sempre:

— Tanto como tu?

E a irmã calava-se.

III

Os pretendentes

Apenas as duas irmãs entraram em casa, o povo dividiu-se em grupos, á porta da capella, tomando-as por assumpto de sua conversação. Eis o que se dizia, onde estavam os rapazes mais afamados conversadores:

— Com os dianhos! — bradou Manuel do Lameiro, rapagão forte e destemido, que lavrava mais de quatrocentas razas de trigo, e de oitocentas de milho. — Eu cá nunca vi na Povia, nem mesmo no Porto, cachopa tão bonita!

— É que não ha outra assim! — disse o Antonio da Prelada, que estava para casar com certa rapariga, que lhe levava cincoenta centos de dote.

— Eu, até em Lisboa, duvido que se encontre. Estive lá o anno passado, no barco do brasileiro de Beiriz, e não topei coisa que me causasse tanta admiração.

Todos olharam para o sujeito que profe-

rira estas palavras. Era mocetão dos seus vinte e cinco annos, alto, robusto, de feições regulares e olhar intelligente; vestia com mais esmero do que os camponeses; e agitava o ar com a chibatinha de barba de baleia que trazia na mão. Trabalhava de carpinteiro, no estaleiro do Ouro, no Porto; mas tinha ido passar uns dias com a mãe, a tia Anna Benta, que andava adoentada.

—Pois nem em Lisboa, Joaquim?!— perguntou, meio duvidoso, Manuel do Lameiro.

—Palavra de honra!

—Não, que lá por fóra nem tudo é pão mollête.—observou o tio Joaquim Sabino, que, apesar de velho, tinha-se chegado aos moços e brilhava, como de costume, com os seus ditos graciosos, repassados, por vezes, do sabor de vinho verde.

—E a outra?

—A outra?—respondeu Joaquim Bento:—a outra tambem tem que se lhe diga!... Aquillo é de differente feitio.

—Pois eu—disse Domingos da Fonte, que foi quem fez a pergunta:—não a queria nem de graça.

—Eu cá, pegava em qualquer d'ellas.

—Que dizes, Joaquim Bento? Isso é serio?

—Muito serio. Porém, não tendo dinhei-

ro, nem terras de pão, como vossês, não me ponho no rol dos pretendentes.

— Porque és pateta. — gritou o mestre José Carreira, acercando-se d'elle. — Se fosse no meu tempo, verias! Quem tem essa cara, canta ao desafio como os mais pimpões, maneja o páu como os mestres e já viajou até Lisboa, precisa porventura de dinheiro para apanhar o coração de qualquer cachopa? Ah! rapazes d'agora! não sei a quem vossês saem! Se eu tivesse vinte ou trinta annos, em vez dos cincoenta que cá me estão bailando na cabeça, ainda que ellas fossem rainhas!... Era só pegar na rabeca... e assim mesmo, não sei...

— Cale-se, toleirão, farfalhador! Quando ha-de vossê tomar juizo? Anda aqui sempre a fazer terreiro com as galanterias do seu tempo, e para casar commigo foi necessario mandar-lhe dar uma carga de páu, para elle saír á espôra!

A chegada imprevista e o discurso de Joanna Carreira, mulher de José, fez rir o povo e azoar solemnemente o mestre.

— Senhora Joanna! Quem a chama cá ás minhas conversas? Vá-se d'aqui, mulher, que já não a vejo bem!

— Ai, não se escandalise o menino! En-

tão! não querem ver como se enfeita o pato depennado! Eu te arrenego, mafarrico!... olha que agora não estás com o vinho para te fazeres chibante!

— Joanna, senhora, mulher! Repare que se me chega a mostarda ao nariz, esqueço-me da companhia, e falto-lhe ao respeito.

— Toma lá! Toma, birbante! Isto é para te pagar as que me dás, quando vens beberdo.

E a senhora Joanna, tendo assentado duas formidaveis bofetadas na cara do seu homem, seguiu pelo meio da multidão, encaminhando-se para a porta das fiandeiras, que ficava logo á volta do terreiro para a Fonte das Cannas.

José Carreira apanhou, sem se queixar, no meio da gargalhada pública. Apenas, porém, a mulher virou costas, estendeu a mão para o lado d'ella, dizendo, a meia voz:

— Dou-te meia hora para o pagamento.

— Com a bréca, primo José! Ellas foram puxadinhas, hein? A prima, apesar dos cincoenta e cinco, atira menos mal!

— Deixa estar, Joaquim Sabino: não te dê cuidado! Quando eu tenho juizo, bate-me ella; mas quando o maduro me canta nas tripas, com seiscentos diabos!... Então,

governo eu! Tu tens lá alguma pinga, que se beba, sem obrigar a gente a franzir o nariz?

— Encetei um barrilito novo, que fez saltar o batoque como buxa de morteiro! Se alguém fôr capaz de aguentar meia canada, sem fazer da quilha portaló, dou-lh'o dado.

— Pois vamos vê-lo. A Joannita foi visitar as priminhas Estellas... nós ainda somos parentes, não sei de que distancia. Deixa-me dizer duas palavras ao teu pipó, que quero também visitar as costellas da Joanna.

Foram-se os dois para a venda. Os rapazes continuaram a sua conversa, a respeito das raparigas, ainda por algum tempo. Manuel do Lameiro avistou certa cachopa, chamada Rosa Marinheira, e como era homem que não gostava de disputas em amores, e via já numeroso cortejo de aspirantes a conversar as fiandeiras, foi-se atraz da tal, por ser conhecimento antigo. A sua partida deu o signal de retirada. O calor ia apertando: e, pouco a pouco, foi a praça ficando deserta.

Joaquim Bento, assim que todos se afastaram, encaminhou-se vagarosamente para a ponte da Perlinha.

A casa em que residia sua mãe ficava ao norte da povoação, no sitio a que chamam Aldeia, ou Aldeia-velha. Para entrar em qualquer das duas ruas, que do largo da Perlinha conduziam a esse logar, passava-se pela porta do padre Manuel. O bom velho acabára de almoçar e chegava á janella, no momento em que passava o carpinteiro.

— Adeus, Joaquim; estimo bem ver-te só-sinho, porque desejo fallar-te. Se queres, entra.

Joaquim não gostou; avistára de longe o padre, e não reflectira que tinha interesse em evitál-o. Caminhava, pensando n'outra coisa. Por isso, quando o velho chamou por elle, foi de má vontade até junto da janella.

— Lá entrar, não entro... porque vou com alguma pressa.

— E andavas tão devagar?!

— É que...

— Está bom: não quero saber senão do que interessa a minha obrigação.

— Então, se dá licença, vou-me...

— Espera ahi: e ouve o que te digo. Tu foste sempre bom rapaz, desde pequeno.

— Favores do senhor padre.

— Tua mãe é pobre; e não tem mais ninguém que a ajude a ganhar a vida. Fez bastantes sacrificios para te mandar ensinar a

ler e escrever; e, como quizeste aprender a carpinteiro, vestiu-te e sustentou-te, até seres official. Porque razão lhe dás agora desgostos?

— Eu, senhor?!

— Tu, sim. Cuidas que não sei da tua vida? Depois d'essa viagem, que fizeste a Lisboa, acho-te mudado; imaginas-te grande homem: já não trazes a fêria á velhinha, como antigamente; andas, lá pelo Porto, por theatros e outros divertimentos, com que não pôdes; gastas tudo quanto ganhas, em fatos e em coisas que não são para a tua posição. Toma cautela, Joaquim: a doença de tua mãe é mais grave do que julgas; e se ella morrer, eu direi a todos que foste tu que a mataste!...

— Jesus, senhor padre Manuel!

— Digo-te isto. A sua enfermidade é causada pelo sentimento de te ver tão outro do que eras; e por saber que, se se queixasse, lhe perderias inteiramente o respeito.

— Nunca tal faria. Juro!

— Não jures, que peccavas duas vezes: a primeira por jurar, e a segunda por jurar falso. Escuta aqui mais perto: Consta-me que tens transtornado a cabeça da Maria Rosmaninha, e que lhe fallas de noite. Toma bem sentido no que te digo: eu sou

cura ha quarenta annos, e nunca tive o menor desgosto, dado pela gente da terra... não queiras abrir máu exemplo.

— Protesto...

— Não protestes; emenda-te. Vaes pelo caminho da perdição, por tua culpa. Gastas mais do que ganhas; aspiras a mais do que podes e deves; e tornar-te-has por fim malfeitor, se assim continuares. Matarás tua mãe com fome e com desgostos; deshonorás a pobre donzella, e a sua familia, que te pôde mandar matar a tiro; e matas-me a mim, de vergonha, porque fui teu mestre.

— Juro!...

— Não jures.

— Deixe-me jurar: juro, por alma de meu pae, que de hoje em diante... estou emendado.

— Basta, meu filho. Anda cá dentro dar-me um abraço; e lembra-te que se faltares, amaldiçoar-te-hei, em nome do defunto.

Joaquim Bento abraçou o padre, choraram ambos, e o rapaz saiu com tenção de ir fazer á mãe promessa igual á que fizera ao padre.

IV

José Carreira

A casa para onde as Estellas foram habitar, tinha um só pavimento, e dividia-se em tres quartos. O do fundo servia de cozinha, e communicava com o quintal; o do meio era a alcova, onde dormiam as duas; e no da frente, que tinha porta e janella para a rua, comiam, trabalhavam e recebiam visitas. Ao lado esquerdo da entrada estava armado o tear, que pertencêra a Marianna Estella, e que ali ficára, desde que ella fôra, com as filhas e o marido, para a Povoá, havia bons doze annos.

Ao fundo do quintal passava o rio, quasi occulto entre salgueiros, onde cantavam sem cessar os rouxinoes e os melros. O terreno tinha o tamanho sufficiente para dar horta ás duas irmãs, e para a cultura de algumas flores, de que Rosa era apaixonada. Havia n'elle varias videiras, que, esquecidas por muito tempo, e talvez despeitadas

pelo injusto desamparo em que as tinham deixado, se tornaram ao seu viver primitivo e selvagem, fugindo das paredes da casa para os salgueiraes e silvados da borda do rio, com os quaes fizeram causa commum de braveza. As poucas uvas que davam, escondiam-n'as dos homens, e offereciam-n'as, lá no mais impenetravel das ramarias, aos passarinhos, que ao pé d'ellas se aninhavam com os filhos. Tornára-se aquelle cerrado, desde muitos annos, habitação exclusiva das avesinhas; ali se creavam, tranquilla e confiadamente, muitas gerações de melros e pintasilgos; e por isso a apparição das fiandeiras assustou, ao principio, o povo alado. Bastaram, porém, poucas horas para lhe restituir a confiança. As recém-vindas, depois de terem dado algumas lagrimas de saudade ás doces memorias da infancia, no quintalinho, onde haviam andado os primeiros passos, cantaram em côro com os habitantes dos arvoredos; e logo entre ellas e elles se estabeleceu a mais terna correspondencia de vozes e de affectos.

Crescêra no chão herba de muitos palmos. Apesar de ser domingo, foram-se as moças a ella e começaram a arrancál-a. Duas ou tres vizinhas, e varias parentas arreda-

das, que vieram visitá-las, ajudavam alegremente á limpeza do terreno, quando se ouviu uma pancada violenta contra a porta da rua.

— Jesus! — exclamou Anna. — Que será aquillo?

— Aquillo — respondeu Maria Serôde: — ou foi coice de bêsta ou golpe de machado.

— Nem uma coisa, nem outra. — disse Joanna Carreira, que se tornára livida. — É, simplesmente, o meu homem, que já se embebedou... e vem bater-me.

— Bater-lhe?! — gritaram a um tempo, estupefactas, Rosa e Anna. — Pois elle bate-lhe?

— Quando está com o vinho, perde-me o medo, e não tenho remédio senão levar ou fugir-lhe. Ao contrario de outros borrachos, é n'essas occasiões que elle tem força de touro! Passando-lhe a onda vermelha, fica outra vez fracalhão, e eu tiro a minha desforra, tósando-o tambem lindamente.

— Mas — observou Anna — seria melhor não o provocar. Se vossemecê o poupasse, talvez que elle se não excedesse a beber, ou não tentasse bater-lhe, quando está assim.

— Olha quem! Já sei o costume. Quer lhe bata, quer não, em elle bebendo, che-

ga-me sempre. Por isso, não me ponho nunca com ceremonias. Às vezes, até na cama lhe dou com o páu, que tenho sempre á cabeceira. Candeia que vae adiante, alumia duas vezes. Ainda hoje, no terreiro, lhe assentei dois bofetões, que me consolaram. É preciso fazer aos outros o que elles nos fazem a nós.

Mal Joanna acabava de glosar, em sentido contrario, estas palavras do Evangelho, mestre José Carreira entrou no quintal com impetos de furacão.

Trazia os olhos vermelhos, lagrimejantes, pestanejando sem cessar; e o nariz e a cara, cõr de pimentão. Assoprava como folle, reminiscencia da sua antiga profissão; e trazia na mão um charuto de dez réis, accêso, em que fumava umas vezes, e outras fazia só o gesto, sem chegar com o charuto á bocca, por falta de tacto. O nó da gravata passára-lhe para a nuca; o chapéu pardo caía sobre a orelha direita, com a cópa amarrotada á banda; na fronte espetava-se, saindo por baixo do chapéu, comprida madeixa de cabellos grisalhos.

O ex-ferreiro procurava Joanna, sem pensar em mais ninguem. Ao ver-se repentinamente diante de seis ou sete mulheres, ficou meio atrapalhado. Parou, quiz equi-

librar-se e pareceu por momentos estar sobre a tolda de um navio, que jogasse com grande balanço. Passada essa breve hesitação, tirou o chapéu e cumprimentou a companhia, com a graça que deveria ter Sileo em idênticas circunstâncias.

— Ora viva a bizzarria! Ó Joanna? Estás ahí? Anda cá, lindinha... Joannica? não ouves?! Chega-te cá, ao teu menino.

A pobre mulher, mal o viu, suspeitou logo que era grande a carga que elle emborcára; e como sabia que quanto mais borracho, mais pancadaria lhe dava, encolheu-se atraz das outras, sem responder. Porém, o bebedo tinha-a visto e tornou a gritar-lhe:

— Não ouviste, pequena? Eu lá vou buscar-te.

Ao dar os primeiros passos, viu o quintal andar á roda e gritou:

— Tenham esse diabo quieto. Então, então!

Deu dois bórdos temiveis, cada um para seu lado; e, ao segundo, encontrou no caminho um esteio, que servira outr'ora ás parreiras, e agarrou-se a elle. O páu, metido na terra haveria doze annos, estava pôdre por baixo, e não se conservava apumado senão com a condição de que não lhe

tocassem. Apenas José lhe deitou a mão, rolou, abraçado a elle; e quando ia a cair, metteu o charuto na bocca, com o lume para dentro, persuadido de que poderia amparar-se, tendo ambas as mãos livres.

Um silvo de dôr e colera gelou, nas gargantas das testemunhas d'esta scena burlesca, a gargalhada com que todos iam celebrar-lhe a quêda.

Carreira ergueu-se, como o tigre derrubado pela onça, e foi, sem cambalear, direito a Joanna. Esta sentira-se como pregada ao chão, pelo terror. O bebedo agarrou-a pelo cabello, enrolou-lh'o na mão, como se fôra corda, e começou a espancar a infeliz velha com a maior brutalidade.

—Ri, mulher!—bradou ferozmente.—Escarnece do teu Zé, por elle ter caído, mettendo o lume na bocca!

Maria Serôde e Josepha da Torre gritaram:

—Aqui, d'Elrei!

Anna correu para a porta da rua, sem saber o que fazia. Defronte da porta estava um homem parado.

—Senhor—exclamou a moça:—accuda, pelo amor de Deus, que elle mata a pobre mulher!

O sujeito era Joaquim Bento, que, em

vez de ter ido direito para casa da mãe, quando deixou o padre Manuel, atravessára outra vez a ponte da Perlinha, e o Terreiro, e virára para a Fonte das Cannas, no intuito de ali atravessar as passagens do rio, e subir por esse lado para a aldeia. Este caminho era absurdo, porque o obrigava a dar enorme volta, sem necessidade; mas passava pela porta das fiandeiras; e esta rasão suprema fez com que elle o preferisse.

Apenas ouviu os gritos das raparigas, e viu Anna, pallida e assustada, dirigir-lhe a palavra, pedindo o seu auxilio, enfiou pela porta da rua, e saiu á do quintal, com velocidade de foguete. Chegando ali, e vendo o Carreira aos murros á mulher, estacou, e disse friamente para Anna, que o seguia:

— Ah! Isto é costume. A sua pessoa não sabe? Quando elle bebe...

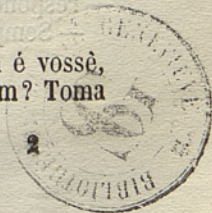
— Tire-lh'a das mãos! — gritou Anna. — Ande, depressa, antes que a mate! Peço-lh'o eu!

— Se pede... é outra coisa.

Approximou-se do ferreiro e deitou-lhe as mãos ao pulso.

— Basta, mestre José.

— Com todos os diabos! Quem é vossê, que se atreve?! Ah! és tu, Joaquim? Toma lá, para o teu tabaco!



Ao dizer isto, largou os cabellos da mulher, e assentou um grande murro no hombro de Joaquim Bento. Este recuou dois passos, e disse, apalpando a parte dorida pela pancada:

— O que lhe vale é estar como um cacho; senão...

— Olhe que elle bota-se outra vez á mulhersinha! — disse alguém.

— Quem me ha de impedir?

Vendo-o approximar-se novamente de Joanna, o carpinteiro agarrou-o pelo coço das calças, suspendeu-o no ar, e atirou-o, como se fosse leve péla, por cima das ramarias.

— Vá tomar banho, que ha de fazer-lhe bem.

A força herculea do mancebo ganhou-lhe, instantaneamente, todas as sympathias das cachopas. Anna esteve quasi para ir abraçá-lo; e Rosa perguntou-lhe, cravando os olhos nos d'elle:

— Quem é vossemecê?

— Joaquim Bento, para a servir e amar.

— respondeu o moço com desembaraço.

— Sempre tem força!...

V

Calculos e projectos

José Carreira, caído em cheio no mais espesso da ramada, ficou ali momentaneamente, detido pelo cruzamento dos ramos, entrançados com as parreiras e as silvas. Quiz erguer-se; e reconheceu com dôr que os apoios a que se soccorrêra eram espinhosos. Largou-os logo, dando um grito, que tinha seus longes de latido. O seu peso, e os dois movimentos que fez, vergando mais os ramos que o suspendiam, obrigou-os a separar-se, deixando-o cair como sapo na ribeira. Ninguém teve o menor susto, porque sabiam que a agua apenas lhe daria pela cintura, nos logares mais fundos. Porém, Joanna achou prudente ir passar o resto do dia para casa de Antonio Serôde, a fim de deixar o marido cozer a borracheira e pensar com pachorra no caso.

Sairam, pois, todos do quintal; e, ao despedir-se das suas visitas, disse Anna:

— Ora vejam que infelicidade que nós temos: no primeiro dia que passámos em Avelomar, succeder uma d'estas em nossa casa!... Vamos andar por ahi na bocca do mundo!

— Não tenham medo! — respondeu o filho de Anna Benta. — Se alguém quizer tugar, diante de mim, faço-o tornar com a falla ao bucho.

— Muito agradecida. — tornou Anna. — Sei que não se póde amarrar a lingua a ninguém. Mas, nós não temos culpa...

— Deixe... como é a sua graça?

— Anna Estella...

— Bonito nome, palavra de honra! Daria a vida por ter irmã que assim se chamasse!

Anna riu-se, mettendo o dito á bulha. E Rosa, que, como se vê, era sóbria de palavras, e deixava a irmã, apesar de mais nova, dirigir a conversação, fitou os olhos em Joaquim, de modo que este, quasi sem querer, perguntou-lhe:

— E a sua pessoa, como se chama?

— Tenho dois nomes: o primeiro é Rosa Estella... o outro...

A moça hesitou, agitaram-se-lhe os labios com tremura rapida, e descórou um pouco. Já todas as outras pessoas tinham

saído, ficando só as duas irmãs com Joaquim, sem que fizessem reparo n'isso.

Anna interrogou a irmã, com o olhar, em que transparecia viva curiosidade. O carpinteiro, sem embargo da sua ignorancia e rudeza, era bastante intelligente para adinhar muita coisa, que não tinha aprendido. Pareceu-lhe portanto que havia ali caso sério; e, em vez de fazer perguntas indiscretas, esperou que Rosa fallasse quando quizesse.

— O outro nome, aquelle por que sou mais conhecida . . . — tornou ella, ainda com hesitação, talvez calculada.

— Qual é? — perguntou, emfim, o rapaz, convencido de que a demora era de proposito.

— Não sei que te chamem senão Rosa Estella. — disse Anna, admirada do ar solemne da irmã.

— O nome que todos me dão e pelo qual melhor me conhecem é . . . a . . . MAIS FEIA.

Joaquim ficou embatucado. Mirou as duas, cada uma por sua vez, como se estivesse verificando a exactidão d'aquelle asserto; gaguejou uns monosyllabos de idiota, e saiu sem se despedir.

As irmãs ficaram sós.

Anna sentou-se na velha arca de pau

carunchoso, que estava collocada entre o tear e a porta, destinada para arrecadar as maçarócas e novellos; e, fitando na irmã os seus limpidos olhos, perguntou-lhe:

— Acaso terás inveja de mim?

O inesperado da pergunta perturbou Rosa. Nunca se tinha lembrado de que sendo a inveja vil e baixo sentimento, difficil de disfarçar e de esconder por muito tempo, teria alguma vez de confessá-lo, ou de mentir, quando lhe fizessem aquella simples pergunta. Não tinha ainda o coração pervertido; ignorava as mil maneiras delicadas, de que se servem as pessoas cultas, para faltar á verdade, encobrando os seus defeitos; e tambem não detestava inteiramente a irmã. Rosa Estella desejava apenas, como certos poetasinhos e litteratos de meia tijela, pensando ácerca dos que lhes são superiores, que Anna tivesse muito menos e ella muito mais popularidade. Não ia além d'este desejo: tinha pena de ser mais feia e de ver a outra mais bonita; talvez que até fosse capaz de preferir, que os signaes de bexigas estivessem antes na cara de Aninhas do que na sua... Era pouco generoso isso? Convidâmos os que assim pensam para declararem, com a mão na con-

sciencia: o marido, se pediria para si os achaques da esposa; se substituiria o colorido fresco das faces, pelas rugas e a cor de pergaminho da mãe; e se a matrona, que se pinta cuidadosamente, para fingir que é sempre moça, teria abnegação sufficiente para se enfeitar com as verrugas e lobinhos, que povoam a cara do filho?

Francamente: escusam de fazer declarações absurdas.

Rosa, depois de córar, entendeu que o seu crime não era dos que levam á forca; e respondeu, melhor do que se poderia esperar de uma fiandeira sem educação:

— Se todos te invejam, porque rasão, eu que te adoro, não te hei de invejar também?

Evidentemente, as mulheres não carecem de grande instrucção, para saberem dizer coisas bonitas, sobretudo em trocadilhos, que encubram o pensamento. São *gongoristas*, de todos os tempos. Rosa ganhára em intelligencia o que lhe faltava para completar a sua singular belleza. Anna tinha menos talento. Deus quiz talvez estabelecer justo equilibrio na distribuição das graças que fez ás duas fiandeiras, dando a esta maior formosura e áquella o segredo de fallar bem, sem ter aprendido. Systema das compensações.

Anna, que não comprehendeu quanta finura encerrava a resposta, volveu:

— E's invejosa?

— Sou.

— Devéras? Pois confessas?!

— Para que é negar-te o que já sabes? Não quero mentir: visto que descobriste, ou antes, que eu me denunciei, declaro francamente que tenho inveja da tua cara. Todos te admiram; e ninguém repara em mim, quando estamos juntas.

— E quando te vêem a ti só?

— Então... não estás tu presente para impedir que me achem menos feia. Já pensei em me separar de ti.

— Que dizes?!

— A verdade. Se não o tenho feito, é porque te quero bem, apesar de tudo.

— Que estás ahí a dizer, Rosa? Deixar-me sósinha?! Tu serias capaz de tamanha maldade? Não sabes que me matavas? Pois bem: tratarei de me fazer feia; cortarei o cabelo...

— Ficas mais formosa.

— Andarei desgrehhada, e de cara suja...

— Tonta! Dentro em pouco estarás casada.

— Eu?

— Tu. Aqui não é como na Povia, onde

pouca gente nos conhecia. Os costumes da aldeia são mais azados para a gente achar marido. Ha maior franqueza e convivencia com os rapazes. Temos cá alguns parentes, que nos convidarão para os ajudarmos a ripar os linhos, para os seus serões e esfolhadas, e que nos levarão ás festas e romarias. Pelo que hoje vi, digo-te que a tua mão ha de ser disputada... Póde até succeder que o caso não fique só em pancadaria, e que alguém seja morto por tua causa.

— Jesus! Então, fujamos; voltemos para a Povia.

— Ha poucas mulheres tão lindas como tu, Anna!... E não me admirarei, se, para casar contigo, brigarem irmãos com irmãos, e deitarem fogo á aldeia.

Anna desatou a rir, tomando por gração quanto lhe dizia Rosa.

— Tens boas chances, cachopa!

— Fallo-te muito sériamente. A minha inveja, apesar de ver bem estas coisas, ainda não é tamanha que me torne má irmã, e amiga desleal. Vou, por isso, dar-te um conselho.

— Qual é?

— A prima Joanna Carreira contou-nos que ouvira este Joaquim da tia Benta dizer, no Terreiro, que casaria com qualquer de nós...

— Foi graça do moço.

— Bem viste como elle ha pouco te olhava; e como saiu, sem responder, quando eu lhe disse que me chamavam a MAIS FEIA.

— E d'ahi?

— Não percebes?! Pois só cegos deixam de ver, que elle antes casaria commigo do que commigo. Calar-se, quando eu fallava, foi o mesmo que declarar-se por ti. Ora, o que te digo é que o acceites e que cases com elle.

— Assim se casa, mulher! Sabes lá se me quererá?

— Rei que elle fosse, Anninhas! Em vendo os teus olhos, não tinha mais vontade propria.

— A cachopa está a folgar commigo!

— Não gostas d'elle?

— E tu?

Pela segunda vez, em menos de meia hora, Rosa, que, como acabamos de ver no dialogo anterior, tinha grande facilidade em exprimir-se, ficou embaraçada com as perguntas da irmã. O parecer que dava a esta tinha dois fins: era o primeiro saber se ella fizera reparo no carpinteiro e se este lhe agradára. Sendo assim, sustentaria a conveniencia do casamento, porque, logo que elle tivesse logar, ficaria só em campo e

mais facilmente poderia casar tambem. O segundo motivo, nascia de conveniencia mais immediata: se a irmã não acceitasse o namôro, que Rosa entrevia eminente, interpunha-se ella, impondo-se ao filho de Anna Benta, com a audacia propria do seu character; e conquistava-o, á má cara, á sombra da belleza attrahente da outra. Vê-se, e não é de estranhar, que lhe surgira o pensamento de apanhar marido de improviso. Quanto ao plano, faria honra á mais habil cidadã, de imaginação e espirito pervertidos pela leitura dos maus romances, e que, depois de ter perdido muito tempo á procura de ideiaes absurdos, se faz aranha, e arma a rede a todas as moscas.

As duas fiandeiras eram pobres, desamparadas quasi; e Rosa, prevendo que a formosura de Anna acharia facilmente pretendentes, horrorisava-se com a idéa de ficar ás sôpas d'esta. A situação de solteira, aterrava-a; sentia, com antecipação, o maior odio ao papel de tia; e projectava, friamente, estostrar a murro o primeiro patife que ousasse dar-lhe esse tratamento. Com estas opiniões, depois de alguma hesitação, optou pela verdade, respondendo:

— Eu acho-o galante.

— Pois... casa tu com elle.

- Não o queres? deveras?
— Não.
— Vê lá?
— Já disse.
— Aceito-o eu: será meu marido.
— Ora essa! Contas assim com elle, tão certo?!...

E Anna soltou a sua mais argentina gargalhada, a qual pareceu encontrar echo extraordinario na porta do quintal.

As moças, assustadas, voltaram ao mesmo tempo os olhos. A porta abriu-se, e José Carreira, com as apparencias de *gentleman* que tivesse sido alvo do esguicho de uma bomba de incendio, pediu licença para sair.

Vinha com o fato rasgado e n'uma sôpa; a cara, parte ensanguentada, e parte ennegrecida, com lama escura, dava-lhe aspecto ao mesmo tempo grotesco e feroz; tinha perdido o chapéu e um dos sapatos; do outro, calçado e cheio de agua, tirava, a cada passo, ruido semelhante ao que produzem as rodas dos carros, passando nos lameiros.

As duas irmãs, levadas pelo primeiro impulso do coração, iam manifestar a pena que sentiam pelo estado do pobre diabo, quando, ao olharem-lhe para o rosto, foram atacadas de tão violento frouxo de riso, que

caíram sentadas, apertando as ilhargas. José Carreira quiz, primeiro, levar a mal a cachinada; vendo, porém, que perdia o tempo, tomou a boa resolução de fazer côro, piscando os olhos e querendo dar-se ares maliciosos. As fiandeiras acharam-lhe mais graça, e redobraram. Foi quasi doido e descomedido côro de riso, que acabou por atacar os nervos do ex-ferreiro, obrigando-o a sair de corrida para a rua, tapando os ouvidos com as mãos, e grunhindo como porco fechado no possilgo.

VI

Arcadia pura

Não tivera o banho, desde logo, a benéfica influencia de curar a bebedeira do velho tocador de rabeca. Resvalando no rio, sentira-se o borracho consolar do grande fogo em que ardia; e como o sitio era pouco fundo, permittiu-lhe sentar-se na lama. Achou-se bem, e quasi agradeceu o incidente, que lhe proporcionava tão agradável lugar de repouso, em dia de tamanho calor. Teve vontade de chamar pela Joanna, a fim de lhe dizer que ficava perdoada; porém, quando tentou aproveitar-se d'estas disposições benevolas, não se sentiu com animo de dizer palavra. Passados poucos minutos, lembrou-se de assobiar, que era outra maneira de chamar a cara metade; mas não conseguiu acertar com a combinação de que resulta o assobio; e ficou muito tempo a assoprar, inutilmente, persuadido

de que estava assobiando com primor, e que a mulher não o ouvia.

No meio d'estas vans tentativas e ensaios, sobreveiu-lhe fortissimo ataque de somno; dormitou, começando a sonhar que lhe tinham feito presente de formoso garrafão de cristal verde, cheio de vinho azul. Imaginando pôr á bocca o sublime vaso do precioso liquido, caiu para o lado com o movimento que fez, e absorveu tamanha porção de agua e lodo que ficou empanzinado.

Levantou-se de salto, vomitando lama; e, sem saber onde estava, nem o que fazia, investiu com o vallado das silvas e reentrou no quintal das fiandeiras. Ahi, desembebedou-se-lhe a memoria e o corpo, e reconheceu o sitio.

A idéa do perigo por que acabava de passar, atterrou-o, a ponto de jurar que nunca mais beberia vinho.

Infelizmente, para a seriedade de José Carreira, a nossa missão de historiador sincero obriga-nos a confessar que elle tinha feito mais de sete ou oito mil juramentos semelhantes, desde que viera estabelecer-se n'aquella aldeia. E declaremos tambem, para credito dos bons costumes dos avelomarense, que tanto elle como o taberneiro Joaquim Sabino eram naturaes de outras

terras; tinham ido para ali, no intuito de ensinarem aquelle povo a tocar pessimamente rabeca e a beber vinho adulterado. O que ambos conseguiram, honra lhes seja feita!

Depois de sentir o cerebro desempoeirado, dirigiu-se Carreira para a porta, pensando na sova que receberia, ainda em cima, da senhora Joanna, justamente irritada, e com direito de tirar honesta desforra da que primeiro apanhára. Ouviu conversar, dentro da casa das fiandeiras, e escutou, para saber se a mulher ainda lá estaria. Já se vê, pois, que apanhou a parte mais interessante do dialogo de Rosa e Anna, sem lhe dar, comtudo, grande importancia. Acompanhando a gargalhada da mais nova, quando esta escarneceu da facilidade com que a outra contava ser mulher de Joaquim Bento, ria com a melhor boa fé possivel.

Saindo de casa das Estellas, viu, do longe, que a sua porta estava fechada, e não ficou contente. Por fortuna sua, achou o Terreiro deserto e atravessou-o, sem se arriscar ás vaias do publico aldeão, ávido sempre de divertimentos gratuitos. Bateu muito tempo á porta, espreitou pelo buraco da fechadura, e não viu a chave do lado de dentro.

— Bello! a Joanna abalou, com medo; não fez jantar; e tenho de aguentar-me descalço, molhado, sem chapéu e sem comer, Deus sabe até quando! Os diabos levem o vinho e o Joaquim Sabino! Foi elle quem me desafiou. Se não estivesse n'este estado, ia descompôl-o e chamar-lhe intrujão. Ah! desgraçados, que costumaes beber a vossa pinga, deixando-vos ir atraz do gostto, ponde os olhos em mim! Homem de tanto brio; celebre cantador, que virou a cabeça a muita mulher bonita!... e ainda hoje, em eu pegando na rabeca!... Schio! Se a Joanna ouvisse! Aonde demonio estará ella? Não hei de ficar aqui, n'esta figura... Se o rapazio me bispa, não faltará pedrada! Vou-me ciscando para o quintal do Palmeiro. Não está lá ninguém: dispo-me, ponho a roupa ao sol, e póde ser que encontre alguns figos nas figueiras em estado de me servirem de jantar?... Hoje! não lhe vejo outro geito. Que vergonha, Tamanho artista, como eu sou! Eis o mau fructo da boa uva!... que a uva é excellente fructo, lá isso é; mas como diabo dá estes pessimos resultados, assim que se torna em vinho, é que eu não sei. Quando for á Povia, hei de fallar com o Reitor sobre este ponto.

Findo o soliloquio, voltou outra vez para a rua da Fonte, atravessou o rio das Canas, sem se dar ao incommodo de passar por cima das pedras, que ali servem de ponte, e subiu pela estreita e miseravel rua, que vae para o norte, direita ao quintal da casa do Palmeiro.

Esta rua, cavada na rocha, funda, eriçada de pontas de granito, que se erguem do chão, agudas e terriveis como puas, mantem-se no estado primitivo em que a deixaram os primeiros povoadores das Hespanhas, para honra e lustre de todas as vereações que tem tido a camara da Povoia de Varzim, e de quantas nullidades gloriosas teem representado em côrtes aquelle bom povo. Quem por ali passa de tamancos, raras vezes deixa de grammar o seu trambulhão, dando a todos os diabos (que não lhe pégam, por estarem fartos d'essa fazenda, considerada alcaide), todos quantos lhe chucham o voto eleitoral, a trôco de promessas nunca realisadas. Os que vão descalços, ferem-se as mais das vezes; os pobres animaes, magoam-se horriavelmente; os bois, com os carros carregados, logo que chegam ao rio, descansam muito tempo, dentro da agua, como se achassem allivio ás pisaduras, apanhadas em tão detestavel caminho.

E' a peor rua de Avelomar, e do mundo, se rua pôde chamar-se; e note-se que todas as outras são pouco melhores. Apesar das numerosas estradas ultimamente feitas no Minho, ha ainda por lá muitas aldeias esquecidas, porque teem sido representadas em côrtes por homens analphabetos ou vendidos aos ministros, pela reeleição. Esses ineptos, não o são, todavia, para tratar dos proprios interesses; mas o povo, que ha de ser sempre o mesmo, nem quando os vê a cavallo no orçamento, cortando para si os maiores tassalhos de boi gordo, deixa de dar-lhes o voto. Portanto, aguentem-se, e vá roendo os biscoitos da rua do rio das Cannas, e de outras semelhantes.

Aos lados do tal carreiro pedregoso ha campos, que, pela fundura d'elle, teem naturalmente as paredes mais altas do que as de outros sitios da aldeia. O da direita, assaz extenso, pertence á familia de Manuel Fernandes do Lameiro, que já conhecemos. Havia então ali excellente herva, chamada sonradella (luzerna?) começada já a ceifar para os bois de trabalho. Quando Joaquim Bento saíu de casa das fiandeiras dirigiu-se para aquellas bandas, porque, como atraz se referiu, tambem por ali se podia ir para o centro da aldeia velha, onde morava a tia

Benta. O moço caminhava, ainda embaçado, e ia dizendo consigo, quando atravessava as pedras chamadas da passagem:

— Eu devia ter-lhe dito, que não é a mais feia; é a menos bonita... Que asneira! Vinha a dar no mesmo. Por fim de contas, eu também não desgosto d'ella... verdade seja que antes queria casar com a outra.

Emquanto elle travava este dialogo com os seus botões, a moça do Lameiro, linda camponeza, que andava a ceifar herva, veio-se-lhe approximando, com certa vivacidade e garridice, que teria dado que pensar ao padre Manuel, se este podesse observá-la n'aquelle momento, em vez de estar a dormir somno regalado, antes do jantar.

A cachopa deixára o trabalho e fôra ao encontro do carpinteiro, por se persuadir de que elle viera ali por sua causa. Chegando perto, e vendo-o de cabeça baixa, sem lhe prestar attenção, voltou precipitadamente para traz, procurou o sitio em que a herva era mais alta, e curvou-se entre ella, com a foicinha em punho, cantando, ao mesmo tempo, com voz deliciosamente fresca e bem entoada, esta popularissima quadra:

•Por te amar deixei a Deus;
Por teu amor me perdi;

Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti.»

O rapaz levantou a cabeça e alongou a vista por cima da parede do campo, qual perdigueiro que fareja o rasto quente. Viu agitar-se o verde, sob a foicinha da segadora, marcou o sitio e ia saltar para dentro, quando se lembrou de que podiam enxergál-o do quintal das Estellas. Só depois d'esta primeira reflexão lhe acudiu outra mais grave: o juramento feito ao padre Manuel.

A cantora de entre a herva era a tal Maria Rosmaninha. Acabada a cantiga, ergueu com disfarce os olhos, na occasião em que punha para o lado a mão de herva cortada, e espreitou se Joaquim entrára no campo. Ao vê-lo parado e hesitando, continuou o trabalho, enviando ao frouxo amador nova e mais formosa trova, que até anda já impressa nos livros de dois poetas distinctos, aos quaes a deu o auctor d'esta verdadeira historia:

«Eu amante e tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como o sol a buscar-te;
Tu, como a sombra a fugir-mel.»

—Pobre moça!—resmungou Joaquim.
—Precisa desenganada. Prometti ao sr. padre, está promettido. Ella é galante; muito galante! Porém... creada... Se fosse ao menos fiandeira, poderia ajudar-me. Moça de servir, não faz arranjo a quem é official. Vou dizer-lhe a verdade. Convem-me ter o caminho desembaraçado. Quem sabe o que me acontecerá com estas cachopas, vindas hontem da Povoa? Ai, Anna, Anna: se tu me quizeses, outro gallo me cantaria!

Subiu resolutamente pela parede, saltou para dentro do campo, e indireitou para a segadora, que continuava a enfiar cantigas umas após outras, repassadas todas de amor e melancolia. Joaquim, á medida que se approximava d'ella, ia perdendo o animo de lhe declarar que tudo entre elles acabára para sempre. Afrouxou por isso o passo; a moça fingia não o ter visto ainda, apesar de elle estar já bem perto d'ella; mas córava de alegria e cantava com voz tremula:

«Hei de amar-te, se me amares;
Querer-te, se me quizeres;
Deixar-te, se me deixares;
Farei o que tu fizeres.»

Infeliz trova! Em outras occasiões, teria ella feito com que o carpinteiro corresse para Maria, e lhe renovasse, com juramentos novos, o seu ardente amor. Agora, porém, deu-lhe forças para desprezar esses mesmos protestos, tantas vezes repetidos. Ouvindo-a, Joaquim respondeu, em voz alta, e approximando-se:

— Pois seja! D'aqui por diante, fazes sempre como eu fizer.

A camponesa empallideceu, adivinhando n'aquellas simples palavras o triste fim das suas esperanças. Como o rouxinol, que a morte apanhou de improviso sobre o ramo do salgueiro, gelando-lhe a voz, que momentos antes inundava de harmonias o céu e a terra, assim a amante do filho de Anna Benta emmudeceu repentinamente. Eos que ao longe escutavam com delicias o seu canto saudoso, esperaram em vão que ella o repetisse. Deixou pender a cabeça sobre o peito, como o passarinho ferido; a mão, que empunhava a foicinha, descaiu, fria, com a ponta do ferro curvo sobre um dos joelhos; a outra largou a herva que tinha agarrada, e apoiou-se no chão. Receiosa de que lhe rebentassem as lagrimas, não ousou Maria erguer os olhos para o perfido que a trahia.

Joaquim Bento, depois de breve silencio, tornou lentamente:

— Venho de fallar com o senhor padre, Maria Rosmaninha. . .

— Ah! — exclamou a rapariga, sentindo como que o renascimento do jubilo.

— O senhor padre não quer que eu torne a conversar contigo.

— Ah! — repetiu ella, com mui diversa inflexão.

— Diz que não podemos casar. . . por ora.

Maria levantou a cabeça e mostrou o rosto lavado de lagrimas.

— Tenho-te dito sempre, que esperarei o tempo que quizeres, Joaquim.

— E' verdade. . . Bem me lembro; o senhor padre é que desconfia. . . diz. . . Emfim, elle lá se entende; e obrigou-me a jurar que não fallaria mais contigo.

— E tu prometteste? Tiveste alma para tanto? Apesar de me teres tambem jurado, que casavas commigo?

— Não havia outro remedio. Sabes que o senhor padre foi quem me creou, quasi. Diz elle que nós davamos escandalo. . .

— Basta. Não preciso ouvir mais.

A moça ergueu-se, limpando os olhos com as costas da mão; pegou na corda de

tiras de coiro torcido, e ageitando-lhe a laçada que tinha n'uma das pontas, estendeu-a no chão, e começou a pôr-lhe a herva em cima para fazer o feixe. Joaquim sentiu-se atrapalhado, sem saber se devia ir-se embora, ou ficar. A consciencia accusava-o de ter ferido o coração leal da joven, que lhe era cegamente dedicado; mas, como a maior parte da gente, que só se horrorisa quando vê sangue, o pretencioso carpinteiro não considerava perigosas as feridas de amor. Comtudo, achava-se ali constrangido, depois do rompimento. Desejava partir e não o ousava.

Maria foi fazendo o feixe, silenciosamente. Já não chorava; nem parecia pensar que o seu ex-namorado estava presente. Como teremos de a encontrar muitas vezes, no decurso d'esta historia, digamos alguma coisa a seu respeito, para a tornar mais conhecida do leitor.

Maria Rosmaninha teria de dezoito a dezenove annos; era quasi formosa; cara redonda e córada; bastos cabellos castanhos; olhos vivos e grandes, da mesma côr do cabelo; dentes brancos; bocca mui graciosa; nariz correcto; mãos largas, mas bem feitas; pernas e braços grossos, parecendo torneados por sublime artista: emfim, era

o que se pôde chamar boa moça, desenxovalhada. propria para dar á republica cidadãos fortes e robustos como ella.

Trajava modestamente, até nos dias santos: vestia quasi sempre saias de côr, de tecido de riscado grosseiro, muito usado no Minho; camisa de linho branco; colete de panno azul; lenço de ramagens amarellas, ao pescoço, e outro, encarnado, á roda da cabeça. Rosnavam, porém, as comadres bisbilhoteiras, que Maria, apesar d'esta simplicidade, tinha riquissimo enxoval, guardado em casa da mãe, que estava meia paralytica. A affirmativa parecia fundada, por ter a cachopa um irmão no Brazil, e saber-se que este, além da mezada, que regularmente mandava á mãe, e a outra irmã, que tratava d'aquella, fazia, de vez em quando, remessas extraordinarias de dinheiro, para que as duas irmãs andassem bem enroupadas. Maria era economica; poupava quanto podia; porque o seu pensamento parecia effectivamente não ser outro senão accumular boas saias e roupinhas, para o dia em que casasse com Joaquim, de quem gostava muitissimo. Infelizmente, as intenções d'este não eram tão santas como a pobre rapariga julgava; e todas as suas promessas de casamento levavam agua no bico. Por

fortuna da ingenua moça, o padre Manuel andava-lhes com o olho em cima; e acudiu-lhe a tempo.

Joaquim fizera-lhe varios presentes; o ultimo fôra um chapéu alto, muito na moda do tempo, e que, segundo se affirmava, custára uma moeda de oiro. Mas ainda ninguem o tinha visto; e por isso nem toda a gente acreditava em similhante excesso de luxo. Sabia-se, comtudo, que o carpinteiro já nem sempre trazia a fêria á mãe, como tambem notára o padre; e essa circumstancia devia attribuir-se, como judiciosamente se pensava nos soalheiros, aos gastos enormes que fazia com a cachopa, tudo com a mira de a encaminhar para maus fins.

Logo que Maria enfeixou a herva toda, metteu a ponta da corda no laço, puxou-a, poz-lhe primeiro o pé e depois o joelho em cima, para a apertar; e, feito isto, rolou o feixe sobre o resto da tira de coiro, dando assim mais duas voltas, antes de arrematar o nó. Tendo concluido, voltou-se para Joaquim Bento, e, sem colera nem despeito, disse-lhe, com o ar mais natural do mundo:

— Faz favor de me ajudar, sr. Joaquim?

Tinha o carpinteiro estado a ver tudo aquillo, meio pasmado, meio furioso de des-

peito, por ella não dar maiores demonstrações de sentimento de elle a deixar. E com esta derradeira prova, do que cuidava ser indifferença, sentiu-se tão magoado, como se a corda de coiro lhe estivesse arrochando o peito. Approximou-se, deitou as mãos ao feixe e suspendeu-o com modo iracundo.

Maria Rosmaninha, que estava fazendo a rodilha, observou-lhe sorrindo:

— Não vê que estou compondo a rodilha? Eu não tenho nenhum empenho de o demorar; mas, como tem estado abi tanto tempo parado, já agora, espere mais um pouquinho. E escusa de ter o feixe no ar, porque se cansa.

Joaquim largou-o no chão, e sentou-se sobre elle. Maria acabou a rodilha; desatou a fita de ourêlo, com que prendia a saia; puxou esta mais para cima, e fazendo com ella uma grande ruga sobre a cintura, reatou o ourêlo, deixando as pernas nuas do Joelho para baixo. Entretanto, o seu ex-namorado sentia-se damnar com aquelle sangue frio.

— Ella nunca me quiz bem.—pensava Joaquim, examinando-a constantemente por todos os lados.— Não teve nenhuma pena! E eu... confesso que me custava bastante... com medo de a affligir. Vejam se

repara ao menos que estou aqui! E é bonita moça, palavra! Lá isso, não piza outra as ruas de Avelomar... tirante aquellas duas... As duas, não: uma. Quer-me parecer que o padre Manuel é muito severo... Eu queria vê-lo, com a minha idade, diante d'esta cachopa, tão desempenada! Estes velhos já não se lembram do que foram, e tudo é ralhar com os que começam a vida... por inveja, já se sabe! Oh! um padre!... Ora, adeus! Eu bem vejo como elles vivem lá pelo Porto! E' verdade que não são d'estes! Não, senhor: como o nosso, ainda não encontrei outro. Ha-de haver, de certo, algum; porém, nanja que eu o visse. Então, ella, agora...? Ah! sim... Eu, se... O diacho é ser creada! Ter de trabalhar para dois, sem que me ajudem... Não vale a pena... Mas, que eu gósto d'ella, é innegavel! Até se me afigura que... Aquelle padre é o diabo! Quem o manda intrometer-se com a minha vida?! Governe lá a sua casa e a tia Rosa, e trate dos seus perdigueiros, que já não é pouco. Perdigueiros! Cães finos... e caçador! Padre... e caçador! A matar coelhos, lebres e perdizes! Sangue innocente!... E come-os guizados! Patife! E acha que eu...

—Agora, ponha-m'o á cabeça.—interrom-

peu a Rosmaninha, que acabára os seus arranjos, deitando a mão ao feixe de herva.

Joaquim levantou-se, pegou n'elle, com tenção de fazer o que ella pedia; e, distrahidamente, deitou-o ás suas costas, e começou a andar para a estrada que do outro lado do campo vae sair á fonte da Torre, e d'ahi ao Lameiro.

A cachopa ficou aparvalhada, a olhar para elle, sem se atrever a segui-lo. Passado o primeiro pasmo, deu alguns passos, dizendo-lhe:

— Vossê já não tem medo de encontrar o senhor padre?

Joaquim estacou, virando-se logo para ella.

— Porque me dizes isso, cachopa? Com que sentido me lembras o que eu queria esquecer?

— E' pegar ou largar.— respondeu ella, em tom decidido.— O senhor padre não pôde oppor-se ao que for para nosso bem: ou casar já commigo, ou não tornar a falar-me. Para graça, já é de mais! Ha perto de um anno que me promettes todos os dias que eu seria tua mulher; depois que te falei a primeira vez, nunca outro rapaz me viu rir para elle; e não são poucos os que me querem conversar! O senhor padre tem

rasão: percebeu que tu andavas a mangar commigo, e foi por isso que te ralhou. Se queres levar-me a herva, havemos de ir primeiro a casa d'elle; e has de dizer-lhe, na minha presença, que queres casar commigo... senão, larga o feixe.

Joaquim deixou cair pesadamente o fardo, que tão leve lhe parecêra momentos antes, e saltou por cima da parede, sem olhar para traz. Com a precipitação da fuga, nem sequer reparou que ia quasi esmagando um pobre homem, que estava acororado á beira da estrada.

Vendo afastar-se o carpinteiro, murmurou a rapariga, comprimindo o coração com as mãos:

— Está tudo acabado! E eu que tanto lhe queria e que me fiava n'elle!— depois, acrescentou, em voz mais alta, e enxugando uma lagrima:— Quem me ha de ajudar agora?

VII

Amores de carpinteiro

— Eu, cachopa. — respondeu, subindo para dentro do campo, o homem que estava na rua.

Não o tendo visto antes, nem o conhecendo logo, assustou-se a Rosmaninha, e esteve quasi para gritar. Reparando, porém, melhor, desvaneceu-se-lhe o temor.

— E' vossemecê, tio José Carreira?! Como está molhado e roto! Que foi isso? Que lhe aconteceu?

— Nada... pouco mais do que nada. Cai no rio... Tens muita pressa?

— Eu? Para que m'o pergunta?...

— Por teu bem.

— Diga lá.

— Gostavas muito d'aquelle traste, hein? Pois, filha: não te faças vermelha, que o

caso não é para tanto. Digo-te que te livraste de boa peça.

— Vossemecê ouviu?

— Por acaso. Estava aqui a seccar-me ao sol.

— E acha que elle não me convinha?

— Nem pintado. E' intrujão e valdevinos, que não quer senão figurar de fidalgo, e até já tem feito a mãe passar fomes.

— Que diz, tio Carreira? Isso pôde lá ser verdade!

— Não sabias?! A mãe adoeceu de paixão.

— Seria por ouvir dizer que o filho me promettia casamento?

— Qual carapuça! Ella gosta de ti. O filho é que te andava a enganar, como é proprio dos malandros da sua laia.

— Como sabe isso?

— Tem muito que saber. Ainda hoje chegaram ahi as Estellas e já o pelintra as quer namorar a ambas.

— Ora essa! E ellas são bonitas?

— Não as viste na missa?

— Eu fui á das almas, porque tinha de ir á Povia, aviar as compras para casa.

— Ah! não as viste?! São lindas, são; não direi que sejam mais do que tu: mas, tanto.

— Então são mais, tio José; já vejo que são mais. Desculpe — exclamou, fazendo-se vermelha: — nem é preciso muito, para parecerem mais bem do que eu.

— Não sei. O certo é que ellas também viram o Joaquim Bento; e como elle traz vestido tudo quanto tem de seu, captivou-as.

— Serio?!

— E' como te digo. E a mais velha diz que ha de casar com elle.

— São ricas?

— Como tu, filha.

— Sendo assim, ha de casar tanto com qualquer d'essas, como casou commigo.

— Não duvido nada; porém, o caso é que te deixou por ellas; e torno a repetir-te, que foi grande fortuna para ti. Mulher que cair em sorte áquelle homem, será desgraçada.

— Porque pensa assim?

— Cá tenho as minhas rasões; e quem viver, verá.

— Ajude-me aqui ao feixe, faça favor; já tardei muito e ainda não levei os bois a beber.

— Lembra-te do que te disse: não tornes a conversar semelhante mariola. Esse pintalegrete das duzias, pregava-t'a na menina do ôlho, se Deus te não tem acudido. Não o queiras mais.

— Oh! quanto a isso, vá descansado.

— Pódes até dar-lhe boa lição, para que não seja tolo. Dizem por ahí que tens bom enxoval, feito para casar com elle? Veste-te bem; rapazes não faltam; e quando o espinhela caida te vir enfeitada, e os outros a quererem conversar-te, verás a cara com que fica.

— Eu gostava do Joaquim: para que hei de negál-o? Porém, agora... acabou-se; morreu para mim.

— Domingo é a festa em Balazar; vae lá com as tuas tafularias todas, que logo achas conveniencia melhor. Adeus, cachopa. Ah! Olha lá: se vires por ahí a minha Joanna, dize-lhe que vou esperar por ella para o quintal do Palmeiro; que já me passou a cousa... e que estou manso como borrêgo.

— Sim, senhor.

Rosmaninha dirigiu-se para o Lameiro, com o seu feixe á cabeça; fingia cantarolar, engulindo as lágrimas, para que ninguém lh'as visse. A' medida, porém, que lhe foi voltando a serenidade, entrou a reflectir que o mestre José Carreira podia muito bem ter razão, nos conselhos que lhe dera; e em tudo que dizia, ácerca de Joaquim Bento.

Quanto ao ex-ferreiro, sentia-se consola-

do, no meio da sua desgraça, por se lhe ter proporcionado ensejo de começar a tirar a desforrasinha do banho, e dos arranhões que lhe arranjára o filho da Benta.

—Eu hei de fazer-lhe pagar a brincadeira, cedo ou tarde.— affirmava elle.— E as queridas primas Estellas, tambem as tenho fechadas na mão, porque lhes ouvi a conversa. Quanto daria o Joaquim para saber que a mais velha o quer fisgar, como quem fisga um pólvoro? Sempre é bom saber alguma cousita das vidas alheias. E' verdade que me custou bem caro o segredo d'esta gente... estou tiritando! Vamos lá para o quintal, pôr a roupa ao sol.

Até á noite gemeu o pobre diabo, sem poder recolher-se a casa. Finalmente, ás Ave-Marias, appareceu-lhe a sr.^a Joanna, que o levou com uma acha adiante de si, e só depois de o ter sufficientemente moido, lhe deu de comer e roupa lavada.

Joaquim Bento não tornou a ir trabalhar para os estaleiros do Porto. Tomou por empreitada, a Mathias Cencadas, a construcção de um barco de pesca, e fez estaleiro no terreiro da capella. O mar ficava a mais de dois kilometros de distancia; e a catraia, depois de construida, teria de ir ás costas de homens para a praia, o que era peri-

goso e dispendiosissimo. Porém, o carpinteiro disfructava a enorme vantagem, afastando-se apenas tres ou quatro passos do logar, onde tinha posto a quilha da embarcação, de ver a porta de Anna Estella. E' verdade que esta feliz circumstancia prejudicava-lhe bastante o andamento do trabalho: de cada vez que tomava qualquer medida, que ajustava as cavernas, os braços ou as curvas, em logar de approximar-se em linha recta da obra, que lhe ficava ao pé, fazia precisamente o contrario: descrevia largos circulos, de cinco ou seis metros, com as peças de madeira sobraçadas; deitava continuas olhadellas para a casa das fiandeiras; e, só depois d'este giro, ia experimentar se as cavernas acertavam. Era o modo mais engenhoso de tornar menos pesado o rude labor de cada dia; mas tinha o inconveniente de não adiantar muito a construção do barco. Felizmente, o constructor não dava por isso; bastava-lhe ver o rosto de Anna, n'uma ou n'outra das suas idas e vindas, para ficar contentissimo até á noite. Comtudo, parecia-lhe cousa do diabo que o seu pensamento se fixasse mais a miude em Rosa, e que fosse quasi sempre esta que se mostrava á porta, quando elle procurava a outra.

Inspirado pelo desejo de não desagradar à irmã d'aquella que cubicava para esposa, sorria-se para ella, e auctorisava assim esperanças, que não tinha em mente realisar. A' hora da sêsta, ia jantar a casa; mas não descansava; comia em pé e rapidamente, com grande admiração da tia Benta; e voltava, a correr, para o terreiro, indo conversar com as fiandeiras até ás duas horas e meia.

Anna, jovial e chasqueadora, tomára a precaução de não gracejar com elle. Rosa conservava-se grave, fallando pouco, rindo raras vezes, e empregando mais o imperio e fascinação do olhar, que sabia ser auxiliar poderoso, do que as palavras, que podiam tornar-se imprudentes. Joaquim amava já a fiandeira mais nova; porém não se atrevia, diante da outra, a mostrar preferencias; e confessava a si proprio que não hesitaria em casar com Rosa, se Anna ali não estivesse.

Bastaram poucos dias para se estabelecer familiaridade e confiança entre os tres. As raparigas iam-se tornando queridas de todas as pessoas da terra, não lhes faltando presentes dos lavradores abastados, nem convites para os serões das melhores casas. Os rapazes cruzavam-lhes por diante

da porta, com ares de frangãos em frente de celleiro fechado; e os mais ricos desejavam offerecer a Anna Estella a sua mão e as suas juntas de bois; mas faltava-lhes ousadia para tanto. A assiduidade de Joaquim Bento fôra logo notada; e não se sabendo a qual das duas elle requestava, mantiveram-se os outros a distancia, e na expectativa; porque o carpinteiro tinha o seu tanto de bulhento, e jogava o pau como mestre. Alguns, que affirmavam não lhe ter medo, em vez de se apresentarem como pretendentes ás fiandeiras, trataram de namorar Maria Rosmaninha, persuadidos de que assim o puniam de ter a preferencia d'aquellas.

VIII

A romaria de Balazar

Proximo á serra de Rates, da parte de leste, existe a freguezia de Balazar, onde todos os annos se faz grande romaria e festa á Santa Cruz, ali apparecida, conforme resam chronicas populares do Minho. Não apurou o auctor d'esta historia como nem quando teve logar o milagre; mas é certo que lá viu, cavada no chão, a fôrma da cruz, cuidadosamente conservada por alguns devotos, que a não deixam entulhar, affirmando que a terra milagrosa não cae nunca, nem perde aquelle feitio, por mais que a mexam ou tirem.

Por occasião das festas, concorre ali muito povo de todas as terras ao redor, e ainda do Porto e de Braga, sendo vistossissimo o arraial que se faz em frente e aos lados da egreja.

No anno de 1845, tambem Avelomar se

despovoou, indo a maioria dos seus habitantes á romaria da Santa Cruz de Balazar. Não houve rapaz nem rapariga que não estreasse fato novo, n'esse dia memoravel. Anna e Rosa, que vestiam á moda da villa, ostentavam elegancias capazes de fazer inveja a duas condessas da idade média. Anna da Torre, Joaquina Bellinha, Rosa Marinheira, Margarida e Rosa Rabaldes, e Maria Serôde, todas moças e bonitas, aggregaram-se ao rancho das fiandeiras, que era capitaneado por Joaquim Bento, e mais dois ou tres rapazes da aldeia velha.

Os romeiros, saindo de Avelomar pela estrada de Cadilhe, formavam longo cordão de gente moça; porque só os velhos e as velhas ficavam, a tomar conta das casas, uns porque já não tinham pernas que os levassem a romarias, e outras porque já não tinham que pedir a santos.

Eram sete horas da manhã, quando os primeiros ranchos deram o signal da partida, deitando tres foguetes, ao pé da fonte das Cannas. Formaram-se diversos grupos, compostos, segundo as influencias e inclinações das pessoas que se iam reunindo. Comquanto não houvesse ali inimidades pronunciadas, havia sympathias tão vivas, que, á saída do Lameiro, apesar de caminharem

todos juntos, haviam-se extremado completamente em bandos de duas ou tres familias, e assim andaram todo o caminho.

A primeira hora de marcha foi consagrada á analyse dos trajos. Examinavam-se mutuamente com inquietação e curiosidade.

Nada tão agradável para as mulheres, assegura certo auctor estrangeiro, como esses exercicios comparativos, em que ellas se julgam sempre, physica e moralmente, na cara e no traje, superiores ás examinadas. Tudo quanto nas outras são defeitos, affirma o mesmo critico, que as estudou a fundo, são n'ellas perfeições. E nada as consola e regala tanto como a deselegancia e fealdade das suas melhores amigas. Entre os homens, diremos agora nós e não o citado auctor, tambem já são vulgares estes... usos. E diga-se a verdade toda: o mais supremo prazer, o mais sincero e grato passatempo da humanidade é a maledicencia.

Não se sentia, portanto, o calor que principiava, nem a fadiga da primeira legua de caminho. As atenções iam completamente absorvidas pelo exame, que alegrava umas e damnava outras. Não era muito lisonjeiro por vezes o voto de varias observadoras: era, porém, enormemente instructivo; e até digno de ser trasladado n'esta obra, se cou-

besse no plano d'ella. Os vestuarios das irmãs Estellas tiveram a gloria de resistir ás mais auctorisadas más linguas. Joaquim Bento, percebendo isso, caminhava com ar triumphante. Notára tambem, desde logo, que era elle o unico homem que vestia casaca; e essa circumstancia dava-lhe, no seu conceito, incontestavel superioridade sobre todos os outros, que apenas vestiam jaquetas. As duas fiandeiras participavam da satisfação do carpinteiro, porque se apregoava já que elle estava para casar com uma d'ellas.

A alegria de Joaquim Bento seria completa, se ali fosse Maria Rosmaninha, e visse por quem elle a tinha trocado. Mas, com grande admiração sua, ninguem apparecêra da familia do Lameiro.

O caminho de Avelomar a Balazar é, como a maior parte dos da provincia do Minho, sombreado por verdes arvoredos. De Torrozo em diante, ha grandes espaços em que não penetra o sol; e se as estradas correspondessem á belleza dos sitios que atravessam, seriam as primeiras do mundo. Porém, desgraçadamente, n'aquelle tempo, eram quasi todas lamaças continuados, que se não podiam atravessar a pé; e os transeuntes tinham a miude necessidade de

invadir os campos, com grave prejuizo dos agricultores, fazendo via publica por cima das searas.

Era no mez de junho, e havia já bastante tempo que não tinha chovido. Apesar d'isso, os caminhos estavam inundados. A circumstancia de serem quasi todos cobertos por espessa abobada de verdura, impedia que o calor os seccasse. De vez em quando saiam os romeiros da estrada, e atravessavam lindissimos campos cultivados, cheios de milho e feijão, de centeio ou de cevada e rodeados de frondosos castanheiros ou carvalhos, com vides enleadas nos ramos, e os cachos pendentes; n'outros sitios tudo eram cerejeiras e pereiras, carregadas de fructos; e, por todos os lados, pittorescas fontes, jorrando agua pura, que corria por prados cobertos de herva florida. Mais adiante passavam-se densos pinhaes, onde o aspecto do terreno mudava inteiramente. O verde dos pinheiros recortava-se no céu limpo e azul: o chão esaldava; o ar abraçador fazia suspirar pelas sombras humidas, deixadas atraz momentos antes; as urzes bravas debruçavam-se nos carreiros pedregosos, e o sol dardejava raios de fogo. Reentrava-se no campo cultivado, na estrada sombria e fresca, nos lameiros, que se

atravessavam a custo, sobre pedras movediças, por entre as gargalhadas dos que tinham já passado, e os risos amarelllos dos que ainda estavam atraz. A caravana apres-sava o passo e corria para o pinhal, que ha pouco maldizia, rindo e chasqueando sempre uns com os outros, até novo lamaçal. Joaquim Bento levava viola, e, de vez em quando, tocava, improvisando cantigas, com a facilidade e singeleza da musa minhota. Outro rapaz, que levava rabeca, respondia ao carpinteiro; as raparigas cantavam igualmente. Mas tudo isto se fazia á maneira de ensaio. Ninguem se queria cansar. A festa devia ser na festa, e não pelo caminho.

Quando chegaram á serra de Rates, no sitio em que a subida principia, sob grandes arvores, e ao pé de uma fonte de agua deliciosa, encontraram, sentados a almoçar, todos os do Lameiro, raparigas e rapazes. Com elles estavam tambem, além da sua creada Maria Rosmaninha, o José alfaiate, que era temivel janota, n'aquelle tempo; Antonio do Oiteirinho; e Pedro de Laundes, rapaz abastado, e nada feio.

Os primeiros que viram o rancho do Lameiro, soltaram ruidosas exclamações de alegria, e correram para a sombra, onde elle se acoitava.

— Ah! por isso vossês nos faltavam! Partiram de madrugada?

— As cachopas gostavam de vir almoçar á fonte dos Namorados; e eu quiz fazer-lhes a vontade.— respondeu Manuel Fernandes do Lameiro, offerecendo ao seu interlocutor enormes fatias de pão com talhadas de paio, e ampla cabaça de vinho maduro.

N'isto, vinha chegando o grupo das fiandeiras.

Joaquim Bento, ao dar com os olhos em Maria Rosmaninha, fez-se verde. A rapariga sorriu, sem pestanejar, e continuou a comer.

Todos se cumprimentaram.

— Se querem almoçar, aqui está o que temos.— gritou Manuel, abrindo o seu grande cesto, atulhado de carne assada, ovos cozidos, paios, peixe frito e pão.— Olhem que até onde chegar, é de boa vontade! Bem me conhecem.

— Obrigado! obrigado, rapaz.— foi a resposta geral.

— Todos sabem que és dos de lei; cá dos meus.— acrescentou Domingos Rabaldes.

— Então, se não querem petiscar, bebam ao menos. E esperem que a gente guarde isto, para subirmos todos juntos.

— Ao pé da fonte dos Namorados, ninguém bebe vinho.— disse uma voz.

— Senão os que já estão namorados.— gritou Joaquim Bento, cravando os olhos em Pedro de Laundes, que acabava de receber a cabaça das mãos da Rosmaninha.

Pedro não respondeu; poz a cabaça á bocca, bebeu tranquillamente boa dôse, limpou a bocca com o lenço e a cabaça com a mão, e levantou-se, offerecendo-a a Joaquim, e dizendo-lhe:

— N'esse caso, beba tambem.

— Eu não estou...

— Ora essa! Corre que vae casar-se.

— Quem diz isso?

— Toda a gente.

— Pois é verdade... e não tenho que dar contas a ninguém.

— Se alguém lh'as pedisse, veríamos. O que vale, é que ninguém se occupa d'isso.

Ao dizer estas palavras, Pedro voltou-lhe as costas, debruçou-se na fonte, a que davam o poetico titulo de fonte dos Namorados, e brindou antes de beber:

— Pela saude d'aquella a quem quero bem.

E bebeu agua, com o mesmo socogo com que bebêra vinho; mas em muito menor dôse.

Todos tinham ouvido o dialogo, e riram-se de Joaquim. As duas Estellas entreolharam-se de relance. Estavam ambas pallidas e offegantes. Se houve quem fizesse reparo n'ellas, attribuiu, provavelmente, esse estado ao cansaço da jornada, sem reflectir, que, em tal caso, deveriam antes estar córadas. Joaquim disfarçou e foi também, fingindo-se alegre, debruçar-se na fonte.

— Pelos meus amores! — exclamou, inclinando-se sobre a limpha.

Depois, ergueu-se e esperou. Todos julgavam que as fiandeiras iriam beber em seguida; porém, as moças não se moveram do seu lugar. Ambas contemplavam Maria Rosmaninha, que se ostentava esplendida de saude e mocidade, vestida á moda da aldeia, com tão singular gosto, tão graciosa e pittoresca garridice, que nenhuma outra mulher das que iam ali se lhe podia comparar, nem mesmo as duas elegantes da villa, apesar de Anna ser mais bella.

Ao lado tinha, sobre rico lenço de seda, o famoso chapéu de moeda de oiro, que se rosnava ter sido presente do ex-namorado, e em cuja existencia ninguem acreditára até aquelle dia.

A Rosmaninha passára minuciosa revista

às fiandeiras. Esse consciencioso exame tranquilisou-a completamente: reconheceu-se inferior em formosura á mais nova; porém não duvidou que a vencia, e a todas as outras do seu rancho, na elegancia e harmonia do trajo aldeão, e na modestia das suas maneiras. O olhar experiente do antigo amante notára tambem a differença, apenas chegou; e d'ahi proveiu o despeito que lhe desafinou os nervos, bem como certo ciume, de Pedro de Laundes, que suppoz seu successor no coração da bella camponeza.

Pozeram-se todos novamente a caminho.

Manuel Fernandes, deixando-se ficar como para arranjar o cesto da comida, atraz do rancho, deu de ôlho a José Alfaiate, para que demorasse igualmente o passo.

—O primo José não traz pau? Foi esquecimento de todos os dialhos! Para estas festas não se vem de vergastinha.

—Cuidas que a cousa dará de si?

—Boa dúvida! O Bento azedou-se por o Pedro conversar a Rosmaninha. Elles ambos são homens; porém o Joaquim joga melhor. O que vale ao primo de Laundes é não se esculdar tanto. Se a pancadaria começa, é a valer. Toda a rapaziada de Laundes e Torroso está na romaria e acode logo pelo Pedro, contra os de Avelomar.

— Isso é assim, Manuel; mas, pela direita rasão, quem a tem é o Pedro; porque o Bento não quiz a Rosmaninha, segundo me consta.

— E' verdade. E eu cá ponho-me ao lado do de Laundes, embora se diga que não defendo os da minha terra.

— Aqui não ha terra; ha a gente fazer o que é direito. Em chegando ao arraial, compro logo cajado...

— E' preciso que os haja lá, á venda.

— Sim?... Empresta cá a tua navalha, pelo seguro... E vae andando de vagar: é um instante, enquanto arranjo qualquer vara de carvalho. Verde, trabalha-se depressa; e não é peor para abrir caminho, se fôr necessario.

— Carvalho, castanho, ou espinheiro... por ahí ha d'elles em barda. Pêga a navalha; e avia-te. O Joaquim vem de casaca, e traz pau! Basta ver isso, para se tomar sentido. Aquillo é grimpador, como pimpão de feira! Não lhe quero mal; porém, nunca engracei muito com gente briguenta e amiga de barulhos. Anda depressa, que eu vou indo de vagarinho.

Manuel juntou-se ao rancho; e José alfaiate cortou tão gigante varejão, que poderia, em caso de necessidade, servir para

verga de véla de catraia; e foi seguindo os outros, ao mesmo tempo que ia descascando e alisando o pau.

Joaquim tornára-se casmurro, desde a fonte dos Namorados. Anna e Rosa também não davam palavra. O seu bando reuniu-se ao do Lameiro, não por sympathia, mas por um d'esses acasos, tantas vezes funestos, que, em vez de afastar, aproxima os individuos que se não amam.

Pedro Laundes travou conversação em verso com Maria Rosmaninha. Joaquim bem desejaria ouvil-os, ou interromper-lhes o dialogo, provocando Pedro; porém não se atrevia a fazêl-o na presença das fiandeiras; e bem percebia que já tinha causado a frieza d'ellas, com a questão de ao pé da fonte.

Roía, pois, silenciosamente o seu despeito, quando viu approximar-se, coxeando e abordoando-se ao grande varapau verde, o mestre José alfaiate.

— Que é isso? Foi cortar pau novo?

— E' verdade; torci o pé; e se não trouxesse a navalha, estava bem arranjado.

Todos se interessaram muito por saber como tinha sido a torcedura, e se lhe doía.

— Doe como todos os demonios. Fui a saltar aquelle vallado das silvas, adiante da

fonte, e vae, senão quando, escorrego, e zás!

— Caín?

— No lameiro... que... por baixo... entendes?

— No lameiro? Não tem nenhum salpico de lama!

— Sim?... pois ahí é que está o mal.

— Como?

— Quiz equilibrar-me, vou contra as malditas pedras, e fiquei...

— Com o pé torcido.— acudiu Manuel Fernandes.

— Exactamente.— tornou o alfaiate, agradecendo-lhe com os olhos o auxilio.

— E custa-lhe muito a andar?— perguntou Anna Estella.

— Hum... nem por isso. Ao principio, sim; cuidei que ficava ali. Mas, depois que cortei o pau, já vae passando a dôr.

Dizendo isto, esqueceu-se completamente de que estava com o pé torcido, e saltou uma poça, sem auxiliar-se do pau. Só Joaquim Bento fez reparo n'esse descuido, e começou a estudar-lhe os movimentos. D'ahi a minutos, viu-o entregar surrateiramente a navalha a Manuel do Lameiro.

— Ah!— disse comsigo o carpinteiro:— Segredo entre os dois! A cousa é commi-

go, por força. Não importa; o diabo foi não vir eu também de jaqueta!

Olhou para o pau, experimentou-o com disfarce, dando dois grandes pulos, para salvar as regueiras por onde iam passando, á borda da estrada; e vendo que o cacete resistira firme, tornou a dizer comsigo:

— A' casaca não me chegam elles!

Esta confiança tornou-o mais alegre. Viu Rosa caminhando ao pé de si e dirigiu-lhe a palavra, perguntando-lhe se estava cansada.

Rosa respondeu-lhe em verso.

IX

Namoro rimado

E' costume, entre os camponezes do Minho, conversarem os namorados em verso. Quando qualquer rapaz dirige a uma rapariga palavras rimadas, quer dizer que a ama e que a requesta. Se ella responde da mesma fórma, está acceita a declaração; se responde em prosa, é necessario insistir, teimar, ou desistir da conquista.

Joaquim nunca tinha fallado em verso com as fiandeiras. Depois que viajára até Lisboa, e que vivia quasi exclusivamente com os carpinteiros do Porto, modificára profundamente as suas opiniões, a respeito dos amores rimados. Nem sequer com a Rosmaninha fallava já em verso, nos ultimos tempos. Parecia-lhe irrisorio o uso. Boas cantigas ao desafio, isso sim: gostava, e tinha rasão; mas dizer insulsas cou-

sas, ás mulheres bonitas, rimando «panno» com «abano», afigurava-se-lhe gosto depravado e estúpido. Ainda n'esta parte ia além da educação recebida, com o seu maravilhoso instincto.

Todavia, n'esta occasião, apanhado de improviso, ao pé da sua ex-namorada, que a dois passos ia conversando, em verso, com Pedro de Laundes, teve por covardia recuar, não acceitando a declaração d'aquella moça, que ninguem ousaria chamar feia.

— Se não replico do mesmo modo, pensarão que é porque não sei enfiar as palavras como elles e como ellas, ou que me atrapalha a presença da Rosmaninha.

E, sem reflectir que preferia casar com Anna, e que ia publicamente declarar-se namorado de Rosa, respondeu a esta, também com palavras rimadas.

A moça tinha-lhe dito, entre muito disparate, o seguinte:

«Como não hei de ir cansada

Da jornada,

Não vendo ninguem,

Que me queira bem?!»

Joaquim deitou a viola para traz das costas, presa por uma fita, a tiracólo; passou

o pau para a mão direita, e respondeu, em tom de quem não teme ser ouvido:

«Bem querer não é peccado:

E' meio caminho andado,

Para se chegar ao fim.

Bem me queriam a mim!

E eu não quiz.

Mas se é Rosa quem me diz,

Que me quer:

Se Deus quizer,

Tambem eu lhe hei de querer,

Até morrer.»

Anna Estella, vendo a irmã declarar-se tão immodestamente, a Joaquim, afastou-se dos dois, e acceitou a poesia que o mestre José alfaiate principiava a desfechar sobre ella sem conta, peso, nem medida. O filho de Anna Benta ficou furioso, quando deu por tal; mas tinha-se jungido a Rosa; e já não havia lugar para arrependimentos. Foi, pois, continuando a conversa, se bem que de mau humor e repassando, por vezes, a versalhada de tanto azedume, que parecia tirál-a de alguma vinagreira.

Entretanto, Pedro de Laundes adiantára-se com o rancho de Manuel do Lameiro, e conversava apaixonadamente com Maria Rosmaninha, sem que o carpinteiro os perdesse de vista.

Eram nove horas da manhã quando entraram em Balazar. Manuel Fernandes fez então larga e prudente falla ao seu rancho, dizendo, que achava conveniente não se juntarem com o de Joaquim Bento, para evitar alguma asneira; que o carpinteiro era bulhento, e elles iam ali para se divertir e não para brigar. Todos approvaram a resolução. E quando os outros chegaram, afastaram-se os do Lameiro para os deixar passar, e não os seguiram.

Joaquim conheceu que o evitavam e tornou-se mais azedo. Foi, comtudo, para diante, sem dar palavra. O alfaiate acompanhou-o, porque se tinha filado á fiandeira mais nova. A sua presença tornára-se, por isso mesmo, mediocrementemente agradável ao carpinteiro.

— Então vem com a gente, mestre José? Não se vae juntar aos do Lameiro?

— Faço-te sombra, Joaquim?

— Nanja por isso. Como vinha com os outros, e elles fogem de nós...

— A'gora fogem! Estão a descansar.

— Teem, talvez, medo que lhes comamos o jantar. — disse Anna.

— Deixál-os. — tornou o alfaiate. — Eu acho-me bem com a companhia em que estou, e fico.

— Não sei se lh'o tomarão a bem?

— Querem ver que tu é que tens medo que eu te coma o jantar, hein?

— Medo, eu?!

— A módo que te vejo assanhar commigo sem causa...

Joaquim caiu em si, e disfarçou a ira, voltando-se para Rosa:

— A sua pessoa quer que vamos para a egreja, á festa? Deve estar a começar.

— Primeiro iremos ver a Santa Cruz, — disse Anna.

Joaquim seguiu-as, forçadamente. Anna Estella e Maria Rosmaninha eram as duas moças mais bonitas que elle conhecia, e de quem mais gostava; apesar d'isso, privára-se voluntariamente do amor de uma, com desejos de namorar a outra; e por artes do diabo, como elle ia dizendo comsigo, achava-se jungido a terceira, que não lhe convinha. Emquanto ninguem lhe disputou Anna, tudo ia bem. Aceitára Rosa, com a idéa de fazer enraivecer a Rosmaninha; notára, porém, depois, que Maria era mil vezes mais formosa, e que precisava oppôr-lhe a conquista de Anna, custasse o que custasse.

O mestre José alfaiate transtornára-lhe este projecto, pelo menos na presente occasião; e o carpinteiro pensava que adiar a vingança era adiar o prazer do triumpho.

X

De como o pau desfaz milagres

Ao entrarem no recinto sagrado, onde se via, no solo, uma especie de molde, em cruz, o filho de Anna Benta, que tinha sido sempre bom christão, descarregou a bilis em impiedades e dúvidas, que offenderam a devoção e boa fé dos fieis. Ajoelhou, como os outros, ao pé da grade que defendia o testemunho do milagre; mas, após instantes de silencio, exclamou:

— Dizem que esta cruz, aberta no chão, nunca se póde entupir, e que a terra, apesar de solta, não cae nunca das bórdas, nem falta, ainda que se tire?

— E' verdade. — respondeu, com ardente convicção, um homem muito alto, que estava de joelhos ao lado d'elle.

— O senhor crê isso? — tornou Joaquim.

— Creio, porque estou vendo.

— Eu, o que vejo, é a terra mexida de

fresco, e todos os signaes de ter a cruz sido refeita esta manhã, antes da entrada do povo.

O homem alto levantou-se, mediu Joaquim com olhar indignado, benzeu-se, e tornou a ajoelhar-se.

— Admira-se do que digo?

— Podéra não!

— Pois olhe!

Chamando assim a attenção do seu interlocutor, o carpinteiro metteu por entre as grades, e de modo que só o outro visse, a ponta do pau; e enterrou-o na terra, que se abriu, entupindo parte da cova, e mutilando um dos braços da cruz.

— Milagre! — gritou o homem alto, curvando-se.

— Qual milagre?! Isto é obra dos padres. Saiba que eu já estive em Lisboa, e que lá ninguém crê n'estas pataratas e carapeções velhacos da padraria.

— Ah!... o hereje! o hereje!

Estas palavras foram pronunciadas em voz tão alta, que todas as vistas se fitaram em Joaquim. O homem alto saiu apressadamente do recinto sagrado, lançando ao impio olhares carregados de promessas terríveis; e o povo começou a murmurar, curvado para o sitio em que faltava a terra:

— Milagre! Milagre!

— Vamos para fóra, depressa!— bradou Anna, agarrando no braço do carpinteiro.

Sairam, confundindo-se com a immensa multidão, que enchia as avenidas do templo. Se se demorassem alguns momentos mais, só Deus sabe o que teria sido do profanador imprudente.

Anna reprehendeu-o com a maior severidade.

— Se não fosse vossemecê, nós não vi-nhamos cá. Veja se faz com que o matem por ahi, e com que nos aconteça a nós alguma desgraça, por sua causa. Isto não são cousas com que se brinque, entre christãos! Se quer que o estime, prometta-me já ahi que não torna a dizer heresias, nem a provocar desordens.

— A culpa foi toda sua, Anninhas.

— Minha?! Venham mais despropositos!

— Juro-lh'o.

— Essa agora!

— Eu estava damnado: queria metter a minha alma no inferno, com ciumes da sua pessoa.

— Olhe se a mana ouve! Ella está ali bem perto, com as cachopas da Fonte!

— Que me importa?!

— Ai, Senhor Jesus! pois não é ella sua

conversada? Não lhe disse já, que lhe queria muito bem?

— Disse, disse... Ha oito dias que estou doido pela Anninhas. Sei cá o que faço nem o que digo?!

— E' a primeira vez que tal ouço!

— Dizia-lh'o com os olhos; por não me atrever de outro modo. Não me quiz entender!... Só por seu respeito fiz estaleiro no largo da capella, em vez de ir para Aldeia Nova, ao pé do mar. E a cada machadada, que dava na madeira, ia olhar para a sua porta... Não reparou, apósto?

— Eu cuidava que era pela Rosa. E ella tambem pensa o mesmo.

— Juro-lhe que se enganaram. Não sei como isto hoje foi; quem eu queria era a Anninhas. Por sua causa é que vim a esta romaria, que talvez me dê ainda na cabeça. Já agora ha de saber tudo: se me não quer, vou embarcar, vou morrer afogado, no mar ou no Brazil; vou até para o inferno, como já viu que principiei.

— Jesus!... E a mana? Como ha de ser?

Vê-se claramente que o nosso namorado, apesar de não ter lido romances, nem ter visto dramas, dos que moralisam e ensinam o povo a fazer estylo, era artista e conquistador de mão cheia. Nem sequer ignorava

já o uso dos amantes de alto cothurno, que, nos casos graves, dizem sempre que vão matar-se, mas não o fazem para poupar os remorsos ás namoradas. E' notavel como a especie humana tem sempre talento para cultivar a hypocrisia e a maldade!

Rosa acabou por fazer reparo na longa conversa dos dois. Approximou-se d'elles, e não lhe foi necessario grande esforço para adivinhar, pelos rostos de ambos, que tinha perdido, em tres minutos, a praça, que tão engenhosamente havia tomado de assalto. O perfido amante, apanhado com maus versos, não ficára bem domesticado; e Anna era irmã desleal. Taes foram os pensamentos, que assaltaram a fiandeira mais velha, quando, depois de dirigir a palavra em verso ao carpinteiro, recebeu d'este a resposta em dura e crua prosa. Assim desenganada, volveu lentamente a vista para a irmã e encanou-a fixamente. Esta, não podendo supportar-lhe o olhar, baixou o rosto, córrando, e esteve a ponto de chorar, sem saber porquê. Passado pouco tempo, e vendo as outras pessoas distraídas, chegou-se a Rosa, e disse-lhe ao ouvido:

— Eu te explicarei tudo, em casa.

— Já sei de mais! E' melhor não me dizeres nada.

- Preciso declarar-te...
— Bem sei que casas com elle.
— Não foi por minha culpa que...
— Nem por minha.
— Has de perdoar-me, logo que eu te disser...
— Crês que me fizeste mal?
— Julgo que não.
— Melhor é assim.
— Olha que não lhe prometti nada; nem te enganei nunca!
— Vamos para a egreja; desejo ouvir o sermão.
— Irei para onde quizeres, comtanto que me acredites.

Estava o templo atulhado de povo, e a festa tinha começado, quando Anna, Rosa, Joaquim e José alfaiate entraram. Adiante logo do guarda-vento, esbarraram com o rancho de Manuel do Lameiro. Maria Rosmaninha achou-se ao lado de Anna. O carpinteiro, muito jubiloso, queria conversar com a sua nova namorada; porém esta, que respeitava demasiado aquelle logar, não lhe deu attenção. Rosa parecia absorta pelas ceremonias religiosas, não desviando nunca os olhos da capella-mór. Todavia, as pessoas que lhe ficavam mais proximas, notaram que ella fez movimentos de sobresalto ao

retumbar a voz do prégador pelas abobodas do templo.

O sermão correu a contento dos ouvintes. Versava sobre o apparecimento da Santa Cruz; e o orador, homem colossal e barbigudo, berrava e batia no pulpito com o punho fechado, a ponto de que todo o auditorio se dava por convencido, não só do milagre, mas até de que o herculeo milagreiro era capaz de deitar abaixo o pulpito e o templo. Quando á sua voz de trovão succedeu o silencio, Rosa Estella, que o encarava como enlevada no que lhe ouvia, teve outro estremecimento.

Só Anna sabia a causa d'esses abalos nervosos. O pensamento da irmã não estava na missa cantada, nem no sermão do discursador bombastico; prendia-se a mundanidades, que a impediam de ver e ouvir o que se estava ali passando. A voz potente do padre como que a despertou por instantes; logo, porém, se familiarizou com ella e tornou á sua preocupação. Acabado o sermão, assustou-a a mudez repentina; e caíria de novo na abstracção, se não fôra o movimento geral, que se fez na igreja, ao terminar a festa religiosa.

XI

A poesia attrae a prosa

Eram horas de jantar; e o calor convidava a procurar as sombras dos arvoredos. Cada rancho foi para seu lado; e em breve as matas e bosques circumvizinhos se povoaram de alegres romeiros e de encantadoras romeiras.

Era vistossissimo o quadro: os trajos variadissimos e de mil côres, misturavam-se com o tapete florido que cobria a terra, sob as abobodas de verdura. A população de muitas aldeias e villas achava-se ali reunida, fraternalmente, comendo sobre a relva. Numerosos carros, cada um com sua pipa de vinho, espalhados pelo immenso arraial, forneciam a materia prima... para a parte principal da romaria.

Fontes de agua deliciosa offereciam aos mais sóbrios os seus limpidos crystaes. Ao

pé do adro, tocava ruidosa philarmonica de Braga ou de Barcellos. De todos os lados se ouviam cantigas ternas e apaixonadas, casando-se com os sons das violas e das rabecas. Maria Rosmaninha gosava, desde muito, a fama de cantadora insigne. Apenas os da sua companhia acabaram de jantar, pediram-lhe os rapazes, que folgavam de ouvir-a, para que cantasse algumas cantigas.

Pedro de Laundes largou o pau no chão, poz-se em pé, encostado ao magestoso cavallo, que os defendia do sol, e afinou a rabeca.

A Rosmaninha dispunha-se já para começar a cantar, quando soou ao longe voz melancolica, entoando esta cantiga:

«Das filhas que meu pae teve
Eu fui a mais infeliz;
As minhas irmãs casaram,
Só a mim ninguem me quiz!»

Todas as moças do rancho olharam umas para as outras; e a Rosmaninha ficou muda. A voz saudosa continuou, em tom ainda mais apaixonado que da primeira vez:

«Ando triste como a noite;
Nada me alegra o sentido.
Ninguem sabe o bem que perde,
Senão depois de perdido...»

— Formosas cantigas, com os diachos!
— exclamou Manuel do Lameiro, que era de dar o seu a seu dono.— Estou capaz de jurar que é a voz de Rosa Estella; e mais nunca ouvi cantar aquella cachopa.

— E' ella.— affirmou a Rosmaninha, que tinha adivinhado outra victima do seu antigo namorado.— E' ella, de certo; e até oiço os sons da viola, que a acompanha.

Effectivamente, a cantadora sentimental era Rosa, que se approximava, com o seu rancho, do sitio em que descansavam os do Lameiro. Joaquim Bento, que tocava viola com primor, caminhava ao lado de Anna. Esta vinha silenciosa e pallida.

A' volta de um cômodo, coberto de carraqueiras, os que vinham a entrar no arraial deram de face com os que estavam sentados. O carpinteiro encarou com Maria Rosmaninha, que se fez mais vermelha do que era; e voltando-se logo para Anna Estella, cantou, acompanhando-se com a viola:

«Rosa branca, tóma côr;
Não andes tão desmaiada;
Que eu assim mesmo te quero,
Mais do que á rosa encarnada.»

Parece que o conselho foi a proposito, porque a Estella mais nova córou muito, e

afastou-se sem responder. Maria Rosmaninha, julgando-se, com razão, provocada pela trova de Joaquim, encheu-se de audácia e cantou assim:

«Não sou roseira, nem rosa,
Nem urze, nem alecrim;
Nem cara que metta medo
A quem já chorou por mim.»

O moço carpinteiro replicou logo:

«Menina do chapéu alto,
Repare bem no que diz;
Porque toda a gente sabe
Que fui eu quem a não quiz.»

Maria, sentindo-se ferida e quasi humilhada, pela insolente declaração, replicou, todavia:

«Nunca no mar faltam peixes,
Nem na terra faltam flores;
Nem no céu faltam estrellas,
Nem me hão de faltar amores.»

Pedro de Laundes, não gostando do rumo que as cantigas iam tomando, intremetteu-se a tocar rabeca. E logo que o carpin-

teiro se calou, virou-se elle para a Rosmaninha, e cantou-lhe, parando a rabecada:

«Olhos pretos matadores
Porque vos não confessaes,
Das mortes que tendes feito
Aos corações que roubaes?»

A moça acudiu ao reclamo, respondendo:

«Se os meus olhos déssem morte
Nunca nos teus os poria;
Se elles fossem roubadores,
Bem sei quem eu roubaria.»

Rosmaninha tirou o chapéu, que a affrontava, e collocou-se bem frente a frente com Pedro, na graciosissima attitude de improvisadora minhôta. O rapaz, vendo-lhe o chapéu luxuoso, aproveitou-o para assumpto da sua inspiração, cantando:

«Quem me déra ter a dita
Do chapéu que tens na mão,
Para andar sempre contigo,
Perto do teu coração.»

Joaquim fumegou como foguete de nove respostas, ouvindo cantar finezas taes ao chapéu, que, segundo era voz pública, lhe tinha custado a sua moeda de ouro. Julgou que a moça não replicaria; porém, breve

se desenganou. A cachopa, despeitada, por elle a ter desprezado, deixára em casa a timidez, e cantou corajosamente:

«Chapéu de moeda d'ouro
Ninguém o tem como eu;
Hei de amar a quem me ama,
Dar figas a quem m'o deu.»

Todas as vistas dos avelomarenses presentes se cravaram no carpinteiro. Este rugiu, como tigre mal ferido; e, atravessando o terreiro, formado pelos espectadores, foi collocar-se entre Pedro e Rosmaninha, e virando-se para a joven imprudente, cantou com insolencia e desgarro:

«Chapéu de moeda d'ouro
Aqui está quem t'o comprou;
Mas com beijos e abraços
O teu corpo m'o pagou.»

— Mentos, ladrão! Não me roubes o meu credito!— E a pobre moça suffocou-se em choro.

As violas e rabecas emmudeceram de espanto; viram-se alguns sorrisos em labios femininos, mas logo desapareceram. Pedro de Laundes ficou como assombrado pelo raio. Manuel Fernandes do Lameiro, alma grande e generosa, apesar da sua falta de

instrução, avançou resolutamente para o carpinteiro, dizendo:

— Essa moça é minha creada, e ainda minha parenta: mas que não fosse uma cousa nem outra, bastava ser mulher, para eu me pôr do lado d'ella contra quem a affrontasse sem razão. Pede-lhe perdão, Joaquim. Não se injuriam d'esse modo cachopas bem procedidas!

Estas nobres palavras eccoaram nos corações de todos. O rude camponez dava assim optima lição de brio ao presumido carpinteiro, que já tinha viajado até Lisboa e não aprendêra por lá senão o que viu de peor: a descortezia vilan e a insolencia da mentira. Envergonhado e corrido, Joaquim ia confessar o seu erro, quando Pedro de Laundes, tornado a si do espanto em que o pozera a provocação, empurrou Fernandes para o lado, e gritou, andando para o filho de Anna Benta:

— Perdôa, primo Manuel: eu não sou da tua opinião. Aos tratantes d'esta laia, costume-os tratar assim.

E quebrou a rabeca na cara do carpinteiro, mais depressa do que o diabo esfrega um ôlho.

Joaquim, com o rosto ensanguentado, largou a viola e ergueu o pau, tambem

com a rapidez do relampago. Pedro de Laundes era leve e já tinha o seu na mão, a tempo de aparar a pancada.

No mesmo instante levantou-se improvisada floresta de cacetes; e um temporal desfeito de pauladas sulcou a atmosphera. Manuel Fernandes não teve tempo senão de gritar ao mulhierio de Avelomar, que estava á vista:

— Ponham pés ao caminho, e não esperem por ninguem. Vae haver aqui o diabo!

Cuspiu nas mãos, para segurar melhor o pau, e atirou-se, com o impeto generoso dos cavallos de raça em dia de batalha, ao meio da pancadaria, tomando logar ao lado de Pedro, que só tinha por si o mestre José alfaiate, contra oito ou dez amigos de Joaquim Bento.

Ao mesmo tempo que distribuia bordoadas de cego, para todos os lados, gritava o excellente Manuel:

— Rapazes! Párem; olhem que somos todos de Avelomar, uns contra os outros! O Pedro de Laundes é meu primo; e já tem a cabeça quebrada. O' Joaquim, basta! A culpa do barulho é só tua!

Joaquim respondeu-lhe com duas pauladas magnificas.

— Ah! elle é isso! Tu é que queres? Pois bem: então, agora o verás, meu amigo!

E caminhou para o outro, de pau erguido, sem fazer caso de mais ninguém, abrindo caminho com os largos hombros, por entre a multidão. Já ia descarregar o cajado no carpinteiro, quando viu o homem alto, do milagre, correr contra este, e bradar:

— Aqui, de Laundes!

Quinze ou vinte homens, com os paus ferrados, precipitaram-se sobre os de Avelomar; e o que parecia dirigil-os teria aberto, como se fôra abobora que cae do telhado, a cabeça de Joaquim Bento, se Manuel do Lameiro não aparasse a pancada.

— Os de Avelomar todos ao meu lado!
— gritou Manuel — Foge, Pedro, que eu já não sou por ti! Agora, defendo os meus contra os teus.

Não foi preciso mais nada para pôr termo á inimizade dos avelomarenses entre si. Joaquim foi o primeiro que se poz ao lado de Manuel, e os dois sós, unindo-se costas com costas, começaram a levar diante de si a multidão de Laundes.

Estes, recuaram até em frente do adro da igreja. O povo fugiu todo; as vendedeiras de cerejas, bôlos e regueifas desampararam os taboleiros, cestos e canastras. Os pa-

dres fecharam-se na igreja, não por medo mas por decóro; as pipas de vinho ficaram á mercê dos que vencessem; porque os donos as largaram para fugir. Tudo era gritaria, balburdia, resoar de pauladas, que parecia espadellada infernal.

Chegados ás grades do adro, os de Laundes fizeram finca-pé, e gritaram uns aos outros:

— Aqui, ninguém recua mais; agora, é avançar!

E avançaram como leões. O chão estava juncado de paus quebrados e tintos de sangue; mas ainda nenhum homem tinha caído. De repente, ouviram-se toques de corneta.

— Ahi vem a tropa! Ahi vem a tropa!

Uma voz, com timbre sêcco e metallico, bradou ao longe:

— Escorvar e carregar!

Estas duas palavras produziram o efeito mais theatral que póde imaginar-se. Os combatentes desappareceram como por encanto. Em menos de vinte segundos ficou o terreiro vazio; e quando os soldados chegaram, a marche-marche, não viram senão as mulheres, que voltavam a buscar as suas canastras e cestos.

XII

Como o diabo as arma!

As auctoridades de Balazar tinham reclamado o destacamento militar, para manter a ordem e fazer a policia, durante as festas de Santa Cruz. Havia alguns mezes que o espirito público andava inquieto. A politica do governo de então irritára os animos; e o germen da revolução pairava na atmospheria do Minho. Para não excitar a bilis popular, o administrador, ou regedor, déra ordem para que a tropa se aquartelasse á entrada da terra; e foi esse o motivo que impediu a vinda immediata dos soldados, logo que principiou a pancadaria.

A ordem de escorvar e carregar fez desaparecer os paladinos, como vimos atraz; mas não se julgue mal, nem se aprecie por esse facto o animo dos filhos de Avelomar ou de Laundes. Um anno depois deram uns e outros sufficientes provas do seu valor,

adherindo á revolução da famosa Maria da Fonte, e renovando a iniciativa d'ella depois da quéda do ministerio Palmella, em outubro de 1846.

Não foi desdouro a fugida de Balazar, porque não se tratava ali de defender nenhuma prerogativa popular, nenhum direito, nenhuma liberdade pública. Antes pôde considerar-se como acto de bom senso, attendendo a que a bulha devia ter-se restringido a dois ou tres individuos, por ser um d'esses o unico e principal culpado. Os outros, passada a refrega, estimariam que os não citassem, por se terem envolvido n'ella.

Fosse como fosse, o caso é que fugiram todos, cada um por seu lado, do mesmo modo que o tinham feito as mulheres, quando elles começaram a quebrar-se mutuamente as cabeças.

Joaquim Bento atirou comsigo pela primeira azinhaga, enfiou atravez de sébes vivas de espinheiros, atravessou de salto os arroios, fojos e barrancos, e entrou na serra de Rates, em corrida desordenada, sem saber que caminho levava.

Explica-se facilmente o terror, de que o vemos possuido n'esta fuga impetuosa. Um instante de reflexão fez-lhe sentir que fôra

elle só o causador da desordem, e que, se o apanhassem, iria preso para a cadeia de Braga ou do Porto. Apesar de valente, tinha horror á prisão; e, além d'isso, que seria feito de sua mãe, velha e doente, e da qual era o unico arrimo? Na carreira que levava, ia pensando que desde certo tempo se tinha tornado mau filho; que não ajudava a mãe; que era doido, por amor das mulheres; e que o sr. padre Manuel tinha carradas de rasão para ralhar com elle e retirar-lhe a amisade e estima, que d'antes lhe votava.

— No fim de contas — dizia comsigo — eu fiz muito mal não casando com a Rosmaninha. Anna Estella é bonita... e a outra tambem não é feia... Que importa ser creada, no Lameiro? Tem muitos e muito bons arranjos!... E que de ouro! Será d'ella todo?! O irmão, que está no Brazil, talvez lhe tenha mandado muita cousa?... A Estella tem casa sua e ganha soffrivelmente, a tecer e a fiar... e... quem sabe se a Rosmaninha ainda virá a ser rica?

Hoje estava ella de fazer crear agua na bocca! E' bem boa cachopa! E gostava de mim a valer. Que tudo aquillo são ainda despeitos!... e se eu quizesse...

Com estas considerações ia afrouxando o

passo, quando a imagem de Pedro de Laundes lhe acudiu ao pensamento.

— Agora, não me queria ella! — continuou com raiva. — Tem outro... que a defendeu, ao passo que eu a injuriei... e que...

Levou as mãos ao rosto e viu que ficavam tintas de sangue. Deteve-se; e reparou em si.

Trazia ainda na mão o pau ensanguentado; e ao tiracollo o cabo da viola, com algumas escaravelhas quebradas, as cordas pendentes e o cavalete nas extremidades d'ellas. O resto desapparecêra, sob a tempestade de cacetadas e apertões. As abas da casaca tiveram igual destino, transformando esta em jaqueta. Todo o mais vestuario correspondia a isto.

— E foi por causa d'aquella!... — rugiu, furioso. — Ah!... Isto não pôde ficar assim! Toda a gente vae rir-se á minha custa, se não me vingó d'elle... dando ao mesmo tempo qualquer lição mestra á cachopa.

Diligenciou orientar-se e reconheceu que ia perdido pelas abas da serra. Como se via o mar ao longe, era facil procurar a estrada de Torrozo, evitando a de Laundes, que lhe ficava quasi na frente.

O sol começava a approximar-se do oceano.

no, onde se esconderia em breve; parecia, comtudo, ao transviado moço que antes da noite alcançaria os caminhos de Amorim. Achados elles, pouco lhe importava a ausencia da luz; estimava até poder entrar bem tarde em Avelomar para que ninguem visse o misero estado a que o tinham reduzido os ultimos acontecimentos.

Havia dado apenas meia duzia de passos mais, quando avistou uma mulher, caminhando na sua frente, a pouca distancia. O aspecto do chapéu, que ella levava na cabeça, fez bater o coração do carpinteiro.

Apressou-se e apanhou-a, ao atravessar as pedras que serviam de passagem a um ribeiro.

A mulher voltou-se, sentindo-o.

— Ella! Será Deus ou o diabo quem a põe no meu caminho?

Era com effeito Maria Rosmaninha, que tambem se perdêra, havia pouco tempo, e andava assustadissima em procura da estrada.

Reconhecendo Joaquim, a joven possuiu-se de maior terror do que se tivesse visto lobos. Porém a cara do seu antigo namorado, vista mais de perto, provocou-lhe immediatamente involuntario riso. E á medida que o ia examinando, passava-lhe o receio e ria

cada vez com melhor vontade. O pobre homem estava realmente burlesco: o nariz amarrotado; o beijo inferior partido; um olho inchadissimo; o rosto negro, e com manchas de sangue coalhado; o fato roto; e o pedaço de viola, a tiracollo, com o cavalete pendurado ás cordas!

Infelizmente, para a Rosmaninha, a ocasião era mal azada para zombarias, sobretudo feitas por ella ao seu ex-conversado.

— Achas graça ao estado em que me vês, por tua causa?— interrogou o carpinteiro, mal podendo conter a raiva.

A rapariga limpou as lagrimas do riso, respondendo:

— Por minha causa?! Só me faltava ouvir isso! Não foi o sr. Joaquim quem procurou o damno por suas mãos? Não foi vossemecê que me injuriou e me roubou o meu credito? O que me vale é que ninguem o acredita! E olhe que por sua culpa ando perdida das minhas companheiras ha bastante tempo.

Joaquim poz-se a lavar as mãos e a cara, no ribeiro, sem lhe dar resposta.

— Não sei se isto é a estrada de Torrozo ou de Laundes?

— Queres ir para Laundes?— volveu,

mais enfurecido, o filho de Anna Benta, enxugando o rosto ao lenço.— Espera ahi, que eu vou acompanhar-te.

— Não tenho lá que fazer.— replicou Maria.— O que quero é ir para Avelomar, e vossemecê faz-me favor, ensinando-me o caminho.

Joaquim chegou-se a ella; e, tomando de improviso ares conciliadores, quiz pegarlhe na mão.

— Esteja quieto. E diga se por aqui vamos bem?

O caminho, a que se referia a pergunta da joven, era solitaria estradinha, entre duas barreiras de arvoredos que a tornavam muito escura. Por dentro dos campos havia o costumado carreiro, que servia á gente de pé, quando a estrada se inundava. Esse caminho era o melhor, até de verão, por ser desaffrontado e com linda vista de pomares e vinhedos. E n'aquella occasião, principalmente, devia preferir-se, visto que o de fóra tinha ainda alguma lama. Todavia, Joaquim respondeu:

— Vamos muito bem por ahi.

E approximou-se novamente da moça.

Se algum observador podesse ver n'aquelle instante a cara de Joaquim Bento, e tivesse experiencia de como as paixões ar-

dentes se retratam nas physionomias, met-têl-o-ia immediatamente na cadeia. No rosto do carpinteiro lia-se claramente o criminoso intento que lhe agitava e revolvía o peito. Trémulo, pálido, caminhando commovimentos ora sacudidos ora hesitantes, apressava e diminuía o passo, espreitando para todos os lados, e percorria com olhar sinistro todo o corpo da graciosa camponeza, desde os pés até á cabeça. De vez em quando punha a mão sobre o coração, para comprimir-lhe os pulos desordenados; e cambaleava, como se estivesse embriagado.

A pomba innocente caminhava, sem temer o abutre, ao alcance das garras d'elle; e ia dizendo comsigo:

— Que de coisas se teem passado, depois que 'as Estellas vieram da Povoá! Joaquim nunca me deixaria, se não as visse... E eu... eu, ainda lhe quero bem... apesar de tudo... mas nunca o ha de saber!

Este monologo intimo foi brutalmente interrompido, por quem d'elle era objecto:

— Maria? Jurei, pelo céu e pelo inferno, que não te havias de rir de mim, com o de Laundes!

Proferindo estas palavras, em voz baixa e breve, impelliu-a violentamente para den-

tro de escura lapa, subjugando-a com mão de ferro.

— Acuda-me o Senhor de Balazar e a Senhora das Neves! — gritou a moça, escapando lhe e caíndo de joelhos.

— Nem Deus nem o diabo te valem agora!

— Blasfemo! — lhe gritou voz terrível, na escuridão da gruta. — Duvidas do poder divino?!

Joaquim recuou, descobrindo-se, cheio de pavor e de vergonha.

XIII

Memorias de botequim

Ha na cidade do Porto, em cima do muro, e defrontando com o mosteiro de *Corpus Christi*, de Villa Nova de Gaia, certo botequim que se tornou celebre pelas scenas de amores romanticos, dramaticos, ás vezes tragicos, e quasi sempre mais ou menos escandalosos, que ali se representaram, ha perto de vinte annos ¹.

E' o famoso botequim do Pepino.

Não houve nunca, nem tornará a haver, provavelmente, com a degeneração em que vão caíndo os costumes, outra casa como

¹ Circumstancias, que nada interessam os leitores, retardaram até agora a publicação d'esta chronica, escripta, como já se disse n'outra nota, em 1866. Hoje ignora o auctor se o famoso botequim existe ainda.

aquella foi, nos seus tempos de gloriosa memoria!

O leitor e o viajante, curiosos de monumentos archeologicos, podem, ainda hoje, ver a sala, os moveis e as pinturas, que foram testemunhas dos factos que vamos referir, e de outros muitos, e muito mais notaveis, que seria util e instructivo memorar, mas que não veem ao caso para a presente historia. Está tudo ainda nos seus logares, como então. E, comtudo, que differença espantosa, em tão breve tempo! Desappareceram os frequentadores e frequentadoras, que lhe deram renome; e com elles se foram os bons usos, a alegria, o ruido, a vida d'essa quadra feliz!

Estão lá ainda as quatro mesas, de dois palmos de largura e oito de comprimento; o mesmo espelho, oval, que viu tantas caras formosas... e tantas horrendas! tantas scenas de ternura, e tantas de desordens lubricas e sanguinolentas! Os mesmos quadros adornam as mesmas paredes, representando:

«Ordres religieuses: coutumes de femmes.

«La dernière heure d'un pécheur.

«La dernière heure d'un juste.

«O inferno.

«O purgatorio.

«O juizo final.»

E mais duas excellentes gravuras de Andran!

E' tudo o mesmo, e tudo mudou!... por que tudo envelheceu. O rio continua a correr junto ao muro; o mosteiro do *Corpus Christi*, e a rua do Rei Ramiro, ou Ramires, vêem-se ainda, da porta do botequim, na outra banda do Douro; a curva do rio limita do mesmo modo o horisonte, do lado esquerdo; para a direita, avistam-se, como antigamente, Val-de-Amores, Val-de-Piedade, e parte da aldeola de pescadores a que chamam a Furada. Tudo isto é como ha vinte annos; mas a aza do tempo e o sôpro ardente da civilisação levaram a poesia da navalhada, que então se dava e levava no botequim do Pepino. Varreram, para os leitos dos hospitaes ou para as vallas dos cemiterios, a maior parte das personagens que n'essa era famosa animavam aquelle quadro! Nem bellas, infelizes; nem poetas e romancistas, disfarçados em marujos; nem sequer marujos verdadeiros, dos que até ali tinham resistido ás nossas transformações successivas, frequentam hoje o outr'ora famoso estabelecimento.

Este seculo de prosa dá cabo de tudo.

A gente que concorre agora ao botequim do Pepino é vulgar, como nós todos, sem nenhuma circumstancia que a recomende a futuros escriptores. Toma o seu café e fuma o seu mau charuto, como quem está placidamente em sua casa; entra e sae, quando quer, de dia e de noite; e nem sequer encontra, umas vezes por outras, quem lhe dê, não diremos já duas facadas, porém, ao menos, dois bons murros, para cortar a monotonia da vida!

Oh! civilisação!... O proprio Pepino já não é pepino! Como o seu homonymo de França, passou o reino, digo, o botequim, por testamento verbal, não a outro Carlos Magno, mas ao sr. Cinoura. Cinoura! Que substituição tão grata para este seculo insipido!

N'uma noite do mez de maio de 1846, pela volta das nove horas, estava o botequim animadissimo. Algumas raparigas, tão formosas quanto desgraçadas, valsavam doidamente, com marinheiros inglezes. A uma das estreitas e compridas bancas, que então eram novas, estavam sentados tres sujeitos, que fallavam em voz baixa, observando os dançadores e bebendo meios ponches de França.

Defronte, n'outra banca proxima, estava

um capitão de navio mercante, chegado n'esse mesmo dia do Brazil, tendo á sua direita um rapaz, de fraque verde com botões amarellos, que parecia divertir-se muito com tudo quanto estava vendo. Durante a viagem, ouvira o viajante fallar por vezes no famoso botequim e pedira ao capitão que o levasse ali, na noite em que desembarcaram.

Uma rapariga, muito nova ainda, avistou o official mercante e correu para elle, exclamando:

— Olha o Adriãosinho! Quando chegaste, menino?

— Hoje.

— E quando te pôde a gente ver?

— Hum... não sei; tenho muito que fazer.

— Ingrato! Trouxeste esse filho do Brazil? Palavra de honra que é bonito rapaz! Aceita os meus parabens.

— Não é meu filho. Já te pareço tão velho? E julgas que o traria aqui commigo, se meu fosse?!

— Não te esquentes. Que idade tem, meu catitinha?

O rapaz ouvia embasbacado a volúvel moça. E quando esta o interrogou, respondeu timidamente e corando até ás orelhas:

— Vinte e cinco annos.

— E faz-se vermelho para dizer isso, Lú-lú?! Ah! ah! ah! Ora venha d'ahi valsar commigo, meu janota: ande, que eu o farei esperto.

— Não sei dançar. — volveu o passageiro, tornando-se azul.

— Põe-se este pé no ar, Néné. Depois o outro: assim, Lili. Se tu quizeres, ensino-te. Outro dia: hoje, não posso. Anda d'ahi, Adrião.

Dizendo isto, enfiou o braço no do capitão, que não esperou por segundo pedido, voando com ella, em rodopio, por entre os marujos inglezes. O viajante ficou só, e começou a sentir-se pouco á vontade. Os seus vizinhos, da mesa fronteira, riam-se abertamente, á sua custa, desde que a rapariga lhe dirigira a palavra.

— Parece que é de mim que zombam?! — notava elle, comsigo. — Acho-os assás insolentes! E estas mulheres, que... Bonitas são ellas! Muito mais do que as do Rio! Mas que descaramento, Santo Deus!

Dois novos pares precipitaram-se na sala, valsando como endemoninhados.

Os homens trajavam ambos de marujos portuguezes; porém, os individuos costumados a frequentar a casa, reconheceram-

n'os logo como intrusos, e por algum tempo os seguiram com a vista.

— Aquelles gajos não são o que parecem. — disse um dos tres que estavam na primeira mesa. — Reparem, com os diabos! Um d'elles não é de meias medidas; anda a dançar com a navalha de mola atravessada na bocca, para a ter mais á mão! ..

— E o outro?

— Tambem me não cheira. Querem vossês ver que... Ah! agora é que eu dou no vinte! A loura, que vem com o da navalha na bocca, valsou aqui, na semana passada, com certo embarcadico; e este maráu tirou-lh'a por pimpão.

— Esperem-lhe a pancada! Bem me lembro do tal, que é de faca e calhau.

Os dois pares, que tinham chamado as atenções dos tres amigos, bem como as de quantas pessoas estavam na sala, dançavam admiravelmente. As mulheres eram moças e formosas; e os homens, galantes ambos, e talvez da mesma idade que ellas. O que andava com a de cabellos louros, louro era tambem, e não devia ter mais de vinte annos. A'vido de prazeres e de sensações fortes, rico, amado, enfastiando-se da vida no regaço da ventura, foi, mais tarde, levado pelo seu genio aventureiro, e

pela sua sede de ideal, cultivar, longe da patria, a poesia e a arte dramatica, coroando-se de louros e de palmas, que, todavia, nunca o satisfizeram. O outro, trigueiro, de olhos vivos e ardentes, onde resplandecia, já a esse tempo, uma das maiores intelligencias que tem tido Portugal, orçaria por vinte e dois annos, e começava a estudar os costumes populares e as paixões humanas para as obras com que depois immortalisou o seu nome.

Serenada a curiosidade, que por momentos agitára os animos, entraram os tres homens da primeira banca a rir e a fallar em voz tão alta, que o moço que lhes ficava defronte ouvia, sem querer, tudo quanto diziam, embora não lhes prestasse attenção.

— E' boa essa! — gritava um.

— Conta lá como a coisa se passou. — pedia outro.

— Foi em Balazar . . — principiou o terceiro.

— Balazar! . . . E' perto da minha terra. — pensou o ouvinte, que até ali parecia indifferente.

E poz-se a escutar.

— Ellas eram tres, a querer-me. — continuou o narrador.

— Feliz homem! — tornou um dos amigos.

— Depois de muita pancadaria, como lhes contei já, encontrei no caminho, sózinha, a que eu tinha botado á margem.

— Bello encontro!

— Foi o que eu disse commigo. Custasse o que custasse, era preciso tirar vingança d'ella e do seu pretendente, para que não se ficassem rindo.

— E então?

— Deito-lhe a mão aos hombros, e atiro-lhe um empurrão...

— Patife!

— Oiçam o resto. Vossês não sabem como o diabo as arma.

— Que foi?

— Quando...

Não foi possivel ao escutador ouvir mais nada. Houve n'este momento grande rumor, ao fundo da sala, e viram-se brilhar facas e navalhas.

Passados instantes, tudo se accommodou; as valsas recommçaram; e os tres conversadores tambem. O rapaz viajante conservava o ouvido á escuta.

— E foi com essa que casaste?—perguntou ao narrador um dos companheiros.

— Casei com a outra...

Passou outro pedaço de historia, que não se percebeu; depois, tornou o moço recém-vindo do Brazil a ouvir dizer:

— Vi-me obrigado a acompanhá-las até Avelomar, e a pedir perdão à Maria Rosmaninha por...

Os tres começaram a rir ás gargalhadas; mas foram logo interrompidos.

A' palavra Avelomar, o desconhecido pôzera-se em pé. E quando Joaquim Bento, porque era este o chronista, concluiu a ultima phrase, viu o outro diante de si.

— O senhor vae ter a bondade de me esclarecer, ácerca de certo ponto da sua conversa, que ouvi por acaso.

— Quem é vossê? E que tem com o que eu digo?

— Talvez tenha mais do que pensa, como preciso mostrar-lhe. Peço-lhe, porém, primeiro, que me diga se era de Maria Rosmaninha, do logar de Avelomar, ao pé da Povoá, que o senhor fallava?

— Que lhe importa?—volveu Joaquim Bento, dando-se ares de grande sobranceiria.

— A sua recusa em esclarecer-me — tornou seccamente o brasileiro — confirma-me na opinião de que foi d'essa pessoa que se tratou no seu conto.

— Se o quer assim, seja.

— Muito bem: não tenho a honra de o conhecer, nem aos seus amigos; mas tenho o maior empenho em que a rapariga, de quem o senhor fallava, não seja injustamente calumniada. Ouvi-o gabar-se de coisas infames e mentirosas. Estou certo que o fez sem reflexão; é rapaz, como eu: tem a imaginação viva e quiz brilhar, diante dos seus amigos, fallando de conquistas e de torpezas, que nunca existiram. Attenderei ao sitio em que estamos: aqui bebe-se e falla-se mal, por habito; mas supponho-o homem de bem; e por isso lhe peço, que se desdiga de tudo quanto asseverou por simples fanfarrice.

— Sabe que mais? Olhe que me está aze-dando com o seu palavriado! Vá prégear a outra freguezia; senão, a coisa póde vir a ser séria.

Joaquim estava furioso, por se ver assim tratado diante dos seus dois amigos, que olhavam com admiração para o interpellante. As outras pessoas dançavam. O brasileiro metteu as mãos nos bolsos do fraque, tirou tranquillamente duas pistolas inglezas de dois tiros, e disse ao carpinteiro, com a mesma placidez e civilidade:

— Como estamos n'um logar em que se

dança de navalha atravessada na bocca, pareceu-me prudente vir tambem prevenido. Penso, todavia, que estou fallando com gente honesta. Se me engano, se o senhor é algum tratante, e se fez o que disse ha pouco, não se levanta d'ahi mais.

Dizendo isto, apontou-lhe as pistolas ao coração e curvou os dedos nos gatilhos.

XIV

Explicações do caso

Voltemos um pouco atraz, para esclarecermos melhor os factos.

Lembra-se, talvez, o leitor de que no momento de começar a pancadaria, em Balazar, Manuel do Lameiro bradou ao mulherio de Avelomar, que mettesse pés ao caminho, pois «ia haver ali o diabo».

As cachopas não esperaram segundo aviso; nem careciam d'elle; porque já iam bastante longe do terreiro da igreja, e ouviam ainda o ruido que faziam os paus, batendo uns nos outros. Enfiou cada uma pelo primeiro caminho que achou diante dos olhos; e só as irmãs fiandeiras tiveram a felicidade, rara em tal conjunctura, de se acharem reunidas, quando tomaram folego, perto da serra de Rates. Ninguém mais as seguira, na direcção que tinham levado; por isso atravessaram, tremendo de medo,

por entre os pinhaes, as altas urzes, e as giesteiras, que povoam o monte, na parte mais bravia d'elle. Apesar do sol estar ainda alto, era enorme a distancia que tinham de percorrer e temiam não chegar com dia aos caminhos conhecidos. Embora já muito cansadas, o receio de que as apanhasse a noite longe de casa, obrigou-as, logo que dobraram a cumiada, a descer de corrida para o valle de castanheiros, que circumda a serra do lado do mar. Entraram n'um caminho sombrio e arborizado, e ahi resolveram parar segunda vez um pouco, para recobrar forças.

Decorridos minutos, e quando iam pôr-se novamente a caminho, ouviram vozes; e, achando-se ao pé de uma lapa, coberta de ramarias, atiraram consigo para dentro d'ella. Momentos depois, Joaquim Bento derrubava Maria Rosmaninha, quasi sobre Rosa Estella, e a camponeza pedia auxilio ao Senhor de Balazar e á Senhora das Neves. Rosa Estella, passando de grande susto a immensa colera, fulminára o carpinteiro, assim que o reconheçera, com a accusação de blasphemo. E este, dando com os olhos nas duas irmãs, recuára, desejoso de que se abrisse o chão e o sumisse da vista d'ellas.

Rosa saiu do esconderijo; e, lançando sobre Joaquim o mais tremendo olhar de desprezo, disse á Rosmaninha:

— Bom é ter fé na Senhora das Neves, cachopa; e tambem não é mau desconfiar dos homens que conversam todas as mulheres.

Anna e Maria não deram palavra. Quanto ao carpinteiro, se já n'aquelle tempo andasse tanto em voga, até pelas aldeias, a mania do suicidio, talvez tivesse pensado em dar ao seu caso aquella solução rapida. Felizmente, para a tia Benta, não estava ainda sufficientemente vulgarizada a moderna moda de cortar o nó górdio; e, em vez de matar-se, contentou-se com roer as unhas, cravando os olhos no chão, em excellente attitude para poder servir de modelo a qualquer artista, que quizesse executar a estatua do desapontamento.

As tres raparigas pozeram-se a caminho; e, como elle as não seguia, Anna voltou-se e disse-lhe, com voz em que transparecia grande despeito e azedume:

— Apesar de vossemecê se ter mostrado indigno de andar em companhia de moças honestas, como nós, veja se nos quer deixar ir sósinhas por estes caminhos desconhecidos, onde podemos encontrar a cada passo gente da sua laia.

Joaquim còrou outra vez, fez-se branco em seguida, e quiz replicar. Porém, a voz ficou-lhe entalada na garganta; e as lagrimas, que em vão tentava reprimir, acudiram-lhe aos olhos com tamanha vehemencia que o iam suffocando.

— Oh!... Anninhas!...

Não poudes dizer mais. Agarrou no pau, que tinha caído aos pés, e partiu, como frecha despedida do arco, pela estrada fôra, caminho de Avelomar.

— Endoideceu! — exclamou Anna, que era muito compassiva. — Sr. Joaquim? O' sr. Joaquim? O pobre homem perdeu o juizo! Ora uma cousa assim! O' moço? N'aquella carreira, vae dar comsigo n'algun lameiro, ou quebrar a cabeça nas arvores!

— Que o leve a bréca! — respondeu Rosmaninha, que só agora principiava a cobrar alento, depois do enorme susto que tinha apanhado.

— Por mim, tanto se me dá como se me deu — disse Rosa.

Anna já não as ouvia: corrêra para o alto da estrada, gritando por Joaquim; e este voltára, finalmente, ao chamamento repetido da donzella.

— Venha connosco, e sirva-nos de companhia, sequer até Cadilhe.

O carpinteiro continuava a soluçar.

— Vejam o que ali vae! Agora é que lhe dá pena o mal que fez?

— Eu sou vil e covarde, Anninhas! Estava doido varrido... por querer vingar-me do Pedro de Laundes...

— Vingar-se?! — exclamou a Rosmaninha, que o ouvira.— Vingar-se do moço honrado e generoso, que punia pela innocente, a quem o senhor affrontou e injuriou, no meio de tanto povo, mentindo com o maior descaramento?! Tudo isso foi de mau homem, de quem não tem sentimentos nenhuns. E saiba que se eu lhe guardava ainda alguns restos de amisade... porque o conheço desde creança... perdi-lh'a toda, para sempre; e não lhe perdôo, ainda que viva cem annos.

— Bem fallado, cachopa.— E Rosa Estella, dizendo isto, fulminou de novo o carpinteiro com outro olhar de profundo desprezo.

— Não estejam a amargurar mais o moço, que se mostra arrependido.

— Obrigado, Anninhas.

— Peça perdão á Maria: não se diga ou pense que o seu arrependimento é fingido.

Joaquim hesitou. O choro ia-lhe passando; e esta exigencia parecia-lhe estocada

demasiado humilhante dada na sua vaidade. O orgulho aconselhava-o a que não fizesse tal; porém, o desejo de readquirir a confiança das tres donzellas, e, sobretudo, a de Anna Estella, para a qual se sentia vivamente attrahido, venceu, por fim, o seu animo basofioso.

Pedi, portanto, com acceitavel apparencia de contricção, á Rosmaninha, que lhe perdoasse, protestando que estava cego pela idéa da vingança, e que sinceramente se arrependia de tudo. Depois de muitos rogos e instancias, d'elle e de Anna, consentiu a moça em esquecer-se das injurias e affrontas recebidas, com a condição de que a covarde tentativa de violencia ficasse entre os quatro, como segredo inviolavel.

Pouparemos ao leitor os incidentes, de pouco interesse, que se deram em Avelomar, entre as personagens da minha historia, desde a romaria do Senhor de Balar, até á vespera do dia em que, após longo e fastidioso namoro, Joaquim Bento fã despozar Anna Estella.

A moça, que estava cada vez mais gentil, tinha-se affeioado deveras ao carpinheiro. Rosa, lembrada sempre da scena odiosa do caminho de Rates, nutria contra a irmã secreto resentimento, por esta ca-

sar com semelhante homem. E, todavia (singular contradicção!) se fôra ella a escolhida pelo filho de Anna Benta, dar-lhe-ia a mão sem hesitar! A' vista da indifferença, se não manifesta má vontade, com que ella acolhia o futuro cunhado, ninguém poderia imaginar tal absurdo. Foi por estas e outras parecidas, que o mais celebre dos sabios egypcios escreveu doze volumes de jeroglyphicos, para demonstrar que o coração da mulher é um aleijão, de feitiço monstruoso.

Maria Rosmaninha, sem se ter curado inteiramente da paixão com que amára Joaquim, conseguira, comtudo, occultar o seu segredo no fundo d'alma. E acceitava as homenagens de Pedro de Laundes, que estava quasi sempre em Avelomar, sob pretexto de que uns campitos, que ali tinha, careciam de maior amanho do que nos annos anteriores.

Pedro e Joaquim haviam-se reconciliado, cedendo aos empenhos generosos de Manuel do Lameiro. Porém, lá diz o rifão francez: «Caldo requentado e amigo reconciliado, que os leve o diabo!» O de Laundes não podia ver com bons olhos o homem que occupára o primeiro logar no coração da Rosmaninha; e Joaquim detestava por

systema os seus successores, ainda que estes fossem anjos.

Manuel do Lameiro, além de gaihardo e valente moço, era lavrador abastado. Na sua lavoira comprehendiam-se grandes sementeiras de linho; e era costume da casa convidar as familias mais amigas para ajudarem a ripál-o, amarrar os feixes, e ir deitál-os ao rio. Manuel tinha ainda mãe, santa creatura; outro irmão; e cinco irmãs, todas guapas moças, e já casadouras. Aos serões do Lameiro affluia sempre a flor da mocidade avelomarense de ambos os sexos, chegando a haver empenhos para se obter convite, como praticam na capital os elegantes que querem ir aos bailes da côrte.

Tirado o linho do rio, secco ao sol, e recolhido ao grande casarão das arrecadações, seguia-se logo a espadellada nocturna, trabalho destinado ás mulheres. Os homens que concorriam ao serão, faziam sógas de couro, teciam cofinhos novos, para pôr nos focinhos dos bois, quando andam a lavar, a fim de se não distrahirem com a herva; ajudavam a concertar os jugos, e occupavam-se de todos os trabalhos que se podiam fazer com luz. Ao mesmo tempo, cantava-se ao desafio, contavam-se historias, alegres ou maravilhosas; terminando sem-

pre o serão por farta ceia, da qual o prato principal era bacalhau cozido com couves; ou ruivo, com mólho fervido.

A vida do lavrador é alegre e variada, mas sem descanso. Lavrar, semear, gradar; mondar os trigos, centeios e cevadas; sachar; tirar os pendões ao milho; segar a herva para verde, os fenos, os ferrejos, e os pastos, para sêcco; ceifar, arrancar os linhos, cortar os milhos, debulhar, descamisar, malhar, cavar, podar, vindimar, fazer o vinho, o azeite... é o moto-contínuo de trabalho, sempre com os olhos no céu, ora chamando o sol, ora a chuva, ora o vento para a eira; já protestando contra um, já contra outro; lamentando que este sé-que a terra do nabal, que aquella apodreça ou leve a semente, que o pedraço (pedrisco maior) estrague os fructos, que dê a gafa nas azeitonas, o machio nos milhos, a lagarta nas batatas, a lagrima nas laranjeiras, o *oidium* nas vinhas, que a ervilhaca atrophie os trigos, que não haja comida para os gados, ou que os leve a epizootia!... Vida atroz, de lucta constante, em que, todavia, o homem se deita sempre com a consciencia tranquilla, e acorda com a alegria no coração, abençoando a Providencia!

Na vespera do casamento de Anna Es-

tella, era o primeiro dia de esfolhada de milho, em casa de Manuel Fernandes. A tia do Lameiro, que era como todos chamavam á mãe do nosso lavrador, andava adoentada; fizeram-se por isso poucos convites. Comtudo, esperava-se a maior parte dos frequentadores; e os creados e creadas andavam n'uma dobadoira, a acarretar milho da eira para o grande alpendre, contiguo ao quinteiro.

— O' moças: vós ides ter a noite pouco divertida — dizia Manuel Fernandes, pregando um prégio na parede, para pendurar a grande lanterna do serão. — Parece-me que a mãe está peor da cabeça, e que não poderá ouvir cantar.

— Paciencia — respondeu a mais nova das irmãs que trabalhava como um homem, e tinha força por dois. — Paciencia: melhora-a Deus, que é o que a gente precisa. Tempo para cantar, não faltará depois.

— Quer que accenda? — perguntou Maria Rosmaninha.

— Accende. O luar ha de ser como dia; mas, cá em casa, não quero desfolhadas sem candeia, como usa por ahí alguma gente, contra vontade do senhor padre Manuel.

— Não, que se quizesse, tambem eu não ia a ellas.

— Sim?! — perguntou Manuel, fitando a vista na Rosmaninha, com ar duvidoso.

Esta baixou os olhos e còrou.

Porque seria a interrogação de Fernandes? Era elle, como já vimos em Balazar, homem de alma generosa e franca; e, contudo, aquella pergunta parecia uma affronta á sua creada. A rasão é simples: chegáralhe aos ouvidos, ainda que desfigurada, a noticia da tentativa de Joaquim Bento contra Maria. Apesar dos juramentos feitos pelo carpinteiro, e pelas Estellas, o caso soou em Avelomar, constando a Manuel que a sua moça fôra encontrada pelas fiandeiras, dentro da lapa, com Joaquim. Fernandes, que se recordava perfeitamente dos successos de Balazar, sustentou publicamente a innocencia da moça; mas, tantas vezes e a tantas pessoas ouviu affirmar o contrario, que principiou a sentir vacillar as suas crenças. Apesar de terem sido sempre até ali purissimos os costumes da aldeia, reflectia o rapaz que a Rosmaninha amára demasiado o filho de Anna Benta; e suspendeu o seu juizo, até descobrir a verdade.

Bem vontade tinha a cachopa de perguntar o que queria dizer aquelle «Sim?!» do seu patrão; mas impediu-lh'o a vergonha, e a presença da gente que vinha chegando.

—Alguna cousa lhe disseram de mim — pensou ella. — Manuel é moço capaz; aquelle «sim?!» tem agua no bico.

E com estes pensamentos se foi entristecendo a tal ponto, que, quando começou a desfolhada, sentou-se a um canto, sem dar palavra, desmentindo com o seu aspecto sorumbatico os que lhe tinham posto a graciosa alcunha de «cotovia da casa».

A tristeza da creada, que era como da familia, malevolamente interpretada por alguns, e a noticia de estar mais doente a tia do Lameiro, imprimiram no começo do serão certo ar de melancolia, impropria de taes reuniões. Manuel e as irmãs tentavam alegrar as visitas; mas as palavras saíam-lhes frias e forçadas, produzindo effeito contrario ao que elles desejavam.

Havia meia hora que todos trabalhavam em silencio, ouvindo-se apenas o rasgar das camisas do milho e o bater das espigas descamisadas, que se atiravam ao chão da eira, quando entrou Joaquim Bento, com a viola debaixo do braço, em companhia das irmãs Estellas.

— Não reparem na viola: eu bem sei que se trata aqui de trabalhar e não de tocar; mas careço d'ella, na retirada, para alegrar o caminho a estas cachopas.

— Se quizeres tocar, toca. Isto não vae a matar. Até estimaria muito que me deitasses algum contentamento por entre esta gente, que está toda triste como a morte.

— O' Manuel, socêga, que aonde eu chego, acabam-se as tristezas.

E o presumido carpinteiro, pondo a viola de parte, principiou a esfolhar milho, distribuindo ao mesmo tempo para um e outro lado as suas graças, que todavia não faziam rir ninguem. Meio despeitado pela indiferença com que a maioria dos seroeiros o acolhia, poz-se a dizer finezas á sua futura, e tambem a Rosa Estella, que parecia achar-se de muito mau humor.

O mestre José Carreira, que tambem era da festa, e estava singularmente folgasão com a sr.^a Joanna, apesar de ter já os seus dois quartilhos no buxo, interpellou Maria Rosmaninha.

— O' Cotoviasinha? Estás ahi tão calada! Que maleitas te deram, cachopa? Já não ris, não cantas, não folgas, nem sequer fallas!

Todos se voltaram para a moça; e os olhos de Joaquim Bento encontraram-se com os d'ella, por acaso.

— A gente nem sempre está para folganças. Bem deve saber que tenho a mi-

nha ama doente. Ella não pôde ouvir cantar.

— Ah!.... isso agora é outro caso.
E calaram-se todos novamente.

XV

Rouxinoes de varia especie

Ao norte da casa de Manuel Fernandes passa a extensa valla ou levada, que dá agua ás azenhas da Torre. As suas margens são, em grande parte, arborisadas e cobertas de um tapete sempre verde. De frente do muro do quintal, a distancia de tiro de chumbo, cresceram dois freixos, no leito da torrente, onde os gados não podiam chegar-lhe á rama, e os deixaram por isso fazer-se arvores frondosas. Era ahi que durante as mais bellas noites do anno, desde o inverno até o outomno, estabeleciam sua residencia favorita os rouxinoes. Gostavam as avesinhas de cantar n'aquelle sitio, mais do que em qualquer outro, porque as aguas passavam ali, tambem cantando por entre os seixos limosos, em que os rouxinoes se compraziam de ir pousar para beber.

Momentos depois do curto dialogo de José Carreira com Maria, o ruído produzido pelo rasgar das camisas do milho, com os prégos ou paus aguçados, foi de repente cortado com preludios deliciosos, que partiam de entre as ramarias dos vizinhos freixos.

—O rouxinol ainda canta! — exclamou alguém, com admiração. — Já não é tempo.

—Aqui, canta quasi todo o anno. Escutem.

Passados poucos instantes, o cantor da levada ergueu a voz, com terna suavidade e com tanto sentimento que o denunciavam como o maior dos talentos que jámais se balouçaram em ramos de amieiros, de freixos ou de salgueiros. Estava a noite serena e esplendida de claridade: o cheiro dos goivos e maravilhas, que orlavam a rua da horta, desde o poço até á eira, perfumavam o ambiente, e tornavam mais grata a sensação que a voz do poeta nocturno imprimia na alma dos ouvintes. O trabalho fazia-se com menos ardor; atiravam-se com mais cautela as espigas para a eira; e ninguém ousava dizer palavra, com receio de interromper o canto da ave inspirada. Apesar de não terem o espirito cultivado, todos os que ali estavam pareciam, como a

maioria dos povos do Minho, susceptíveis de amar e comprehender a poesia. Ninguém queria perder uma só nota, das que vibrava em seu throno verdejante o filho melodioso do amor e da musica. Decorridos minutos, ouviram-se, muito ao longe, vozes de outros rouxinoes, que, provavelmente, respondiam aos queixumes e cantares d'este. Era como um tenor acompanhado por côros, que lembrariam a qualquer frequentador de opera moderna o *Addio e Miserere* do quarto acto do *Trovatore*, ainda não escripto a esse tempo.

No meio d'estas harmonias augustas, em que innocentes passarinhos faziam repercutir com os eccos de seus cantos as vozes solemnes da natureza, ninguém reparava que o serão ia adiantado, e que se tinha passado quasi todo sem conversação.

De repente, ladraram os cães, calaram-se os rouxinoes, e um homem, saltando por cima do muro para dentro da eira, caminhou para o telheiro, dizendo ainda de longe:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.

— Para sempre — responderam todos.

O recémchegado era Pedro de Laundes. Ao entrar, encarou com Joaquim Bento, e,

logo em seguida, procurou com a vista Maria Rosmaninha. Esta sorriu-se, encontrando o seu olhar. Pedro, em vez de corresponder a essa demonstração affavel, voltou-lhe as costas, e encetou conversação com Rosa Estella.

Foi uma punhalada terrivel, no peito da joven camponeza.

— Que haverá? — pensou ella. — Já o Manuel Fernandes me olhou e fallou d'aquelle modo; e agora o Pedro! Aqui anda intriga. Querem ver que... nada; não póde ser...

— Vens a estas horas, rapaz?! Já não te esperava.

— Pois, olha, Manuel: tambem eu estive para não vir. E' longe como a fortuna! O que valeu, foi terem-me dito que ámanhã ha de haver festa cá na terra; e eu, como o outro que diz, gôsto de ver o que é bom.

Dizendo isto, o de Laundes olhou para Anna Estella, e procurou logar para sentar-se, de modo que esta lhe ficasse de frente.

Joaquim, notando essa circumstancia, fez-se logo pallido.

O fraco do carpinteiro era o ciume. E, ainda que o não tivesse, conservava fresca a memoria da rabeca partida na cara; e não ignorava que Pedro, apesar das apparen-

cias, sempre teria mais vontade de lhe dar duas pauladas do que bolachos de pão mollete.

— Que diabo vem elle cá fazer a estas horas, e a que festa de amanhã se refere, se não é á do meu casamento? Esperará que o convide? E pranta-se-me diante de Anninhas! Ella não faz caso d'elle; comtudo... não me fio em mulheres.

Depois d'estas reflexões, assentou Joaquim Bento que não lhe convinha dar-se por achado, embora ficasse em guarda, para o que dêsse e viesse.

— Com que então, ha por cá novidades grandes, hein?— insistiu Pedro.

— Não sabemos nada — respondeu Manuel, encarando seu primo de Laundes.— De tal qualidade são ellas, que já lá te chegaram!

— Não, que as boas correm tão depressa como as ruins. Imagina tu que havia ahi rapaz, que gostava de uma cachopa a valer...

— Cá da terra?— perguntou mestre José Carreira.

— D'onde elles são, pouco faz ao caso. O moço estava quasi resolvido a casar com a dita sujeita... vae senão quando...

— Que foi? que foi? — interrogaram muitas vozes.

—Vae senão quando —proseguiu tranquillamente Pedro — chega-lhe aos ouvidos a noticia de que a sua conversada estivera sósinha, aqui ha tempos, com outro individuo...

Um gesto supplicante de Anna Estella suspendeu o fio da narração. Pedro calára-se, pasmado, enquanto as vistas de todos os mais se fitavam n'elle, á espera da conclusão.

— Venha o resto — gritou José Carreira.

— E' melhor parar ali — observou, sempre generoso, o dono da casa.

Joaquim Bento estava sobre brazas, e nem sequer ousava erguer os olhos, suspeitando que a historia de que se tratava, era, provavelmente, a sua e da Rosmaninha, e que se sabia, talvez, por elle a ter contado, apesar do juramento que dera de guardar segredo inviolavel.

Maria não acertava a metter o prégo nas espigas: tal era a confusão e terror que a dominavam!

Rosa Estella observava com olhar de lynce, ora a irmã, ora Joaquim, esforçando-se por adivinhar qual dos dois fôra o divulgador do caso. Teria sido o amante despeitado ou a rival ciosa quem brandiu

a arma terrível, que feria de morte a reputação da victima innocente?

Pedro encarava Anna com o mesmo espanto, como perguntando-lhe que interesse podia ter em impedir a continuação da sua narrativa.

— Contaram-me que fôra ella quem os apanhou juntos... Se é verdade, porque poupará a rival?!

José Carreira começou a sorrir-se e a rosnar, sem que a sr.^a Joanna podesse ter mão n'elle.

— Ora! historias. Isso é velho. Já toda a gente sabe que a coisa foi com o maganão do Joaquim Bento.

— Commigo?!— gaguejou o carpinteiro.
— O' mestre Zé, não diga asneiras.

Rosmaninha largára a espiga que tinha na mão, ouvindo Carreira, e estava prestes a perder os sentidos. As mulheres que já sabiam vagamente do acontecido, cochichavam entre si, rindo maliciosamente; e as que não sabiam nada, começaram logo a ser minuciosamente informadas, de ouvido para ouvido.

José Carreira tivera conhecimento de que Joaquim fôra o heroe; mas ignorava o nome da heroína. Desejando pagar ao filho de Anna Benta a divida do banho, no rio

das Cannas, certamente o não faria se suspeitasse que da sua vingança resultava o descredito de uma pobre donzella. Diga-se, por honra do velho rabequista, que o seu coração ainda não estava inteiramente convertido em sarro de vinho.

— Historias, Joanna; historias. O Joaquim é levadinho do demo.

— Que te importa a vida alheia, José?— respondeu a sr.^a Joanna, batendo-lhe com uma espiga nos nós dos dedos da mão que lhe ficava mais a geito.

— Irra, menina! Não me faças ver as estrellas ao meio dia! Meio dia, é modo de fallar. Bem sei que é noite. Cautela com esses carinhos, porque os acho duros de mais. Ora, aqui para nós, o Joaquim. . .

— O Joaquim não se mette contigo. Bem sabes que elle vae casar ámanhã, e que portanto acaba as rapaziadas todas.

— Sim; bem sei: e a coisa podia até ter sido com a prima Anninhas.

— Pois foi com ella; cala a bocca.

— Ah! elle foi com a Anninhas que o cachorro. . .

— Commigo!— exclamou Anna, indignada.

— Pois que dúvida tem?! E que te importa isso?— berrou José.— Não casas com elle ámanhã?

— Caso, mas...

— Então, caluda, minha pequerrucha. Ponha-se ponto na historia, por amor da minha Joanna... e das minhas costellas. — acrescentou, mais baixo, reconhecendo que lhe ia passando o vinho, que era a sua força.

— E' melhor, é melhor — apoiou o dono da casa, secundado por mais alguns rapazes generosos.

Todos se calaram. Manuel ia dar ordem á Rosmaninha, para que fosse tirar a ceia, quando a moça, que tinha tomado uma resolução violenta, se levantou do seu lugar, foi ao meio do circulo, e disse, com voz firme:

— Não te afflijas, Anna Estella: estou eu aqui, para impedir que se accuse outra innocente. Já me calunham a mim, e é bastante. Todos sabem que não foste tu a mulher que o teu infame noivo quiz violentar.

A's primeiras palavras da camponeza, todas as vistas se fitaram n'ella. Joaquim, tendo o vago presentimento do triste papel que lhe ia ser dado, encostou-se para traz, cobrindo-se com a sombra do pilar de pedra, que tinha na frente.

Pedro de Laundes, que, como já vimos, tinha vindo ao serão com o cruel proposito

de se vingar da Rosmaninha, julgando-se ludibriado por ella, perguntou-lhe ironicamente:

— Quem foi, então?

— Eu.

— E' falso — exclamou Anna. — Não a acreditem: a cachopa tem muita alma, e, vendo-me envergonhada, quiz dizer aquillo, para me salvar. Mas não foi assim.

Pedro começou a suppor que calunniavam Maria; e arrependeu-se da precipitação com que a condemnára.

— Duas a porfiarem contra si! — reflectia o rapaz. — A Estella não o faz por amizade á Rosmaninha... Diacho de embrulhada! Só se foi com ambas!

Manuel do Lameiro interrompeu-lhe o soliloquio, dizendo em voz alta e grave:

— Rapazes e moças: o que eu entendo é que uma d'estas cachopas foi vilmente afrontada e que precisa de reparação. Se o homem que a deve lh'a não dêr, é indigno de tornar a entrar em casa de gente capaz, e de ter amizade com pessoas honradas. Eu cá serei o primeiro a fechar-lhe a porta.

— E eu do mesmo modo.

— Tambem eu.

— Dê a satisfação, ou ponha-se fóra!

— Rua!

— Falla, homem! Não ouves que te chamam a terreiro, para que pagues o que deves?— gritou o mestre José Carreira.— Olha que a cousa é contigo.

Joaquim ergueu-se, cravando os olhos em Maria Rosmaninha. A cachopa sentiu vergar as pernas e sentou-se sobre um cesto de espigas.

— Vae casar commigo — pensou ella.

Anna, que observava o carpinteiro, ia novamente sentar-se, quando a irmã, que tudo tinha visto, se levantou, dizendo-lhe a meia voz:

— Vamos embora. Escapas a tempo da desgraça que te ameaçava.

Ninguém ouviu estas palavras, porque todas as attensões se fixavam na Rosmaninha e no filho de Anna Benta. Este, porém, notára os movimentos das irmãs fiandeiras, e encaminhando-se para Anna, disse, tomando-a pela mão:

— A moça a quem offendi, n'um impeto de loucura, foi esta. Bem sabem que amanhã, se Deus quizer, serei seu marido. Boas noites.

E saíu com as duas irmãs.

Quando, passado o primeiro momento de assombro, todos se voltaram, para verem com que cara ficaria a Rosmaninha, já ella

tinha ido tratar da ceia, e ninguém lhe viu a grossa lagrima, que só teve por testemunha a ponta do avental, com que a enxugára.

— Vamos ceiar — convidou Manuel.

E, ao tempo que se sentavam á mesa, ouviram ao longe sons de viola, e uma voz, cantando:

Oh! luar da meia noite
Tu és o meu inimigo,
Que a porta dos meus amores
Eu não posso entrar contigo.

Era Joaquim Bento, que acompanhava a sua noiva.

XVI

Luas de mel e de fel

As bôdas de Anna Estella e Joaquim Bento deram brado em toda a freguezia de Amorim, que é das maiores do Minho. As duas irmãs gastaram rasgadamente as suas economias; e Joaquim ficou empenhado, para dois annos, pelo menos. Em compensação, tiveram o gosto de ver gente da villa dançar contradanças em sua casa. Contradanças, em Avelomar, na rua da Fonte das Cannas, em casa de Anna Estella!? Fazem lá idéa do que isto é! Nunca se tinha visto, nem, provavelmente, se verá jámais, na vida da geração actual, facto semelhante. Os convidados avelomarenses olhavam, pasmados, para os movimentos graves, cadenciados, quasi solemnes, dos dançadores; e ouviam com visivel inquietação as palavras semi-militares com que um estanqueiro da

Povoa, que tinha estado no Brazil, mas não perdêra o fallar minhôto, marcava as contradanças, estropiando atrozmente a lingua franceza :

— *Anna bante! Anna Arrieira! Chaballierabeque Sadama! Lé Zôtre! Anna bante Deus! Chacan assa pêlace!* — berrava o marcador.

As aldeãs sentiam-se constrangidas, por não entenderem a lingua do sabio estanqueiro, nem a dança dos illustres poveiros; e os rapazes da terra, acanhados como ellas, ardiam em desejos de varrer a pau os dançadores intrusos. Cada vez que o mestre abazileirado soltava alguma das suas phrases, os avelomarenses olhavam uns para os outros, primeiro com hesitação, depois, enfatiados, e por fim dizendo-se com a vista:

— Vamos a elles!

Deve acrescentar-se, que assim como o marcador assassinava a lingua, os seus pretenciosos patricios assassinavam a contradança. Confundiam-se, embrulhavam-se, pizavam-se, e, quando qualquer callo mais assanhado era colhido debaixo de alguma bota de sola atamancada, ouviã-se monosyllabos capazes de fazer tremer esquadões, com cavallos e tudo.

N'um d'esses momentos de maior balburdia, uma rapariga, linheira, da Povia, redonda como barril, errou a figura que devia marcar, recuou, apanhando pelo travez o filho de um salchicheiro, que foi bater contra o marcador, e este grunhiu furioso:

— Besta! *Croazé! Croazé!*

O salchicheiro, que aprendia francez com um marujo mercante, que fôra duas vezes ao Havre, cuidou que era a elle que se dirigia o estanqueiro, e fez *en avant*; a linheira quiz cruzar ao mesmo tempo, e os dois deram tão forte cabeçada um no outro, que foram ambos ao chão. O mestre José Carreira, que tocava rabeca, recordando-se dos seus tempos, e que ajudava a atrapalhar a contradança, em consequencia das enormes dóses de vinho maduro que tinha emborcado, gritou, batendo com o arco na cabeça do seu vizinho mais proximo, que tocava viola:

— Irra, cavalgadura! Entre a tempo!

— Vá para o diabo que o carregue!— respondeu o outro, correspondendo-lhe, a murro.— Vossê é que não toca direito, porque já está como um cacho!

— Accommodem-se! *Boyons! Valancé!*

— Este borrachão quebrou-me a cabeça!

— Eu?! cheguei-lhe? Desculpará, compadre Arteiro. Enganei-me. Foi o burro da requinta que saltou dois compassos!

— Saltei uma figa que o atravesse! Camello! Vossê sabe lá musica?!

— Não sei? Ora toque lá isto, se é capaz!

E José Carreira, sem fazer caso dos outros instrumentos, que tocavam contradanças, rompeu com a Chula minhôta.

— *Pormenada! Séfiri la contradança!* — gritou o estanqueiro.

— A Chula! — exclamaram algumas vozes.

— Sim, sim! Queremos a Chula! — apoiaram as moças.

— A Chula, a Ramada Alta, ou a Canna Verde. Venham danças que se entendam: alegres, como nós, como este dia; e fallemos a lingua da nossa terra. Quem quizer que vá para fóra barregar essas coisas, que ninguém sabe o que dizem. Cá por mim, não gosto que se me prantem, em festas de casamento, a fazer mesuras de missa cantada, em passo de procissão do cerco.

— Bem fallado, Manuel Rabaldes! — respondeu Joaquim, que apesar de ter ido já até Lisboa, preferia as danças que sabia bem ás que não sabia bem nem mal.

Que lição, para tantos dos nossos gran-

des homens, que não fazem o que sabem bem, e andam sempre a querer fazer o que não sabem bem nem mal! Aquelle Joaquim Bento, era, sem se sentir, homem de se lhe tirar o chapéu!

As danças e as cantigas populares, os bons ditos, que inspirou a alegria de que se possuiram os avelomarenses, mal se acabou a contradança, deram ao baile de Joaquim a sua verdadeira feição portugueza.

Por cumulo de ventura, o senhor padre Manuel veio, á noite, tomar parte na conversação dos que não dançavam, honra que Joaquim e Anna tomaram como promessa de felicidade. Diga-se, porém, a verdade toda: não foi por fazer favor aos noivos que o excellento cura os visitou. O seu fim era, simplesmente, zelar os bons costumes da aldeia, e impedir, indirectamente, que a festa se alongasse pela noite adiante; porque as raparigas, e até os rapazes, não se atreveriam a abusar da licença dos paes, em presença do velho padre. Todavia, a festa acabou tarde bastante, para os usos da terra. E, quando todos se despediram dos noivos, apenas uma pessoa saiu descontente. Foi a sr.^a Joanna Carreira, que teve de deixar o marido, a dormir, debaixo da banca, abraçado á rabeca. Por maiores

diligencias que se fizeram para o tirar d'ali, ninguém o conseguiu, porque o mestre atirava coices, como se quizesse imitar mulos manhosos.

A lua de mel passou rapida para Anna Estella. Joaquim era melhor para namorado do que para marido. E devemos lembrar-nos dos seus calculos interesseiros, quando começou a cortejar a fiandeira. Uma casa, por peor que seja, custa sempre bastante dinheiro; e as duas irmãs eram proprietarias. Constára tambem que ganhavam muito com o seu trabalho de fiar e tecer; e o carpinteiro nem sempre tinha com que pagar o aluguel da casinha em que morava a tia Benta.

Durante os primeiros tempos de casado, não pensou Joaquim em trabalhar. Não tendo elle nem as moças reservado nenhum dinheiro para custeio das despezas diarias, principiou logo a azedar-se a existencia dos tres. Anna passava os dias a tecer e as noites a fiar, para que a fome lhes não batesse á porta. E Rosa ajudava-a de mau humor, dizendo por entre dentes que a irmã tinha feito fortuna, casando com quem lhes viera dar cabo do pouco que tinham.

Joaquim, desilludido dos grandes ganhos que imaginára, e naturalmente preguiçoso,

tambem intimamente dava ao diabo a idéa de se ter casado. Por cumulo de desdita, a tia Benta, que era pobrissima, todos os dias tomava parte no jantar dos tres. Ao cabo de uma semana, foi indo mais cedo, para participar igualmente do almoço; depois, demorava-se até horas de ceia; e, n'um bello dia, installou-se definitivamente em casa das Estellas, pretextando que o senhorio a pozera fóra d'aquella em que habitára, porque Joaquim lhe não pagava a renda.

Rosa tinha dó da velha; mas não gostou, e fez algumas observações desagradaveis ao cunhado ocioso. Este, zangou-se, ralhou muito, ameaçando Anna de que iria para o Brazil, por não poder supportar a irmã. As tres mulheres choraram... e a tia Benta ficou em casa. Joaquim confessou que tinha obrigação de sustentar a mãe e a mulher; e no dia seguinte partiu para o Porto, no intuito de procurar trabalho nos estaleiros do Oiro.

Por espaço de alguns mezes levou religiosamente a fêria toda, ao sabbado, para casa. Mais tarde cessou essa regularidade: apenas entregava metade á mulher, asseverando que haviam baixado os salarios; e, por fim, deixou de ir semanalmente á ter-

ra, apparecendo ali de corrida, uns mezes por outros, sem dar cinco réis á familia, e mandando-lhe dizer, quando não ía, que trabalhava domingos e dias santos, para poder indireitar a sua vida. Cada vez que Anna lhe perguntava pelo resultado de tantos esforços, fazia alaridos infernaes, protestando que não tinha que lhe dar contas, que não casára para ter quem lhe administrasse o que ganhava, etc., etc. E se a triste, depois de muito chorar, conseguia abrandá-lo, dava-lhe então por desculpa que a comida era muito cara na cidade, que lhe levava tudo; que tinha de andar aceiado, para que os collegas o não desprezassem; e que as mais das vezes nem lhe ficava com que comprar cigarros.

A infeliz moça, que sinceramente o amava, acreditava-o, compadecia-se de ouvil-o, e ainda lhe dava, ás escondidas de Rosa, alguma moeda de doze vintens, fructo do seu rude labor!

Tal era a vida que levava o filho de Anna Benta, quando o encontrámos e deixámos no botequim do Pepino, onde vamos novamente conduzir os leitores.

XVII

Mais pepinada

Apenas Joaquim Bento viu as pistolas, apontadas para si, e o brasileiro prestes a desfechá-las, occorreu-lhe instantaneamente que ainda não tinha trinta annos, e que era tolice deixar-se matar, sem saber bem porquê.

— Homem — disse elle: — o senhor vae logo ás do cabo! Eu não sou nenhum fracalhão... comtudo, peço-lhe que volte para lá esses canudinhos, se quer que nos entendamos.

— Desdiga-se! — tornou imperiosamente o outro, sem tirar os dedos dos gatilhos.

— Póde ser que me resolva. Lembro-lhe, porém, que, se desfecha os instrumentos, a cachopa em questão nem por isso ficará mais honrada.

— Falle. — replicou o brasileiro, afastando as armas. — O seu argumento é exacto. Mas advirta que tambem estes não falham.

E tornou a mostrar-lhe as temiveis pistolas.

— Pois, senhor: lá desdizer-me, não sei se devo fazê-lo, visto que as cousas se passaram...

Joaquim parou, mastigando em sêcco, perante os gestos do seu interlocutor, que lhe fazia outra vez pontaria.

— Espere! —olveu o carpinteiro. — Que diabo de chalaça! Se eu soubesse quem o senhor é, e porque motivo embirrou com a minha historia, talvez que...

— Sou irmão de Maria Rosmaninha.

— Ah!... O senhor... tu és o Domingos, que foi pequenino para o Rio de Janeiro?

— Exactamente.

O carpinteiro abysmou-se em reflexões que lhe cortaram a falla por alguns momentos. Mirava Domingos, dos pés até á cabeça, e custava-lhe a crer o que via. Aquelle elegante, de botas de polimento, fraque verde, com botões amarellos, corrente de oiro no relógio, e chapéu de seda, lustroso como espelho, era irmão da Rosmaninha! Vinha, sem dúvida, rico do Brazil; ia tornar a familia abastada; e Joaquim, que teria podido chamar-lhe agora seu cunhado, seu irmão, participar da sua ri-

queza, e andar com elle de carruagem, cá-sára-se com uma pobre linheira! Oh! decepção! Oh! raiva!

Taes eram os pensamentos do carpinteiro calculista, que aggravariam por muito tempo ainda a dôr do seu arrependimento, por ter desposado Anna, se o brasileiro, impaciente, o não chamasse para o verdadeiro terreno.

— Estou esperando a sua retractação.

— Perdõe; perdôa... porque, emfim, nós somos da mesma terra, e eu andei contigo na escola, em pequeno. Portanto, has de dar-me licença que te trate por tu.

— Conforme o seu procedimento. Não costumo recusar a minha amisade aos que são dignos d'ella. Antes, porém, de entrarmos em familiaridades, convem que eu saiba se é verdadeira a infamia de que se gabou ha pouco.

— Ah! sim... — gaguejou o carpinteiro, atropalhado. — Eu tinha o diabo no corpo. Palavra de honra, que tinha! E se ainda houvesse frades, ter-me-ia feito benzer, depois; porém, o nosso padre Manuel não crê em benzeduras; e até as prohihe. Sempre é um homem, aquelle! Tu verás... não te esquentes; lá vou á historia toda.

E Joaquim referiu os successos occorri-

dos, desde o começo dos seus amores com a Rosmaninha até ao rompimento, no campo dos do Lameiro; acrescentando, porém, que cortára as relações por ciumes que tivera de Pedro de Laundes, que ainda a esse tempo não conhecia a moça, como o leitor sabe; mas o carpinteiro tratava de justificar-se, perante um irmão que voltava rico do Brazil.

— Ainda hoje — exclamava o patife: — ainda hoje, que por meus peccados estou casado com outra, sinto que amor verdadeiro só o tive uma vez, que o tenho ainda, e que só por morte acabará comigo.

Esta tirada havia elle decorado de um mau drama, que vira representar no Porto; porém, Domingos, apesar da instrucção que adquirira com as leituras de romances, era insensível ao estylo sentimental, e gritou-lhe, visivelmente aborrecido:

— A historia de Balazar! Venha a historia de Balazar!

— Já lá vamos, homem; tem paciencia: preciso reunir todas as idéas d'esta desgraça. Desgraça lhe chamo eu?! Sim, desgraça, porque a minha felicidade estava em ter casado com Maria... Foi ella que não me quiz.

Eram ainda reminiscencias da tal peça, que lhe andavam a sair ao caminho das suas aventuras. Joaquim tinha, como ninguem, a arte de ser massador, quando se queria tornar agradavel; e, na presente occasião, era-o ainda mais que de ordinario, por estar entalado nos acontecimentos que narrava. Todavia, a sua viagem até Lisboa auxiliou-o maravilhosamente, ensinando-o a servir-se com habilidade dos systemas de velhacaria, usados em politica. Durante a sua estada na capital, dera-se por vezes ao incrível divertimento de ir ouvir discursos, nas camaras, e saíra d'essas distracções com todas as tendencias dos mais perfidos estafadores da paciencia humana. Apesar da sua ignorancia, podia ser tão elegivel, pela sua provincia, como qualquer outro. Vira, nas côrtes, alguns mais asnos do que elle, com menos vocação politica, e que, talvez, nem sequer tivessem prestimo para carpinteiros. O que faltava a Joaquim era apenas a idéa de querer ser deputado, e governos, assaz necessitados de votos, para lhe protegerem a candidatura, apresentando-o como engenheiro constructor naval. Só os inimigos politicos lhe chamariam carpinteiro; todos os mais o roeriam, com a mesma boa fé com que n'este santo paiz se

acceitam todos os sabios, quando são decretados officialmente.

Seguiu, pois, n'esta conjunctura, o uso dos grandes estadistas, que, de cada vez que querem impingir alguma medida, difficil de engulir pelas maiorias parlamentares, falam tres dias a fio, esgotam a paciencia dos ouvintes, e quando, ao cabo da sessão prorogada, vêem todos a cair de aborrecimento e de fome, propõem a lei, que é votada sem discussão, porque os estomagos estão lembrando ás mais robustas intelligencias a possibilidade de se esturrar o jantar, já requentado. No caso presente, tratava-se de contar a parte pouco lisonjeira dos acontecimentos, sem provocar a ira do adversario. O habil carpinteiro, depois de o moer com prolixidades inuteis, alterando a verdade, quando isso lhe convinha, e lançando sobre Pedro de Laundes e os do partido contrario todas as culpas, saiu-se menos mal da entaladella. O seu tacto politico valeu-lhe até certa indulgencia da parte de Domingos, logo que a narrativa, assaz fastidiosa, terminou do seguinte modo:

— Eu estava cada vez mais apaixonado por Maria; vendo-me só com ella, em logar ermo, entendi que o unico meio de a obrigar a casar commigo era a violencia.

Bem sei que seguia mau rumo; porém, já te declarei que estava doido; doido varrido.

— Pois eu — disse Domingos: — nunca me casaria com mulher que não gostasse de mim, quanto mais querê-la á força!...

— Homem, se eu tinha provas de que não lhe era indiferente! Foram tudo despeitos, ciumes miseráveis, que por fim me deram também na cabeça, fazendo-me casar com outra cachopa, bonita, sim, porém da qual eu não gostava tanto.

— E' casado?!

— Casado?! Sou escravo da fatalidade! Estou preso ao cêpo, que me separou para sempre de Maria.

Joaquim tentou derramar lagrimas, e não conseguiu senão distillar alguns pingos de aguardente de França, convertidos em suor, e que inspiraram mediocre sympathia ao brasileiro. Os ouvintes, amigos do arrependido esposo de Anna Estella, e seguidores dos seus bons costumes, diziam lá com os seus botões, que tudo aquillo era mentira, e que o cachorro fizera das suas; mas que era de rigor encobrir o negocio ao irmão.

Domingos Rosmaninho tornou-se pensativo, depois de ouvir o carpinteiro. Evidentemente não se achava á vontade com a

companhia d'este, e ia levantar-se para se subtrahir ao copo de *grog* de França, que Joaquim lhe offerecia, quando no fundo do famoso botequim rebentou espantoso tumulto. Os dois sujeitos, que tinham andado a valsar, trazendo um d'elles a navalha atravessada na bocca, haviam-se sentado com os seus pares, aos quaes serviam de refrescos, n'uma banca proxima do mostrador. Estava um d'elles embrulhando o cigarro, com o gume do terrivel instrumento de ponta e móla; e o outro intercalava as fumaças, que tirava do charuto, com golinhos de licor de amendoa, e com phrases, que faziam sorrir deliciosamente as suas companheiras. Uma das moças, a que lhe ficava mais perto, dava-lhe de vez em quando palmadinhas na face, talvez para o recompensar, a seu modo, dos ditos amaveis, e animál-o a proseguir, o que o excellente rapaz fazia sem esforço, e com tamanho ar de seriedade, que enternecia as raparigas. Repentinamente um homem magro, que os estivera observando da porta da rua, atravessou a sala, dirigiu-se á mesa dos quatro, e pegando no copo do discursador, que estava cheio, bebeu o licor sem pedir licença.

— Foge, Eduardo, que elle mata-te! —

gritou a moça das palmadinhas, ao seu companheiro.

— Isso veremos.

E o sujeito, a quem chamavam Eduardo, estendeu a mão para pegar na sua navalha, mas já a não achou. O homem alto, que era o typo do fadista portuguez, lançou mão d'ella e bradára, indo para a cravar no peito da rapariga que fallou:

— Primeiro tu, depois elle.

— Não, tratante! Ella é muito nova para morrer tão cedo, e formosa de mais para pertencer a alarves da tua especie. Larga a minha navalha!

E tendo agarrado no pulso do gigante, com força que ninguem suspeitaria em tão pequeno corpo, bateu-lhe com a mão sobre a banca, fazendo saltar o instrumento mortifero, que foi cair de ponta para baixo, cravando-se na mesa em que estavam Joaquim Bento e Domingos Rosmaninho.

— Com seiscentos diabos! Como ella vinha puxada! — exclamou o carpinteiro, erguendo-se de salto, e empunhando a navalha desconhecida, depois de a arrancar da mesa.

Domingos encostou-se á parede, com os seus quatro tiros promptos a partir.

O companheiro de Eduardo pulou tam-

bem de traz da banca, onde estava, e foi acudir ao seu amigo, de navalha aberta.

— Não o mates, Antonio! — gritou generosamente Eduardo. — Deixa-me estudar bem esta scena, que hei de precisar d'ella para o theatro. Ah! cão, que me mataste!

O fadista não perdêra tempo: enquanto o joven escriptor lhe fazia saltar da mão a arma, que elle lhe apanhou ao entrar, tirava a sua, que trazia aberta, no bolso, e teria morto o adversario, se este, vendo-lhe o movimento, não mettesse rapidamente o braço esquerdo entre o coração e o ferro. A navalha resvalou, ferindo-o no braço, e penetrando ainda no peito, mas sem gravidade.

— Foge! — gritou ao fadista a mulher que tinha afagado as faces de Eduardo.

— Vem commigo, senão mato todos quantos estão aqui dentro, e a ti tambem.

— Vamos — respondeu ella, correndo para a porta.

O amante cioso, seguia-a apressadamente, quando entrou outro fadista, que o deteve, perguntando-lhe:

— E a Rita?

— E' verdade: anda d'ahi — intimou elle, fallando com a infeliz que ficava. — Ou tu vens, ou o teu gajo tambem leva a sua conta.

— Venha dar-m'a! — respondeu Antonio, o amigo de Eduardo. — Esta moça não sae d'aqui, senão commigo.

E avançou corajosamente para os dois, com o chapéu na mão esquerda e a navalha aberta, na direita.

Ao mesmo tempo appareceram á porta outros dois fadistas.

— Caspitê! Vamos ter sarrabulho, antes do entrudo! — exclamou um d'elles. — Olha o Ganchorra a crescer para aquelle pilrete! Afinfa-lhe duas naifadas e raspa-te! — gritou ao mais alto.

Este quiz fazer o que o outro dizia, mas não teve tempo. Antonio, varrendo-lhe a primeira navalhada, deu-lhe tão forte murro no peito com o cabo da navalha, que o atirou contra uma banca, dizendo-lhe:

— Bem vês que podia matar-te, se fosse da tua laia. Vae-te embora, e fica sabendo que nós não temos medo de faquistas.

— Não, com mil demonios! Mas eu já fui ferido; e a cousa agora vae ser séria, para os que não fugirem.

Eduardo, proferindo estas palavras, agarrou nos bancos do botequim e começou a fazêl-os voar com a unica mão que tinha livre. Primeiro, atirava-os ás cabeças dos fadistas, que debandaram uns após outros;

depois, secundado por Antonio, foi levando tudo: quem não fugia, apanhava e era derubado. Em vão o dono da casa pedia socôgo, ameaçando-os com a policia ausente. Desenganado, vendo a inutilidade dos seus esforços, e amando mais as costellas do que a ordem, Pepino, o prudente, mettu-se debaixo do balcão e deixou levar quem levava. O proprio Domingos Rosmaninho, apesar dos seus quatro canos, achou melhor dar ás de Villa Diogo do que metter-se em alhadas, e partiu atraz de Joaquim Bento, que tambem fugia lindamente.

Logo que o botequim ficou deserto, bradou Eduardo ao seu amigo:

— Agora, nós!

E partiram, ouvindo ainda os fugitivos, que gritavam, correndo, adiante d'elles:

— A'la, com seiscentos diabos! Que elles ahi veem, e estão damnados!

XVIII

O rico e o ocioso

Dois dias depois dos successos que acabamos de referir, parava á porta da tia Romaninha, em Avelomar, um joven e elegante cavalleiro, seguido de creado, tambem a cavallo, que lhe levava na garupa a pequena mala de viagem. A casa da enferma era pegada ao moinho de agua, que o padre Manuel possuia, junto á ponte da Perlinha. Rodeava-a o quintal ou cerrado, que terminava no rio, quasi em frente da horta da tia Pelica e da das irmãs Estellas.

Da rua, via-se, por cima do muro, coberto de heras e silvas, a pobre habitação terrea, feita de pedra escura, por cair, e tendo apenas uma janella, ao lado da porta. No quintal vegetavam raras couves tronchudas, com os troncos nus até aos olhos, á força de terem sido depennados. Um pé de losna, e outro de arruda, com algumas

maravilhas e goivos, cresciam, encostados á parede da frontaria. Pela banda de traz, erguiam-se, com as raizes na agua, dois magníficos amieiros, que defendiam quasi toda a residencia dos raios do sol.

O viajante contemplou, com visiveis signaes de commoção, aquelle modesto quadro; e apeou-se, lentamente, sem despregar os olhos da casa, onde por fim os fixára.

Attrahidos pela bulha dos cavallo's, todos os vizinhos assomaram ás suas portas, e pozeram-se a olhar para o desconhecido, com grande curiosidade. Este, entregou as redeas ao creado, que tambem se apeára; fez-lhe signal de que não se movesse d'ali; abriu a cancelinha, que fechava a horta, e entrou, encaminhando-se vagarosamente para a porta da humilde casinha. Ali, appareceu, então, apoiando-se em duas toscas muletas, a velha entrevada, que se arrastava a custo. O viajante parou; os seus olhos encontraram-se com os da doente, e, passados breves instantes, dois gritos simultaneos denunciaram á vizinhança quem era o recém-vindo:

— Minha mãe!

— Meu filho!

Domingos Rosmaninho correu para a por-

ta, susteve a mãe nos braços, cobriu-a de beijos, e misturou as suas lágrimas com as d'ella. Durante alguns segundos, só se ouviram soluços e phrases incompletas, arrancadas pela alegria de se tornarem a ver, e pela dôr do mancebo, que achava sua mãe em tão triste estado.

— Querem vossês ver que é o filho? — dizia uma vizinha a outra, enxugando os olhos humidos de commoção, sem que ella soubesse ainda bem porque se commovia.

— Pois quem havia de ser?! — respondeu a interpellada, chorando igualmente.

— Louvado seja o Senhor! — acudia terceira. — Olha que alegria do céu, para a pobre creatura!

— Pelos modos, vem rico? — interrogava quarta, mais enternecida que as primeiras.

— Basta vê-lo! Dois cavallos, creado de sacca de couro atraz, e botões de oiro na japona! Oh! Senhor! quem o viu e quem o vê! Aquillo traz centos e centos!

— Que é das cachopas? Não ha ahi quem vá ao Lameiro chamar a Maria? Eu não me offereço, porque tenho o caldo ao lume, e o nosso¹ não tarda por ahi ao jantar.

¹ Modo por que, ás vezes, se designa o marido, o filho, irmão, etc.

— Vou eu lá. A Rita foi á Povia. Ai! como a Maria vae ficar ancha! E o Joaquim Bento, que não quiz casar com ella, cuidando que a Estella era mais rica! Vejam se elle adivinhasse?

— Canté!... Agora, pegue-lhe com trapos quentes.

— Enquanto chegas ao Lameiro, vou eu á Trancadinha, ver se encontro a que foi á Povia. E' por ali que ella costuma voltar. Meu Deus, que contentamento para as cachopas! Ai! quando virá tambem o nosso?!

Minutos depois, as duas irmãs Rosmaninho caíam nos braços do irmão, com os rostos lavados pelas lagrimas do contentamento. A casa encheu-se de gente, a felicitar a familia, a quem saía a sorte grande. A emigração portugueza, para o Brazil, é perfeito jogo de loteria. Por cada cem que se arriscam, volta um, raras vezes rico; mas, em geral, vem sempre doente para o resto da vida. Se ha differença entre esta roleta e a da Misericordia de Lisboa, é que, na emigração, o numero branco é o mais feliz, o que volta; quasi todos os que ficam, teem a sorte negra e atroz.

Domingos Rosmaninho herdára a riqueza do patrão, que o estimava muito; liquidára,

e voltava á patria, antes de ter perdido a saude. D'estes, pôde calcular-se um por cada cem mil. E desde o dia em que a maioria dos brasileiros, por amor dos seus interesses, deixar de tratar os portuguezes como irmãos bastardos, não volta cá mais nenhum, e Portugal ficará deserto no espaço de poucos annos.

— Ora viva essa bizzarria, seu Domingos! — exclamou Manuel do Lameiro, que não quizera ser dos ultimos em vir visitar o irmão da sua creada.

— E' o Manuel Fernandes, do Lameiro — disse Maria, vendo que Domingos não conhecia o outro.

— Ah! Dá cá um abraço. Nós ainda somos parentes... e consta-me que tens sido bom amo para minha irmã.

— Nós somos primos. Quanto á cachopa... Fiz o que pude, para bem d'ella. O resto, a Deus pertence.

Maria baixou os olhos. Domingos, que fez reparo n'isso, e na reticencia de Manuel, voltou:

— A occasião é pouco propria para explicações de natureza delicada. Acabo de chegar e nada sei, a respeito de minha irmã, senão o que no Porto me referiu Joaquim Bento...

— Ah! — exclamou Maria, fazendo-se vermelha.

— Fallaste com elle? — perguntou Manuel.

— Fallei.

— E' mau homem.

— Embora. Preciso saber já, diante de todos, como as coisas se passaram. Falla, Maria. Julgo-te mulher honrada, incapaz de mentir, sobretudo no momento solemne em que eu volto a casa de nossa mãe, depois de tantos annos de ausencia. Dize toda a verdade.

— O' Domingos: perdoarás, se fallo contra o teu parecer. Vaes envergonhar a cachopa.

— Peior para ella, se fôr culpada. Se o não fôr, sou seu irmão, e hei de fazer com que a respeitem.

— Culpada, eu!? — balbuciou a rapariga, com os olhos razos de pranto.

— Filhos!... — interveiu a mãe. — Deixem isso para depois.

— Perdão, minha mãe. Não comerei nem dormirei descansado n'esta casa, enquanto não souber tudo.

— Então, falla — ordenou a paralytica.

Maria, apesar de muito envergonhada, contou singelamente como as coisas se ti-

nham passado, desde as suas primeiras conversas com o carpinteiro, até á tentativa de violencia.

— Que tratante!

— Que patife!

— Ladrão!

— Desafôro!

— Velhaco, baetas!

— Ovelha ranhosa!

— Mafarrico do inferno!

Estas, e outras exclamações semelhantes, coroaram a narrativa da moça, exprimindo a indignação do auditorio. Domingos ouviu calado. Manuel, quando Maria terminou, disse áquelle:

— Acho que fizeste muito bem em mandar fallar a cachopa. Tiraste-me grande peso do coração... e mais nunca a calumniei.

— Pelo contrario — acudiu Maria: — Defendeste-me, publicamente, em Balazar, arriscando até a vida. E's homem de bem; e emquanto eu viver te hei de ser agradecida.

Domingos estendeu a mão a Manuel, e apertou a d'elle com effusão.

— Obrigado. Pódes contar sempre comigo.

— Nanja por isso. Fiz o meu dever.

—Procedeste bem, Maria. Agora tens aqui teu irmão. E desgraçado de quem se atrever a calumniar-te. Manuel: de novo te agradeço o que fizeste por ella. Retiro-a da tua casa, porque pareceria mal, tendo eu com que viver, deixar minha irmã a servir. Hei de ir agradecer tambem a tua mãe e irmãs o bem que a trataram. Hoje, jantas connosco... Tem paciencia: deixa lá os campos para outro dia. O' cachopas: aqui teem dinheiro. Mandem comprar tres ou quatro gallinhas, e façam o jantar...

—Gallinhas! Estás doente?

—Eu?!... Ah! sim. Em Avelomar, só os enfermos as comem... Hoje é dia de jejum, para vossês?

—Não.

—N'esse caso, arranjem as gallinhas. Olhem: o meu creado é optimo cozinheiro. Chamem-n'o. E' verdade: ó Manuel, tens onde eu possa recolher os meus cavallos?

—Os bichos são teus?! Bonitas fêras! O que lá falta é logar para elles! Que se lhes dá para comer?

—Palha de cevada, e uma quarta de milho a cada um. Tens?

—Que lavradores cuidas tu que nós somos?

— Não te esqueças. Vae-me com o creado tratar d'elles, e volta.

— Até já.

As outras visitas saíram atraz de Manuel Fernandes.

— Ai, Domingos: como has de tu comer nas nossas loiças, moço?! — disse Maria, apenas ficaram em familia.

— Como comia d'antes, cachopa. Não se afflijam. Eu estou costumado a tudo. Não imaginem que me envergonho da casa de minha mãe e irmãs. Saibam, porém, que isto vae mudar, se Deus quizer. A minha querida mãe ha de ir commigo ás Caldas. Espero que virá de lá com saude. E vossês vão tambem.

A velhinha ouvia-o, enternecida, com ar de beatitude, sem vontade de lhe dizer nada, tendo as mãos postas, e seguindo-lhe com a vista todos os movimentos. As irmãs agarravam-se a elle, de vez em quando, cada uma de seu lado, não querendo afastar-se d'ali, com receio de perderem alguma das suas palavras. Rita, muito mais nova do que Maria, tinha tão angelica ingenuidade, que encantava o rapaz. Maria, julgando-se feliz, por deixar de servir, sentia os olhos constantemente humedecidos pelo reconhecimento.

— Não me esquece o mariola do carpinteiro! — lhe disse Domingos. — Ainda bem que elle já casou! Eu nunca me consolaria, se o tivesse por cunhado. Que grande patife! Póde ser que eu o faça arrepender da insolencia e malvadez, com que se houve contigo.

— Não te mettas com esse homem, Domingos. Peço-t'ó, por alma de nosso pae. Para mim, morreu.

— E' que tu ignoras o que eu passei com elle no Porto. Até me mentiui!

— Não importa. Já sabes o que devias saber. Evita-o, e não penses em tal creatura.

— Bem: vae tratar de comprar as gallinhas.

— Nós temos duas bem boas!... coitadinhas! ambas andam a pôr...

— Deixa essas em paz.

— Espera: ali vem a Joaquina do Lameiro, com uma porção d'ellas. Não deixa de ser presente da tia, que é muito bizarra.

Era effectivamente o mimo da mãe de Manuel, composto de seis gallinhas gordissimas, e de uma cesta de ovos. D'ahi a pouco, chegou um cabaz de bellas cerejas de Villa Boa, e um casal de soberbos patos, mandados pelo padre Manuel, que os crea-

va excellentes, no rio da Perlinha. O mestre José Carreira não quiz perder o ensejo de vir declarar, que era ainda parente arredado do Rosmaninho. Trouxe consigo um balaio de figos; e dizia á senhora Joanna, quando se approximavam da Perlinha:

— Olha que casamento para a prima Anna Estella, se a tola não tem caído nas unhas do bestial carpinteiro! Eu bem lhe dizia: Não te cases com esse tunante; não te cases.

— Cala-te com as tuas babozeiras... Ali vem o senhor padre Manuel.

— Com os diabos, que sermão que eu vou ouvir!

— Bom dia, Joanna; bom dia, mestre José. A como está a canada do maduro, e quem o tem por ahí melhor?

José coçou na cabeça, e piscou o ôlho á mulher.

— Elle... em casa do Joaquim Silva, e do Joaquim Sabino, parece-me que anda a dois vintens.

— Um homem da sua habilidade! — tornou o padre, batendo com a ponteira da bengala n'uma pedrinha e deitando-a da ponte abaixo.— Um homem, que lê e escreve bem; que aprendeu musica, e trabalhava pelo officio como o melhor artifice;

que podia ser a honra e a gloria d'esta aldeia... sempre mettido nas tabernas, a cair de bebedo, como esses desgraçados, que não teem prestimo para nada!... E' a maior das vergonhas! Se eu não fosse seu amigo, não lhe dizia isto... Mas doe-me, ver pessoa da sua capacidade, perdida a tal ponto, que, segundo me consta, até bate em sua mulher!

— Não é tanto assim... e ella, tambem...

— Cala-te, José! — interrompeu Joanna, córando.— Ouve, e cala-te: é descortezia responder ao senhor padre. Se tu tivesses juizo, não te acontecia o que te acontece, cada vez que o perdes. Todos sabem que tens talento, que podias fazer figura, e que, por causa do vinho, ninguem faz caso de ti; e dá-se importancia a outros, que não te chegam aos calcanhares.

— Pois bem: não tórno a beber.

— Ora, adeus! — respondeu o padre.

— Não é a mim que tu embaças — respondeu Joanna.

— Agora, é sério. Juro...

— Não jure falso, homem. Tenha vergonha.

— Verá. Mas... caluda, que chegámos á porta das Rosmaninhos. Lá está o brasileiro. Que guapo rapaz! Sabes, Joanna, que

elle ainda vem a ser nosso primo, pelos Ferreiras, de Gerimonde, que tambem eram Rosmaninhos?

— Bem sei.

— Faça com que elle lhe conheça o vicio, e verá como se ha de lisonjear do seu parentesco — tornou o padre.

— Estou curado. Guarde-me segredo... O que lá vae, lá vae!

As unicas pessoas de Avelomar, que não visitaram Domingos Rosmaninho, nem deram parabens á familia, pelo regresso d'elle, foram as irmãs Estellas. Constou logo que o brasileiro vinha muito rico: espalhou-se que faria construir palacio; que ia mandar educar as irmãs, á moda das cidades; levar a mãe ás Caldas; e dar dinheiro ao governo, para se fazerem na aldeia boas ruas, a fim de elle poder deitar carruagem. Joaquim Bento veio á terra e achou todas estas novidades, que o fizeram damnar.

— Sempre sou muito feliz! — pensava elle, comendo a ceia, de congro, com molho fervido, ganha pelo trabalho da mulher e da cunhada. — Desprezei a fortuna, que andou tanto tempo atraz de mim, e entalei-me para o resto dos meus dias, casando com esta pobretona! Que importa que seja mais bonita do que a outra? Mais bonita!

Nem sequer isso está provado. A Rosmaninha é boa moça! E agora, rica... instruída... vae pôl-a de vestido de seda e chapelinho de rendas! Como ella se ha de rir de mim! Cachorra! E' capaz de fingir que não me conhece... Carpinteiro! E' verdade que fui eu que a não quiz! Mas quem é que se importa com isso? Pelo contrario: todos me hão de escarnecer, vendo-a tão tafula; e eu, pobre, com este trambolho á perna! Maldita tentação do diabo! Maldita hora, em que estas duas creaturas vieram da Povia! Se não fossem ellas, estaria eu casado com a Rosmaninha; tinha cavallo, para passeiar com o irmão... talvez que até carruagem! A irmã ha de ter-lhe contado as coisas a seu modo, e elle fica mal commigo... Que os leve o diabo a todos! Importa-me bem... Estou casado!... Se não fosse isso... ella ainda dá o cavaco por mim... Se...

Um pensamento negro atravessou-lhe o cerebro, fazendo-o estremecer.

— Sim... Se Anna morresse... talvez que a coisa ainda se combinasse... Porém, ella tem boa saude — proseguiu, depois de ter examinado a mulher, que apenas se achava mais magra, por excessos de trabalho.

— Porque estás a olhar para mim, com esse ar exquisito? — interrogou Anna. — Comes, sem dar palavra, com modo carregado, e bem pouco proprio de quem esteve quasi dois mezes sem ver a familia!

— A familia? — interveiu Rosa. — E' o que lhe dá mais cuidado!

— Vossês não tinham um pouco de vinho maduro, para me pôr, em vez d'esta zurrapa? — respondeu Joaquim, fazendo caretas, depois de ter despejado a caneca de vinho verde.

— Deus sabe o que nos custa, para ter d'esse — acudiu Rosa, tão azeda como o vinho. — Com o dinheiro que tu dás, ha de se comprar do outro.

— Não me faças scenas; senão, vou-me já embora outra vez.

— Temos muitos motivos para sentir saudades tuas.

— Rosa! — supplicou Anna.

— Não me tivesse eu casado com mulher sem nada, desprezando moças ricas!... — tornou o carpinteiro, cada vez mais avinagrado. — E' bem feito! Em vez de familia abastada, que soubesse tratar com gente, procurei quem me dêsse sentenças, a proposito de tudo!...

— Joaquim! — exclamou a mãe.

Anna chorava, em silencio. Rosa estava furiosa.

— Pelintra! — gritou esta. — Pelintra, vadio e sem vergonha! Não trabalha, senão quando quer, porque estão aqui as tolas a matar-se para o sustentar; gasta o pouco que ganha com extravagancias, Deus sabe de que genero; só aqui vem para apanhar alguns vintens á escrava; e, ainda em cima, insulta quem o mantem! Está com pena de não ter apanhado a Rosmaninha, persuadido de que podia cardar o irmão, como nos carda a nós!... Desavergonhado!

— Sardenta, bexigosa do inferno! Tu desafias-me? Espera! — dizendo isto, lançou-lhe as mãos ás guellas.

— Aqui d'elrei! — gritou a moça.

— Joaquim! Joaquim, que a matas! — exclamaram Anna e a tia Benta, tirando-lh'a das mãos.

Apenas livre, Rosa abriu a porta da rua, e tornou a gritar:

— Aqui d'elrei!

O carpinteiro, ebrio de colera, correu para ella, e têt-a-ia provavelmente asphi-xiado, se outro homem se não interpozesse no mesmo instante entre elle e a victima.

Era Domingos Rosmaninho, que passava,

casualmente, e acudira ao chamamento da afflicta rapariga.

— Tem fogo em casa? — perguntou o brasileiro, reconhecendo Joaquim Bento.

— Peior do que fogo! Temos esse homem, que me quiz matar — soluçou Rosa. — Peço-lhe que me livre d'elle, pelo amor de Deus.

— Não faças caso, Domingos. Eu não sou nenhum assassino. Chegaram-me a mostrar da ao nariz, e saltei. Mas já passou.

— Em primeiro logar — respondeu o Rosmaninho — prohibo-lhe que me trate por tu. Não sou, nem fui nunca seu amigo, para lhe permitir similhante familiaridade. Segundo: julgo-o capaz de tudo; terceiro e ultimo: nada tenho com as suas questões de familia, lastimando, todavia, os que vivem na sua dependencia.

Dizendo isto, Domingos voltou as costas ao carpinteiro, que o ouvira espumando de raiva, e saiu para a rua. Rosa foi atraz d'elle, e agarrou-se-lhe ao braço.

— Não me desampare! Rogo-lhe que me leve a casa do regedor. Ou eu ou este homem tem de sair hoje d'esta casa, que é metade minha.

— Rosa? Irmã da minha alma! Não dês escandalo. Pelo amor de Deus, por alma

de nossos paes, t'ô rogo. Entra. O Joaquim vai pedir-te perdão. Foi doidice, de que já está arrependido. Elle tem mau genio; porém, o fundo é bom...

— Desgraçada! — replicou Rosa, repellindo a irmã. — Tão cega estás, apesar da brutalidade com que elle te trata, e do modo infame por que nos explora, que ainda o defendes! Isso é digno, da tua parte... porém, inutil. Casaste com um malvado incorrigivel...

— Não me provoques mais, ou leva-te o diabo? — rugiu o carpinteiro, dirigindo-se á cunhada, que se refugiou atraz de Domingos.

— Repare que ella é mulher!... e que não se costuma bater nas mulheres... senão entre gente da infima ralé. — observou o Rosmaninho.

— Tem razão — volveu Joaquim, trémulo de ira. — Pódes dizer o que quizeres, que não te bato. E agradeço ao sr. Domingos, ter-me ensinado os meus deveres — acrescentou, esforçando-se por disfarçar a furia. — Fica ahi. Serei eu quem sae. — E deu dois passos para a porta.

— Filho? — implorou a mãe.

— Joaquim! — supplicou a mulher. — Sr. Domingos — continuou Anna, dirigindo-se,

pela primeira vez, ao Rosmaninho: — Veja se os reconcilia. O senhor sabe muito, segundo se diz; e elle parece que o attende. Faça-me essa esmola, por caridade.

Pela primeira vez tambem, Dómingos volveu o olhar para o rosto de Anna Estella. Apesar de vista á luz mortíça da candeia, a formosura da joven, velada pela tristeza e o pranto, não occultava a pureza das linhas. A magreza, recentemente adquirida, que poderia desfavorecê-la vista á claridade do dia, sumia-se nas meias tintas, que lhe suavizavam a dureza dos contornos faciaes, conservando a correcção do oval. Dómingos sentiu-se deslumbrado; e não achou logo expressões, para responder ao appello que lhe era feito. Pouco versado ainda nos segredos dos modernos sabios, que trespassam sciencia de dictionario, lêra, comtudo, n'um romance mal traduzido, alguma coisa da Niobe antiga, e pareceu-lhe que a estava vendo personificada em Anna. Os seus olhos encontraram os da joven supplicante, e taes sentimentos revelaram, que ella baixou o rosto, córando, e sentindo secarem se lhe as lagrimas, com o subito calor que lhe inflammára as faces.

— Sr. Joaquim — balbuciou o brasileiro, como ali se designam sempre as pessoas

que veem do Brazil: — é preciso ser pessimista homem, para não attender os rogos de sua mulher. Já disse, e repito, que tenho motivos para não ser seu amigo; e fi-cál-o-hei julgando ainda peor, se por meus proprios olhos o vir provar que é surdo á voz da razão, e que tem o mau gosto de viver de escandalos, offendendo toda a gente.

— Acabou-se — respondeu o carpinteiro. — Por attenção ao seu pedido, esqueço-me de tudo; e prometto, com a minha palavra de honra, não dizer mais palavras que offendam minha cunhada. . . comtanto, que também ella se esqueça, e não saia de casa.

— Nunca! — gritou Rosa. — Com vossê, nem no céu.

— Minha irmã! — pediu Anna.

E tornou, imprudentemente, a dirigir a vista para Domingos, solicitando a sua intervenção. O Rosmaninho voltou-se para a Estella mais velha.

— Peço-lh'o eu — rogou elle, com do-çura.

— Ah! — tornou a moça, ferida pelas notas musicaes da voz do brasileiro. Cravou os olhos n'elle, e respondeu, devagar, pensando as palavras e as syllabas: — Se é o senhor quem pede, o caso muda de figura. Não posso, nem quero recusar mais. Advir-

ta, porém, que me colloco debaixo da sua guarda, e que o tórno responsavel por tudo quanto possa acontecer-me n'esta casa.

Surprehendido por aquella singular linguagem, e pelo tom, quasi solemne, com que lhe era imposta a responsabilidade, que não queria tomar, Domingos ia responder, demittindo de si o encargo. Mas o olhar de Anna Estella, encontrando o seu novamente, pareceu-lhe tão cheio de receios e de supplicas, que lhe impoz silencio. Despediu-se, dando as boas noites, e atravessou o terreiro da capella, dizendo consigo:

— Que poderá resultar d'isto? A tal Rosa tem cara... diabolicamente bonita. Porém, a outra... é dotada de tal formosura, que nunca vi nenhuma igual! Patife de carpinteiro! Mal empregada mulher, n'um mariola d'aquelles! E' lindissima! E o bruto maltrata-a! Parece incrivel! Que gracioso oval, e que olhos! São de desgraçar a gente! O que me vale, é que, por estes quinze dias, parto para Vizella... E, que não partisse?... Não sou homem capaz de vilanias.

Emquanto o Rosmaninho ceava e se deitava, sem conseguir esquecer-se das gentis feições de Anna, tambem o marido d'esta reflectia, mettendo-se na cama:

— Accommodei-me, porque não me convem estar mal com o brasileiro. Quem sabe as voltas que o mundo dá?! O tratante... a modo que atirou varias olhadellas a Anna, que não me quadram... Teria sua graça! —proseguiu, sorrindo bestialmente. — Eu dava-lhe cabo do canastro... a ella, já se sabe.

Com estes, e semelhantes pensamentos, foi adormecendo, entrando logo a roncar, de modo que indicava não estar o congro satisfeito com a substituição da agua do mar pelo vinho verde, onde não podia nadar á vontade.

Rosa, que tinha a cama na cozinha, ao lado da da tia Benta, acabava de pendurar á cabeceira o rosario, e pensava, enquanto se despia:

— Se pilho aquelle!... As coisas foram bem preparadas. O ponto está em que não venha o mafarrico metter-se no meio. Era de dar brado, até no Porto! Um rapaz tão rico! Bem mal fiz em não ter ido visitar a familia... por causa do meu bom cunhado... Maldito! Deixa estar, que se chego a realisar este sonho, tu m'as pagarás! Meu Deus, fazei com que elle caia!...

Deitou-se, lançou mão das contas, e começou a entremear, com as Ave-Marias e

Padre-Nossos, supplicas a Nossa Senhora, para que fizesse *cair* o Rosmaninho. Assim adormeceu; e sonhou, toda a noite, que andava de carruagem, trazendo o cunhado por seu boleiro, o que muito a consolava, apesar de adormecida.

Anna, por sua parte, ajoelhou, antes de deitar-se, e agradeceu a Deus a reconciliação da irmã com o marido, pedindo, na reza, para que elles nunca mais brigassem e que todos tivessem juizo, saude e felicidades. A figura do moço brasileiro atravessava, de vez em quando, por entre as suas orações; porém, a joven, que tinha o coração puro e casto, fingia não a conhecer. Quiz até expulsá-la do pensamento, porque se lhe revoltava o pudor com a idéa de despir-se na presença d'ella. Vendo que as suas tentativas eram inuteis, lembrou-se de que, apagando a luz, se poderia deitar, sem escrúpulos; e assim o fez. Mas, com grande pasmo seu, a imagem de Domingos perseguiu-a até ella adormecer. E ainda em sonhos lhe parecia que a estava vendo, de modo bem singular: O casaco do viajante tomára o feitio da pelle do lobo; crescêra, envolvendo-o todo, desde os pés á cabeça, mostrando rabo e orelhas, e deixando-lhe apenas a cara de gente. Depois, para ser

em tudo o mais conforme com a fêra, que representava, poz-se a uivar, diante de uma ovelhinha branca, andando á roda d'ella, e apertando cada vez mais os circulos, no intuito, sem dúvida, de a accommetter. De repente viu a moça apparecer um cão, ladrando, ora ao lobo ora á ovelha. Com admiração crescente, notou Anna que esse cão tinha no rosto as feições de seu marido. O lobo investiu contra elle, e o cão, em vez de resistir-lhe, abaixou a cauda, uniu-se-lhe, e foram juntos devorar a ovelha branca.

Anna scismou muito, no outro dia, sobre o que quereria dizer aquelle sonho. Não achando solução, que a satisfizesse, foi, em segredo, consultar Joanna Carreira, que passava por muito entendida n'estas coisas. A mulher de José arripou-se toda, ao principio; raspou uma casca de pinheiro e untou-a com azeite bento, e com dente de alho pisado, rezando certos esconjuros, para *matar o bicho*. Feito isto, ficou mais alegre: tornou a pizar o alho e a casca do pinheiro, com folhas de arruda, e disse, dando a massa á fiandeira:

— Não tenhas medo de nada. Reparte isto em tres quinhões, e bota-os no lume, tres dias a fio. Seja o que for que vier, ha

de levar sumiço. O que eu penso é que o Rosmaninho, de lobo, significa: que todos os brasileiros são grandes comedores de patranhas; o Joaquim, a ladrar de cão, é o mesmo que dizer: cão que ladra não morde. Vê lá se não é mesmo o retrato d'elle!

— E a ovelha branca?

— Isso tem mais que se lhe diga. Ovelha branca é felicidade, ou morte de creança de mama. Não tendo tu filhos, é fortuna que te vae entrar em casa, mais dia menos dia. Em todo o caso, não contes isso a ninguém.

— Eu não acredito em sonhos — tornou Anna. — Porém, uma coisa assim, tão a fio, toda a noite!

— Deve-se acreditar em tudo — voltou sentenciosamente a sr.^a Joanna. — A Deus não é nada impossivel.

— Isso não; mas...

— Ah! já sei; dei no vinte! — exclamou Joanna. — Ovelha branca é signal de que a tua irmã ainda casa com o brasileiro!

— Será?!

— Com certeza. Vae-te com esta, que ahi chega o meu homem, entre as dez e as onze.

— E' que os dois a comer a ovelha, prima?...

— Isso que tem? Comer, é modo de falar. Deixa correr o tempo, e verás.

Anna foi-se embora, sem ficar convencida; e, o que peor lhe parecia, sem poder afastar do pensamento o irmão de Maria Rosmaninha.

XIX

Revolucionarios minhotos

Por este tempo, chegava ao apogeu da sua gloria a famosa revolução da Maria da Fonte, para a qual certo escrevinhador confessa, hoje, humildemente, á face da historia, ter tambem contribuido, com os seus pulmões e com a espingarda ferrugenta, incapaz de dar um tiro, que lhe emprestou Manuel Fernandes, do Lameiro.

Eram... do mez de maio ou de junho de 1846, e havia feira em Villa do Conde. O forte da Guia, na foz do Ave, tinha por guarnição alguns veteranos, que não queriam entregar o castello ás forças populares. Um homemsinho da Pova, a quem tinham posto a alcunha de *Caneco*, tentára parodiar, n'aquella villa, os tyrannetes antigos. Os patriotas poveiros azoaram com a brincadeira; mas, não tendo resolução para lhe resistir com armas, resistiam com

os lombos ás pauladas com que elle os mandava mimosear a cada hora. Quando o movimento popular se generalisou na provincia, os pescadores, com as costas quentes pelas mulheres revolucionarias (!) correram á casa do Caneco, armados... de redes, para o pescar. O homemsinho conseguiu, porém, passar pela malha, como simples carapau; e foi refugiar-se no castello da Guia.

Domingos Rosmaninho, Joaquim Bento, e outro moço avelomarense, voltavam do Porto, no citado dia da feira em Villa do Conde. Tinham estado todos tres na viella da Neta, conspirando, com José da Silva Passos, o mais comico de quantos conspiradores tem havido no mundo. José Passos abraçara-os, chamando-lhes patriotas, e dissera-lhes que era a maior das vergonhas, para Villa do Conde e para a Povoia, não se terem aquellas duas terras levantado ainda «em massa», como a maioria das outras villas do Minho. Os tres avelomarense sentiram-se feridos no seu amor proprio de campanario; cresceram dois palmos cada um com o abraço patriotico do eterno conspirador, e juraram que iam dar cabo de todos os inimigos do povo.

Foi n'estas disposições bellicosas que che-

garam á feira, ás nove horas da manhã do dia referido. Ali, souberam dos successos da vespera, e assentaram de provar immediatamente o animo valoroso, tomando de assalto o forte da foz do Ave. Um d'elles subiu a um carro de bois e começou a arengar ás turbas. Quando viu que mais de duzentos homens o escutavam, armados de varapaus, aguilhões, chuços, espingardas, sabres, alabardas, tudo comido de ferrugem, e virgem de sangue humano, o orador fez sentir o horroroso descredito que infamaria todos os ouvintes, se doze velhos, estropiados, continuassem a zombar impunemente da soberania popular. O discurso, menos mal calculado para agitar corações incautos, produziu o seu natural effeito.

— Vamos a elles! — gritou a turbamulta.

O Demosthenes de feira pediu a espingarda a Manuel do Lameiro, que appareceu entre os feirantes; poz-se á frente do povo, com dois officiaes militares, e dirigiram-se ao campo descoberto, que separa o castello da villa. Apenas, porém, a multidão saiu detraz do monte, em que se levanta a ermida da Senhora do Soccorro. gritou uma voz:

— Fugam, que elles vão deitar fogo ás peças!

Por honra de Avelomar, os seus quatro filhos ficaram ao lado dos dois militares. Toda a outra gente correu para o abrigo do Soccorro. Eram já mais de quatrocentas pessoas!

— Não fazemos nada! — disse um dos officiaes. — O povo é sempre povo.

— Vamos tentar outra vez — responderam os quatro de Avelomar.

Voltaram para traz. Fez-se novo discurso, que enthusiasinou tudo.

— Com os dianhos! D'esta, vae! — gritavam todos.

Correram para a campina, viram os veteranos a postos, e tornaram a fugir, em grande confusão.

— E' impossivel! — disse, desanimando, o militar que já tinha fallado.

Fez-se terceira e quarta tentativa, sempre com igual resultado. Apparecia mais povo, de momento para momento. Chegaram tambem outros dois militares, a cavallo, que, informados do acontecido, opinaram pela retirada, allegando que o castello e os doze veteranos de nada serviriam para o partido popular; e que seria melhor reunir-se aquella força ás que de Vallongo iam marchar sobre o Porto. Este alvitre parecia do agrado da maioria, que, provavel-

mente, depois de o acceitar, se iria esgueirando, pouco a pouco, para as suas casas.

— Ouçam! — gritou novamente um dos falladores de Avelomar. — E' vergonha, é covardia e deshonra para nós todos, se não tomarmos aquella praça, quer ella preste quer não. E eu protesto que hei de lá entrar, hoje, custe o que custar.

— Pois vá; ninguém lhe péga.

— Fanfarrão!

— Quem é esse bolas?

— Preguem-lhe duas chuçadas na barriga!

— Dá-lhe um tiro.

— Assim se chama ao povo covarde?

— Mata! Mata!

— Meus senhores —olveu o tribuno imprudente, que empallidecêra bastante, recebendo essa primeira prova da justiça e da gratidão públicas: — não lhes peço que vão commigo. Irei eu só...

— Vae passar-se para o inimigo!...

— Traidor!

— Não haver aqui pedras!...

— Deixem ouvir! —intimou, generosamente, o militar mais graduado, que viera a cavallo, e era titular. — Sem sabermos o projecto d'esse moço, não podemos avaliá-lo.

— Lá isso, é verdade.

— Pois falle.

— E' aviar, que o sol racha as cabeças.

— Meus senhores — repetiu, lentamente, o orador de Avelomar, profundamente desgostado, logo ao entrar na vida, pela perda das suas mais queridas illusões politicas, que, todavia, lhe voltaram tantas vezes depois: — quem não póde apanhar sol e chuva, soffra, sem se queixar, a perda dos seus direitos e da sua liberdade; quem tem medo, mette-se em casa, paga os tributos que lhe pedem, embora sejam injustos; e, quando não tiver dinheiro, dê a pelle. Eu não tenho medo; não me preoccupo com o calor nem com o frio; e logo que me consagrei ao partido popular, fiquei sabendo que me associava ao partido da ingratidão. Sou muito moço e muito obscuro; mas a minha vida vale tanto como qualquer outra. Não a exponho, para ganhar empregos nem postos. Sirvo esta causa, só porque é do povo, cujo, sou tambem...

— A módo que falla bem!

— Eu não dizia! E' já a quarta ou quinta vez que affirmo ser elle cá dos meus.

— E mais eu.

— E' brasileiro?

— Podéra! Os nossos não dizem d'aquellas bonitas coisas.

— Que galhardia!

— Deixem-n'o fallar, com os dianhos! —
gritou Manuel do Lameiro.

— Visto aquella gente não se render —
continuou o tribuno improvisado — e não
haver aqui quem possa ou queira obrigál-a
a isso, empreguemos surpresa de guerra.
E' indispensavel á dignidade popular que
tomemos hoje o forte.

— Como? — interrogaram muitas vozes.

— Vamos dar aqui vivas ao povo portu-
guez e ao governo setembrista, fazendo sup-
pôr que estes senhores officiaes, que aca-
bam de chegar a cavallo, nos vieram tra-
zer noticias de termos tomado o Porto. Em
seguida, vou eu, como parlamentar, se a
isso me auctorisam, intimar á guarnição o
rendimento do castello...

— Sim, sim! E' bem lembrado! Calha!

— E se lá o prendem? Se o matam?

— São percalços da guerra.

— E' valente como todos os diachos!

— Que vos dizia eu?

— Está ali um pimpão féro!

— Canté isso!

— Approvam?

— Sim; sim! — responderam todos.

— Viva o povo do Minho!

— Viva!

— Viva o governo popular!

— Viva!

— Viva a liberdade!

— Viva! Viva! Viva!

Atiraram-se os chapéus ao ar, e a multidão, executando estas manobras, á vista da guarnição da Guia, parecia ter-se esquecido de que representava scena de farsa ou de comedia, tal era o verdadeiro enthusiasmo de que se mostrou possuida.

O parlamentario atou o lenço branco ao cano da espingarda de Manuel do Lameiro, levantou esta pela coronha, e encaminhou-se resolutamente para o castello. D'ali estavam com os oculos assestados para o sobpé do monte do Soccorro; viram os movimentos do povo, os dois militares a cavallo, os chapéus atirados ao ar; ouviram distinctamente os vivas, levados pelo vento do nordeste, e viram a partida do avelomarense. Após ella, a multidão tivera o bom pensamento de continuar os vivas. E assim fizeram crer aos do forte, que, effectivamente, os populares teriam recebido alguma noticia importante.

Chegando sob as muralhas, o parlamentario gritou que desejava fallar ao commandante da praça, em nome do governo popular do paiz.

— Vá se embora, senão mando-o matar!
— lhe responderam de cima, apontando-lhe as espingardas.— E diga áquelles sucios, que, se se atrevem a sair a campo descoberto, serão varridos a metralha. Afaste-se! E livre-se de cá tornar, com idéa de vir estudar a praça!

— Sou parlamentarico...

— Importa-me cá!

— Até entre selvagens se respeita a qualidade de que me acho revestido.

— Bom, bom: temos conversado. Mude-se.

— Vejo que, apesar da sua idade, conserva os brios de militar valoroso. Lembre-se, porém, de que é impossivel resistir, com doze homens, a quatrocentos, que ali estão. Venho no intuito de lhes salvar as vidas...

— Passem os seus para fóra do abrigo do Soccorro, que eu lhes direi.

— Mas de noite?

— De noite?!

— Como nos ha de ver? Quatrocentos homens investem o forte por todos os lados; e, ainda que morram vinte ou trinta, entram, por força, e ninguem poderá contêl-os, então, nos seus impetos de vingança. Poupe as vidas dos seus camaradas; e

tambem as de alguns do povo. O Porto capitulou esta manhã; e, provavelmente, já a estas horas se formou o novo ministerio. Agora mesmo vieram dois officiaes da cidade, trazer-nos a noticia.

Houve larga pausa, durante a qual os de dentro estiveram em consultas. Depois, tornou o commandante:

— Vou mandar abrir a porta.

Correram-se os grossos ferrolhos, rodaram as chaves nas fechaduras, a porta abriu-se e o parlamentario entrou, achando-se a guarnição formada em combate, com as armas apontadas para elle; e os artilheiros de morrões accesos.

— Que pretende o povo?

— Que se lhe entregue a praça, com o homem da Povoia, que veio aqui refugiar-se. A guarnição sairá desarmada, e esperará, na villa, as ordens do governo, garantindo-se-lhe que continuará a receber pret, como até aqui, e que não lhe será imposta nenhuma pena.

— O Caneco, da Povoia, fugiu esta noite, n'uma catraia, para o Porto. Aceitámos as outras condições de capitulação; mas queremos saber como se ha de proceder quanto á bandeira da rainha.

— A bandeira da rainha é a bandeira na-

cional, e da liberdade portugueza. A dynastia nada tem que ver com isto. Arriasse um momento; depois de entregue a praça, tornará a içar-se e será saudada com vinte e um tiros.

— Estamos de accordo.

Escreveram-se os artigos, assignaram-se, e o commandante mandou franquear as portas, descarregar as peças de metralha e as armas, dos cartuchos embalados, e tornar a carregar as peças com pólvora sêcca. O parlamentario voltou, a dar parte da sua missão, sendo recebida com gritos de entusiasmo a noticia dos resultados d'ella.

— O que me peza — disse o parlamentario — é ter mentido áquella gente, para obter este resultado. No fim de contas, são velhos, mas valentes soldados!

N'isto chegou um correio a toda a brida:

— Que será? — exclamaram algumas pessoas, indo ao encontro d'elle.

— Noticias do Porto! — gritou o homem, parando o cavallo. — Aonde mora o presidente da camara? E o administrador do concelho?

— Que ha? que ha?

— Entregou-se a cidade ás forças que vinham de Vallongo. Fez-se a convenção de Gramido e caiu o ministerio.

— Viva o povo! Viva a liberdade!
— Viva! Viva!
— Quem são os novos ministros?
— Duque de Palmella, Mousinho, e não sei quem mais.

— Gente de lei! Vivam os setembristas!
Viva o Palmella! Viva José Passos! Viva tudo! Viva! Viva!

Emquanto um official de artilheria tomava conta do castello e lhe mettia outra guarnição, correu o povo em massa, com o correio, a casa do presidente da camara, a quem entregou os officios. N'um momento se reuniram todas as auctoridades no edificio da municipalidade, que se adornou de bandeiras, sendo uma d'ellas branca, bordada em setim, e offerecida pelas freiras de Santa Clara, que se enthusiasmaram muito, persuadidas de que ia voltar D. Miguel, para o qual haviam bordado aquelle mimo. Toda a villa tomou ar de festa. As auctoridades, seguidas por mais de duas mil pessoas, e precedidas da indispensavel philharmonica, dirigiram-se á egreja matriz, onde se cantou solemne *Te Deum*. Findo este, regressaram novamente aos paços do concelho. Todas as janellas, forradas com colchas de côres variegadas, estavam cheias de formosas mulheres, vestidas de branco,

acenando com os lenços, correspondendo aos vivas, e lançando sobre a multidão continua chuva de flores. Repicavam os sinos, salvava o castello, estalavam os foguetes e morteiros, tocava-se e cantava-se o hymno do Minho, ou da Maria da Fonte, e os oradores mais resolutos da edilidade villacondense faziam di-cursos patrioticos, que eram applaudidos com delirante enthusiasmo.

XX

O aprendiz de politico

Todos os successos que deixámos descriptos, no anterior capitulo, rigorosamente historicos, e presencados por quem os escreve agora, que n'elles e n'outros semelhantes tomou sua humilde parte, estabeleceram certa familiaridade entre Domingos Rosmaninho e Joaquim Bento. Quando os dois voltaram para Avelomar, com o auctor d'estas memorias, rouco de dar vivas e cantar hymnos, e já quasi arrependido de ter posto, como elles, o seu enthusiasmo de dezenove annos incompletos ao serviço de exploradores incartados, dizia o carpinteiro:

— O' rapazes: olhem que aquella foi boa! Ter a gente adivinhado o que se passava no Porto e em Lisboa, para obrigar os veteranos a capitular! Não me esquece mais!

— Não, que cá o primo é levadinho da bréca — acudiu zelosamente Manuel Fer-

nândes, que tambem acompanhava o rancho, tangendo a junta de bois, que levára para trocar na feira, e da qual se esquecêra, porque o tal primo lhe encaixára no corpo a tolice revolucionaria.

— O peor foi tu deixares de fazer negocio.

— Não foi bom, não; mas já agora, como vencemos, é o que se quer.

— Ouve cá. Manuel. Em nome da nossa amisade, não te mettas n'outra. A politica é boa para especuladores. O povo ha de sempre pagar as favas, quando se importar com ella.

— Tambem me parece.

Joaquim Bento escutava com attenção.

— A politica — interveiu o Rosmaninho — é o diabo. Lembro-me de ter visto, no Brazil, muito asno fazer figura, sem saber nada e sem ter onde cair morto, só por se metter em eleições.

— Quando isso acontece no Brazil, que fará entre nós. O que lhes digo é que quem fôr ambicioso e tiver algum talento, por pouco que seja, pôde tirar partido d'ella, com uma condição...

— Qual? — interrogou avidamente Joaquim.

— A de não ter vergonha — respondeu

Domingos, que adivinhára o pensamento do que principiára a preposição.

— D'esta vez apenas deixaste de trocar os bois, Manuel. Não tornes lá, pelo vezo. Para a outra, pôdes perder quanto tens, e até largar a pelle. Bem viste o que me ia acontecendo.

— Eu estava com o ôlho nos que mascavam. E acredita, que se algum te tivesse tocado, não comia mais pão.

— Palavra, que não — secundou o carpinteiro, que não perdia ensejo de procurar amigos, que lhe parecesse estarem acima da sua esphera.

Quando passaram o Agro-Velho, Manuel tomou com o primo para a banda do moinho de Sezins, em direcção ao Lameiro. Joaquim e o Rosmaninho dirigiram os cavallos para a carreira, que, rodeiando a Trancadinha, vae sair no Outeirinho, passando pela Salvada. Era a um sabbado; e os dois tinham ido juntos para o Porto, na ultima segunda feira, depois da bulha suja entre o carpinteiro e a cunhada.

Joaquim encontrára-se com o outro, na missa do domingo; soubera que elle ia na seguinte manhã, e declaron que o acompanhava, se lh'o não levasse a mal, porque tambem ia trabalhar para a cidade.

Domingos offerecêra o cavallo do seu creado, que foi logo acceito. Chegados ao Porto, os acontecimentos politicos impediram que Joaquim encontrasse trabalho. Domingos levou-o comsigo para a hospedaria, e pagou-lhe generosamente as despezas todas. De dia, passeavam, a cavallo; e, á noite, iam ao theatro. Era exactamente a vida que convinha ao genio do carpinteiro. Por acaso, encontraram, no mesmo hotel, outro rapaz de Avelomar, recém-vindo do Pará, que depois de lhes saber as opiniões politicas, os apresentou na viella da Neta.

Joaquim Bento entrou a sentir-se assooprado por vaidades insolitas. Disse audaciosamente a José Passos, que estivera em Lisboa, e que nada o deleitára tanto como ir ás camaras, ouvir discursos. Que, se tivesse quem o ajudasse, e lhe dêsse a mão, se achava com animo de dar a vida pelo povo, estudando as suas necessidades, e indo corajosamente dizêl-as á face da nação. Bem sabia que não tiuha educação, nem talentos; mas que os homens não nasciam feitos, e que os fazia a boa vontade, etc., etc.

José Passos, que, além de conspirador comico, era o mais solemne caçador de quantos papalvos, aspirantes a politicos, lhe caíam nas unhas, bateu-lhe no hombro, e

disse-lhe, com aquelle sorriso eterno, que elle se esforçava por mostrar bonachão:

— Patriota! Patriota! E' d'estes que eu quero. O ensejo não pôde ser melhor. Nas revoluções é que tem apparecido sempre os grandes homens. Vá: distinga-se; faça serviços á causa; que eu cá estou, para o recommendar. E se por acaso me fizerem ministro... á força, que eu não acceito de outro modo, habilite-se para ter uma cadeira em S. Bento.

Joaquim ficou meio doido de alegria. Contou aos seus dois patricios esta conversa íntima, que os fez sorrir, por não tomarem a sério as promessas de Passos; e desde esse dia prometeu a si proprio, que seria alguma coisa mais do que simples carpinteiro. Collou-se com maior pertinacia ao Rosmaninho; procurou outras relações politicas, fingindo ser seu o cavallo em que passeava, e dando-se ares de provinciano rico, á custa das larguezas do amigo, que condescendia, sem saber bem porquê, em deixar-se desfructar por elle.

Em Villa do Conde, pareceu-lhe azado o momento de começar a distinguir-se. Mas o seu patricio, que lhe ignorava os intentos, antecipou-se-lhe, fallando ás turbas. E o carpinteiro, temendo, sem motivo, lutar

com a eloquencia do outro, metteu-se na concha, e adiou a revelação do seu genio politico.

Desde que se separaram de Manuel Fernandes e do primo, até chegarem ao Oiteirinho, foram os dois calados. Ali, parou Joaquim o cavallo, e disse:

— O' Domingos? Tu és capaz de me fazer uma coisa?

— Conforme ella fôr.

— Reconcilia-me com tua irmã, assim como me reconciliaste com minha cunhada.

— Não me falles n'isso. Eu nem sequer me devia esquecer nunca do modo por que te portaste com ella.

— Não te zangues. Já te jurei, e dou-te ainda a minha palavra de honra, que foi o diabo da mania de me vingar. . . Tinha perdido o juizo; e a qualquer outro succederia o mesmo, se levasse a pancadaria que eu levei. Juro-te, pela minha salvação, que ia pedir perdão, publicamente, da cantiga atrevida que cantei, em Balazar, no momento em que o de Laundes me quebrou a rabeça na cara. D'ahi por diante, quanto fiz, foi filho da cegueira e do odio. Assim eu morra n'este instante, se não é verdade tudo isto. E foi por despeito que casei com

outra mulher; tinha a consciencia de que tua irmã já então me não queria.

Estas palavras e protestos revelavam tal sinceridade, que Domingos sentiu-se abalado.

— Fosse como fosse: procedeste indignamente. Maria nunca te perdoará.

— Se tu te empenhares devéras, fazendo-lhe sentir toda a verdade, perdôa. Bem vês que, sem isso, não posso ir a tua casa; e é impossivel vivermos assim, na mesma terra, sendo-te eu tão obrigado, e amando-te como se fosses meu irmão. Faze-me isto, Dominginhos: tu tens bom coração, e hasde fazer-m'o. Do contrario, dou um tiro no ouvido, para provar o meu arrependimento. Depois, tua irmã, e tu proprio, sentirão remorsos; mas o mal será sem remedio.

— Deixa-te de palavões tragicos; e vamos andando.

— Bem: não me fazes esse favor, não?

— Veremos.

— Promette-me, Domingos. Pela saude de tua santa mãe, t'o peço.

— Prometto — respondeu o outro sem hesitar. — Achaste o segredo de entrar no meu coração. Lembra-te, porém, de uma coisa; e nunca mais te direi isto: eu sou capaz

de te matar, como se matam os cães damnados, á menor patifaria que me faças, a mim ou aos meus. Não te esqueças de que Maria Rosmaninha tem agora o irmão presente.

— Perdão-te a morte, se a merecer. E Maria, perdoando me, ganhará outro irmão. Juro-o por tudo quanto ha sagrado.

Separaram-se. E Domingos cumpriu a promessa que fizera. Durante a sua ausencia, Rosa Estella fôra visitar Maria. A irmã casada absteve-se de acompanhá-la. E a Rosmaninha não pagou nem agradeceu a visita a Rosa. Ouvindo as explicações e pedido de Domingos, declarou a moça, peremptoriamente, que nunca perdoaria a injuria. Que, por amor do irmão, estava prompta para fazer o sacrificio de conviver com Joaquim e com a familia d'elle; mas, que não havia medicina, do céu nem da terra, que lhe curasse a ferida, aberta no coração.

— N'esse caso, ainda gostas d'elle?

— Pelo contrario: desprezo-o.

— Vê lá; não te enganes.

— Descança: não engano. Se elle me não tivesse affrontado, choraria eu toda a vida, pelo ver casado com outra. Depois do que se passou, fiquei curada.

— Ainda bem. Eu tolero-o... nem sei porquê. Temos as mesmas inclinações políticas. E', talvez, por isso.

— Não entendo d'essas coisas, nem sou capaz de te dar conselhos. Já te disse o que tinha a dizer.

— Se elle por ahí vier alguma vez, peço-te que não o trates mal.

— Por amor de ti, farei tudo, já disse; menos mostrar-lhe agrado.

Dias depois, foi Domingos a casa de Joaquim Bento. O carpinteiro não tinha tornado a procurar trabalho, dizendo á familia que não o havia em parte nenhuma. N'esse dia, após violentas discussões com a mulher, para lhe apanhar dinheiro, saira, sem deixar dito para onde ia. Anna andava tecendo uma teia, para os Serôdes. Tinha os olhos vermelhos de chorar, e fez-se muito corada, quando viu o brasileiro. Rosa, que estava dobando, levantou-se para abrir a meia porta.

— Não se incommode, menina. Agora, não entro. Voltarei, quando o Joaquim cá estiver.

Encostou-se ao postigo, e, em vez de retirar-se, como pelas suas palavras se suppunha que ia fazer, deixou-se ficar, com a vista fixa em Anna. A moça, adivinhando-se

alvo da sua observação, tornou-se mais vermelha, e teve vontade de chorar. Domingos conheceu que a incommodava e constrangia, e quiz ir-se embora.

— Ora, o Joaquim... onde estará metido a estas horas? Se soubesse que elle não se demorava...

— E' melhor entrar — tornou Rosa.

— Não, obrigado. N'outra occasião.

E continuou a fallar de coisas indifferentes, contando o que tinham passado em Villa do Conde, que ellas sabiam perfeitamente já; e concluindo por se referir ao tempo, que era esplendido e promettia continuar assim. Rosa concluiu o trabalho, arrumou a dobradura, e foi dentro buscar costura. Domingos aproveitou a ausencia d'ella para dizer á irmã:

— Está tão triste, sr.^a Anninhas!

— Triste? Porque?

E, sem saber, provavelmente, o que dizia ou fazia, a formosa mulher levantou para elle os seus belllos olhos azues, que nadavam ainda no pranto.

— Como é linda! — exclamou, involuntariamente, o Rosmaninho.

Anna baixou logo o rosto, continuando a tecer com maior rapidez. E o rapaz, caindo em si, murmurou:

— Perdão, senhora. Não tive intenção de a offender.

— Nem me offendem —olveu ella, com um sorriso triste.— Gôsta de dizer graças: que mal ha n'isso?

Domingos ia replicar, asseverando que não gracejára; mas conteve-se, vendo Rosa voltar. A Estella mais velha encarou a irmã com ar investigador; e fitou depois a vista no Rosmaninho, obrigando-o a voltar-se para outro lado, por não poder supportar-lhe o exame.

— Ouviria ella? — pensava Domingos.— Esta mulher tem o diabo nos olhos, quando os põe na gente de certo modo!

— Que diriam elles?! — perguntava Rosa a si mesma.— Conheço-lhes nas caras, que não continuaram a fallar do sol e da chuva.

Passada meia hora, que Domingos gastou ainda em dizer banalidades, querendo e não ousando ir-se embora, appareceu Joaquim Bento.

— Estavas cá?! Tenho andado a procurar-te.

— Tambem eu a ti.

— Entra.

— Não; já é tarde. Estive muito tempo á tua espera.

— Ah!

E o carpinteiro procurou a mulher com

os olhos. Vendo-a de cabeça baixa, seguindo attentamente os movimentos da lançadeira, e a fazer jogar apressadamente o pedal do tear, olhou para a cunhada, que também se curvava sobre a costura.

— Para qual das duas será? — pensou o cioso marido. Em seguida, dirigindo-se novamente a Domingos: — Ainda vae o sol alto... e tu não tens que fazer. Preciso pedir-te um conselho.

Domingos, convidado d'aquelle modo terminante, entrou e sentou-se na arca dos novellos, batendo a poeira das calças com a bengalinha de canna da India, que trazia na mão. Da posição em que, por acaso, se collocára, via de frente o rosto da tecedeira; e cada vez que esta levantava os olhos, da trama, para examinar se os cadilhos corriam desembaraçados, a vista do moço encontrava-se com a d'ella.

Joaquim encostou-se a um dos prumos do tear, de costas voltadas para a mulher, tendo a cunhada e o Rosmaninho diante de si, aquella á direita e este á esquerda; e começou assim:

— Desejo que me aconselhes, sobre a resolução que pretendo tomar. E's homem de grande saber: viste muito mundo, e d'este provas de talento, enriquecendo. Ora, eu

sou pobre...— Isto, foi dito a gaguejar, com pejo e colera.— E estou farto d'esta vida de miseria.

— Quem não trabalha, não pôde ter abastança — acudiu Rosa, seccamente.

— Mau!

— Ella diz a verdade — interveiu Rosmaninho. — Aquella opinião é exactamente a minha. E se é para viver ocioso que me consultas, já ficas sabendo como penso.

Rosa agradeceu, com olhar terno, as palavras de Domingos. Joaquim curvou a cabeça por momentos; depois, tornou:

— Rosa, desculpa o meu ruim humor. Bem vejo que ambos teem razão...

— Alguma quer pregar! — reflectiu a cunhada. — Esta mansidão, não é natural.

— O officio de carpinteiro — tornou Joaquim Bento — está dado em droga...

— Pelo contrario — interrompeu Domingos. — Logo te provarei o erro.

Joaquim olhou para elle, admirado, e proseguiu:

— Não acho trabalho, no Porto, senão raras vezes; em Villa do Conde, já não se fazem navios, ha que tempos! Os salarios, baixam; e a vida encarece. Tenho familia, e não a posso sustentar. A pobreza azeda-me o genio, e obriga-me a destemperar com

a mulher, que não tem culpa da minha má fortuna...

— Não digas isso, Joaquim. Eu não me queixo.

— Porque és moça capaz. Infelizmente, não te posso tratar como mereces, nem a tua irmã, e a minha mãe...

— Aonde quererá elle chegar?! — pensava a cunhada.

— Vou-me deixar de carpinteirices...

— Vaes?! — interrogaram as duas mulheres.

A tia Benta, que estava na cozinha a rezar nas contas, desde que jantára, ouviu as ultimas palavras do filho, e veio, coxeando e engrolando padre-nossos, exclamar, á porta da casa de trabalho:

— Ora essa! Padre-nosso, que estaes no céu... Deixar o officio?! Santificado... O teu ganha pão!... Seja o vosso nome... Carpinteirices!... Assim na terra... Nunca tal ouvi!... Como no céu.

— Tenho dois caminhos a escolher; e preciso resolver-me ácerca do que devo seguir.

— Quaes são? — perguntaram as tres mulheres.

— Ave-Maria, cheia de graça... Olhem que historia!... O Senhor é comvosco...

— murmurava a mãe, com o rosario na mão.

O filho tornou:

— Metter-me na politica, ou ir para o Brazil.

— Brazil! Politica! — exclamaram as duas irmãs.

— Do vosso ventre... — rosnava a velha.

— José Passos prometeu-me o seu apoio. O governo popular está no poder. Contento-me com qualquer emprego, de oito tostones por dia, nas alfandegas, ou coisa assim. Se não alcançar isso, Domingos, peço-te que me recommends para o Rio de Janeiro.

— Para o Brazil, não! — gritaram a mãe e a mulher, olhando para Rosa, como a pedir-lhe a sua opinião.

Esta esteve momentos calada, e de olhos baixos. A final, disse tambem:

— Por minha causa, de certo não irás. Não tens obrigação de trabalhar para mim; e antes quero ajudar-te, eu, a ganhar a vida, na nossa terra, do que consentir que vás morrer longe de nós.

Anna saiu do tear, a correr, e foi abraçá-la, suffocada em choro.

— Obrigada, Rosa — exclamou ella, beijando-a.

A tia Benta imitou a nora, com menos enternecimento, mas com igual gratidão. E Joaquim achou também uma lagrima sincera, reconhecendo que a cunhada lhe perdoára generosamente as offensas.

— Olha, Rosa — disse elle, abraçando-a por sua vez: — nem tu sabes o que me fizeste sentir agora cá por dentro! Comecei isto para lhes fazer mais uma scena... e vossês viraram-me, de modo... que tômo a coisa ao serio. Que dizes tu, Domingos? Estás tão calado, tendo-me dado tantas provas de amizade, sem eu as merecer?!

Todos se voltaram para o Rosmaninho. Este poz os olhos no tecto, pegou no queixo com a mão esquerda, deixando a direita, que empunhava a chibata, descair ao longo da caixa em que estava sentado, e saccou da sua meditação este sabio parecer:

— O Brazil é bom, para quem tem lá parentes ricos, ou amigos muito dedicados e bem estabelecidos. E' bom... mas lá trabalha-se dez vezes mais do que em Portugal; e quem não estiver resolvido a isso, escusa de ir, porque fará menos do que aqui. Eu estou rico, é verdade; lembrem-se, porém, de que moirejei dezeseis annos, sem descanso; e que tive a fortuna de en-

contrar um patrão amigo, sem parentes, que me fez seu herdeiro.

— Que pechincha! — interrompeu Joaquim.

— Apanham-se d'estas uma vez em cada cem annos e uma pessoa entre cada cem mil. Portanto, voto contra a ida para o Rio.

— Então, vou ao José Passos...

— O José Passos parece-me excellente pessoa, e ha de receber-te muito bem, quando precisar de ti para fazer eleições, ou para qualquer outra coisa. Logo que passe a necessidade, não te canses em o procurar. Mandar-te-ha dizer, pelo creado, que não sabe quem és, e que não te póde fallar, por ter muito que fazer.

— Cachorro! Se tal me fizesse!...

— Todos os politicos assim procedem, invariavelmente. Mas, dado que encontras-se n'esse a excepção á regra, e que te empregasse... debes confessar que não tens instrucção... e serias, por isso, o ultimo, entre os teus novos collegas... ao passo que com a tua intelligencia e natural talento pódes, querendo, ser o primeiro entre os carpinteiros.

— Isso é que é fallar bem e verdade! — gritou Rosa, cheia de convicção.

— Também me parece que sim, senhor — confirmou a mãe de Joaquim.

Anna olhava para o marido, sem ousar dizer a sua opinião.

— Carpinteiro! — replicou Joaquim, desdenhosamente. — Estou farto de o ser, sem resultado. Não se passa da cepa torta.

— Quando se não sabe ser economico e trabalhador — tornou Domingos Rosmaninho. — Emquanto durou a revolução popular, não havia quem dêsse trabalho. Ha apenas seis ou oito dias que as coisas serenaram, e já não se encontra um bom official disponivel em nenhum officio...

— Aqui estou eu...

— Porque queres.

— Não tenho achado...

— Procuras mal. Na segunda feira vão para o Porto o Manuel Flores, o José da Torre, o Mathias Cencadas, todos os de Aldeia Nova e os de Finisterra... Não fica, em Avelomar, ninguem que saiba pegar n'um machado e n'uma enxó e tirar uma fasquia.

— Ora essa! Como sabes tu isso?

— Simplesmente. Vão trabalhar por minha conta, porque dou maior jornal do que já lhes tinham offerecido.

— Tu tens obras?!

— Vou pôr um navio no estaleiro do Ouro.

— E' boa!

— E vim procurar-te, para saber se querias ir tambem, como contramestre, e ganhando oito tostões por dia, que é o dobro do que dou aos officiaes.

— Que fortuna! — exclamou Rosa.

— E' verdade! que dinheirão! Porque não ha de elle querer? — disse a tia Benta.

Anna tinha vontade de beijar as mãos a Domingos. Antes, porém, de ouvir a resposta do marido, não ousou dizer palavra.

Joaquim sentiu primeiro grande commoção de prazer. Afagára-o a vaidade com a nomeação de contramestre, salario duplicado, e auctoridade sobre os seus patricios de Avelomar, alguns dos quaes embirravam com elle. Mas, reflectindo logo que ia trabalhar para o homem a quem chamára amigo, com o qual passeára a cavallo, como seu igual, e que seria, d'ali por diante, seu patrão, revoltou-se-lhe o estúpido orgulho e córou de raiva. Esse homem era irmão de Maria Rosmaninha, da sua ex-namorada, que ficaria sendo quasi sua ama, que o podia mandar despedir do seu serviço, ou que propozera, talvez, para o humilhar com a sua generosidade, que se lhe dêsse maior salario do que aos outros officiaes, e certa

auctoridade sobre elles... Assim, não seria ella quem se vexasse pelo ter namorado. Com estas e outras semelhantes reflexões, á medida que a proposta de Domingos lhe parecia insolente e affrontosa, enfurecia-se gradualmente. Mas, como recusar a offerta? Como justificar-se de não a aceitar, tendo declarado que queria ir para o Brazil ou metter-se na politica, porque não achava trabalho e os salarios baixavam? Nunca ganhára mais de tres tostões por dia, na dependencia de carpinteiros ignorantes; com que razões repelliria, agora, quasi tres vezes mais, e o logar de contracto, que lhe offereciam? Diria os verdadeiros motivos? Melhor seria suicidar-se do que cobrir-se d'esse opprobrio! Porém, se era vergonha confessar a verdade, não tinham fundamento os seus escrúpulos, por ventura filhos da má posição que a si proprio creára, e do seu falso modo de ver as coisas.

Joaquim tinha, só muito vagamente, a intuição do justo e do verdadeiro. A consciencia do dever, que é a maior força do homem, em todas as situações difficeis da vida, desamparava-o a miude, cedendo o logar ás paixões, que o dominavam, boas ou más, conforme as circumstancias. Procurára a todo o transe cultivar as relações

de Domingos Rosmaninho, para o explorar; e, como elle proprio se exprimia, para fazer figura, á custa do outro. Não tinha brio nem dignidade; mas estava persuadido do contrario, por ignorancia e falta de educação. Tomava o orgulho e a vaidade por aquelles dois sentimentos; e deixava-se guiar por elles, na maioria dos casos.

Reparando, ao cabo de longo meditar, que todos o encaravam á espera da sua resposta, teve a prudencia, rara para o seu genio, mas facil de explicar pelo desejo de não romper com o Rosmaninho, de occultar os pensamentos, que lhe tinham revolvido e atormentado a alma.

— Preciso tempo para pensar — respondeu, com espanto dos que o viram tão largamente absorvido pela reflexão.

— Pensar em quê? — interrogou Rosa.

— Pois ainda querias mais?

— Elle lá sabe — acudiu Anna, desculpando-o.

— E' da Rosa, que o Domingos gosta — disse comsigo Joaquim. — Se ella o apanha!... Era boa estucha! Em todo o caso, juizo é que se quer. Não me convem que fiquemos mal. Preciso achar um pretexto... — E concluiu, em voz alta: — A'manhã, vou ao Porto...

— Procurar José Passos? — perguntou ironicamente Domingos, como se o tivesse adivinhado.

— Veremos.

— Faze o que entenderes. Adverte, porém, que perdeste o direito de te queixar, na minha presença, da falta de trabalho e de bons salarios. E sabe que aprecio mediocrementemente a amizade dos ociosos. A quilha põe-se no estaleiro segunda feira. Adeus, meninas.

— Lá nos veremos. Eu parto amanhã. — E logo que saiu o Rosmaninho, acrescentou, a meia voz, com ar ameaçador: — Ricos do inferno! O vosso dia ha de chegar, cedo ou tarde; e então repartireis connosco, sem nos obrigar ao trabalho brutal com que vos enriquecemos.

— Era o primeiro grito, na península ibérica, do communismo contemporaneo.

XXI

**Caprichos do estomago
e do coração**

Tres dias successivos, e a differentes horas, procurou Joaquim Bento fallar com Passos José. O revolucionario da viella da Neta necessitava de attender primeiro aos pretendentes de mais alto cothurno, e nem sequer soube que o carpinteiro o procurára. Ao quarto dia collocou-se o politico broeiro de sentinella: viu sair o mestre, e atracou-o, resolutamente, pedindo-lhe que o empregasse, em recompensa dos serviços que allegava ter feito. Asseverou que fôra elle quem parlamentára com a guarnição do castello da Guia, em Villa do Conde, e a rendêra, antes de chegar ali a noticia da mudança do ministerio. A falta de acta da capitulação, privava José Passos de apurar a verdade do facto. Mas, ainda que acreditasse Joaquim, entendeu que o castello e os

veteranos não valiam dois patacos, dados por uma só vez, quanto mais emprego de oito tostões por dia, para sempre!

— Patriota! patriota! — respondeu-lhe. — Isso foi um serviço de tal ordem, que eu não me julgo auctorisado a recommendá-lo. Vá pessoalmente a Lisboa: apresente-se aos ministros, e requeira a remuneração que lhe é devida. Se de lá me consultarem, conte com o meu apoio.

— V. ex.^a informará bem?

— Ora essa! Pelo meu voto, o menos que o fazem é capitão da guarda nacional, condecorado com a Torre e Espada, e dez tostões por dia na... no... na repartição das obras publicas. Vá, vá, patriota. — Bateu-lhe no hombro, e afastou-se, murmurando: — Não ha carreira em que se aturem tantos tolos como na politica! O que vale é que tambem não ha outra em que elles engulam tamanhos carapetões, coitadinhos! Bons patriotas!...

Joaquim sorria de satisfação, olhando, de longe, para as costas do grande homem.

— Empregado nas obras publicas, com dez tostões por dia, o habito, e capitão da guarda nacional! E' exactamente o que me convem. Já o asno do Rosmaninho imaginava que eu pegava outra vez no macha-

do!... Para trabalhar ao seu serviço! Meu patrão?!... E aquella... patrôa! Minha cunhada também achava bom, porque se enfeita para ver se o pesca!... Estão arranjados commigo! O diacho é o dinheiro para ir a Lisboa?... Se o Rosmaninho caísse?!... Experimentemos. A coisa encaminha-se perfeitamente. A'manhã, bate-se a cavilha da sua galera. Apanho-o quente da vinhaça, á hora das saudes, quando tudo são franquezas e generosidades; e deito o barro á parede. Se péga, péga: se não, foi graça.

No outro dia, depois de assistir á cerimonia do bater da cavilha da galera *Tentação*, e de comer o jantar ao dono, Joaquim Bento pediu a este seis moedas emprestadas, para ir a Lisboa tratar de negocio urgente.

— A' volta — concluiu elle — direi se posso ou não vir trabalhar no teu navio. Em todo o caso, não perderás o dinheiro.

— Se vaes arranjar emprego, nem seiscentas, que levasses, te chegariam para gastar na vida de pretendente. Ah! as tens. N'um mez, que perderás com essa ida, ganharias, aqui, esse dinheiro. Assim, gástalo, e deixas de o ganhar! Que isso é contigo: eu não gôsto de prégar sermões a quem m'os não encommenda.

— Como elle caiu, deixál-o cantar — ros-nava o carpinteiro, já longe do Ouro, cam-minhando para a cidade, a passo accelerado.

No dia seguinte saia o vapor *Vesuvio*, que então fazia, com o *Porto*, as carreiras entre Lisboa e a cidade invicta. Joaquim tomou passagem, escreveu á mulher, foi le-var a carta a Domingos, pedindo que o des-culpasse com a familia, por não voltar á terra, asseverando que a sua ida á capital seria por pouco tempo. Pediu ao Rosmani-nho que lhe emprestasse uma das suas ma-las, encaixou-lhe a roupa dentro, e foi pas-sar a noite a bordo, para sair de manhã cedo.

A' mesma hora em que largava o vapor, montava Domingos a cavallo, deixando o correspondente incumbido de vigiar a con-strucção do navio, enquanto elle ia buscar a mãe e as irmãs a Avelomar, para as le-var ás Caldas de Vizella. Contra o seu cos-tume, não almoçou no caminho as delicio-sas fanecas, fritas, de que era muito gulo-so; e que, em varias povoações da antiga estrada do Porto á Povoá, chiavam, na ser-tã, ás portas das vendas, alouradas, como se fossem de ouro. Nem sequer olhou para ellas; nem parou o cavallo, que levou quasi todas as cinco leguas a galope. Se lhe per-

guntassem porque jornadeava com tamanha pressa, interrogar-se-ia a si proprio; e ficaria espantado de não achar resposta, que o satisfizesse.

A's nove horas da manhã, parou á porta de casa, coberto de suor e de poeira, pasmado de se ver ali, e reflectindo, só então, que não tinha comido em Villa Nova da Telha.

— E' exquisito! Porque não me lembrariam as fanecas do Fateixa?! Nos outros dias, sinto-lhes o cheiro á legua; e, hoje, nem dei por ellas! O' Maria? Tens por ali peixe fresco?

— Não te esperavamos ainda. Só com-prámos sardinhas.

— Não quero que a mãe as coma. Assa duas ou tres, já, que estou damnado com fome.

— A mãe tem carne. Rita? vae encher a cabaça do maduro. O Domingos não quer beber senão por ella.

— Vossês embirram com isso?

— A'gora, embirramos! O que nos faz é rir, por vermos um moço, todo soberano e vestido como devem andar os principes, a beber á moda da gente, tendo copos de vidro... e podendo-os ter de prata, ou de ouro.

— Ah! cachopa: mal sabes tu o gosto que eu acho em beber pela cabaça e pela garrafa. Isso, remoça-me... e a vida é tão curta! Faz-me lembrar do tempo em que eu era pequeno, antes da ida para o Rio. Quando a mãe, coitadinha! arranjava mais algum pataquinho, do linho que fiava para o Lameiro, trazia, á noite, o ruivo fresco, para a ceia, e um ou dois quartilhos de vinho verde!... Então, não tínhamos copos; nem canecas sequer! Bebiámos todos pela garrafa ou pela cabaça... uns após outros, limpando-a com a mão...

— Tão bom era isso, que te faz saudades?! — interrogou, rindo tristemente, a velhinha, que se arrastára, apoiando-se nas muletas, para junto do filho.

— Se era bom?! Se me faz saudades?! A minha querida mãe ainda era moça... e tinha saude. Eu estava na mais ditosa quadra da meninice... e hoje tenho trinta annos!

— Estás bem velho! — voltou Maria, rindo, enquanto assava as sardinhas.

— Envelhece-se muito, quando se vaie para longe da terra em que se nasce, cachopa. Nos primeiros annos da estada no Brazil, todas as minhas ambições eram ter talheres de prata, e beber por copos de

cristal. Pensava com repugnancia, quasi com horror e vergonha, no tempo em que comia a sardinha com a mão, em cima da brôa, e que bebia pela cabaça commum. A' medida, porém, que fui tendo mais dinheiro, iam-me voltando, com grande saudade, as lembranças do passado. A riqueza trouxe-me, por fim, o tédio; e, presentemente, o que mais me compraz é fazer reviver os usos da minha infancia. Infelizmente, a opulencia deu-me cabo do estomago! Já não posso comer bôlo, do que nos mandavam do Lameiro, quando faziam a fornada; nem sarrabulho, do que nos davam os Serôdes, por occasião de matarem o porco; e até as migas de vinho quente, que comiamos nas noites de Natal, me fazem azia! Vê, pois, se vale a pena ser rico, para se privar a gente d'aquillo de que mais gosta!

— Antes querias ser pobre, apósto?!

— Não; lá isso...

— Então, vae gosando; e deixa-te de asneiras. Apesar da tua sabedoria, não cuidas que não dizes algumas.

— Cantê! — respondeu o irmão, sorrindo.

— Arremeda-me, anda! E olha que não as dizes só, tambem as fazes.

— Podéra!

— Fias-te no Joaquim Bento, que ainda te ha de pregar alguma com a sua amizade.

— Não te passou a espinha? Conheço que tens razão. Mas olha que eu aturo-o, sem ser seu amigo.

— O que elle quer é apanbar-te dinheiro.

— Já lá tem algum...

— Caíste? — gritou a mãe. — Bem mal fazes!

— Antes o désses de esmola — tornou Maria, zangada. — Era mais bem empregado.

— Foi pouco; e a titulo de emprestimo.

— Espera por elle!

— Ah! está a Rita com o vinho. Vamos ao almoço. Dá-me cá uma sardinha, bem quente, em cima do pão. Ih! como essa está bonita e gorda! Que vaes fazer?! Pára! Não lhe tires a camisa.

— Qual camisa! Queres comê-la com escamas?

— Acho-a deliciosa. Dispo-a, regálo-me de lhe admirar o lombo, côr de castanha, escorrendo gordura; e, depois, misturo-o com a pelle, e vae tudo junto. Assim: ôlha.

— Queres pão de milho quente? Têmol-o ali.

— Para que m'ò disseste?! Agora, dá cá. Outro pedaço da minha vida passada! Hoje, estoiro!...

— Qual! Afóga tudo com vinho, e deixa. Depois do almoço, dá um passeio, a pé.

— E' o que hei de fazer. Vou passear por ahi. E arranjem-se, que, para a semana, vamos embora. Já aluguei casa em Vizzella.

— Serio?

— E ha de vir aqui uma carruagem do Porto, buscál-as a vossés.

— Que despeção, rapaz!

— Queriam, talvez, ir a pé?!

— Eu sei cá! Se vaes a gastar d'esse modo...

— Não se assustem. Deus é grande!

— Isso é. Louvado seja Elle para sempre! — acudiu a velhinha, erguendo as mãos.

— Amen — responderam as duas filhas e o filho.

— Consta-me que se enfeita por ahi certo Pedro de Laundes... — tornou Domingos, pegando em terceira sardinha, e olhando para Maria, que tomou a côr de tomate maduro. — Tem elle coisa que se veja?

— E' muito rico — disse a irmã mais nova.

— Muito? Sabes que a Maria levará... Quanto queres tu levar, cachopa?

— Sei cá. O que tu me quizeres dar.

— Cinco contos, chegam-te?

— Quanto é isso? De contos e de histórias não sei nada.

— Cincoenta centos.

— Credo! — gritaram as tres mulheres.

— Tudo isso para uma só? — interrogou a mãe.

— Pois então?! A Rita ha de ter outro tanto.

— Tu estrágal-as! — exclamou a velha.

— Nem irmãs de rei.

— Quando voltarmos de Vizella, ficaremos algum tempo na Povoia, até se arranjar aqui outra casita mais confortavel, em que caibamos todos, á vontade.

— Deixa-te de despezas. N'esta já coube mais gente. Compra terras, que é o que vale. Diz o rifão, que «terra, quanta vejas, e casa, quanto caibas».

— A mãe pensa assim, porque não sabe o que é o commercio. As terras não rendem tres por cento.

— Tu lá te entendes. Faze o que for melhor.

— E o teu navio? Já ficou começado? — interrogou Rita.

— Já. Quando elle for ao mar, vossês hão de ir ver.

— Quem déra que fosse já hoje ! Aquillo custa muito dinheiro, não custa ?

— Alguma coisita.

— Não te vá dar a veneta de ires n'elle, depois !

— Socega, cachopa. Não embarco mais.

— Graças a Deus ! — voltou a mãe.

— Até logo. Vou esmoer as sardinhas e a brôa quente.

— Até logo, rapaz.

Domingos saiu, atravessou a ponte da Perlinha, subiu ao terreiro da capella, e indireitou para a casa das fiandeiras. As duas irmãs estavam a trabalhar, como de costume: Rosa fiava e Anna tecia. Assim que a sombra do Rosmaninho se projectou no interior da casa, adivinharam que era elle, antes ainda de terem levantado os olhos para a meia porta a que o visitador se apoiára para lhes fallar. Rosa recebeu-o fria e gravemente. Anna còrou; e apenas pôde balbuciar duas palavras, em resposta ás perguntas de cortezia que lhe fez o brasileiro.

Domingos entregou a carta. O mais doloroso espanto fez estremecer a mulher de Joaquim Bento, quando soube da ida do marido para Lisboa, sem ter-se despedido d'ella. Rosa vociferou improperios, accusando-o, como sempre, de vadio, pregui-

çoso, mau homem e sem brio. Por mais que Anna a supplicasse, indicando a presença de pessoa estranha, a irmã não se calou antes de haver desafojado completamente a colera, contra o ausente. Domingos quiz consolá-las, dizendo, que, provavelmente, teriam feito a Joaquim promessa de algum bom emprego. E, comquanto o brasileiro não estivesse convencido de que elle o alcançaria, pretendeu fazer acreditar o contrario. Mas o seu generoso intuito asanhou ainda mais Rosa Estella.

— Emprego? — gritou ella, furiosa. — Que emprego haverá, que elle seja capaz de servir?! Para que prestam madraços sem vergonha?

— Rosa! — implorou a triste irmã, com as lagrimas nos olhos.

— Que mais queria, além d'aquillo que se lhe offereceu? Oito tostões por dia, e o logar de contramestre dos carpinteiros! Era fortuna, que elle não merecia, e que recusou, por orgulho. Cuidas que o não conheço? — proseguiu, vendo o olhar de interrogação da irmã. — Por orgulho, sim. Invergonhou-se de ir trabalhar para o sr. Domingos, porque não queria chamar patrão ao homem com quem passeára a cavallo, como amigo e igual.

— Quem te disse isso?

— Só tu o não conheces. Impostor e basofioso ridiculo! Não se peja de que as pessoas generosas lhe paguem comezainas e divertimentos, e rejeita o trabalho honrado e bem retribuido, quando lh'o offerecem! Tu és a misera escrava, que se mata a trabalhar para elle, assim como eu, em vez de ser aquelle mariola quem te mantenha a ti, como era sua obrigação! Eu bem te disse, bastantes vezes, que não casasses com semelhante traste.

— Mas tu quizestelo-tambem — respondeu Anna indignada.

— Ainda não o conhecia.

— Meninas!... Olhem que passa gente... E já ali está a Ferreira, e outras vizinhas, a espreitar ás portas — disse Rosmaninho, que se sentia pouco á vontade, e não sabia se devia ficar, se retirar-se.

As duas calaram-se. Anna continuou a chorar, batendo o tear com força, para abafar o ruido dos soluços. Domingos, sempre do lado de fóra, debruçado sobre as meias portas, tentava distrahir-a, fallando-lhe de outras coisas. E como não ha estado, por peor que seja, que dure sempre, a moça reteve, emfim, as lagrimas.

A tia Rosmaninha, que era muito forte

em rifões, tambem ás vezes se consolava do proprio infortunio, dizendo ás filhas:— «Não ha mal que sempre dure, nem bem que nunca se acabe».— A volta do filho, rico, principiava a justificar o seu dito.

Como ella, a mulher de Joaquim, foi-se resignando com a sua sorte. Desde muito que o marido fazia longas ausencias, demorando-se no Porto semanas a fio. Que differença havia, pois, em que elle estivesse n'aquella cidade ou na capital? Já a tinha costumado a passar sem a sua companhia, e a não lhe mandar nem trazer dinheiro. Pelo contrario, quando vinha a casa, nos ultimos tempos, era para lhe apanhar o modesto fructo das suas economias. Por consequencia, em vez de lastimar-se da sua ida para mais longe, devia a moça agradecer ainda a Deus essa circumstancia, que a livrava de ralhos brutaes e de exigencias continuas.

Estas rasões, expendidas pela irmã mais velha, com excesso de mansidão calculada, foram calando no animo de Anna Estella, e restituiram-lhe a antiga alegria. Passados quatro ou cinco dias, ria, e conversava muito com Domingos Rosmaninho, que, diariamente, de manhã e de tarde, ia visitál-as, offerecer-lhes os seus serviços, levar-lhes

mimosinhos de doce, fructa, bôlos, e perguntar se tinham tido noticias. Não havia ainda tempo sufficiente para ter vindo carta de Lisboa; mas ninguem pensava n'isso. Anna Estella costumára-se de tal modo ás visitas de Rosmaninho, que, quando se approximava a hora d'ellas, movia com frenetica impaciencia o pedal do tear, e não fazia senão volver os olhos da trama para a porta, e da porta para a trama; e se o moço chegava um pouco mais tarde que o costume, recebia-o com despeito, amuava-se, e até sentia vontade de chorar. Rosa, parecia não dar por este manejo febril, e talvez imprudente. Comprazia-se tambem com a presença de Domingos; porém, não saía nunca da costumada reserva; nem dava o menor signal de agastamento, se por acaso elle tardava alguns minutos. A tia Benta rariissimas vezes estava presente. Boa mulher, mas beata até á importunidade, passava a vida a dormir, sentada na cozinha, sempre de contas na mão, afugentando Deus, e chamando o somno, com rezas tão impertinentes como interminaveis.

Nunca o Rosmaninho entrára em casa das fiandeiras. As suas visitas eram sempre de dia; e, durante ellas, conservava-se

encostado á meia porta, do lado de fóra. Mas, indo duas vezes por dia, ficava da primeira até á hora do jantar; e, da segunda, só retirava depois do sol posto. E' claro, pois, que passava o tempo áquella porta; e que este caso, n'uma aldeia, não podia deixar de dar nas vistas. . . da policia mulheril dos soalheiros.

Na segunda feira, que se seguiu á volta do brasileiro, do Porto, devia a familia partir com elle para as Caldas, conforme prevenira, quando chegou a casa. As irmãs fizeram os seus arranjos, e os da mãe; e esperaram as ultimas ordens de Domingos. Este, porém, não disse mais nada a tal respeito; nem ellas se atreveram a fazer-lhe perguntas. Achavam-n'o sempre preoccupado; absorvido por pensamentos occultos, que o obrigavam a comer de corrida, e a sair logo, sem dar palavra. Nem a mãe nem as filhas se communicavam as suas identicas reflexões; mas todas tres andavam inquietas.

Passou a segunda feira, sem se fallar em Vizella: e correu a semana toda, do mesmo modo que a anterior. No sabbado, á ceia, perguntou Maria ao irmão:

— Queres que se dê a tua roupa á lava-deira?

— Certamente. Porque perguntas isso? Não é costume andar eu de roupa lavada?

— Como tinhas dito que havíamos de ir para as Caldas, na segunda feira passada, já se não deu na outra semana; e está ahí um montão d'ella.

— Ah! sim... é que... constou-me que havia no Porto... um medico muito entendido em doenças de paralyisia... e mandei-lhe pedir para vir cá... Por ora, não tem podido; mas espero-o, por estes dias.

Effectivamente, no meio da semana seguinte, veio um dos mais distinctos facultativos do Porto. Examinou a enferma, viu que a paralyisia era parcial, e curavel com banhos das Caldas. Não havia remedio senão partir. A estação adiantava-se; e a doente piorava.

Domingos sentia-se de terrivel mau humor, sem saber porquê. As irmãs suspeitaram que algum transtorno dos seus negocios o trazia mudado de genio; e communicaram as suas desconfianças á mãe. A tia Rosmaninha agoniou-se, e logo que o filho voltou a casa, pediu-lhe que não a levasse aos banhos.

— Porquê, minha mãe? — interrogou elle, com admiração.

— Estou melhorsinha.

— O medico achou que a mãe ia peiorando, e que não se devia perder tempo.

— Eu é que me sinto; e não elle.

— Ahi ha alguma coisa — tornou o filho, encarando-a. E como ella se calasse, voltou-se para as irmãs e viu-lhes os olhos vermelhos. — Que teem vossês? Fallem francamente — proseguiu, com certa inquietação.

— Eu não sei senão dizer a verdade — respondeu Maria. — Desconfiámos que tiveste alguma perca nos teus negocios; e, sendo assim, a mãe não quer que vás fazer despesas com ella; e muito menos as queremos comnosco.

— Porque diacho pensaram isso?!

— Andas muito calado e scismatico; ha tempos...

Domingos respirou á vontade; riu-se, com visivel satisfação, e disse:

— Nunca me correram melhor as coisas. Depois de amanhã, sem falta, partimos. Se pareço mais casmurro, é porque... os planos das obras, que pretendo fazer aqui, não foram bem combinados; e estou a ver-se acho risco melhor. Ahi está porque penso sempre na mesma coisa.

No dia marcado, partiram, com effeito, para Vizella.

Logo que as Rosmaninhas se installaram e a doente começou os banhos, Domingos foi ao Porto, ficou satisfeito com o adiantamento da construcção do navio; arranjou mestre de edificações, um exercito de operarios, e partiu com elles para Avelomar, onde se principiaram logo os desaterros para o palacete, que tencionava edificar. Não havendo casa de pasto na aldeia, combinou-se com a familia do Lameiro, para esta lhe dar de comer; e recomeçou a vida que levava, antes da ida da mãe e irmãs para as Caldas. Depois do almoço, ia dar uma rapida vista de olhos ás obras da casa; e seguia d'ali para a porta das Estellas, onde esperava que fossem horas de jantar. De tarde, tornava, pelos mesmos caminhos, recolhendo-se á noite, como de costume. Assim passou uns quinze dias successivos. Ao cabo d'elles, chegou carta de Joaquim, annunciando a sua proxima volta. Havia fallado aos ministros, que todos lhe faziam grandes promessas; mas não lhe davam nada.

— «Se por estes oito dias — terminava a carta — não vier o despacho promettido, vou-me embora; e lá no Porto me arranjarei.»

— Pensa que o empregarão, senhor Domingos? — perguntou Anna, com certa ansiedade.

— Tanto como a mim — respondeu o Rosmaninho. — Se elle tem realmente tenção de voltar, por não o despacharem, estará aqui dentro em dois dias. A carta vem retardada.

Dizendo isto, o brasileiro encarou Anna, que córou até ás meninas dos olhos.

— Não o levar a bréca por lá! — respondeu Rosa.

Os dois tornaram a entreolhar-se; e Domingos esperou, em vão, que Anna protestasse contra o dito da irmã, como era costume, duas semanas antes. A moça limitou-se, agora, a fingir que não ouvira, apesar de ter o tear parado.

— As senhoras não vão nunca ver as minhas obras! — notou Domingos, para mudar de conversa. — Olhem que já estão bastante adiantadas. A'manhã levanta-se o pau de fileira, e dou uma pequena festa aos meus operarios. Se quizessem lá ir, com as minhas primas do Lameiro?...

— Gostavamos muito — respondeu Anna.

— Teem ido depressa! — observou Rosa.

— Estou morto porque se acabem os trabalhos de fóra, antes de começarem as chuvas; por isso, metti muita gente.

— D'aqui ao inverno ainda é longe.

— Estamos em agosto. E ha muito que fazer.

— A que horas deve ir a gente?

— Eu virei por aqui, depois da missa, com as do Lameiro. Agrada-lhes?

— Pois sim.

— Não vae mais ninguem? — perguntou Rosa.

— O José Alfayate, os Carreiras, os Rabaldes, e o padre Manuel.

— Tambem vae o senhor padre? — interrogou Anna, com leve tremura na voz.

— Não pude deixar de o convidar — volveu Domingos, como desculpando-se. — Elle soube da coisa, no Lameiro; porque é lá que o meu creado faz o jantar...

— Não tenho nada com a sua ida — tornou a mulher de Joaquim Bento. — Acho até bom que o santo homem assista e benza a casa, como já vi fazer a um navio, que se deitava ao mar, em Villa do Conde.

— Lembra bem. Hei de pedir-lhe quem'a benza.

— O que penso é se elle tomará a mal que eu ande por festas, não estando cá o Joaquim — acrescentou a moça, fazendo-se escarlate.

— Não é nenhum divertimento escondido; e ha de lá achar outras pessoas, para lhe fazerem companhia.

— Tudo se remedeia, levando nós a tia Benta — interveiu Rosa.

— Exactamente.

— Se é servido de cear connosco, entre.

— Muito obrigado. Já ?!

— Hoje é sabbado. Temos arranjos que fazer.

— Domingos percebeu que o despediam. Cumprimentou-as, e afastou-se lentamente.

XXII

As beatas

No dia seguinte, notava-se grande rebo-
liço, entre o beaterio da terra, á missa cha-
mada «do dia». As comadres, embiocadas nas
saías escuras, de serguita de riscas, com
que cobriam os hombros e as cabeças, me-
xericavam, aos ouvidos umas das outras,
com maior descomedimento do que de or-
dinario.

— Estiveste hontem no rio? — pergun-
tava uma.

— Estive. Porquê?

— Não ouviste nada?

— Eu, ouvi muita coisa. Consante (con-
soante) fôr o que queres que ouvisse.

— Do Rosmaninho... e da...

— Mas elle é p'ra casada ou p'ra sol-
teira?

— Pareces-me tôla!

— E' com a Rosa?

— Vae-te confessar! Qual Rosa, nem meia Rosa?! O mafarrico pegava-se lá a essa? Não, que elle não quer casar.

— O' comadre Lizarda? — rosnava outra. — Vós é que haveis de ter visto e ouvido bonitas coisas!

— Mal peccado! — volveu, com ar consternado, a interrogada. — E' cada uma de fazer arripiar o cabello de pau áquelle menino Jesus, que está no altar, o Senhor me perdõe!

— Contae lá.

— Credo! Vossê não está em si. São coisas que se digam, n'este santo lugar?

— Então, sempre é a casada?

— Olhem que pergunta!

— E conversam sósinhos?

— Oh! mulher, não me faça dizer alguma! Santa Maria, mãe de Deus, rogae por nós peccadores... Vossê queria que elles a chamassem para testemunha? Ora, aquella sempre é!... Agora e na hora da nossa morte...

— Fallam no quintal?

— E' aonde calha.

— De dia?

— Quando póde ser, creatura de Deus! Não sabe toda a gente que elle passa o tempo encostado á porta?... E as noites...

As bisbilhoteiras suspenderam os movimentos das contas; apertaram-se todas umas contra as outras, com os olhos cravados na comadre Lizarda; e como esta alongasse a reticencia, perguntaram ao mesmo tempo:

— As noites?

— Eu não quero metter a minha alma nas unhas do baetas¹. Conto só o que tenho ouvido dizer por ahi...

— Ora, adeus! Se não desembucha, pergunta-se á tia Pelica.

— Eu cá não sou d'essas — respondeu a vizinha das Estellas.

— Não é d'essas! D'essas quaes, tia Pelica, faz favor de me dizer? — interrogou Lizarda, tomando a attitudè de quem ia dar com o rosario na cara da outra velha.

— D'essas que assoalham as vidas alheias, sem saberem se as coisas são ou não como ellas as contam.

— Desafôro! Quer vossê dizer na sua, que eu minto? Ora não ha outra zabaneira assim!

— Zabaneira!

— Pschiu! — fez o sachristão, apparecendo á porta da capella.

¹ Diabo.

— O que lhe vale é o lugar, onde estamos; e o respeito que eu tenho por elle.

— Bem se vê! — rosnou a tia Pelica.

— Saibam vossês — proseguiu a outra, voltando-se para as que a rodeavam: — que o caso já não é segredo para ninguem. Quem quizer saber, não tem mais que pôr o ouvido á escuta, ali pela volta das nove ou dez horas da noite. Primeiro, ouvem-se ladrar os cães da Torre...

— Da Torre?

— Está bem de ver. Se elle vem do Palmeiro...

— Ah! sim!...

— Depois, ladram os dos Serôdes; depois, os do Palmeiro; depois os do Vessada...

— Olha lá! — exclamou uma das outras.

— E' o sujeito que se vae approximando?

— Tem muito que adivinhar — continuou Lizarda.

— A's duas por tres, rangem as botas nas passagens do rio das Cannas; ouve-se o chape-chape, na agua, encostado ao muro da tia Pelica...

— Eu nunca ouvi nada — protestou esta.

— Em vez de espreitar a vizinhança, metto-me na cama, com as contas na mão, e entrego-me a Deus...

— Porque o baetas a não quer.— murmurou a venenosa Lizarda, ao ouvido de outra velha. que, não conseguindo rir, fez uma careta. A má-língua tornou, em voz alta: — Se ouço aquillo tudo, é porque não vivo de esmolas, nem bruxarias, como certas pessoas...

Era cruel allusão á tia Pelica, a qual sabia benzer de quebranto, cortar o bicho, e fazia achar as coisas perdidas.

— Deixa-me ir para longe d'essa creatura desbocada, antes que me deite a perder com ella — exclamou a Pelica, atirando-se por cima do mulhierio para outro lado da capella.

— Manhosa! Vae pôr o ouvido á escuta, ainda com mais attenção. Todos sabem quem ella é.

— E depois do chape-chape? — perguntou outra das ouvintes.

— E' tanta a ramalhada no quintal das Estellas, que mette medo! Uma vez, deitei a cabeça pelo gateiro, e pareceu-me ver um avejão, lobishomem, abantesma, ou coisa assim.

— Abrenuncio! — exclamaram algumas das comadres, benzendo-se.

— O mafarrico vae n'essa figura?! A mo-

ça mette corpo e alma no inferno! E era com a mais nova que fallava?

— Podéra ser com a mais velha!

— Ouvia-se o que diziam?

— Isso é que eu não digo. Credo! Parecia que fallavam de matar o padre Manuel e o Joaquim Bento.

— Nossa Senhora!

— E' uma obra de caridade avisál-os.

— Isso é. Principalmente o marido, coitadinho!

— E o senhor padre. Santo homem!

— Aquella mulher vem deshonnar a aldeia.

— Nunca se deu aqui outro caso semelhante!

— A'gora não deu! Vós não vos lembraes do que se passou com a Damiana?

— E' verdade; é verdade. —

— E com a Joaquina Silvestre? Que até dizem que teve cachôpos, e ninguem soube nunca o sumiço que elles levaram!

— Pobresinhos! Perderam-se, por esse mundo de Christo!

— Ou serviram de mantimento ao bae-tas, que os tragou com a alma da mãe.

— Pois olhem vossês que não comeu coisa boa.

— Canté!

— Também se fallou muito na mulher do José Borralha; e ella nem por isso deixou de herdar do irmão, o que fez bem bom arranjo ao José!

— A terra já está perdida, desde aquelle caso da Maria Palmeiro, com o sujeito de Lisboa! Mas essa, coitada, pagou-o caro! Assim como o Pedro Paranho... E as roseiras do amor ainda lá estão, em Santo André, tratadinhas pelo senhor padre, que tanto chorou por elles ¹!

— Não é preciso ir tão longe: Bem sabem o que fez o Joaquim Bento á Rosmaninha.

— Tendes rasão, comadre. Por isso elle agora tambem lhe cheira o negocio a chamusco. Nosso Senhor me perdõe; mas, a fallar a verdade, não é mal feito.

— Quem com ferro mata, com ferro morre — disse sentenciosamente uma das beatas.

— E o que lá vae, lá vae! — acrescentou outra. — Vejam se o rapaz do João de Laundes não anda por ahi doido, atraz d'ella.

— Diz bem, tia Santóla. O Pedro aveza

¹ Veja, no livro *Fructos de vario sabôr*, por F. Gomes de Amorim, *As roseiras do amor*.

boa casa; mas o irmão da Rosmaninha é pôdre de rico; e conta-se que dá cem centos a cada irmã.

— Cem? Santo Nome de Deus! Como arranjou elle toda essa dinheirama?

— Coitadinho de quem ficou sem ella!

— Dizem que herdou?

— E' o modo de encobrir o rómbo, que deu em alguém. lá por esses Brazis. Quem o vio e quem o vê!

— Nós ainda havemos de ouvir o bom e o bonito, quando voltar o Bento. E parece que não tarda por ahí.

— O Joaquim tem figados! Sabendo que o outro lhe quer catrafiar a mulher, vae tudo pelo pó do gato.

— Não vos fieis n'isso, vizinha. Um é madraço, e o outro aveza grossa chelpa. Se Domingos quizer, o carpinteiro não abre o bico. E a mulher, já se sabe que não se oppõe a coisa nenhuma.

— Sim, sim. Tão bons são uns como outros.

— Corja! Vieram sujar-nos a todas...

— Pschiu! Chega o padre ao altar.

Fez-se completo silencio. Todas aquellas creaturas, que acabavam de esfarrapar, sem piedade, as reputações de amigos e parentes, calumniando desafortadamente uns e ou-

tros, pozeram os olhos em alvo, agarraram-se às contas, e enviaram a Deus as mais ardentes e sinceras preces, até por alguns dos proprios que minutos antes difamaram.

Acaso será porque a excessiva ignorancia corrompe e vicia tanto como a muita illustração? E' possível. Comtudo, affirma um sabio japonéz, anonymo, que tanto a devoção como a calumnia são quasi sempre actos inconscientes: puro resultado do habito, e não da rasão nem do bom senso. Quem tiver pachorra que examine o caso.

Logo que chegou o padre ao altar, entraram as Estellas; e, em seguida, Domingos Rosmaninho, acompanhado de Manuel do Lameiro e de Pedro de Laundes. As beatas, não ousando n'aquelle solemne momento, e na presença do venerando sacerdote, interromper as rezas começadas, entreolharam-se todas, com uma eloquencia mais atroç do que a das linguas.

Acabada a missa, pela volta das dez e meia, encaminhou-se o padre Manuel, revestido de sobrepeliz, para as obras do Rosmaninho. Este e os seus convidados formavam-lhe o cortejo. O sachristão levava o hyssope e a caldeirinha. Os operarios e o mestre, que ouviram a missa das almas,

para poderem estar a póstos, logo que chegasse o patrão, tinham tudo afinado para a cerimonia.

Domingos não quizera que se tocasse na casa em que nascêra, e onde seu pae tinha morrido. Como todos os homens que passam no desterro os primeiros e os melhores annos da vida, sentira fortalecer com a ausencia o apêgo ao lar, e voltára á patria, trazido pelo amor e as saudades do passado. Em vez de destruir a humilde habitação paterna, como todos os *parvenus*, para sumir os vestigios da sua origem plebeia, e dos seus annos de miseria, pedíra sempre á mãe e ás irmãs que a conservassem religiosamente, como era d'antes. Não a restaurou, assassinando a poesia das doces recordações da infancia; nem sequer consentiu que a caiassem; ou que mãos impias e profanadoras destruíssem as heras, que lhe vestiam graciosamente as paredes. Para fazer a nova habitação, adquiriu os terrenos contiguos ao modestissimo cerra-do, onde dera os primeiros passos. Murou-os em roda, abrindo porta para o antigo quintal; e deixou n'este tudo como estava. A casa em que nascêra, destinava-a para sua bibliotheca, e para oratorio de sua mãe e irmãs: lugar de estudo e de oração, porque

encerrava, sempre viva, a memoria do passado, com a lição e exemplo de seu pae, homem pobre e rude, mas virtuoso e honrado.

N'essa modesta vivenda foram postas as mesas, para elle e os seus operarios e convidados jantarem. O mestre da obra tinha ordem terminante de não deixar entrar ali ninguém, nem no cerrado, durante a edificação do palacete, para que nenhuma das lembranças da sua primeira idade fosse destruída, por acaso ou por malevolencia.

Logo que o cortejo entrou no recinto das construcções, subiu ao ar uma girandola de foguetes. O padre percorreu todas as divisões, benzendo-as; saiu fóra, lançou agua benta em roda das paredes; e vendo a portinha que dava para o quintal da antiga residencia, perguntou:

— Quer que benza tambem aquella?

— Não, senhór. Essa está abençoada pelo meu amor e respeito á memoria de meu pae, e pelas virtudes de minha mãe e irmãs.

O padre olhou para elle com certa admiração; mas nada respondeu. Approximou-se do pau de fileira, lançou-lhe uma hysopada em cada ponta, e outra no meio, estando todas as pessoas presentes de chapéus na mão; disse as orações do estylo; e concluiu, em voz alta:

— Póde subir, com Deus! —

— A'la! — mandou o architecto.

Os homens tinham as adriças das talhas nas mãos: ouviram-se chiar com o correr dos cabos nos cadernaes e moitões, e a enorme viga de pau d'arco, destinada a cumieira do edificio, foi subindo, lentamente, ao som de cem foguetes, que estalavam sem cessar, e do hymno do Minho, tocado pela philarmónica de Villa do Conde, escondida, n'um coreto improvisado, entre os arvoredos da margem do rio. Fôra esta idéa da musica surpresa, preparada pelo mestre ao dono da obra.

Houve tão espontanea alegria e enthusiasmo, que todos os convidados, homens e mulheres, e até o venerando cura, se deitaram aos cabos, puxando-os, com os operarios, e fazendo com que o pau de fileira chegasse mais depressa ao seu logar. Então appareceram os philarmonicos, executando uma peça, expressamente composta para o Rosmaninho, que foi felicitado por todos os circumstantes, assim como o mestre das obras, pela sua lembrança.

— Grande pena que não estejam aqui sua mãe e irmãs! — disse Anna Estella, a Domingos, enxugando duas lagrimas inexplicaveis.

— Ninguém o sente mais do que eu — respondeu elle. — Mas quero acabar e mobilar a casa, antes que ellas tornem a Avelomar.

— Tencionam passar por lá o inverno? — interrogou a moça, com tristeza que não soube dissimular.

— No Porto, ou na Povoia. Não sei ainda bem...

— E' melhor na Povoia — acudiu ella.

— Sendo mais do seu gosto, assim será.

Anna còrou, poz-se a olhar para a casa, e voltou, para disfarçar a perturbação:

— Fica linda esta vivenda! Deus dê saúde e felicidades aos que a habitarem.

— Obrigado, Anninhas. Feliz seria um d'elles, se...

Em vez de concluir a phrase, embatucou, fazendo-se tambem ligeiramente vermelho. Acabava de ver o padre Manuel, que o observava, esforçando-se por ouvir-lhe a conversa com Anna, mas sem poder approximar-se, porque o generoso Manuel do Lameiro, temendo alguma tempestade, o segurava por um botão, fingindo que lhe estava limpando a batina.

— Deixa-me, com a bréca! — gritou o cura, impaciente.

— Tem aqui pingos de cêra; e parece

feito, n'uma batina tão aceiada. — insistia Manuel, puxando-o mais para si.

— Deixa lá a cêra! Olha que eu!... Oh! homem de Deus: tu não estás bom! — Dizendo isto, empurrou o, largando-lhe o botão nas mãos.

— Ora aqui está, o que vossemecê fez! — exclamou Fernandes, deitando-lhe a mão a outro. — O que vale é que não rasgou o panno! A tia Rosa ha de ficar muito contente, não tem dúvida! Ao menos, não leve a batina suja, para que a senhora sua mana não ralhe tanto.

— Este rapaz tem o diabo no corpo! — rugiu o velho.

— Vamos para a mesa — disse Domingos, dirigindo-se ao excellente cura. — Meus senhores e senhoras: para a mesa.

— Vamos — rosou o padre. — D'esta me escapas tu; porém, logo fallaremos. Vejo que os zuns-zuns, que andam já por todos os soalheiros, teem seu fundamento. A mulher é capaz. Comtudo... como o marido tem sido grande patife... Vamos a ver se lhe acudo, emquanto é tempo. Estes sujeitos, que voltam do Brazil... hum... não me cheiram.

Entre os diversos brindes, que se fizeram ao jantar, sobresaíu este, do bom padre,

que brilhava sempre pela singeleza e espirito de moralidade:

— Sim, senhor: acompanyo a saude do senhor architecto da obra ao proprietario d'ella, persuadido de que bebo por um homem de bem, incapaz de praticar accões indignas de pessoas honestas. Do contrario, em vez de beber, daria severa lição a quem viesse escandalisar com o seu procedimento as pessoas sérias da minha aldeia.

Todos beberam calados, e olhando para Domingos. Anna fingiu que levava o copo aos beiços, para poder baixar os olhos, occultando a commoção que sentira, ao ouvir o padre. Domingos levantou-se, com impeto.

— Até hoje — disse elle — ainda não dei a ninguem o direito de me fazer córar. Se alguém sabe qualquer acto da minha vida, que me deshonne, desafio-o a que o declare.

Fez curta pausa. As vistas dos outros fixaram-se no cura, que se conservou tranquillo e sereno.

— Como ninguem responde — tornou o Rosmaninho — entendo que nem sequer o senhor padre tem dúvidas a tal respeito?

— Não vim aqui para o confessar — lhe volveu o bom velho, doendo se da provocação directa. — Quando chegarmos a essa oc-

casião, veremos. Por enquanto, visto que me obriga a maiores explicações do que eu queria e devia dar, baste-lhe saber que se o julgasse mau homem, nunca me sentaria á sua mesa.

— Obrigado, sr. padre Manuel. Vejo que me faz justiça; e agradeço-lh'o. Pôde acreditar que ainda me não esqueci das lições, que fez favor de me dar, quando eu era pequeno; e que respeito tanto as suas virtudes como a memoria de meu pae.

— Bem, bem: — volveu o padre, amansando, e já de bom humor. — Também não vim cá para lhe ouvir protestos. O que lhe digo ao senhor, digo-o a todos: tomem cautela com a bôca do mundo! «Quem boa cama fizer. n'ella se deitará». O' Manuel, passa-me cá esse prato de coelho, que tem muito boa cara.

— Prove primeiro d'estas perdizes, com couve lombarda — aconselhou Domingos, servindo-o. — Olhe que estão bem boas.

— Quem as fez?

— O meu creado Mathias.

— Trabalha bem! — confessou o cura, comendo com satisfação.

— Meus senhores e senhoras — tornou o Rosmaninho, de copo em punho: — Tenho a honra de beber á saude do nosso ve-

nerando mestre e amigo, um dos melhores padres e dos homens mais virtuosos que tenho conhecido: ao sr. padre Manuel Gomes de Barros!

— Viva! — apoiaram todos, com as mais vivas demonstrações de sympathia pelo bom velho.

Depois de beberem, levantou-se o padre.

— Agradeço o favor, sem me desvanecer com as palavras do sr. Domingos Rosmaninho — disse elle. — Nada ha mais facil e mais simples n'este mundo do que ser homem de bem. Lá estão dois preceitos no Evangelho, que resumem tudo: «Amemos a Deus, sobre todas as coisas, e ao proximo, como a nós mesmos; e não façamos aos outros o que não queremos que nos façam a nós». Que custa isto? Ha algum prazer na terra, que se possa comparar ao gozo de uma consciencia tranquilla? Quando a gente se deita na sua cama, e passa em revista o que fez durante o dia, é perfeitamente feliz, se pôde dizer: «Graças a Deus! Não fiz hoje nada que me esteja mal, nem que possa prejudicar os outros!» E' o que eu penso, todas as noites, e adormeço contente. Se ha algum merito n'isto, não o descobri nunca. Entendo que todos teem obrigação de ser bem procedidos; e, no que se

faz por dever, não ha que louvar. Desprezam-se os que saem do bom caminho, como é natural; e estimam-se os que nunca se arredam d'elle. Estas foram sempre as minhas idéas; e jámais precisei de grandes palavras, para as explicar aos que me querem ouvir. O sr. Domingos Rosmaninho lembrou-me, ha bocado, que eu lhe tinha dado algumas lições na sua meninice: hoje, é homem, viajou, aprendeu, e sabe mais do que eu, relativamente ás coisas do mundo. Em moral, não; a moral encerra-se toda em poucas palavras, como já demonstrei; e não é necessario ser sabio, para as aprender e utilizar. Confiado em que o sr. Domingos não precisa já dos meus conselhos, mas que me fará sempre o favor de me ouvir e attender, como seu parocho e seu amigo, bebo á saude d'elle; e peço que todos me acompanhem. Viva o sr. Domingos Rosmaninho!

— Viva!

— Não beba, senhor padre! — gritaram de fóra.— Esse homem é indigno de semelhante consideração.

Os copos pararam no ar, proximos das boccas; e todos os olhos se voltaram para o lado d'onde partia a intimação. Anna Estella, reconhecendo a voz que a fazia, en-

costou-se á mesa, para não cair. E nos labios da irmã desenhou-se um sorriso sardonico. A' porta da entrada apparecêra Joaquim Bento.

— Não deves, senhor padre! — gritava de fora — Esse homem é indigno de sim-
lhante consideração.
— Os copos estavam no ar, proximos das
bocas: e todos os olhos se voltaram para
o lado d'onde partia a intimação. A voz de
tella, acompanhando a voz que a lãxia en-

XXIII

Como da meada se faz a teia

Depois de desenganado, o carpinteiro saíra de Lisboa, trovejando contra os ministros, e jurando que se faria cartista, e que tanto elle como os seus parentes votaríam, nas futuras eleições, a favor dos inimigos do governo. A primeira pessoa conhecida, que encontrou, no Porto, ao saltar do vapor, foi José da Silva Passos. Este ía fingir que não o via, quando notou igual manejo da parte do carpinteiro, e mudou logo de tenção:

— Dar-se-ha caso que o ingrato já subisse, e não me ache digno da sua amisade? — disse, sarcasticamente, comsigo, o jornalista portuense. E endireitando atraz do outro, gritou-lhe: — Olá, patriota? Já não me conhece?! —

— Viva, sr. Passos — volveu-lhe Joaquim, dando-se ares altivos.

— Vem de Lisboa?

— E' verdade. Cahi em o acreditar; e fui envergonhar me, perante aquella corja de tratantes, que estão no governo...

— Não falle assim, homem.

— Heide fallar como quizer. E ainda farei mais alguma coisa. Bedelharam commigo, porque fui carpinteiro n'outro tempo. Mas tenho parentes ricos e illustrados; e vou trabalhar com elles nas eleições, a favor dos cabraes.

— Não faça tal, patriota. Isso hade-lhe passar. Pôde ser que eu tenha, mais dia, menos dia, occasião de o arranjar. Apareça por ahi, de vez em quando.

Joaquim sorriu, desdenhosamente.

— Está enganado commigo, sr. Passos. Já sei quem são os pulhas dos setembristas...

— Pulhas?!

— Não lhes dou tres mezes de poder. Depois me empregarão os cartistas, que é gente mais reconhecida, segundo me consta. Ouvirá fallar de mim; se me não levar o diabo.

— Que não levará coisa boa — rosnou José Passos, logo que o outro lhe virou as costas. — Aquelle bebedo terá realmente parentes abastados? Talvez fosse asneira não

o aproveitar? Ora... D'estes, temos nós aos milhares.

Na Povoá de Varzim faz-se todos os domingos e dias santos feira ou mercado, a que concorrem numerosas pessoas das povoações circumvisinhas, e até de algumas leguas afastadas. As mulheres de Avelomar ali vão também vender gallinhas, ovos, milho, legumes, e comprar o que precisam para suas casas. Joaquim lembrou-se de ir pela praça, indagar se a mulher ou a cunhada por lá estariam. Todas as pessoas conhecidas, apenas o viram, se pozeram a cochichar entre si, sorrindo, e olhando para elle de modo que o fizeram azoar.

— Que diabo terá esta gente? — pensava o viajante, percorrendo o mercado.

Não lhe tendo ninguém dado noticias de pessoas da familia, lembrou-se de que talvez viessem ainda, por ser muito cedo, e que as encontraria no caminho. Chegou, porém, a Avelomar, sem que se realisasse aquella supposição. E entrava no Terreiro, ao tempo em que estalou a primeira girandola de foguetes, na festa do Rosmaninho. Os grupos, que por ali estavam, assim que o viram, começaram a segredar, como tinham feito na Povoá as mulheres. A comadre Lizarda, que saía de casa de Joaquim

Silva com a sua bojuda cabaça de vinho verde, parou à porta do quinteiro das Marinhadeiras, dizendo, para a mais moça d'estas:

— O' Rita? que bomba que vae estourar na festa do Rosmaninho, cachopa!

— Porquê?

— Não sabes o caso da Estella?

— Ah!

— Ali chega o marido.

— E ella, onde está?

— No ninho do pintasilgo.

— Ai, Senhôr!

— Lá vem elle ter connosco!

— O' tia Lizarda: vossê sabe-me dizer para onde iria a minha gente? Está a porta fechada... E todos ahi pelo Terreiro encolhem os hombros, olham uns para os outros, e fazem caras de mysterio, em vez de me responderem. Se houve alguma desgraça, tenho coragem para tudo. Diga-me a verdade.

— Ai, filho! A verdade, ás vezes, é peor que não sei o quê... Deus me perdôe!

— Mas que foi?

— O' cachopa, conta tu.

— O Senhor me defenda! Não sei nada.

— Olha, Joaquim: é melhor não queres saber. Quem nos affiança que as coi-

sas são como se contam... Ha muito quem queira mal á gente.

— Não me impaciente com tanto palavreado. Morreu alguém em minha casa?

— Prouvéra a Deus!

— Hein?!

— Antes ella tivesse morrido, do que feito o que dizem que fez. Que eu não vi nada; e não quero metter a minha alma no inferno.

— Anna? E' de minha mulher que se trata?

— Quem tal havia de dizer?! Tão guapa moça!

— Que fez ella, velha de Satanaz?! Falle, senão esgano-a!

Agarrára-a pelo pescoço, obrigando-a a largar a cabeça no chão, e a deitar a lingua de fóra. Era a mania d'elle, quando brigava com mulheres. Já se viu que fóra tambem pela garganta que se atirára á cunhada.

— Não a mate! Acudam! — gritou Rita Marinheira.

— Ah! Uah! — rügiu a velha, tornando-se roxa.

Toda a gente que andava no Terreiro tinha parado, a olhar para os interlocutores d'esta scena. Sabendo dos boatos injuriosos

que corriam, a respeito de Anna Estella, e conhecendo a loquacidade perniciosa da tia Lizarda, imaginaram logo de que genero seria a conversação, que ella sustentava com Joaquim. Mas, temendo a ira do carpinteiro, e não querendo nada com elle, conservavam-se a prudente distancia. Vendo-o prestes a asphixiar a mulher, e ouvindo o pedido de soccorro da Marinheira, correram, e tiraram-lh'a das mãos.

— Joaquim? O' Joaquim?! Tem juizo! Isso não são coisas que se façam! Que culpa tem a creatura do que te acontece?!

— Mas que é o que me succede, com cem milhões de diabos?...

— Desavergonhado! — urrou Lizarda, fúla e assanhada como bicha ferida. — Fui eu, por ventura, que lhe levei o Rosmaninho a casa?! E é bem feito, ladrão! Lá estão elles a deitar foguetes, juntos, e a fazer festejos ao caso! Mariola do inferno! Paga-me já a cabaça e o vinho! Paga, e vae-te, com o dêmo que te leve, para onde não faças medo nem pavor e te apanhem ramos de estupor, que eu rezarei ás almas, se assim fôr.

Joaquim já não a ouvia. Julgando-se sufficientemente esclarecido, arremessou-se, pela travessa que ia ter ao rio da Perlinha,

direito á residencia dos Rosmaninhos. A tia Pelica, porém, que parecia ter estado á espreita d'elle, saiu-lhe de traz da capella, agarrou-o pelo braço que lhe ficára mais a geito, e gritou-lhe, sacudindo-o, por se persuadir que elle a não via nem ouvia, tal era a desordem que lhe notava nas feições:

— Bento? Joaquim Bento?! Não dês credito a nada do que diz aquella zabaneira. Aquillo é o peccado, não é creatura de Deus! Olha se vaes fazer alguma, que te dê na cabeça!

— Tia Pelica, largue-me! Ora espere: vossê deve saber tudo, ainda melhor do que a Lizarda.

— Sei que a Anna é, como foi sempre, cachopa honrada.

— Sabe?!

— Posso jurar-t'o, pela minha salvação. O rapaz sentiu-se alliviado.

— Para eu a acreditar, conte-me o que se tem passado, durante a minha ausencia.

A velha referiu o que via, como vizinha de ao pé da porta. Disse que Domingos ia todos os dias pôr-se horas esquecidas, a conversar com as duas irmãs, e que talvez gostasse da Anna; mas que nem uma só vez entrára em casa de Joaquim, desde que

este partira; e que lá estava a tia Benta para o confirmar.

— Nesse caso, o Rosmaninho quererá seduzil-a?

— Não sei o que quer. Affirmo que não ha mais nada; e peço-te que não dês escandalo, porque é dar gosto a quem se occupa só das vidas alheias.

— Obrigado, tia Pelica.

— Vê lá o que vaes fazer.

— Fique descansada.

Joaquim correu para casa do Rosmaninho.

— Porque desmaiias, Anna? — perguntou elle, á mulher, logo que entrou a porta de Domingos, e viu a moça muito pallida e prestes a perder os sentidos.

— E' de alegria — respondeu Rosa ironicamente.

A irmã lançou-lhe um olhar indescritivel; e, recobrando logo a presença de espirito, levantou-se e foi abraçar o marido, dizendo:

— Não te esperava. — E em voz mais baixa. — Peço-te, por tudo quanto ha sagrado, que não insultes ninguem aqui.

— Falla alto! — lhe ordenou brutalmente o marido.

— Não maltrates tua mulher, sem razão, Joaquim Bento — ordenou o velho cura.

Anna foi de novo sentar-se ao pé de Rosa, com as lagrimas promptas a saltarem-lhe dos olhos.

— Que sabe o senhor padre se eu tenho razão ou não? Acaso tem v. s.^a cumprido também os seus deveres de bom pastor? Não sabe que anda o lobo a rondar uma das suas ovelhas, quasi desgarrada, e atreve-se a dar-me conselhos?

Dir-se-ia que o carpinteiro aprendêra, na segunda viagem a Lisboa, a zelar a dignidade e a honra. Fallava com eloquencia; e atrapalhou o cura. Todas as pessoas tinham parado de comer e de beber, pousando na mesa os copos cheios. Domingos Rosmaninho reconheceu, pela primeira vez, a falsa posição que creára. Mas, vendo todos enleados, com as vistas n'elle e em Joaquim, julgou que poderia salvar-se, pela audacia:

— Com que direito me vens fazer aqui scenas de theatro, insultando quem te obsequiou, por todos os modos que tens querido? — disse elle.

— Com o direito que teem os maridos honrados de tomar contas aos tratantes que lhes desinquietam as mulheres. Estando eu ausente, que faz o senhor, parado á minha porta, um mez a fio, desde pela manhã até à noite?

— Vou salvar-te — disse Rosa, a meia voz, para a irmã. — Vê se me ficas grata. — E, voltando-se para Joaquim, proseguiu: — A casa não é só tua; e ha lá outra mulher, sem ser casada.

— E' verdade — exclamou o Rosmaninho, satisfeito, por achar aquella saida airosa.

Anna agradeceu á irmã, com o mais affectuoso dos seus olhares.

— E's capaz de jurar que foi por ti? — interrogou Joaquim, visivelmente desconfiado.

— Nem o sr. Domingos Rosmaninho é um infame, para consentir que por sua causa se continue a calumniar a minha innocente irmã, como ha tres semanas succede na aldeia, nem eu sou tão ruim, que me cale por mais tempo, encobrando... a minha inclinação... por elle. — Dizendo isto, olhava para o brasileiro, que a applaudia com a cabeça, cheio de reconhecimento.

— E' verdade que o senhor gôsta da Rosa? — perguntou o padre, com ar apavorado.

— Muitissimo.

— Ainda bem! — tornou o velho. — Tudo quanto Deus faz é para melhor. Como ella não tem pae nem mãe, sou eu o seu protector natural; e, portanto, concedo-lh'a por

mulher. Estou que nem Anna nem o marido se oppõem?

— Pelo contrario: é muito do meu gosto — apressou-se a responder o carpinteiro.

Anna balbuciou tambem algumas phrases approvativas, attribuindo-se a sua hesitação ás commoções por que acabava de passar.

— Que bella coisa! — exclamou Manuel do Lameiro, piscando o olho a Pedro de Laundes.

— A' saude dos noivos!

— Viva! — gritaram todos.

— Olhe que não bebeu, sr. Domingos — observou Rosa, indicando-lhe o copo cheio. — Eu despejei o meu todo, á sua saude.

— Ah! sim... — E bebeu, olhando para Anna.

— E eu, que sempre julguei que era da outra que elle gostava! — dizia, comsigo, a tia Benta. — Louvado seja o Senhor por tudo!

— Não é má entaladella! — rosnava Pedro, ao ouvido de Manuel Fernandes.

— E tem de se aguentar! — voltou o do Lameiro. — Isto da gente se deixar ir atraz do chôro, é uma de todos os diânhos! Ha de ser tua cunhada.

— Tu dizes isso, sem saberes se me dão a Maria?! —

— Para que a querem elles? E has de lambe-te com cincoenta centos! —

— O' Manuel, achas que o Domingos dará tanto dinheiro? —

— Disse-m'o a mim. —

— Palavra, que eu acceitava a moça, até sem nada. —

— Bem sei. E acredita que o merece. —

— Comtudo, visto o irmão querer dar-lhe essa maquia, sempre lhe pègo. —

— Canté! —

O jantar terminou friamente. Joaquim tirou o ventre de miserias, comendo por tres, propondo saudes, bebendo á aposta com José Carreira, e contando casos das suas viagens. Mas o seu contentamento não foi contagioso. Todos viam o dono da casa sorumbático, e pautavam-se por elle. —

— Vamos embora, sôra Joanna — intimou José Carreira á mulher, correndo duas bordadas enormes pelo quintal. — Já não aguento mais; e. com receio de lhe faltar ao respeito, n'um dia d'estes. é que me privo de dizer ainda mais algumas palavras á garrafa do moscatel. E' fino, aquelle! —

— Vossê já tem carga de azémola! Ande lá para diante. Assim é que cumpriu o mil-

lessimo protesto que fez, de não tornar a beber, seu mariola! O senhor padre está muito contente, não tem dúvida!

— Mau! Não me lembres coisas tristes. O padre também lhe atirou como homem... E que te pareceu a lèria? São finorios, os melros!

— Cale-se.

— Bem sabes que não sou nenhum tôlo. Tu mesma confessas que tenho talento...

— Não nego. O que lhe falta é juízo.

— Vês que estou hoje como um amorsinho de freira?!... Mas pesquei tudo. A coisa era com a Annica... Chut! Já aqui não está quem fallou.

— Por onde vae vossê, homem de Deus?! Jesus!

José Carreira, em vez de ir pelo meio da ponte, inclinou para o lado esquerdo, deu uma guinada, e caíu, enfiando-se por entre o espesso silvado, que existe ainda hoje encostado ao muro, que separa os moinhos do padre do rio da Perlinha.

— Adeus, Joanna! Cá vou para o outro mundo, pelo caminho de S. Francisco.

— Meu homem, coitadinho! Espera ahi; não morras ainda, que eu vou buscar socorro.

— Voltou atraz, gritou e acudiram os ope-

rarios do Rosmaninho, com este e os seus convidados. Enquanto se cortavam as silvas, a fouce roçadoura, Rosa Estella deu o braço a Domingos, á moda das cidades, e pediu-lhe que, visto serem noivos, passeassem um bocado pela beira do rio. O brasileiro accedeu de má vontade. Logo que se afastaram das outras pessoas, disse-lhe a moça:

— Não tive outro meio de salvar minha irmã, e de evitar ao sr. Domingos algum desaguisado. Mas não julgue que quero ser sua mulher por surpresa. Estimo-o muito; e gostaria de merecer a sua amisade, confesso; porém, nunca á custa do menor sacrificio. Sei que a sua inclinação é por Anna... e bem vê que não me pôde ser agradavel casar com a sua pessoa, sabendo isto. Arranje, portanto, qualquer saída decente, para se livrar de mim, de modo que o credito de minha irmã não fique perdido.

— Que fiz eu para accusarem sua mana?

— Que fez?! Não se finja innocente, que me faz arrepender do acto que pratiquei. Era por mim, que ia todos os dias á nossa porta?

— Gosto de conversar com ambas.

— Sr. Domingos: eu já não sou creança... Está por ahi tudo cheio de que o se-

nhor é amante de minha irmã. A infeliz moça ficaria deshonrada, se eu não dissesse o que disse. Bem sei que lhe inspiro repugnancia...

— Não inspira tal... mas...

— E por isso lhe digo: procure outro meio...

— E' que não o ha.

— Homens do seu saber, nunca se atrapalham. Procure bem, que certamente o encontrará.

— E' o unico seguro, para ninguem fazer má figura.

— Qual?

— O nosso casamento.

— Pois bem: casaremos, sendo da sua vontade, perante a igreja e o mundo. Perante Deus, viveremos como até agora.

— Não quero sacrificá-la, acceitando essa generosa proposta.

— Mas concorda em que Anna ficará infamada, e o sr. Domingos tido na conta de mau homem, se não casarmos?

— Infelizmente!

— Consinta, pois, que eu me sacrifique, por amor d'ella. Taparemos d'esse modo a bocca ao mundo; e minha pobre irmã não terá desgostos com o marido. O senhor podia ir-se embora, voltar para o

Brazil; livrar-se, enfim, como melhor lhe parecesse. Mas aquella que teve a imprudencia de o amar, ficaria perdida.

— Nunca! — exclamou Domingos. — Darei a propria vida, se tanto for necessario, para remir a minha leviandade.

— N'esse caso, não lhe convindo casar commigo, porque caminho alcançaremos o mesmo resultado?

— Já lhe disse que não vejo outra solução — tornou o Rosmaninho. — Ainda há poucas horas affirmei que não tinha dado a ninguém o direito de me fazer córar. Mentia, sem consciencia. E preciso provar o que asseverava. Casaremos.

— Como quizer. O que desejo é que fique sabendo que me sacrificio voluntaria e espontaneamente, com a cruel certeza de que sou eu a unica victima.

— Nem sei o que lhe diga, Rosa! Estou em tal estado, com as idéas em tamanha confusão!... Agradeço a sua bondade; e creia a menina que a hei de estimar sempre.

— Por conseguinte, posso certificar a todos, em proveito de minha irmã, que vou ser sua mulher legitima?

— Póde.
— Vamos embora. De hoje em diante começo a respeitá-lo, porque o reconheço

verdadeiro homem de bem. E confio em Deus, que lhe ha de passar esse devaneio, e que hei de tornál-o feliz algum dia.

Domingos enguliu em sêcco, sem responder. Estava damnado comsigo. Quando os dois se approximaram das outras pessoas, viu Anna Estella, nos olhos da irmã, tamanha expressão de triumpho, que a aterrou. Encarando com o Rosmaninho, e notando o seu ar consternado, disse comsigo:

— Querem ver que casa com elle?! Era só o que faltava!

— Chama-lhe mano — aconselhou Rosa, que parecia têl-a adivinhado, approximando-se d'ella, com o sorriso nos labios. — Casamos d'aqui a pouco; e iremos viver na casa nova.

— Tolice! — volveu Anna, rindo contrafeita. — Metteu-se-te em cabeça, que uma brincadeira podia dar esses resultados?

— Brincadeira?! Ficarias tida por sua amante, que é o que todos te julgam cá na terra, e achas que foi brincadeira, sacrificar-me eu para salvar-te?! Que idéa fazes tu da honra da mulher casada? Só por este casamento, que acabamos de combinar, te livrarás da infamia.

Anna expelliu um grito, que foi abafado pelos grunhidos de José Carreira.

Apenas caído no silvado, adormeceu o mestre, como costumava nas occasiões de grandes bebedeiras, sem se inquietar muito com a qualidade da cama. Houve um trabalho enorme, para roçar as silvas e ramarias, que o cobriam. Quando os exploradores lhe encontraram os pés, suspenderam-n'o por elles, puxando-o para fóra, arranhando-lhe as mãos e a cara, e rasgando-lhe a roupa. O pobre diabo gemia e roncava como porco, meio adormecido; e a sr.^a Joanna gritava, de cima da ponte, que não lh'o esfolassem de todo, porque ficaria desconhecido e poderia ella tomál-o por outro, ou a outro por elle.

Finalmente, conseguiram içál-o com uma sóga e restituil-o á mulher, que, ao lavar-lhe o sangue das arranhaduras, notou como elle trazia o pescoço vergonhosamente negro, e aproveitou a occasião para lh'o esfregar com areia, mudando-lhe, por esse simples processo, a côr de carvão em côr de beterraba.

Domingos Rosmaninho foi a Vizella, buscar a familia, installando-a n'um predio, que alugára na Povia de Varzim. D'ali era facil ir todos os dias a Avelomar. Almoçava em casa, jantava no Lameiro, e voltava á noite. Os intervallos, desde a chegada á al-

deia até ao meio dia, e das duas horas até às cinco, passava-os á porta das Estellas, como era costume. A sua qualidade de noivo de Rosa dava-lhe, agora, inteira liberdade de ir quando quizesse; de se demorar, e de entrar. Mas o brasileiro guardava a mesma reserva que anteriormente, conservando-se de fóra da porta, e não entrando, senão na presença de Joaquim. Anna, sempre trabalhando, ao tear, de dia, e fiando na roca, á noite, esforçava-se por parecer alegre, como d'antes. Porém, o seu rosto assombreava-se, de dia para dia, com as nuvens de inexplicavel tristeza, que lhe subia da alma. Só uma pessoa notava essa repentina melancolia, fingindo, comtudo, não dar por ella: era Rosa.

A Estella mais velha, invejada já por todas as raparigas da terra, continuava a trabalhar, mantendo a usual gravidade, sem signaes de gosto ou de desgosto; como se fosse indifferente á circumstancia de ir casar com o brasileiro, a quem a voz pública dava mais de trezentos contos de réis! Recebia o noivo com as mesmas demonstrações de deferencia, que sempre lhe dera, sem entusiasmo e sem frieza, como quem accetava, resignada, a lei de imprevisto destino, que não fôra desejado nem temido.

Domingos estava longe de tomar por calculo esse procedimento, que não lhe desagradava. Se Rosa se tivesse mostrado muito alegre, e mais affectuosa, com a solução que iam ter as suas relações, despertar-lhe-ia suspeitas; e pôde ser que elle realisasse o pensamento que por mais de uma vez lhe acudira, de fugir para o Brazil. A moça, por habilidade ou por genio, soube contê-lo no terreno do dever; e estava prestes a ser sua mulher, e, por consequencia, riquissima.

XXIV

Um laxante, e uma eleição

O mulhierio dos soalheiros ficára furioso com o desenlace da questão Rosmaninho-Estella. Tinha contado com um bom escandalo, que fizesse suar o topete ao padre Manuel, e dêsse pancadaria de crear bixo, separações, mortes e varios outros horrores; e saia-lhe, serenamente, um casamento, que ia opulentar a donzella menos sympathica da aldeia! Era de dar urros de raiua. E deram-se, com effeito.

A comadre Lizarda, discursando largamente sobre o assumpto, nos lavadouros do rio da Perlinha, encheu de satisfação todas as devotas lavadeiras, que a ouviam com visiveis signaes de contentamento.

— Vossês cuidam que eu me deixo embaçar por elles? — perorava a santa mulhier. — A'gora! Isso é bom para o tôlo do marido, que... Nosso Senhor me perdôe!

— O' comadre: olhae que o senhor padre tambem roeu a historia.

— Sim, roeu. Forte milagre! Que sabe o pobre homem d'esses peccados mortaes? Que eu cá, penso que elle é mais fino do que vossês cuidam. Aquillo, viu que não havia outro meio de tapar o buraco; e pegou-lhe, ás mãos ambas, dizendo na sua, que tudo ficava remediado.

— Não é mal apanhada, não.

— Quem perdeu, perdeu; e quem ganhou, ganhou.

— Mas agora?

— Agora, mulher?! Tem muito que saber. Casa com a outra por disfarce; e continuam na mesma.

— E o Joaquim?

— O Joaquim?! Esse... apanha quanto dinheiro quer.

— E quem nos diz, que a Rosa... sim... Vós bem entendeis?

— Pois está bem de ver. São todos uns.

— Ai, Senhor! Está tudo perdido!

— Eu ainda espero ver cair penedos do céu sobre esta terra, negra de peccados; e pagar o justo pelo peccador. Deus valha á minha alma!

— Vamos todos para o inferno, por causa d'aquelles cães!

— Dizem que se fazem dois casamentos no mesmo dia: a irmã com o Pedro de Laundes, e o irmão com a Rosa Estella.

— E que, depois, vão morar as Estellas ambas com o brasileiro, na casa nova!

— E o padre Manuel, com todas as suas sabenças e cautelas, que lhes pegue com estopa molhada.

— O' tia Lizarda, ahí vae o brasileiro! — exclamou Luiza Carriça, formosa moça, que lavava a sua teia acabada de sair do tear.

Effectivamente, Domingos Rosmaninho, de espingarda ao hombro, acabava de sair de traz dos salgueiros, que orlam as duas margens do rio, no seu curso desde a Perlinha á Cavalleira. Saltára a parede do campo chamado «a Vessada»; e ficára parado, a olhar para o quintal das Marinheiras, onde andavam a ceifar, ouvindo-se de vez em quando a voz de uma das ceifeiras, cantando trovas populares. Todas as lavandeiras cessaram instantaneamente de lavar e pozeram-se a olhar para Domingos.

— Credo! Elle ouviria? — perguntou Lizarda, a meia voz.

— Negro seja o baetas! — respondeu outra. — Olhem que havia de gostar.

A moça, que parecia ter attrahido com o seu canto as atenções do caçador, soltára

novamente a voz; e esta formosa cantiga chegou aos lavadouros da Perlinha:

«Eu não choro por ti, rosa,
Que o jardim mais rosas tem:
E' porque sei que não achas
Quem te queira tanto bem.»

— Qual é a que canta, comadre Lisarda?

— Qual ha de ser! E' a presumida da Maria Marinheira. A sobrinha, já se sabe.

— Tem boa voz!

— Ora, boa. . . Ha mais quem cante, sem ser ella.

Dizendo isto, a velha beata inclinou-se sobre a roupa que lavava, e recommçou o trabalho, cantando, ao mesmo tempo, com voz de canna rachada:

«Quem quer bem ás escondidas
Bastantes penas padece:
Passa pelos seus amores
E faz que não os conhece.»

Domingos voltou-se com vivacidade para os lavadouros, como se tivesse tomado para si o canto da velha.

— O' tia Lizarda — disse Luiza Carriça, que vira o movimento do moço: — Olhe que o assanha!

— Cuidas, talvez, que lhe tenho medo?
— E tornou a cantar:

«Quando passares por mim,
Põe os teus olhos no chão.
Podemos querer-nos bem
E o mundo cuidar que não.»

Todas as lavadeiras moças, que não perdiam de vista o Rosmaninho, pediram á tia Lizarda que não o desafiasse.

— Dizem que elle tem genio — acrescentou uma.

— E não tira os olhos de nós — voltou outra.

— O' Joaquina, tu que és mestra cantadeira, bota alguma cantiga, que seja agua na fervura.

— Espera; lá canta outra vez a Marinheira.

«Fui-me confessar e disse,
Que te andava conversando.
Por penitencia me deram
Que fosse continuando.»

— Toma! A cachopa sabe-as de crear agua na bôca. Agora tu, Joaquina.

A interpellada, bella mocetona, de olhos castanhos, cara redonda, corpo airoso, de

rica musculatura, não se fez rogar; e cantou:

«D'aqui d'onde estou bem vejo
Olhos que me estão matando;
Matae-me devagarinho,
Que eu quero morrer gozando.»

— Isso não é carne nem peixe — notou uma das velhas. — A Lizarda, se ainda tivesse voz, mettia todas as cachopas n'um chinello.

A lisonjeada, que parecia querer vingar-se de Joaquim Bento, nas allusões que fazia ao futuro cunhado, tornou:

«As telhas do teu telhado,
Com as pedras do teu muro,
E' que podem declarar-te
As vezes que eu te procuro.»

Immediatamente, ouviu-se ao longe a Marinhreira:

«Não me passeies a porta,
Nem de noite, nem de dia;
Que eu não sou santo nem santa,
A quem façam romaria.»

— Olhem como elle gostou! — disse a Carriça. — Poz-se nos bicos dos pés, para ver se a vê!

Outra lavadeira respondeu:

«A tua porta tem lama,
Quem a fez, quem a faria?
Foi gente que andou de noite,
Não sou eu, que ando de dia.»

— Tirai-vos lá, com essas cantigas sem sal — gritou a pretenciosa Lizarda. — Que-reis ver como eu o consólo por ir casar com a Estella feia, gostando da bonita? Ora ouvide:

«A salsa vende-se aos mólhos
E o alecrim ás mãos cheias;
Tanto custaram a Deus
As bonitas como as feias.»

— E' linda, tia Lizarda! — disseram as moças.

— Venha outra.

«Toda a moça que é bonita
Nunca deverá nascer:
Parece péra madura,
Que todos querem colher.»

Maria Marinheira respondeu, ao longe:

«E' triste coisa nascer:
Mas inda é peor peccar;

Depois de peccar, morrer;
Depois de morrer, penar.»

— Bonita! Muito bonita! — exclamaram
as lavadeiras. — Sae d'ahi, Joaquina!
Joaquina cantou:

«Anjos do céu te respondam,
Que eu não te sei responder.
Quem vê uns olhos bonitos
Por força se ha de perder.»

— Bravo! — exclamou o Rosmaninho que,
se fôra approximando, lentamente. — Bom
dia.

— Deus lhe dê os mesmos, sr. Domin-
gos — responderam algumas das lavande-
iras.

A Joaquina debruçara-se sobre as mea-
das que lavava, vermelha como rabanete.

— Tenho estado com muito gosto a ou-
vil-as cantar. Amo as cantigas populares da
nossa terra... e teem dito ahí algumas
muito bonitas.

— E' consante ellas saem. — respondeu a
beata Lisarda, com modo secco. — Conti-
nuae, cachopas. Eu sou velha, mas não me
importa que me achem a voz feia. O can-
tar allivia as penas; e eu cá não quero
tristezas.

E cantou:

«Hei de te dar um raminho
Feito de cravos e goivos.
Quer tu queiras, quer não queiras,
Nós havemos de ser noivos.»

Todas as mulheres olharam para Domingos. E a cantora perguntou-lhe impudentemente:

— Gosta?

— Muito — respondeu elle.

A velha tornou:

«Hei de pôr silvas no ramo,
Pois querem dizer prisão;
E também um lyrio rôxo,
Que é signal de apartação.»

A esta trova, já ninguém ousou erguer os olhos para o brasileiro. A allusão era demasiado clara, para que elle podêsse ter dúvidas de que as suas relações com as Estellas estavam sendo o assumpto do soa-lheiro. A propria cantora não se atreveu, como da penultima vez, a perguntar-lhe se gostava. Domingos, notando o silencio geral, dirigiu a palavra á velha, dizendo-lhe a sorrir:

— Continue.

Irritada pelo desdem, real ou affectado, com que eram acolhidos os seus venenosos cantares,olveu ella, com voz mais arastada e epigrammatica:

«Quando o alecrim diz amores,
Que dirão os namorados?!
Já não ha benta oliveira
Que possa unir mal casados.»

— Muito bem, tia Lizarda! Eu tinha noticia da sua habilidade; mas não julgava que fosse tanta. Quando eu dêr alguma festa, hei de convidál-a, e prometto fazê-la dançar. Adeus, tias; adeus, moças todas.

— Adeus, adeusinho. O Senhor o leve em paz. Vá com Deus — responderam varias vozes.

— Que queria elle dizer na sua? — perguntou uma velha, a Lizarda. — A modo que fallava com ar de escarneo? Vós vistes?

— Importa-me cá — respondeu Lizarda. — Se me convidarem para as bodas, vou, que não tenho medo.

E cantou outra vez:

«Fia, fia, fiandeira,
Fio que te ha de prender:
Tece, tece, tecedeira,
Teia que te ha de envolver.»

— Oh! Senhor! Não canteis d'essas, que elle torna para traz! — aconselhou outra velha.

Antes que Lizarda respondesse, cantou a joven Marinheira de dentro do seu campo:

«Quem me déra ter a dita
D'esse linho que fiaes;
Que vos déra tantos beijos
Como vós no linho daes.»

— Malandro! — gritou a tia Lizarda. — Olhae como elle tornou logo a parar sobre a ponte! Quadrou-lhe aquella da Marinheira! O cachorro é peor que Herodes, Deus me perdôe. Se lhe derem corda, não faltará por ahí que ver!

Domingos esteve mais alguns minutos na Perlinha; mas nem as lavadeiras nem a Marinheira tornaram a cantar.

A Povoação de Varzim, no tempo em que se passa esta interessantissima historia, não tinha chegado ainda aos esplendores de devassidão sardanapalesca dos nossos dias. Era terra modesta, pacata, séria e dorminhôca. Já ali se reunia muita gente, na estação dos banhos; mas limitavam as suas extravagancias e avidez de gózos a passeiar, de tarde, no paredão; cear pescada; com

cebolas e batatas; deitar com as gallinhas, e levantar ás cinco horas; tomar banho, ao nascer do sol, e almoçar ás oito. Os mais condemnaveis excessos reduziam-se a jogar a bisca, em familia; e a comer caldeiradas de congro ou salada de lagosta, nos dias duplices. Lembravam, n'isto, um dos nossos homens de estado, o qual disse um dia a outro condiscipulo, em Coimbra:

— Vamos fazer uma orgia enorme?

— Como?

— Pondo-nos em mangas de camisa, no quintal, e comendo meia quarta de marmelada com pão.

Hoje, ririam d'esses humildes usos e costumes de seus paes, os filhos, illustrados pela nossa esplendida civilisação quasi parisiense. A Povoia d'agora tem dobrado tamanho, dobrada gente, dobrado commercio, e vinte vezes mais visitantes. Sem fallar no excellente caminho de ferro, com que a dotaram tres homens de boa vontade, dignos da estima e consideração dos governos e dos povos, ha ali duas innovações, que encham de admiração o viajante. Uma é terem quasi todas as casas novas a latrina na sala de jantar; a outra é o jogo de parar.

A idéa das retretes, em similhante sitio,

explica-se, talvez, por qualquer circumstancia de localidade; e bem mal avisada andará a sciencia, se não esclarecer esse importantissimo ponto, do qual o estudo não pertence aos dominios da litteratura, nem cabe n'esta chronica.

O jogo, porém, não está no mesmo caso. E' pura e simples invenção recreativa dos padres e dos morgados, da provincia do Minho, applicada ao desenvolvimento moral dos habitantes da Povia. Joga-se ali com furor, com febre, com o desvairamento da loucura. Homens, mulheres, creanças, velhos, todos arremessam sobre as cartas ou sobre a roleta o dinheiro e a vergonha: o que teem e o que não teem. Vêem-se lojas de bebidas, mobiladas com luxo esplendido, como nunca as teve a capital do reino. A' noite, antes de irem para os bailes ou serões, as damas mais distinctas entram n'essas douradas espeluncas; sentam-se na primeira sala, e mandam os maridos, os filhos, os irmãos, os paes ou os namorados, parar por ellas, á roleta ou ás cartas, nas salas immediatas. Não entram n'estas, por terem ainda restos de decóro: temem, provavelmente, aventurar-se a ouvir as phrases pittorescas, que lá dentro se trocam, entre a nobreza minhôta, os padres, os bo-

leiros e outras classes, promiscuamente sentadas á roda das bancas de jogo. Um respeitavel cavalheiro do Alemtejo contou uma vez muitas dezenas de padres n'uma d'essas edificantes reuniões! Como aquella provincia deve ser feliz, illustrada e moralisada, dirigindo-a tão dignos e santos varões!

Escusado é dizer que todos os annos se arruinam muitas familias com o jogo da Povia de Varzim; que as leis do paiz prohibem esse jogo; e que as auctoridades não teem força, para fazer cumprir as leis. Quando chega á Povia qualquer administrador que pretende extirpar dos costumes o funesto lobinho, saltam-lhe logo em cima os proprietarios, dizendo que perderiam os alugueis das suas casas; que não as edificam para outro fim que não seja o jogo; e que se o funcionario não toma juizo, terão de viver mal. Isto quer dizer que o fazem demittir, e que para isso teem tido, por vezes, poder e influencia!

Em 1846 não haviam chegado as coisas a tamanho apuro e progresso, como já se demonstrou. Domingos Rosmaninho alugára uma das melhores casas, e n'ella estabeleceu a familia, depois do regresso de Vizzella. A velha doente melhorára com os ba-

nhos das Caldas, e começára ali o uso dos do mar. Joaquim Bento conseguira, á força de velhacaria e de sabujice, que Maria o acolhesse, na sua qualidade de futuro parente por afinidade. Pedro de Laundes, sem deixar de o detestar, tolerava-o; e consentia em vir com elle, muitas vezes, de Avelomar para a Povoá.

Joaquim lisonjeava toda a familia Rosmaninho, com o fim de agradar a Domingos, apanhando a este o dinheiro preciso, para andar na vida airada. Como a Povoá estava cheia de banhistas, mettia-se com os que lhe pareciam opulentos, e lhe davam confiança. Inculcava-se constructor naval, e dizia-se cunhado de brasileiro millionario, que estava fazendo grandes navios no Porto, e palacio em Avelomar. Com geito, manha e arte começou a puxar algumas das pessoas de fóra para o jogo da bisca suéca; depois, passou á manilha, aos tres setes, ao trinta e um, tudo a cinco réis. Assim foi indo, de vagar e calculadamente, até que chegou á ronda. De cinco réis, passou a vintem, chegou a pataco, e acabou por paradas de cruzado novo. A fortuna bafejou-o; os discipulos tomaram gosto á coisa; e Joaquim depennou-os quasi todos, achando-se, no fim da estação balneatoria,

com lucros, que orçavam por perto de novecentos mil réis!

Foi o primeiro batoteiro que teve a Povoia; o iniciador do gosto, que actualmente tanto deleita aquella famosa villa.

A' medida que o carpinteiro ia vendo crescer o seu peculio, operava-se n'elle completa e estupenda transformação: cessava de ser dissipador; já não ameaçava, como outr'ora, os ricos, declamando, *in petto*, a favor do communismo; tornava-se amigo de dinheiro, não gastando senão o absolutamente indispensavel; e comia, quanto lhe era possivel, á custa alheia, para poupar o seu. A mulher e a cunhada continuavam a ganhar para si. Joaquim nada lhes dava; mas, por outro novo effeito da sua mudança de vida, tambem já nada lhes pedia. Era perfeita a metamorphose.

A par d'esta revolução economica, dava-se, igualmente, a evolução moral e politica: não se embriagava; deixou de ser bulhento e provocador; prégava theorias ordeiras, como os velhos conservadores; condemnava todos os excessos; perorava publicamente contra os abusos, chamando ingrato ao partido que estava no poder, o qual, devendo tudo ao povo, nada fazia por elle, e só tratava de engordar os amigos. A' força de

apregoar estas banalidades, fez-se tão popular, que a noticia da sua influencia chegou ao conhecimento de José Passos, levada por um morgado, seu amigo, a quem o filho da tia Benta ganhára cincoenta moedas, emprestando-lhe depois, generosamente, alguns mil réis para o caminho.

— Dê saudades ao José Passos — dissera o carpinteiro, á despedida. — E affirme-lhe que escusa de contar com as eleições, por estas dez leguas ao redor.

O parvo morgado, grato ás boas maneiras com que Joaquim o tratára, depois de o ter esfolado ao jogo, encarecêra e exagerára a influencia d'elle. José Passos mandou offerecer-lhe uma regedoria, para começar a sua carreira politica; promettendo-lhe coisa melhor, para depois das eleições. O ex-carpinteiro respondeu desdenhosamente, dizendo que já rejeitára o voto dos poveiros para presidente da camara. Era mentira refinadissima; porém, fez effeito. José Passos escreveu para Lisboa, dizendo que lhe parecia indispensavel adquirir a influencia d'aquelle homem, injustamente tratado nas suas pretensões. Alguem do governo lembrou-se de o ter acolhido mal; todos os ministros, reunidos em conselho, concordaram em que não o receberam como deviam, por não te-

rem acreditado nos seus serviços e influencia; e resolveram contentá-lo, fosse como fosse. Os mais medrosos propozeram que se lhe dêsse um governo no ultramar, onde o levasse o diabo com a carneirada; outros lembravam fazê-lo director da alfândega do Porto; Mousinho propoz simplesmente que o nomeassem administrador do concelho, para trabalhar nas eleições, com a promessa de o fazerem depois governador civil, se o merecesse.

— O sujeito é asno; e não passa de carpinteiro — observou o duque de Palmella.

— Que tem isso? Acaso somos obrigados a cumprir o que lhe promettemos, eleitoralmente fallando? Que se contente com o que lhe damos, agora.

Expediu-se a nomeação, em termos muito lisonjeiros, por via do governador civil do Porto, com instrucções a José Passos, para a acompanhar de carta sua.

Joaquim, que nunca tinha imaginado a possibilidade de chegar áquelle espantoso resultado, deu gritos de alegria; correu a casa de Domingos Rosmaninho, andou com a familia a mostrar-se, processionalmente, pela aldeia, fazendo suppor áquelle gente simples que administrador do concelho é logo abaixo de rei, igual a ministro, com

tratamento de excellencia; e que lhe era dado passear de carruagem, e dar a mão a beijar aos povos, etc., etc.

Anna Estella largou immediatamente o tear e a roca, por ordem d'elle; e Rosa teve momentos de inveja, pensando se marido administrador de concelho seria preferivel a brasileiro possuidor de quatrocentos contos de réis. Depois de breves momentos de reflexão, resignou-se a ser rica, sem ter as honras de senhora administradora.

No dia seguinte, pela manhã, Joaquim partiu muito cedo para a Povoá. Precisava indagar se na cerimonia da posse podia metter alguma parlapatice, que fizesse effeito no espirito dos avelomarenses, porque desejava convidal-os em massa, para os delumbrar com o espectaculo imponente da sua posição. Na reforma dos seus costumes e habitos não entrava a suppressão da estolididade vaidade, com que o dotára ricamente a natureza. Era só no intuito de fazer melhor figura que elle modificára o seu viver. Sacrificava os usos e os vicios grosseiros, com a condição de que d'ahi lhe resultariam triumphos que satisfizessem o seu disparatado amor proprio.

Chegando á Povoá, a primeira pessoa que topou foi o antigo administrador, que tam-

bem na vespera recebêra a sua transferencia para Villa do Conde. Joaquim, que ignorava essa compensação, e o julgava demittido, por sua causa, engatilhou logo cara triste, e começou dizendo:

— Elles assim o quizeram...

— Estamos asseitados! — interrompeu o outro. — Nem a minha promoção nem a sua nomeação valem de nada. E é provavel que comecem as perseguições do costume. Não tardará que por ahí appareça o Caneco, a tomar vinganças. Eu, vou metter-me no Porto, onde ninguém me conhece.

Joaquim ficou estúpido de espanto, sem entender palavra. Advertido, porém, de que havia grande novidade, a natural velhacaria, de que era dotado, aconselhou-o a pôr-se em guarda, ouvindo com a maior reserva, e não arriscando palavra que o entalasse.

— E' uma dos diabos! — aventurou-se a dizer, parecendo-lhe que em semelhante afirmativa não haveria grande risco.

— Se é! — tornou o outro. — Os setembristas sempre foram grandes pedaços d'asno! E agora, deixaram-se cair como senhores!

Joaquim Bento, que era todo ouvidos, mas não queria dar-se por ignorante, tornou:

— Sempre assim o entendi.

— Estão os Cabraes outra vez no poder; e vamos pagar tudo que lhes fizemos. Vossê bem pôde sumir-se...

— Não tenho medo —olveu o carpinteiro, que começava a perceber, e entrou logo a dar-se ares de personagem importante. — Adverti, em tempo, os ministros. Disse-lhes, que, pelo rumo que levavam, não me convinha continuar associado á sua politica; que ou elles mudavam ou eu. Que assim como iam, caminhavam para o abysmo, sacrificando o povo; e que eu antes queria a Carta pura do que aquellas historias. Para ver se me amansavam, mandaram-me a nomeação de administrador do concelho! Miseraveis! Ao homem que lhes fez tamanhos serviços! Administrador de concelho! Trago aqui a carta com que ia recambiar-lhes a nomeação, acompanhada com a merecida descompostura. Eu sou cartista do coração.

O outro olhava-o, pasmado, com os olhos muito abertos, procurando na memoria, mas em vão, os grandes serviços que elle dizia ter feito; e admirado da confiança com que tratava os ministros, de mano a mano.

— Isto é, naturalmente, grande trunfo, lá por Lisboa; senão, não fallava assim! — pensava o incauto administrador.

E, depois de mais algumas palavras ao acaso, terminou por lhe pedir a sua protecção, que Joaquim prometteu, com ar magnânimo.

Em troca d'essa promessa, tirou-lhe habilmente do buxo os esclarecimentos que precisava, sem o collega perceber que elle nada sabia. O ministerio caíra, no dia antecedente, 6 de outubro de 1846, pela sabida contra-revolução do duque de Saldanha; sendo logo estabelecido governo da politica de Costa Cabral. Como consequencia d'esse facto, iam ser mudadas todas as autoridades administrativas. O telegramma de Lisboa ao Porto nada mais dizia.

Joaquim Bento chegou a casa do Rosmaninho, quando este saía para Avelomar.

— Espera ahí. Temos grandes novidades. Toda a noite estive a pensar na minha nomeação; e entendi que não me convinha.

— Porquê?

— Os setembristas são muito ingratos; não agradecem nada; e julgo-os incapazes de governar. Sabes que nos ultimos tempos me tenho feito ordeiro. Tu, que és rico, deves sê-lo com mais rasão. As revoluções e desordens são boas para quem não tem que perder. Eu sempre abominei os socialistas disfarçados, que nos governavam.

A Carta é a lei do paiz. Deixemos-nos de historias e pantominices. Com ella é que teremos paz e segurança. Ha muitos mezes que prégo isto. E, se eu acceitasse qualquer cargo público, preferia coisa independente da politica...

— N'isso, acho-te rasão.

— Achas? Ainda bem que me approvas. Sai muito cedo, para mandar a minha demissão ao governo. E encontro aqui a noticia de ter caído o ministerio.

— Palavra?!

— Estão os cabraes, isto é, a Carta, outra vez de cima. Ora, sendo eu cartista... lembrou-me escrever ao ministro do reino, fazendo de conta que não sei da mudança, e dando a minha demissão, por causa de serem outras as minhas opiniões politicas.

— Não é má velhacada!

— Approvas?

— Eu, para fallar verdade, velhacadas não approvo. Comtudo, em politica, diz-se que não ha patifarias. Tudo são conveniencias.

— Ajuda-me aqui a fazer a carta.

Dizia assim o officio em que os dois futuros concunhados collaboraram:

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Ministro do Reino:
Tive a honra de receber, por intermedio do

sr. governador civil do Porto, e com uma carta de instancias do sr. José da Silva Passos, a portaria em que v. ex.^a me nomeou, em nome de Sua Magestade, administrador do concelho da Povoia de Varzim. Apesar dos termos lisonjeiros com que foi escripto esse documento, destinado a conquistar para o governo a influencia de que disponho em alguns logares da minha provincia, julgo-o, todavia, o maior insulto que pôde fazer-se aos meus principios politicos. E' verdade que n'outro tempo, seduzido por theorias illusorias, prestei apoio e fiz serviços ao partido setembrista. Mas, da ultima vez que estive em Lisboa, declarei a v. ex.^a, que estava desenganado, e que voltava, como o filho prodigo, ao seio do partido cartista, onde nasci. Devolvo, portanto, a nomeação, que nem sequer teve o merito de ser tentadora. Nunca disputarei categorias, para servir o meu paiz; mas até nas suas tentativas de corrupção se mostra insignificante e mesquinho o partido setembrista!

«Concluindo, previno a v. ex.^a, de que todos os meus amigos, d'esta e das visinhas localidades, votarão commigo nas proximas eleições, e que possuindo alguns d'elles, vindos do Brazil, para cima de quâtrocen-

tos contos de réis, não será prudente tentar subornál-os.

«Tenho a honra de ser

De v. ex.^a

muito venerador

Povoa de Varzim, 6
de outubro de 1846.

Joaquim Bento das Neves.»

Este «das Neves» foi acrescentado para dar elegancia, e não porque lhe pertencesse como appellido. Notando Rosmaninho que elle o não podia usar, voltou Joaquim:

— Verás como ainda o tornarei celebre. Deixa ir o officio; e esperemos, a ver o que surge.

— O ministro não rói a peta. Pelo menos, ha de mandar informar-se primeiro.

— Pois, veremos. Tu não imaginas o que os nossos politicos engolem de maranhões! Já estive duas vezes em Lisboa, e ficava espantado de ver como elles, nas camaras, os mettem á porfia uns aos outros.

— E que esperas tu?

— Francamente? Ha muito tempo que me preparo para ser deputado.

Domingos deu um pulo na cadeira.

— Deputado?! Tu!

— Que dúvida?

— Parece-me que miras longe de mais!

— Aprendi com elles. Vae ás côrtes, e verás se não os achas lá muito mais insignificantes do que eu. Em politica, nenhuma audacia parece mal. E quasi todas são bem succedidas.

— Para fallar verdade, acho que os tens estudado bem! Já fallas como a maioria d'elles; e todos os dias fazes novos progressos.

— Ah! tens notado? Então, porque te admiras? Sabes o que me falta? E' a tua vontade.

— Eu não sou governo.

— Não; és mais do que isso. E's rico. Basta-me só que tu queiras; e importa-me pouco que os ministros não queiram. No dia em que a tua amisade por mim chegar ao ponto de te fazer perder o amor a um conto de réis, serei deputado; e já não te envergonharás de estar aparentado com carpinteiros.

Domingos não lhe deu resposta. Accendeu o charuto, deu duas voltas pelo quarto, e, passado um minuto, parou defronte d'elle.

— Para que diabo te serviria isso? Com

franqueza: tu és um vadio; detestas o trabalho, e fizeste-te batoteiro, para lebares vida ociosa e pouco... séria...

— E' exactamente por não gostar de trabalhar que eu quero fazer-me politico. Bem sabes que é a mais perfeita vida de vadiacão, auctorizada por lei, e paga largamente pelo estado. Estudei a coisa a valer. Todo o homem inutil, faz-se deputado; e vive folgadoamente. Se eu entrar alguma vez na camara, nunca mais saio de lá. Aquillo, convém-me. Procurarei meio de me segurar.

— Supponhamos que eu perco o amor, como dizes, ao tal conto de réis, ou a dois, se assim for preciso: não era melhor estabeleceres-te com esse dinheiro, tentando qualquer genero de commercio, que podesse enriquecer-te de futuro?

— Não tenho genio para isso.

— Faze-te economico.

— Já o sou. Possuo setecentos mil réis em metal, e tem-me lembrado muito coisa. Porém, as minhas tendencias não são para commercio. Se for deputado, quem sabe lá até onde chegarei?!

— A ministro, talvez?!

— Não o digas por caçoada. Afianço-te, que, se queres fazer a minha felicidade, só o conseguirás, elegendo-me. Verás se sei

enriquecer ou não. Empregarei em inscripções tudo quanto adquirir; tambem já estudei isso: entra nas minhas tendencias de ociosidade, viver da politica e das inscripções. Põe algumas em meu nome, para eu podêr ser elegivel, e faze-me a eleição. . .

— Vae deitar a carta no correio e vamos para Avelomar. Serás deputado.

— O' Domingos! — exclamou o carpinteiro, enternecido. — Haja o que houver entre nós, juro que nunca me esquecerei da tua amizade.

Abraçou-o e saiu a correr. Maria Rosmanha, que do quarto immediato ouvira, sem querer, o final da conversação, entrou na sala.

— Ouviste? — interrogou o irmão, vendendo-a com ar de espanto.

— Ouvi.

— E que pensas?

— Bem mal empregado dinheiro!

— Terás pena de não ser sua mulher, quando elle for deputado?

— Eu?! Que o leve S. Pedro!

— S. Pedro de Laundes?

— Mau!

— Queres que teu futuro marido seja tambem grande homem? Eu posso fazer tudo que te agradar.

— Deus me livre!

— Porquê?

— Porque, depois, lhe pareceria eu pequena e perderia a sua amisade. Cada um, para o que nasceu. Nada: fiquemos assim, que estamos bem.

— Tens muito juízo. Dá cá um abraço. Eu não faço isto pelo Joaquim... é... pela família.

— Bem sei. Empúrral-o d'aqui para fóra: não é mau de todo! Repara bem no que fazes, Domingos.

O irmão sorriu-se, e saiu sem responder.

XXV

Successos difficeis de intitular

Acabou-se e mobilou-se luxuosamente o palacete de Domingos Rosmaninho, em Avelomar. Correram-se os banhos de Rosa Estella com o proprietario, e os de Maria Rosmaninha com Pedro de Laundes. E, n'uma bella manhã, do mez de janeiro de 1847, o padre Manuel casava os dois pares, na egreja de Nossa Senhora das Dôres, da Povoia de Varzim, com assistencia de todos os parentes de ambos os lados. Finda a cerimonia religiosa, os noivos dirigiram-se para Avelomar, com os seus convidados, em carruagens alugadas no Porto.

Após numerosos boléus, apanhados em estradas que não tinham memoria de haver visto carruagem, em sua longa existencia de millenios, chegaram á porta do palacete, que ninguem da familia, á excepção do dono, tinha ainda visto. Seria impossivel

descrever as exclamações de admiração e de entusiasmo, soltadas pela mãe e irmãs do brasileiro, á vista do exterior da casa. Mas quando entraram n'ella, e foram examinando as salas, primorosamente estucadas, com os tectos em relevo; as paredes pintadas; os moveis, de mogno polido; os estofos; os cortinados, das camas e das janellas; os reposteiros; e os quartos, forrados com tapetes: houve gritos de geral espanto. E algumas pessoas voltaram atraz, para largarem o calçado á porta, com medo de sujar o chão! As Rosmaninhas, mãe e filhas, recusaram entrar nas salas, para não pizarem as alcatifas.

Domingos, com o semblante carregado de melancolia, saboreava os seus prazeres de proprietario; mas, de vez em quando, pairavam-lhe nos labios tristes sorrisos. Rosa, sempre habil, pautava o gesto pelo do marido; porém, como mulher que era, e segura de que já não lhe podia ser disputada a victoria, deixava escapar olhares de triumpho, que davam ao seu rosto quasi satanica belleza. Anna Estella contemplava tudo aquillo como se estivesse vendo a realidade de um conto de fadas. Parecia-lhe impossivel que se podêsse accumular tanta coisa bonita e rica n'uma só casa; e, so-

bretudo, que essa casa pertencesse a sua irmã, a essa irmã MAIS FEIA do que ella; invejosa outr'ora da sua formosura, e agora tão opulenta, casada com... com o homem que... que ella, Anna, mulher de outro!... As idéas baralhavam-se-lhe. Não sabia o que pensava; sentia-se humilhada, na sua vaidade de mulher formosa, no abysmo da sua pobreza, e no aviltamento de se ver unida para sempre a outro homem, carpinteiro, vadio e inutil. Sorria, fingindo admiração, quando o coração lhe trasbordava de fel e de inveja; tinha até vontade de chorar, lembrando-se de que fôra, talvez, ella, com a sua leviana imprudencia, quem preparára para a irmã aquella suprema ventura!

Maria Rosmaninha, boa filha, boa irmã, e boa esposa, ao passo que se desvanecia com ser toda aquella riqueza do irmão, não podia livrar-se de certa pena, por ter de deixar essa vivenda encantadora, onde outra mulher, estranha, governaria d'ali em diante, mais do que sua propria mãe, emquanto que ella, apesar de relativamente rica tambem, pelos dons do irmão e os bens do marido, ia viver n'um velho casarão, em Laundes, entre bois, vaccas e porcos!

Sua irmã Rita, admirando o que via, limpava os olhos, ás escondidas, pensando na proxima partida de Maria; e temendo-se da nova governanta, a quem ia viver sujeita.

Só a velha Rosmaninha, ao avistar cada objecto, que lhe excitava admiração, exclamava, pondo as mãos, e levantando os olhos:

— Louvado seja o Senhor! Elle dê vida e saude ao meu querido filho, e a nós todos, para o servirmos e amarmos!

Ao que o padre Manuel, se estava perto, e a ouvia, respondia, invariavelmente:

— Amen! Amen!

— Joaquim Bento não se admirava de coisa nenhuma, apesar de gritar mais do que todos, que tudo aquillo era bem escolhido, muito bonito, e que a casa estava feita e posta com grande gosto. Fallando comsigo, dizia o seguinte:

— Que toleirão! Gasta seis contos na casa, e tres na mobilia, e enterra isto em Avelomar! Não era o Joaquim Bento das Neves que cairia n'uma d'essas! Deixem-me galgar, e verão. O diacho é que a revolução vae-se demorando... não veio resposta de Lisboa; e o José Passos, que não sabe do officio que escrevi, insta commigo, para

que me aliste! Lá, coisas de guerra, confesso que não gósto. Não é porque tenha medo... tenho tanto como qualquer outra pessoa. E' porque quero saber porque brigo; e com quem brigo... e, aqui, não se percebem muito bem os motivos... Os ministros são todos uns... Se por estes dias não vier coisa que me sirva, entendo-me com o Passos. Porém, exijo patente. Soldado, não péga.

As bôdas foram magnificas. Domingos Rosmaninho reunira todos os parentes, ainda os mais remotos. E quando nas aldeias do Minho apparecem homens ricos, a maioria da população declara ter parentesco com elles. Não esqueceu a tia Lizarda, apesar de que ella se não inscrevêra entre os que reclamavam a honra de ter costella Rosmaninha. A velha fôra convidada; e, desejosa de dar fê do que lá se passava, entrou audaciosamente em casa de Domingos; met-teu o nariz por todos os cantos; mirou tudo, á vontade; e, depois de bem recheada de assumpto, para entreter no dia seguinte o soalheiro do rio, tomou assento á mesa, entre Joaquim Bento e o dono da casa.

Por acaso, ou de proposito, foi aquelle o unico logar que achou vazio, quando quiz sentar-se. Não gostou; mas, julgando que

era arriscado fazer observações, n'aquella occasião, resignou-se.

Domingos piscou maliciosamente o olho ao concunhado Joaquim; e este, tirando disfarçadamente um embrulho de papel da algibeira, levantou-se e foi ao pé do creado Mathias, que estava servindo a sôpa, da terrina posta sobre o aparador de carvalho. O carpinteiro deitou o conteúdo do papel n'um dos pratos, já cheios; mexeu bem, e disse ao creado que o levasse, por ordem do patrão, á velha Lizarda; e que não se dêsse por achado da operação que vira fazer. Seguiu Mathias com a vista, certificando-se de que não trocára os pratos; e foi sentar-se, respondendo com diabolico sorriso á muda interrogação que o Rosmaninho lhe dirigira com os olhos. Ninguém viu o preparo; nem deu pelo manejo dos dois.

— Tia Lizarda — disse Domingos, deitando-lhe vinho no copo — beba d'este maduro. A sopinha é feita á moda do Brazil, com cabeça de vitella: parece que tem mau gosto, quando se toma; porém, depois de acabada, sentem-se delicias no estomago, tomando-se em cima o copito do maduro.

A velha, que se atirára á sôpa, fez care-

tas medonhas: quiz cuspir, mas, não ousando fazê-lo no chão, e vendo todas as outras pessoas a comer com muito gosto, entendeu que faria má figura, se dissesse que não gostava. Continuou, portanto, com a esperança no gosto final, ouvindo encarar a excellencia do caldo, que a ella parecia feito de intestinos do diabo. Comtudo, por honra da firma, asseverou tambem que o achava muito bom.

Domingos e Joaquim suffocavam a custo o riso, não ousando encarar-se, com receio de destamparem ás gargalhadas. Nenhuma das outras pessoas dava por isso, á excepção das Estellas, que, por não perderem de vista o Rosmaninho, ficaram pasmadas, ao vê-lo passar de repente do estado mambuzio á mais expressiva alegria.

— Prometti-lhe de a fazer dançar na primeira festa que eu dêsse, tia Lizarda. Ainda bem que chegou o dia! — disse o marido de Rosa á sua vizinha.

Esta, que tinha acabado de tragar a sôpa, mysteriosamente preparada por Joaquim, esgotou o copo de vinho, e respondeu:

— Não cuide que sou já tão velha que não dance ainda a Chula ou a Canna Verde! Outras coisas, não digo; mas essas...

— Tenha juizo — aconselhou o padre Ma-

nuel, rindo.—Olhe que havia de ser caso fallado!

—Deixe-a dançar—supplicou Domingos, comicamente.—Eu prometti-lh'o.

—Não lhe pégo—tornou o cura, no mesmo tom.

—Nem podia—volveu a velha, azedando-se.—Dançar, não é peccado.

—Conforme.

—Não, que eu, lá d'essas danças das cidades, que dizem que são amanhadas pelas tentações do baetas, não mettia a minha alma no inferno por ellas.

—E' melhor vossê calar-se; e não fallar do que não entende—tornou, mais grave, o padre.

—A'gora não entendo?!... Se...

—Coma d'este pastel de camarões—interrompeu Domingos, enchendo-lhe o prato.

A velha gostou, entupiu o estomago brutalmente, e a conversação tomou diverso rumo.

Acabado o jantar, os homens que tocavam pegaram nas violas e nas rabecas; e começaram as danças e cantares. Domingos mandára vir philarmonicas, para tocarem no jardim, enquanto elle estava á mesa, com os convidados. Mas quiz que a festa terminasse á moda da aldeia; porque ama-

va sinceramente os costumes e usos populares. A Chula minhôta, dança cheia de variedade e movimento, foi com que se inaugurou a sala principal do palacete. Domingos, fiel à sua promessa, agarrou-se á velha Lizarda e obrigou-a quasi a dançar com elle por entre os risos e gracejos geraes. A beata, do meio do jantar em diante, começára a fazer-se de côres, passando da trigueira escura, que era a sua natural, para amarella, roxa, azul, vermelha, e tornando-se por fim branca de cêra. Joaquim e o Rosmaninho, sem a perderem de vista, entreolhavam-se, com riso intelligente e cruel, seguindo a marcha da droga, que lhe tinham misturado na sôpa. Lizarda tentou, por vezes, sair; mas, d'umas occasiões, retinha-a o vergonhoso receio de que suspeitassem a causa; e n'outras, impedia-a Domingos, sempre todo attensões, que a captivavam, perguntando-lhe se tinha algum incommodo, e offerecendo-lhe coisas perfidas, a titulo de remedio, que a punham de minuto a minuto peor do que estava.

— Credo! — exclamava ella comsigo. — Parece que o tal caldo de vitello me metteu Satanaz nas tripas! O Senhor valha á minha alma! Sinto coisa má, dentro em mim! Vossês já viram similhante roncar de

barriga?! Se me vou embora, péga esta gente toda a murmurar... e até são capazes de dizer que saí para ir pôr em casa os bôlos que metti na algibeira. Tambem não queria deixar isto, sem saber o que se passava, até ao fim da funcção. A'manhã começavam as zabaneiras a taramellar, no rio: «E vós não vistes isto; e vós não vistes aquillo; e mais aquell'outro; e o melhor da festa foi no fim; porque a Anna não tirava os olhos d'elle; e vae, d'ahi, a mulher as-sanhou-se; e vós perdestes aquelle pratinho...» Ai, Senhor! Que agonia! D'esta vez, saio... Não; passou. E o maldito, que tanto dança! Se o largo, vão apregoar que me mettem medo, com o seu ar de mata mouros; e que abalei, por ter percebido que estava a fazer mangação de mim, por causa das cantigas que me ouviu. Não saio! Ha de ficar sabendo que a Lizarda...

Uma dôr horrivel obrigou-a a curvar-se involuntariamente, fazendo-se livida. Domingos, sem a largar, perguntou em voz alta:

— Que é isso? Doe-lhe alguma coisa, tia Lizarda?

— Não, senhor — grunhiu a misera, abafando os gemidos.

— Então, ande! Faça-me este corropio

da chula, com graça. Mostre a essa cachopada, que ainda vale mais do que ellas.

E arrastou-a, fazendo-a girar n'um redomoinho de voltas continuas, ao som das gargalhadas e palmas dos outros dançarinos e dos espectadores.

— A creatura já tinha idade para não se metter n'estas coisas! — dizia, rindo sem querer, o padre Manuel, que tomava repetidas pitadas, sentado n'uma excellente poltrona de molas.

— Vossê não vê que me obrigam?! — rugiu Lizarda, que o ouvira. — Querem que dance, danço; nanja por meu gosto.

— Ah! se não pôde, é outra coisa — respondeu Domingos, sem a largar. Devia ter dito logo isso! Talvez lhe dôa o estomago?... ou a barriga? Ha de ser a barriga. Quem não está costumado ás comidas fortes... e dá muito á lingua, por uso...

— Ai! ai! — ululou a velha, sentando-se no chão, e tornando-se côr de couve murcha. — A dança... fez-me... mal!

Correram todos para lhe acudir. Porém, a infeliz supplicou-lhes por gestos que se afastassem. Julgando inutil querer encobrir por mais tempo a sua ridicula situação, levantou-se e partiu a correr por todas as casas, até achar saída para a rua. Na sua pas-

sagem era saudada com tantas vaias e vozeria descomposta, que a forçaram a tapar os ouvidos. Ao chegar, mais morta do que viva, á sua habitação, a triste ouvia ainda o côro das gargalhadas com que a apupavam.

No dia seguinte só se fallava nos soalheiros do caso da devota mulher, a quem Joaquim Bento mettêra no buxo enorme dôse de jalapa, por ordem de Domingos Rosmaninho, para a punir da sua maledicencia. A creatura esteve mez e meio sem tornar ao rio; e quando ali appareceu, deu grande alegrão ás amigas, que a chasquearam á farta. Depois de as ouvir por muito tempo, calada, a velha respondeu:

— Sabem que mais? Elles até me fizeram favor. Eu andava muito precisada d'aquillo.

Joaquim Bento das Neves, como qualquer homem dos mais illustres da sua patria, tornou a fazer-se progressista, para provar a firmeza dos seus principios; e conseguiu, por influencias do dinheiro do cunhado, que José Passos o nomeasse capitão da Junta do Porto! A mulher, vendo-o entrar em casa, de farda comprida, banda, dragonas e espada, esteve para gritar: «Aqui d'el-rei!»

Não o conhecia.

Depois de certificar-se que era elle, e que não tinha roubado aquelles objectos, que n'outro tempo a encheriam de alegria, entristeceu-se ainda mais do que já estava. Porquê? Nem ella propria o sabia. Desde o casamento da irmã, que conquistára posição de princeza, Anna Estella vivia solitaria, saindo rarissimas vezes, occupando-se de trabalhos de agulha, porque o marido não queria que ella continuasse a fiar e a tecer. A tia Benta, toda entregue ao seu misticismo idiota, gastava o tempo a correr as contas do rosario, como se estivesse escripturada por alguma seita impia, para espantallo de verdadeiros crentes. Ninguém quereria o céu por aquelle preço. A nora costumára-se a não dar pela presença d'aquella planta ascetica, vegetando na sua solidão; e a sogra vivia tão inconsciente do que se passava em torno d'ella, que, quando as necessidades materiaes a levavam a metter na bôca os pedaços de brôa, e quaesquer outros alimentos, julgava estar comendo gloria!

Domingos Rosmaninho ia todos os dias visitar a cunhada, a titulo de parente. E alguem (disse-se que fôra a comadre Lizarda, mas não parece crível, depois da lição

que levára), asseverou que a tia Benta servia de capa a duas paixões, provisoriamente platonicas. A asserção não tinha o menor fundamento. A santa mulher era tão temente a Deus, que até se foi confessar ao padre Manuel, quando viu o filho com o uniforme de capitão, temendo que aquelle trajó fosse coisa má; e que ella tivesse caído em peccado mortal, por dormir uma noite debaixo das mesmas telhas que cobriam similhante abominação. Não parecendo o caso grave, o velho cura limitou-se a mandál-a bugiar, ou dormir, conforme lhe agradasse mais.

A verdade é que Domingos conversava com a cunhada, a respeito dos lindos pontos que esta sabia dar nas costuras; e já não usava camisas senão feitas por ella. O assumpto das conversas do brasileiro poderá parecer monotonó, e pouco instructivo, ás pessoas que não gostem de roupa bem cosida, ou que não prestem attenção a essa circumstancia. Porém, Anna Estella era muito perfeita no seu trabalho; e variava-o constantemente. Tendo Domingos estado no Brazil, onde se é bastante exigente n'estas coisas, sabia fallar do ponto-adiante, ponto-atraz, poponto, ponto de cadeia, de espinha, de pontinho, de costuras e sobre-

costuras: e tudo isto parecia interessantissimo á cunhada. Além de que, umas vezes por outras, chovia, fazia sol, ventava, havia lama ou poeira, e isso permittia-lhes variar os dialogos, fallando sempre de assumptos innocentes e inoffensivos, que todavia os divertiam muito. Em algumas occasiões, o Rosmaninho tirava a costura das mãos de Anna; examinava-a, com gravidade, por muito tempo, como quem lhe saboreava a perfeição. A moça, com os olhos n'elle, esperava a sua opinião, sorrindo, e mais córada do que de ordinario. O examinador, dando, por fim, um longo suspiro, como se n'aquelle fragmento de panno patente tivesse estado a soletrar os juizos incognitos de Deus, entregava-o, dizendo:

— Impossivel!

— Impossivel, o quê?

— Ah! sempre, sempre impossivel!

— O quê, sr. Domingos?

— Isto... a costura... impossivel... ser mais bonita!

Rosa esqueceu-se certo dia da sua usual prudencia, e pediu contas ao marido, por este não usar as camisas que ella lhe fazia; e por dar preferencia ás da irmã. Surprehendêra-o n'uma das scenas intimas, que atraz se descreveram; e pareceu-lhe ridi-

culo, que homem tão serio fosse todos os dias visitar aquella simples costureira, para lhe dar o seu voto ácerca do modo de coser roupa.

— E' tua irmã, essa simples costureira — advertiu o marido, sêccamente.

— Por isso mesmo — volveu Rosa. — Já se não falla pouco nas tuas idas e vindas. Voltaste ao antigo; e foi inutil o meu sacrificio.

— Sacrificio? — interrogou elle, encarando-a com ar duvidoso.

Rosa sustentou, sem pestanejar, o olhar inquisitorial do marido; e retrucou-lhe, pausadamente:

— Cedo comesas a mostrar-te ingrato! D'ella, não me admiro. Conheço-a desde pequena. Mas, tu?!

— Não a accuses. Bem lhe basta a sua pobreza; e o marido que tem de aturar.

— O marido vae subindo. Sabe ser ambicioso; e ha de ir longe; porque... os seus amigos — continuou, accentuando as palavras, como se as estivesse escrevendo sublinhadas — os seus amigos o empurram... generosamente... para longe da mulher.

Domingos, interpretando-lhe o sorriso diabolico, e sentindo-se ferido pelas phra-

ses, agudas como punhaes, que ella lhe dirigia, perdeu a serenidade; e replicou com colera:

— Quando casaste commigo já sabias que eu a . . .

— Não digas coisas de que tenhas de arrepender-te, Domingos.

— Que eu a amava — rugiu elle, impudentemente. — Sim, amo-a; mais do que a minha vida; talvez mais do que a minha propria honra! . . .

— Toda a gente o sabe — volveu Rosa, affectando grande mansidão. — Comtudo, fazes mal em o confessar.

— Mas não sabem que pela sua honra d'ella sacrificarei eu tudo: nome, riqueza, vida; e que não duvidarei até matar os que na minha presença ousarem calumniá-la! Fica tu tambem advertida d'isto; e faze-o saber a quem quizeres. Casei contigo, para salvá-la. Não sei se me propuzeste este enlace de boa ou de má fé: sei que te fiz rica; e deves contentar-te com isso. Não te detesto; porém só de ti depende que eu continue a estimar-te, ou que venha, dentro de pouco tempo, a aborrecer-te. Dá-te por avisada.

Dizendo isto, saiu, precipitadamente.
Era a primeira vez que a mulher desco-

bria o verdadeiro character do marido. Reconheceu a imprudencia de o ter provocado, mas não se arrependeu d'ella, visto que lograra ficar sabendo de que perigos devia acautelar-se.

Quem porfia mata caça

A Junta do Porto ia succumbir na lucta contra o governo da capital, auxiliado por hespanhoes e inglezes. Joaquim Bento, que temia ver desabar, talvez para nunca mais se levantarem, os castellos das suas esperanças, combateu heroicamente no Alto do Viso. Resolvido antes a morrer do que a recuar, fez fugir diante da sua companhia grande parte da Guarda Municipal de Lisboa; e soltou o primeiro grito de victoria, apoderando-se de seis peças e de duas bandeiras. Se a Junta tivesse triumphado, o visconde de Sá, testemunha do valor de Joaquim, têl-o-ia feito coronel, no campo da batalha.

Porém, os inglezes, vendo derrotado, e em fuga, o exercito ministerial, intervieram; e os soldados da Junta, que não debandaram, foram feitos prisioneiros, e, por fim, amnistiados.

Joaquim ia voltar para a terra, de orelha caída, como todos os officiaes passados á terceira secção, dando-se ao diabo, por não ter continuado a ser cartista. Na véspera de se metter a bordo da escuna, onde pagára a passagem, saía da alfandega, e encontrou-se, debaixo da arcada, com o ministro do reino, que se apeava da carruagem para entrar na secretaria. O capitão da Junta não o conhecia. Ouvindo-o nomear, esperou um momento, em frente da porta, por curiosidade. O ministro encarou com elle, e Joaquim levou, instinctivamente, a mão ao chapéu. O outro, que era bem creado, tirou o seu; e persuadindo-se de que elle queria fallar-lhe, acenou-lhe para que o seguisse.

— Que me quererá? — pensou, hesitando, o avelomarense. — Tomar-me-ha por pretendente?

E foi-o seguindo, calculando ao mesmo tempo o proveito que poderia tirar d'esta circumstancia. O homem de estado parou no patamar da escada, voltou-se para Joaquim e perguntou-lhe:

— Tem alguma pretensão na secretaria do Reino?

— Sou aquelle sujeito que escreveu a v. ex.^a, persuadido de que um setembrista

era ainda o ministro, recusando o logar de administrador da Povoia de Varzim... V. ex.^a não sabe, talvez, d'isso? ou não se lembra já...

— Pelo contrario: sei e lembro-me muito bem. O senhor é que provavelmente não recebeu a minha resposta, por causa da insurreição... Estranho, comtudo, muito vê-lo com esse uniforme. Está na 3.^a secção?

— Fui obrigado, por inimigos políticos, a sentar praça. Até os meus parentes se fizeram patuleias, para me constrangerem a imitá-los. Fiquei mal com todos; e, se alguma vez representar o paiz, dispenso-me de o fazer pela minha provincia.

— Queria ser deputado?!

— Sim, senhor: é a nobre ambição de todo o homem honrado, quando se vota de corpo e alma ao serviço da rainha e da Carta. A minha eleição era certissima pelo Minho, antes de 6 de outubro. Agora, como me forçaram a servir os meus adversarios, não penso mais n'isso.

— Quer entrar no exercito?

— Não, senhor.

— Garantindo-se-lhe o posto?

— Nem assim. Tomei odio á vida militar. Civilmente, estou prompto a servir com v. ex.^a; e creia que não achará ninguém

mais dedicado e fiel. Os meus parentes são opulentos; mas ficaram frios comigo, pelas minhas opiniões de cartista. Por consequencia, convem-me ficar em Lisboa.

— Procure-me amanhã, ao meio dia, em minha casa.

— Previno lealmente a v. ex.^a de que não disponho hoje de um só voto na minha provincia. A má vontade com que aceitei o serviço da Junta do Porto, tornou-me impopular, até com os que antigamente se diziam cartistas como eu.

— Até amanhã.

— Passe muito bem, meu senhor. — E logo que o ministro desapareceu, continuou, em áparte: — Parece-me que me sai menos mal; e que pegaram as bixas!

Joaquim Bento das Neves, commissionado pelo governo, mezes depois, trabalhava como possessor nas eleições do Algarve, prometendo governos civis aos regedores, bispados aos curas d'almas, direcções de alfandegas aos galopins mais insignificantes, e conseguindo que o ministerio alcançasse grandissima maioria. O ministro, em recompensa dos seus assignalados serviços, mandou-o eleger, nas eleições supplementares, por um dos circulos da Beira; e Joaquim

deu, enfim, entrada na camara dos deputados, que era o seu sonho homérico.

Escrevendo ao cunhado e á mulher, dizia-lhes que circumstancias independentes da sua vontade o demoraram em Lisboa; e que o governo, conhecedor dos seus modestos talentos, quizerá, contra sua vontade, e apesar de o saber de idéas inteiramente oppostas, utilisál-os em beneficio do paiz, forçando-o a acceitar uma cadeira no parlamento. Que cedêra, por patriotismo, embora tivesse certeza de que os seus amigos politicos o censurariam, accusando-o de se ter bandeado; mas que a sua consciencia estava superior a calumnias miseraveis.

Terminando, pedia a Domingos que lhe mandasse algum dinheiro, do que tencionára gastar com a sua eleição; e que visse se era possivel ir vestindo Anna á moda da cidade, e dar-lhe alguma instrucção. — «Ninguem melhor do que tu pôde fazer-nos este favor — dizia elle. — Tens muito talento e geito; e minha mulher é bastante intelligente. Se tiver de a apresentar na côrte, convem que ella não faça má figura. A sua belleza prepara-lhe aqui seguro triumpho. Por cá, todas as mulheres são feias. Ensina-lhe maneiras finas; a fallar bem, e a escrever melhor. Que tome ares proprios da

sua posição de esposa de deputado. Bem entendes? Certa magestade, no andar; braço estendido para fallar, cabeça um pouco á banda, etc., etc. Dá, porém, as lições de modo que ninguém saiba, nem se boqueje n'ellas. Do contrario, cobrias-me de ridiculo. Além d'isso, é preciso não dar que fallar. Bem sei que és meu cunhado, e que podes ir a minha casa, cada vez que quizeres; comtudo, é preciso que não se rosne; e ahí ha muito boas linguas... Bem me percebes. Adeus. Saudades á Rosa.»

«N. B. Quando escreverem, ponham: Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Joaquim Bento das Neves, illustre Deputado da Nação, etc., etc., etc. Hotel da Europa, rua Nova do Carmo, Lisboa. E' de conveniencia politica, pôr-se isto assim.»

Anna Estella não era tão intelligente como o marido dizia. Porém, com a sua boa vontade, e com as diligencias assiduas do mestre, que era muito do seu agrado, conseguiu chegar a não parecer mulher do campo... nem da cidade. Ao principio escarnecêra da lembrança de Joaquim, protestando que não sairia jámais da sua aldeia. Ouvindo, porém, dizer ao Rosmaninho, que se achava meio disposto a ir es-

tabelecer residencia em Lisboa, durante o inverno, mudou logo de resolução.

Infelizmente, para ella, o professor apenas cursára, em pequeno, a escola de primeiras letras de Manuel Corval, em Santo Antonio de Cadilhe. No Rio de Janeiro lera muito: versos, novellas, romances modernos e historia. Mas, tudo isto ao acaso, sem direcção e sem methodo, armazenando, em memoria bastante feliz, o bom e o mau. A sociedade da rua da Quitanda, a que pertencêra, não fazia differença da que hoje frequentava, na Povia de Varzim. Dotado de regular intelligencia, aprendêra muitas coisas uteis para a vida pratica. Faltava-lhe, porém, tudo quanto é essencial ao homem culto, de ameno e agradável trato. Não basta enriquecer de repente, vestir do melhor alfaiate, ser ou nascer fidalgo. E' preciso viver annos em certa roda, aliás muito limitada; e ter, principalmente, o alto sentimento da delicadeza, da cortezia e da amabilidade. O aprumo pretencioso do *parvenu*, denuncia-o logo aos olhos dos entendedores. A nobreza não está no sangue nem nos pergaminhos, antigos ou modernos: está no coração e nas maneiras. Podem-se contar quinhentos avós e ter-se ares de peixeiro e acções de agiota; assim como se pôde

nascer n'uma cabana e adquirir o gosto e os modos de principes bem educados. Depende da intelligencia, da vontade, do sentimento, e do meio em que se vive. A falta d'estas quatro circumstancias reunidas explica muita elegancia falsa, muita fidalguia mal creada, muito pataco macanjo (como dizem os fadistas), tanto entre a aristocracia de sangue, como entre a do dinheiro.

Domingos Rosmaninho, que nunca fizera estas judiciosas considerações, com que o auctor está illustrando o seu seculo, preparou conscienciosamente a mulher de Joaquim Bento para o augusto mister de esposa de futuro grande homem politico. Que ninguem se espante: São passados trinta annos, e ainda hoje se preparam do mesmo modo muitas das que pelas ruas da capital ostentam, em carruagens magnificas, a sua belleza, inferior á de Anna Estella, e a sua magestosa elegancia de parteira, em dia de baptisado.

A galera *Tentação*, que já tinha feito a primeira viagem, feliz, ao Brazil, ia partir novamente, com escala por Lisboa. Domingos Rosmaninho mandou vestir a cunhada de ricas sedas; e embarcou com ella, no seu navio, dirigindo-se á capital. Rosa quiz ficar na aldeia. Observou prudentemente a

Domingos que nem a sua educação nem os seus habitos lhe permittiam afastar-se do logar do seu berço; que quanto mais rico fosse seu marido, peor figura faria ella n'uma cidade, sem ter as condições appropriadas á posição e á riqueza d'elle. Domingos tomou estas justas reflexões como censura á instrucção que elle dava a Anna. A consciencia disse-lhe, comtudo, que eram sensatas.

— O marido é que quiz — respondeu á mulher, como desculpando-se. — E tu, se não aprendes tambem, é porque não queres.

— Dispensou-me de ser ridicula.

— Ridicula? A illustração é o melhor dos beneficios.

— Bem vejo como Anna está perfeita! Todos por ahi se riem d'ella.

— Os tôlos. Quem fôr instruido e educado, certamente o não fará.

— Se me obrigares, irei para Lisboa. Mas, confesso que prefiro ficar. Aqui, nunca te envergonharei, nem te envergonharás de mim. Lá, talvez que logo no primeiro dia te arrependas de me ter levado.

— Pois bem: fica. Depois que eu lá tiver casa arranjada, irás, se quizeres.

Joaquim Bento não gostou do appareci-

mento inesperado da mulher; e tomou muito a mal que ella fosse na companhia do cunhado.

— Eu não tinha dito que a trouxesses...

— Entendi que a querias cá; e aproveitei o meu navio para ella vir com mais commodidade, sem fazeres despeza.

— E o mundo?

— O mundo?!

— Sim. Que diabo! E' preciso guardar as conveniencias. Bem vês a minha posição...

— Não sejas tólo.

— Tu faltas-me ao respeito, Domingos!

— Hein? Ora vae para o diabo.

— Sr. Rosmaninho! — gritou Joaquim, com ira. — V. s.^a esquece-se de que está fallando com um deputado da nação?!

Domingos olhou para elle, pasmado. Depois de alguns instantes, desatou a rir.

— Estás gracioso, já vejo!

— Não estou, sr. Domingos. Fallo-lhe muito seriamente. V. s.^a, em vez de reconhecer a falta que commetteu, vindo só com minha mulher, trata-me sem a consideração que me é devida, como membro do parlamento.

— Ah! a coisa era séria?! Então... n'esse caso... V. s.^a...

— Ex.^a, senhor! Ex.^a

— Ex.^a, sim, senhor. Vejo que se julga já grande coisa; e que paga, como deve, a quem lhe serviu de degrau. Ora, pois: passe muito bem. Não me ha de esquecer...

— Sr. Domingos! Sr. Do...

— Cale-se! — intimou Joaquim, deitando á mulher furioso olhar. — Lembre-se de que não está na aldeia; e que eu tenho o dever de pôr cobro nos seus escandalos.

— Escandalos, Joaquim?!

— Miseravel! — gritou o Rosmaninho, que ia para sair, dando dois passos para traz.

— Atreve-se a...

Joaquim poz o dedo na bocca, e apon-tou-lhe para a porta, com ar de theatral solemnidade.

Domingos saiu, rugindo de colera.

— A senhora vae viver n'este hotel, até eu ter occasião de a levar á terra. Veja como se porta!

— O seu procedimento é que é vil!...

— Não dê pio!

— Devemos tudo áquelle rapaz; e trata-o assim!

— Cuida que não sei do que por lá corre, a seu respeito e d'elle?!

— Importam-me bem as calumnias.

— Importam-me a mim. Com a honra

dos deputados não se brinca. A'manhã pôde a opposição atirar-me á cara com alguma allusão venenosa; terei de me bater em duello, matar ou morrer, tudo por sua causa.

— Valha-me Nossa Senhora! Que estás tu a dizer?!

— Almoce. Vou levál-a a ver uma sessão, e ficará sabendo, pelas bonitas coisas que ouvir, que gentinha é aquella!

— Hoje, não, Joaquim. Estou muito incommodada. Guarda para outro dia.

Depois do almoço, Joaquim saiu para a camara.

Desde a abertura do parlamento que elle ruminava o seu primeiro discurso, ácerca das necessidades da provincia do Minho. Pensára que, visto achar-se já encarreirado, tinha interesse em angariar as sympathias dos seus patricios, para o caso de lhe faltar, de futuro, a protecção do governo ou a dos eleitores beirões. Não lhe occorria, porém, a maneira por que devia começar. A sua instrucção era limitadissima; nunca lêra senão alguns romances; assistira á representação de differentes dramas de facção e veneno, que eram ainda moda; e ouvira muitos discursos politicos, parte dos quaes lhe chocalhava chochamente no cerebro, como se a sua cabeça fosse cabaça, e as

orações parlamentares, pevides. Comtudo, não lhe faltava intelligencia, manha, nem facilidade para exprimir-se: custava-lhe, unicamente, a achar a fôrma e o começo da arenga. A chegada da mulher, perturbando as suas cogitações, irritou-o de véras; e a perda do fio, que n'esse momento lhe parecia ter apanhado, contribuiu para o rompimento com Domingos.

Saindo de casa, recommçou a procurar. Entrava já no largo das Côrtes, quando, finalmente, lhe acudiu a inspiração, até ali rebelde. Metteu a mão no bolso e notou que lhe esquecêra em casa o papel dos apontamentos. Voltou, quasi a correr, á rua Nova do Carmo; subiu a escada aos pulos, empurrou violentamente a porta do quarto, e estacou, cheio de assombro, ante o espectáculo que se lhe offereceu á vista.

Anna Estella, sentada n'uma poltrona, consentia que Domingos Rosmaninho, ajoelhado aos pés d'ella, lhe beijasse ambas as mãos. Estupido de espanto, o ex-carpinteiro começou a recitar mentalmente o exordio do discurso, que yiera alinhavando. E logo que as idéas se lhe desembrulharam, circumvagou os olhos pelo quarto, procurando uma tranca.

— Cachorros! — urrou elle, certificado

já da miseria dos quartos dos hotéis, que nem sequer teem com que trancar as portas.

Domingos levantára-se; e, alongando a dextra, com o dedo indicador estendido, repetiu o gesto com que o outro o despedira, meia hora antes, imitando, o mais conscienciosamente que lhe foi possível, a magestade de Joaquim.

— Patife! Parodias-me?!

— Silencio! — ordenou imperiosamente Rosmaninho, vendo que Anna tinha desmaiado. — Ella está innocente. Vim fazer-lhe as minhas despedidas, sem tenção de tornar a vê-la. Como tu appareceste, o caso muda de figura.

— Tomáste outra resolução, apósto? —olveu Joaquim, dando-se ar de ironia soberba.

— Exactamente. Sei que tu estás menos bulhento, agora, por cálculo. Mas conheço-te o genio assomado. E' preciso, pois, que nos entendamos. Tu és madraço e ambicioso...

— Senhor!...

— Nada de berrarias. Estamos n'uma hospedaria. Se não zelas a tua honra, zelarei eu a de tua mulher...

— Bem se vê como!

— Tórno a repetir que ella está innocen-

te. E caro sairá a quem duvidar da minha palavra! — acrescentou Domingos, no tom que Joaquim lhe ouvira já outra vez, no botiquim do Pepino. — Nem te julgues eternamente nas boas graças do governo, nem o julgues a elle de pedra e cal no poder. Queres continuar a ser deputado?

— Que tem isso com esta situação?

— Tem, simplesmente, que se maltratares tua mulher, por ella ter condescendido em receber as despedidas que seu cunhado lhe veio fazer, para sempre, impedirei, não só o teu adiantamento, mas também a tua reeleição. Bem sabes que sou muito rico e que o dinheiro é quem manda, cá na terra.

— Que diabo de homem!

— E' fallar claro.

— Minha mulher é minha mulher. Não admitto, e cobre-me de ridiculo a idéa de que alguém queira dar-me ordens, a respeito d'ella. Creio que Anna me não envergonhou ainda. Mas prohibo que tornes a minha casa. Na aldeia é uma coisa, aqui é outra.

— Pensa bem.

— Já disse.

— N'esse caso, adverte que vou fazer-te espionar, dentro da tua propria residencia. Corrompereí todos os que te cercam, aqui,

ou em qualquer outra parte; e ai de ti, se eu souber que a maltratas!

Dizendo isto, saiu. Joaquim grunhiu tragicamente de raiva; olhou para a mulher, que principiava a tornar a si; pegou no papel, que fôra buscar; e tornou a sair, dizendo comsigo:

— Ou o mato, ou faço com que o ministerio o mande degredado. Isto não se pôde aturar. E lá se foi o exordio! Valha-os seiscentos diabos a ambos!

— Ah! — fez a mulher.

XXVII

Soluções imprevistas

No ultimo dia de maio de 1851, ás sete horas da noite, apeava-se de vistosa carruagem, á porta do theatro de D. Maria II, em Lisboa, uma mulher, moça ainda, com os cabellos, excessivamente louros, elegantemente penteados; o rosto, trigueiro, sem pó de arroz, salpicado de signaes de be-xigas; bellos olhos; trajo modesto, mas bem escolhido e bem combinado; e as mãos calçadas em magnificas luvas de pellica *gris-perle*, compradas na casa de mr. Baron, ao Chiado. Seguia-a um homem de trinta e tantos annos, vestindo casaca azul, com botões amarellos. Entraram para o melhor camarote da primeira ordem e sentaram-se, percorrendo a sala com os olhos.

— Lá vejo Anna, na segunda ordem — disse o homem.

— Ah! — fez a mulher.

— Coitada! Está magrissima!

— Está — respondeu a loura, sem olhar para onde o outro olhava.

— Tenho pena d'elles; Joaquim não ganha real; acha-se empenhado, por causa das suas imposturas; e, agora, com o Saldanha, não arranja nada, porque todos sabem que foi grande cabralista.

— Sim? E' no que dão as vaidades e orgulhos balôfos.

— Tu tens levado a mezada, que se finge dar a tua irmã sem eu saber?

— Sendo ordem tua, não se havia de cumprir?!

— Obrigado, Rosa. E's mulher de grande juizo. Sempre dêste provas d'isso.

— E' bondade tua, Domingos.

— Não; digo o que sinto e penso. Tens até superior talento! Conseguiste, sósinha, assim que eu te trouxe para Lisboa, fazer-te perfeita senhora, dama completa, como as que sabem melhor, na alta sociedade!

— São os bons olhos com que me vês.

— Só te não desculpo o vestires com tanta economia. Sendo nós ricos, e não tendo filhos...

— Não é economia, é bem entendida e justa modestia. As sedas e os velludos ficavam-me mal.

— Eu não penso assim; porém, confesso, que tens artes de te arranjar optimamente. Estás sempre bem e bonita, com essa singeleza — concluiu, mirando-a toda.

— Devêras?!

— Palavra d'honra.

— Não tenho outro desejo, além do de agradar-te. Conseguindo-o, julgo-me feliz.

— Eu nem sempre fui justo contigo, Rosa...

— Não me lembro de que me desses nunca nenhum desgosto, Domingos.

— E's excellente rapariga... e sabes viver. Deixa estar, que ainda has de ter o pago, se Deus quizer. A tua irmã está bem pallida, coitada!

Rosa Estella, transformada, pela força da sua poderosa vontade, relanceou á irmã um olhar rapido e odiento, que o marido não notou.

— Manda-lhe mais dinheiro — disse ella, indifferentemente.

Levantou-se o panno, e o marido não poudo responder. A peça, que pela primeira vez ia representar-se, era estreia de um moço avelomarense. Intitulava-se *Ghigi*; não entravam n'ella mulheres; e um dos papeis fora escripto expressamente para *debute* de outro rapaz muito intelligente, que en-

tão vivia em companhia do auctor, que lhe adivinhára a vocação e conseguira que o admittissem no theatro e que o actor Epiphanio lhe dêsse algumas lições. Todas essas circumstancias attrahiram ali, n'aquella noite, grande e escolhida concorrência.

96 No fim do primeiro acto, o novo dramaturgo, coberto de bravos, de palmas, e carregado de ramos e corôas de flores, com que o festejou a mais sincera amisade, reuniu-se, no camarim dos actores Tasso e Theodorico, com Joaquim Bento e Domingos Rosmaninho, que foram lá felicitá-lo. Depois, acompanhou-os aos camarotes, indo visitar as Estellas. No intervallo do segundo acto, havendo crescido o enthusiasmo, por excesso da benevolencia pública, os dois concunhados reconciliaram-se, por influencia do auctor da peça. No terceiro intervallo, ficaram as duas irmãs reunidas no camarote da primeira ordem, e os homens foram conversar para o outro, na segunda.

97 — Ficámos mal por embirração tua — dizia Joaquim a Domingos. — Eu sou incapaz de maltratar a Anna, a quem estimo muito. E bem percebi que era só para me fazeres damnar que fingias namorá-la. Porém, os modos asperos com que me fallavas, em occasião que eu estava zangado,

por causas politicas, assanharam-me estupidamente.

— O que lá vae, lá vae — tornou Domingos. — Agora, é preciso tratares de vida nova.

— Não lhe vejo geito. Apesar dos serviços que fiz, alcunham-me, injustamente, de cabralista; e não me elegem. Eu sempre abominei os cabraes! Quanto á Carta, disse muitas vezes ao duque de Saldanha que era preciso reformál-a. Se o duque me tivesse ouvido, a regeneração estava feita ha mais de dois annos.

— Eu auxilio o emprestimo, que o governo está contratando — tornou Domingos. — E hei de pedir ao duque, que te faça eleger.

— Muito me obrigarias mais essa vez, querido Domingos. E pódes afiançar ao marechal, que eu sempre fui regenerador...

— Homem!... isso seria absurdo. Agora é que a regeneração começa...

— Quero dizer: sempre fui inimigo dos cabraes, e homem coherente com os principios da liberdade. Se conseguir entrar na camara que vae reformar a Carta, serei o ente mais feliz do mundo. A minha divisa é: «Reforma ou morte! E abaixo a cabralada!»

Com esta dedicação, e com o auxilio de Domingos Rosmaninho, era impossivel deixar o governo de acceitar e de propôr a candidatura de Joaquim Bento. Eleito pelo Minho, o ex-carpinteiro teve a honra de sentar-se a par dos homens mais eminentes do seu tempo, a maioria dos quaes compoz a camara de 1851 — 52.

Desde que rompêra as relações com o Rosmaninho, nunca mais Joaquim voltou á terra, nem quiz para lá mandar a mulher. Os dois deixaram de visitar-se. Mas logo que Domingos poz casa em Lisboa, e trouxe Rosa para ella, obrigou esta a ir com frequencia ver a irmã, Anna queria pagar essas visitas; porém, o marido não lh'o consentia. E o Rosmaninho só raras vezes a via, de longe, não ousando approximar-se d'ella, para lhe fallar, receioso de que Joaquim a maltratasse, no caso de vir a sabê-lo. Quando este cessou de receber o subsidio de deputado, fez Domingos com que a mulher estabelecesse uma mezada á irmã, como lembrança sua, a fim de que Anna não tivesse necessidades.

Reatadas as relações, e tendo Joaquim assumido novamente os seus arêz de homem importante na politica, recommçaram as visitas de Domingos á cunhada. Anna pouco

tinha ganho com a residencia na capital. Vaidosa da sua formosura, imaginou que bastaria esta para lhe facilitar tudo, cobrindo-lhe de rosas o caminho da existencia. A educação, incompleta e por ventura absurda, que Domingos tentára dar-lhe, em vez de a transformar, deslocára-a unicamente. Pairando entre a gráciosa e ingenua simplicidade dos costumes aldeãos e as maneiras elegantes das mulheres cultas, tinha ares de creada de duqueza, imitando ridiculamente a ama.

Rosa, muito mais intelligente, soubera ir até onde lhe pareceu que podia chegar sem ficar desasada; e parou, exactamente no ponto que lhe convinha. A outra não media as passadas. Parecia-lhe que tudo lhe seria facil; e punha em cima de si adornos, que, a não ser a sua suprema belleza, fariam com que a apupassem pelas ruas.

Domingos principiou a notar, com desgosto, a differença que existia entre a mulher e a cunhada. Anna era incomparavelmente mais bella de feições e mais gentil de corpo; mas tinha menos intelligencia, menos sentimento das conveniencias, e menos modestia. Rosa, mais habil do que a irmã, suppria com o engenho o que lhe faltava em formosura; e sabia esconder o seu

capital defeito, a inveja; ao passo que a outra não occultava o seu, a vaidade. Além de tudo isso, Rosa mantinha-se rigorosamente nos limites do recato, da seriedade, e da decencia; respeitava, quasi com ostentação, o nome do marido. E Anna, sem ter faltado absolutamente aos seus deveres de esposa, expunha, por leviandade e garridice, a reputação d'aquelle que mais devia acatar. Domingos, quando fôra surpreendido pelo cunhado, beijava-lhe as mãos, ajoelhado aos seus pés, fazendo-lhe as despedidas mais ternas; e Anna, em vez de se offender, sorria, dizendo-lhe que não se fosse embora; mas que se deixasse de semelhantes tolices.

Domingos Rosmaninho teria, de boa vontade, feito das duas irmãs uma só mulher perfeita. Mas como não estava na sua mão o poder de operar semelhante milagre, entrou a pedir contas a si proprio do seu procedimento.

— Se ella fosse minha mulher — raciocinava Domingos, pachorrentamente — e se o Joaquim estivesse no meu lugar, aposto em como eu o tinha tornado n'um bôlo, ha muito tempo?! E era bem feito. Logo... tenho representado bonito papel, desnortando-lhe a cabeça á mulher! E esquentava-me

com o rapaz e com a Rosa, quando me queriam ir á mão! Porque a verdade é que se fechei os olhos e o levei a minha casa, depois do que se passou com minha irmã, foi por amor da Anna... Se lhe emprestei dinheiro, ao principio, foi por amor da Anna... Se o empurrei da terra para fóra, foi por amor da Anna... Se o metti nas unhas do José Passos e da Junta do Porto, foi por amor da Anna... Se me reconciliei novamente com elle, se o fiz deputado, e se lhe mandava mezadas, tudo foi por amor da Anna! E chamo-lhe assomado! Pobre borrêgo! O que admira é não ter eu feito mais cedo estas reflexões! Porque será que só ha certo tempo me occorrem? A gente sempre cae em asneiras! Andar eu dois annos a comprar as creadas do marido, para espionarem se este maltratava a mulher, por minha causa! Que patifaria! Não estava elle no seu pleno direito, e não tinha razão, até para me pôr os ossos n'um feixe! Que parvoice! E tendo eu mulher tão boa! Muito mais rica de fórmãs, bem falante, vestindo com gosto simples e elegante... Para conhecer a differença entre as duas, bastê saber-se que me estafei a ensinar uma, que ficou sempre exquisita; emquanto que a outra se fez perfeita, sem as

minhas lições... Caluda! Ahi chega ella ao meu gabinete.

— Estás só?

— Estou. Anda cá. Senta-te aqui ao pé de mim.

— Porque me miras d'esse modo? Parece que nunca me viste!

— Mal sabes tu o que eu estou pensando?

— Que é?

— Sinto-me com vontade de ir até ao Rio de Janeiro, e receio...

— Dize.

— Que não queiras ir commigo.

— Vamos sós?

— Porque não?

— E quando partimos?

— Quando tu quizeres. Temos lá uma chacara lindissima, de que muito has de gostar. Está actualmente sem rendeiro. Passariamos ali dois ou tres annos...

— Se é possível, partamos já hoje...

— Oh! Rosa!... Juro-te que nunca... que... Preciso que acredites na minha palavra de honra...

— Já duvidei d'ella?

— Não queiras mal a tua irmã. Nunca a offendi. Foi a maior das tolices, o mais estúpido dos meus devaneios de homem cego, que...

— Não te pergunto nada.

— Não importa; eu é que quero dizer-te que nunca tinha olhado para ti, como ólho agora.

Rosa leu nos olhos do marido a sinceridade do que elle dizia.

— Escusâmos de ir para o Brazil — disse ella. — Tenho confiança em ti.

— Agradeço-t'o. Mas, apesar d'isso, quero lá estar contigo um anno. Has de gostar muito.

— Então, vamos.

E partiram, sem que Domingos chegasse nunca a perceber que fôra Rosa, com o seu bom senso, a sua intelligente prudencia, apesar do ciume e da inveja, que ella sabia esconder e dominar, quem operou a sua transformação.

Um anno depois escrevia Joaquim Bento ao cunhado:

«... Parece feio que tu ainda não tenhas d'essas coisas, que toda a gente usa, sendo cunhado de homem tão influente como eu. Manda-me dizer se preferes a de Christo, a da Conceição, a de Santiago, a da Torre e Espada, ou se as queres todas quatro. Na minha posição, tudo é facil. Se todos os teus amigos quizerem tambem, manda dizer os nomes d'elles e quantas precisas para cada

um. De commendador para baixo, já não usa ninguém que se estime. Aos caixeiros de balcão, damos o primeiro grau; os de official ainda servem para guarda-livros, mestres de obras, etc. Achas que se dêem commendas a teu cunhado Pedro de Laundes, e ao Manuel do Lameiro? Responde breve. Saudades da Anna. E' verdade, tenho um filho. Passava-se cá bem sem elle; e já vem tarde, para se fazer gente. Mas, que remedio? Manda-me procuração tua e da Rosa, para o baptisar. E tu, patife? Não ha por lá rebato de successor á corôa?»

Joaquim tinha creado estylo, como se vê. E adquirira influencia politica, por processos inteiramente novos, se bem que muito simples. Lendo o *Arco de Sant'Anna*, de Garrett, namorou-se d'aquelle Gil Eannes, massador famoso, que vencia com discursos a mais rebelde insomnia, ainda que ella tivesse resistido a meio kilo de morfina!

— Isto está por explorar — exclamou Joaquim. — Garrett inventou o simples papas-de-linhaça. Vou cultivar o genero, a valer.

Metten-se em casa quinze dias, a fazer fallas á esposa; e tanto a moeu com a enormidade das massadas, que a obrigou a ter uma creança, antes de tempo, aos seis meses incompletos!

Estê resultado encheu-o de jubilo.

— Estamos felizes, Anna! — gritou elle á pobre mulher. — O teu caso prova-me que não haverá na camara quem me resista. Em se tratando de vencer qualquer questão, faço os meus ajustes com os ministros, peço a palavra e obrigo a opposição a fugir. Nem o diabo me faz frente! Verás.

— Pois sim, filho. Mas peço-te, pelo amor de Deus, que me poupes agora. Estou muito fraca. E, se recommças a orar, serei capaz de... ter mais creanças.

Joaquim emmudeceu de terror. Uma, já era bastante para o atrapalhar.

Na camara, porém, o effeito do seu systema foi prodigioso. Os governos nunca mais perderam nenhuma votação. Escripturavam Joaquim Bento, como se fosse moioinho, alugado para moer o grão ministerial mais duro de roer. Foi assim que elle se poz a cavallo no orçamento, onde ficou até ao fim da vida, comendo das maiores postas. Mas, como compensação, em todas as situações difficeis, um dos ministros piscava-lhe o olho, e elle pedia a palavra. Immediatamente desistiam d'ella os outros oradores. Era o primeiro triumpho. Depois, Joaquim estafava tudo, requeria prorrogação das sessões, e quando já ninguem via

nem ouvia, com fome e cansaço, julgava-se a materia discutida, punha-se a votos, e havia approvação por unanimidade! Rodrigo da Fonseca Magalhães, que admirava aquelle massador, tanto quanto o temia, chegou a fazer com elle o seguinte contrato:

— Eu concedo-lhe tudo quanto vossê quizer, com a condição de que me ha de avisar, com anticipação, dos dias em que tenciona fallar, para eu não ir à camara.

— E quando se tratar de questões da sua repartição?

— Os meus collegas que respondam. Olhe: francamente, eu antes quero perder as votações, do que ganhá-las, gramando as suas estopadas. Portanto, se lhe serve o ajuste...

— Serve, sim, senhor.

— Está tratado. Assim, continuaremos a ser amigos, e hei de reelegê-lo. Do contrario, parece-me que era capaz de o mandar deitar a um pôço, apesar de reconhecer a sua utilidade... destruidora.

Domingos Rosmaninho, respondendo ao cunhado, dizia-lhe:

... Quanto ás condecorações, não gósto. E bem farias tu, visto haver muita gente apaixonada por ellas, propondo nas côrtes uma lei para que tanto as condecorações

como os titulos nobiliarios só se dêssem a pessoas que concorressem com determinadas quantias para o pagamento da divida pública de Portugal. Por esse modo, quem dêsse, por exemplo, cem contos, seria duque ou principe, com o respectivo tratamento, embora fosse filho de almocreve ou de albardeiro; e podiam, no decreto que o agrciasse, declarál-o, com fundamento, benemerito da patria. D'esta maneira, seria justa a ufania com que cada um mostrasse os seus pergaminhos. Prestára verdadeiro serviço á nação; e ainda que dentro em vinte ou trinta annos Portugal fosse exclusivamente paiz de fidalgos, não deveria nada a ninguem. Propõe a coisa. E, n'estas condições, conta commigo: serei titular. Ao Pedro e ao Manuel do Lameiro, não mandes fitas: ignorando a utilidade d'ellas, seriam capazes de as pôr nas cabeças dos bois, o que daria escandalo. Vão as procurações. Também temos uma filha; mas não os convidámos para padrinhos, porque já tinhamos fallado a minha irmã Maria e a meu cunhado Pedro. Até breve.»

No seguinte verão reuniram-se alegremente, em Avelomar, no palacete de Domingos Rosmaninho, as principaes pessoas que figuraram n'esta verdadeira chronica.

Domingos e a mulher, regressando do Brazil, por Lisboa, levaram consigo Anna e seu marido.

Joaquim Bento tinha entrado na ultima composição ministerial, por um bamburrio dos que tantas vezes, na politica, dão às nullidades mais insignificantes os primeiros logares. Não tinha havido ninguem que quizesse ser ministro! A pessoa encarregada da reorganisação do ministerio, aborrecida com as difficuldades, que por espaço de tres dias a impediram de chegar a um accôrdo, exclamára, ao deitar-se:

— A' manhã deixo-me de condições, agarro no primeiro diabo que me apparecer, não sendo o meu creado nem o meu pai-deiro, e encaixo-lhe, á força, uma pasta nas unhas.

Caiu a sorte em Joaquim Bento. Indo muito cedo saber novidades, a casa do futuro presidente do conselho, este gritou, apenas o viu:

— Exactamente! Era a vossê que eu ia mandar chamar.

— Aqui estou.

— Quer entrar no ministerio?

Joaquim esteve para cair com um chelique. Passaram-lhe por diante dos olhos collares de machados, rabotes, enxós, e

serras, dançando minuets fantasticos; viu os barcos que tinha construido, os navios em que trabalhára, as asneiras que fizera, a escala que percorrêra, os caminhos por onde andára, até chegar ás eminencias do poder; e sentia as vertigens que produzem as grandes alturas nos cerebros fracos e nervosos.

— Senhor... eu... — gaguejou, a final, esforçando-se por disfarçar a alegria, que ameaçava estoíral-o.

— Recusa?

— Com v. ex.^a, não, senhor.

— Tem algumas condições a propôr-me?

— Para tal amigo, nenhuma.

— Assim é que eu entendo a dedicação politica. Ahi chegam os outros collegas. Está tudo arranjado. O nosso Neves, acceita. Vamos ao paço.

Os collegas olharam para o ex-carpinteiro, e para o presidente do conselho, com o mais comico espanto.

— Que é? — tornou o chefe do gabinete, sorrindo com o seu ar mais malicioso. — Acham-me hoje feliz? Comecei o dia bem? Fiz aquisição do mais dedicado e leal companheiro que podiamos desejar. E com a vocação que sabem... vae ser o machado do ministerio contra a opposição.

Aquellas palavras foram propheticas. A opposição indagou e descobriu qual tinha sido a vida de Joaquim Bento, e todos os dias lh'a lançava em rosto, por meio dos seus jornaes, chamando-lhe o ministro carpinteiro. Joaquim vingava-se, na camara, atirando-lhe machadadas, com os seus discursos interminaveis, e afugentando-a das discussões importantes. O grande Garrett, cada vez que o ouvia, punha-se a rosnar, na sua cadeira, cantarolando, com voz arrastada e grossa:

— *Serra madeira, de carapinteira!*

Encerradas as côrtes, o homem illustre quiz ir dar alegrão aos seus patricios, felicitando-os com a sua presença. A occasião não podia ser mais propicia. Domingos e a mulher iam baptisar em Avelomar a filha, que lhes nascêra no Brazil. Ao baptizado, seguia-se esplendida festa.

As duas Estellas, após tantas e tão diversas contrariedades, sentiam-se ambas felizes. Eram mães; e nutriam a grata esperança de unir um dia os filhos, perante a egreja. A inimidade desapparecêra completamente. Rosa, apesar de ser a MAIS FEIA, como a si se chamára no começo d'este livro, e de ter tido inveja da formosura da irmã, soube ser prudente; e a prudencia é

a chave da sabedoria. Conquistou, pelo bom senso, embora ás vezes com cálculo não isento de censura, primeiro, o marido rico; e, depois, o coração e as boas graças d'aquelle que a tomára para esposa. Anna, tão gentil e formosa, quanto vaidosa e imprudente, arriscou a reputação com as suas leviandades; e teria, talvez, perdido a honra, se não fôra a probidade de Rosmaninho, e o siso com que Rosa procedia, procurando attrahir o marido a si, e desviál-o da irmã.

Depois da partida de Domingos, com a mulher, para o Brazil, Anna foi-se chegando á rasão; e acabou por se arrepender tambem do seu leviano procedimento. O marido, tirando da posição em que se achava o partido que suppunha mais acertado, rodeára-a de todos os commodos da vida. Não existindo, por consequencia, os motivos de miseria e pobreza, que tantas vezes azedavam d'antes o character de Joaquim, e faziam esfriar a sua paixão pela mulher, renasceu com força nova o primitivo sentimento, que por ella nutríra. O nascimento do filho, estreitou mais a affeição de ambos, apesar do pae affectar o contrario.

Era, pois, completa a felicidade de An-

na e Rosa, e a dos seus parentes, sobre os quaes ella se reflectia, mais ou menos. Por isso, quando, ao jantar, começaram as saudes, nem uma unica sombra obscureceu a fronte de nenhum dos esposos. A sala do banquete abria as suas largas janellas sobre espaçoso terraço, onde, por convite de Domingos, e sob a direcção do padre Manuel, se achava reunida, em mesas abundantemente servidas, toda a população pobre da aldeia.

— Peço a palavra! — gritou Joaquim Bento, approximando-se de uma das janellas, com o fim de poder fallar ao mesmo tempo para os de dentro e para os de fóra.

— Tem a palavra — respondeu Domingos.

— Vê lá o que fazes, Joaquim — observou a mulher, encarando-o com susto, e cortando-lhe o começo do discurso.

Joaquim estremeceu, pensando na possibilidade de lhe surdir ali, de improviso, segundo filho. A esposa nada lhe tinha dito; mas aquelle modo de fallar, parecendo-lhe mysterioso, gelou-o.

— Descança — volveu elle. — Não fallarei á moda das côrtes.

E, proseguindo com o brinde principiado, procurava amenisar o que dizia com

chistes e cumprimentos amaveis a todas as pessoas presentes. Infelizmente, porém, o habito, esta segunda natureza do homem, inutilisára-lhe os esforços. Tinha-se apoderado d'elle o genio da massada, que entrou logo a exercer sobre os dois auditorios a sua nefasta influencia. Não estando costumados ás palhadas de certos oradores, que por sua frequencia tornam insensíveis e invulneraveis os ouvintes politicos, começaram todos a abrir as boccas em côro. A mulher queria gritar-lhe que parasse, mas faltaram-lhe as forças e não poudé fallar.

As mãos, que erguiam os copos para responder á saude, foram descaindo, pou-sando-os, e entornando o vinho; já ninguém sabia onde estava, nem o que fazia; as cabeças pendiam melancolicamente, primeiro sobre os peitos, depois contra as mãos, e por fim batiam pesadamente nas mesas, chegando varias pessoas a rebolar para de-baixo d'estas. Um somno fatal, como se fosse de morte, pairava em torno do orador e apossava-se de quantos o escutavam. Elle continuava com a vista alta, a voz monoton-a, o gesto magnetizador, uma das mãos mettida no peito do colete, e a outra, estendida, a abrir-se e a fechar-se, como que a semear sobre os miseros dormentes o pro-

ducto de todas as colheitas do opio da companhia das Indias. Os creados succumbiam em pé, respeitosa e, como se os tocas-se a vara magica de Morpheu; e acabavam por cair sobre os convidados, deitando-lhes por cima das cabeças as iguarias e os môlhos, que traziam para elles comerem. Por fim, as pernas d'aquelle fallador illustre, que venceria o do immortal soneto de Bocage, foram vergando tambem. A omnipotencia do seu systema teve com elle o mesmo poder terrivel, que tinha com os outros; e derrubou-o na cadeira, onde o deixou, em attitude pouco gloriosa, mas refrigerante: com a cara dentro da terrina do leite-crème!

Só no dia seguinte, ao romper do sol, foram os dormentes acordados, pelos cães de alguns d'elles, que, depois de terem comido tudo quanto acharam, se pozeram a uivar, lambendo, nos intervallos, as caras dos donos.

Joaquim Bento ficou tão celebre entre os seus patricios, com aquelle monumental discurso, que, d'ali por diante, no intuito de lisonjeál-o, todos lhe ficaram chamando *O homem que faz somno*.

Se a chronica da sua vida, e da das irmãs fiandeiras, produzir igual beneficio nos lei-

tores, que padecerem de insomnias, consolar-se-ha o auctor, embora saiba que esses bemaventurados chamam á sua obra: *O livro que faz dormir.*



FIM

INDICE

	Pag.
I Avelomar.....	9
II Anna e Rosa Estella.....	15
III Os pretendentes.....	27
IV José Carreira.....	35
V Calculos e projectos.....	43
VI Arcadia pura.....	54
VII Amores de carpinteiro.....	72
VIII A romaria de Balazar.....	80
IX Namoro rimado.....	94
X De como o pau desfaz milagres.....	99
XI A poesia attrahe a prosa.....	106
XII Como o diabo as arma!.....	116
XIII Memorias de botequim.....	125
XIV Explicações do caso.....	137
XV Rouxinoes de varia especie.....	151
XVI Luas de mel e de fel.....	163
XVII Mais pepinada.....	171
XVIII O rico e o ocioso.....	183
XIX Revolucionarios minhôtos.....	209
XX O aprendiz de politico.....	222
XXI Caprichos do estomago e do coração.....	244
XXII As beatas.....	266
XXIII Como da meada se faz a teia.....	285
XXIV Em que se prepara um laxante, e uma eleição.....	305
XXV Successos difficeis de intitular.....	334
XXVI Quem porfia mata caça.....	352
XXVII Soluções imprevistas.....	368

ERRATAS

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
57	22	vergonha,	vergonha!
86	16	comprimentaram	cumprimentaram
105	1	abobodas	abobadas
106	12	abobodas	abobadas
249	21	trinta	vinte e seis
275	15	é ás irmãs	e ás irmãs
277	4	ouviram-se chiar	ouviram-se chiar,
»	5	cabos nos	cabos, os
280	28	doendo se	doendo-se
305	2	UM LAXANTE E UMA ELEIÇÃO	EM QUE SE PREPA- RA UM LAXANTE E UMA ELEIÇÃO
312	40	Rosmaninho que,	Rosmaninho, que
313	20 e 21	soalheiro	soalheiro.
337	16	— Joaquim Bento	Joaquim Bento
347	28	poponto	posponto
351			
371			
391			
401			
422			
432			
452			
462			
482			
502			
522			
542			
562			

